UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

HELENA DE OLIVEIRA BELLEZA NEGRO

**Usos e normas: estudo diacrônico sobre os usos dos diacríticos na língua portuguesa do
Brasil**

SÃO PAULO

2017

Edição Revisada

HELENA DE OLIVEIRA BELLEZA NEGRO

Usos e normas: estudo diacrônico sobre os usos dos diacríticos na língua portuguesa do Brasil

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutor em Língua Portuguesa e Filologia.

Área de Concentração: Filologia do Português

Orientador: Professor Doutor Marcelo Módolo

SÃO PAULO
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Nome: NEGRO, Helena de Oliveira Belleza

Título: Usos e normas: estudo diacrônico sobre os usos dos diacríticos na língua portuguesa do Brasil

Tese apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de doutor em
Filologia do Português

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr^a Marilza de Oliveira

Universidade de São Paulo

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr^a Flaviane R. Fernandes Svartman

Universidade de São Paulo

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. Emilio Gozze Pagotto

Universidade Estadual de Campinas

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Dedicatória

Dedico essa tese aos meus pais, Valdete e Maria, pelos valores e ensinamentos transmitidos
com tanto esmero e amor;
Ao meu esposo pela compreensão;
À Nina pela companhia nas noites dedicadas à elaboração.

Agradecimentos

Ao Arquivo do Estado de São Paulo pelo atendimento, auxílio e atenção especial durante o período em que realizei a pesquisa do *corpus*.

Ao professor Marcelo Módolo pela orientação cuidadosa.

À professora Maria Filomena Gonçalves pela atenção e indicações de leitura.

Ao professor Emílio pelos apontamentos iniciais que foram base para a pesquisa.

Às professoras Marilza e Flaviane pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

RESUMO

O presente trabalho trará a edição semidiplomática dos processos criminais e autos de devassa dos séculos XVII ao XX, bem como a análise do emprego dos diacríticos. O período escolhido proporcionará analisar a evolução do uso dos sinais gráficos agudo (´), circunflexo (^), grave (`) e til (~), bem como traçar uma similaridade entre os usos, contextualizadas às aplicações estabelecidas no período, quando existentes. O trabalho filológico estará presente em todas as análises realizadas e inicialmente partiremos da transcrição semidiplomática dos manuscritos, que nos possibilitarão identificar alguns fatores que contribuíram com a diversificação do uso dos diacríticos, bem como sanar dúvidas quanto a sua aplicabilidade. Após essa análise e a descaracterização de similaridades, ou seja, a minimização de dúvidas quanto a identificação do diacrítico, devido ao traçado utilizado, partimos para uma segunda etapa da análise do *corpus*: a diversificação dos usos nos diferentes séculos e suas motivações. Em paralelo, e não menos importante, buscaremos no contexto político-social as perspectivas socioculturais que apresentem a dinâmica na forma de apresentação e estruturação documental, bem como identificar os autores dos documentos e sua influência na elaboração dos autos. Buscando em gramáticas, ortografias e manuais de escrita das épocas relacionadas, estabelecemos relações entre o contexto social, político e ideológico refletidos nas obras linguísticas dos séculos XVI ao XX à utilização dos sinais diacríticos presentes na documentação. Essa correlação serviu-nos de base para que identificássemos similaridades entre os usos defendidos pelos gramáticos, ortógrafos e mestres e os escribas responsáveis pela feitura dos documentos. O objetivo desse estudo é apresentar novos contextos acerca do uso destes sinais gráficos a partir de uma análise linguística e histórico-social dos dados coletados nos autos de devassa, contribuindo assim com futuras pesquisas e estudos na área da filologia e da linguística histórica.

Palavras-chave: Filologia, Diacríticos, Paleografia, História Social, Linguística Histórica

ABSTRACT

This paper will focus on both the semi-diplomatic edition of the criminal proceedings, “autos de devassa” (case files), from the 17th to the 20th centuries, and on the analysis of the use of diacritics. The chosen time period will not only make it possible to analyze the development of graphic signs: acute (´), circumflex (^), grave (`), and tilde (~), but also draw a similarity between the uses, contextualized to the applications set out in the period - when existing. The philological research will permeate all the conducted analyses, and we will start with the semi-diplomatic transcription of the manuscripts, which will enable us to identify several factors which contributed to the diversification of the use of diacritics, and will also answer questions as to their applicability. After making this analysis and detracting from the characterization of the similarities, that is, minimizing questions regarding the identification of the diacritic, due to the designed plan, we move on to the second phase of the *corpus* analysis: the diversification of the uses in the different centuries and their motivations. In addition, and importantly, we will seek in the sociopolitical context the sociocultural perspectives that present the dynamics in presentation form and documental structuring, and also identify the authors of the documents and their influence on the drafting of the files. Searching in grammars, orthographies and writing manuals of the related times, we have established relationships between the sociopolitical and ideological context reflected in the linguistic works of the time period from the 16th to the 20th centuries, and the use of diacritical signs laid out in the documentation. This correlation served as a basis for us to identify similarities among the uses upheld by grammarians, orthographers, professors and the scribes responsible for drafting the documents. The purpose of this study is to introduce new contexts on the use of these graphic signs based on a linguistic, social and historical analysis of the data collected in the “autos de devassa” (case files), thus contributing to future research in the fields of philology and historical linguistics.

Keywords: Philology, Diacritics, Paleography, Social History, Historical Linguistics

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Arbeit wird die semidiplomatische Ausgabe der kriminellen Prozesse und gerichtlichen Untersuchungen von dem 18. bis zum 20. Jahrhundert, sowie die Analyse der Benutzung von den Umlauten bringen. Der gewählte Zeitraum wird die Entwicklung der Verwendung der vorhanden grafischen Akzente - Akut (´), Zirkumflex (^), Grab (`) und Tilde (~) - betrachten, sowie zieht eine Ähnlichkeit unter den anwesenden Anwendungen, die zu dem Kontext der damaligen vereinbarten Anwendungen kontextualisiert sind. Die philologische Arbeit wird in allen durchgeführten Analysen vorliegen und zunächst werden wir aus der semidiplomatischen Transkription von den Handschriften beginnen, die uns einige Faktoren identifizieren können werden, die sowohl zur Diversifizierung der Verwendung von diakritischen Zeichen beigetragen haben, als auch Fragen über ihre Anwendbarkeit beantworten. Nach dieser Analyse und der Veränderung der Gemeinsamkeiten d.h. die Minimierung der Zweifel an die Identifikation von diakritischen Zeichen (aufgrund der verwendeten Schriftformen) setzen wir für eine zweite Stufe der Korpusanalyse ab: Diversifizierung der Anwendungen in verschiedenen Jahrhunderten und ihre Beweggründe. Gleichzeitig, aber nicht unwichtiger, zeigen wir nicht nur die soziokulturelle Perspektive - die die Dynamik in der Form und dokumentarischen Strukturierungen in dem sozialen, politischen und ideologischen Kontext vorlegen -, sondern auch stellen wir die Verfasser von den Dokumenten und ihre Einflüsse in der Erstellung von den gerichtlichen Untersuchungen fest. Wir etablierten Zusammenhänge unter den sozialen, politischen und ideologischen Kontexten - die in den linguistischen Werken von dem 17. bis zum 18. Jahrhundert durch den Gebrauch von den anwesenden diakritischen Zeichen in den Dokumenten gezeigt wurden -, indem man in den Grammatiken, Schreibweisen und Schrifthandbücher sucht, die auf die Epoche bezogen sind. Diese Korrelation diene uns als die Grundlage, um die Ähnlichkeiten zwischen den verteidigten Anwendungen von Grammatiker, Ortographen, Lehrer und die Schreiber, die verantwortlich für die Herstellung von Dokumenten waren, zu identifizieren. Das Ziel dieser Studie ist es, neue Kontexte über die Verwendung dieser Grafikzeichen von einer sprachlichen, historischen und gesellschaftlichen Analyse der gesammelten Daten in den kriminellen Prozessen zu präsentieren und damit einen Beitrag für zukünftige Forschungen und Studien im Bereich der Philologie und der historischen Linguistik zu fördern.

Stichwörter: Philologie, diakritische Zeichen, Paläographie, Gesellschaftsgeschichte, Historische Linguistik

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Trecho do auto de devassa de 1695	22
Figura 2 - Trecho de documento de 1833	24
Figura 3 - Trecho do documento de 1868	24
Figura 4 - Trecho do documento 01, 4r, linhas 16 a 25	39
Figura 5 - Trecho do documento 01, 7v, linhas 25 a 30	45
Figura 6 - Trecho do documento 02, linhas 14 a 19, fólho 3v	49
Figura 7 - Trecho do documento 02, linhas 01 a 07, fólho 3v	50
Figura 8 - Trecho do documento 02, linhas 25 a 31, fólho 3v	50
Figura 9 - Excerto do documento 03, fólho 4r, linhas 29 a 39.	56
Figura 10 - Trecho do documento 04, com transcrição	71
Figura 11 - Trecho de Fernão de Oliveira; capítulo 14; p. 12; linha 15.	108
Figura 12 - Trecho de Fernão de Oliveira; capítulo 16; p. 14; linha 06.	108
Figura 13 - Trecho de João de Barros, da syllaba, p. 4, linha 7	109
Figura 14 - Trecho de João de Barros, da syllaba, p. 4, linha 2	109
Figura 15 - Definição de acento em Bluteau	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Diacríticos nos documentos analisados	83
Gráfico 2 – Uso dos diacríticos orais nos documentos	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação dos juízes e escribas: ano, fórmulas e alExefabetizados	27
Quadro 2 - Relação de causas processuais.	30
Quadro 3 - Faixa etária das testemunhas dos autos de devassa	32
Quadro 4 - Profissões informadas pelas testemunhas	32
Quadro 5 - Ocupações no Brasil em 1872 <i>in</i> O que mudou na família brasileira? (Da colônia à atualidade)	33
Quadro 6 - Documentos que compõem o <i>corpus</i>	34
Quadro 7 – Til deslocado	38
Quadro 8 – Exemplificação de til	39
Quadro 9 – Exemplificação de circunflexo	38
Quadro 10 – Exemplificação de agudo	39
Quadro 11 - Ocorrências dos diacríticos agudo, til e circunflexo com a representação da nasalidade	41
Quadro 12 - Ocorrências dos diacríticos agudo, til e circunflexo com a representação da nasalidade	46
Quadro 13 - Comparação entre as incidências do diacrítico til.	46
Quadro 14 - Huá e o diacrítico	47
Quadro 15 - Comparativo entre <huá> e <dirá>	47
Quadro 16 - Algumas ocorrências comparativas do final nasal	48
Quadro 17 - Vocábulos com diacríticos que representam a nasalidade no documento 02, de 1744	51
Quadro 18 - Ocorrências de aposição do til sobre <maõ> e não>	55
Quadro 19 - Diferentes traçados do diacrítico til em <forão>	56
Quadro 20 - Comparativo entre til e agudo	57
Quadro 21 - Diacríticos com função de nasalidade de 1761	57
Quadro 22 - Diacríticos com função de tonicidade, de 1761	61
Quadro 23 - Ocorrências de vocábulos com a aplicação de consoantes e de diacríticos em um mesmo vocábulo	62
Quadro 24 - Vocábulos com diacríticos com a função de nasalidade, 1800	63
Quadro 25 - Vocábulos com diacríticos com a função de tonicidade, 1800	70
Quadro 26 - Alógrafos do til	72
Quadro 27 - Vocábulos com diacríticos com função de nasalidade, 1833	72
Quadro 28 - Vocábulos com diacríticos com função de tonicidade, 1833	74
Quadro 29 - Vocábulos com diacríticos encontrados no documento 06, de 1868	76
Quadro 30 - Vocábulos com diacríticos que representam a tonicidade, de 1868	77
Quadro 31 - Traçados semelhantes	78
Quadro 32 - Vocábulos com diacríticos que representam a nasalidade, no documento 07, de 1890	79
Quadro 33 - Vocábulos com diacríticos que representam a tonicidade, de 1890	80
Quadro 34 - Comparação no formato dos acentos	81
Quadro 35 - Vocábulos com diacríticos que representam a nasalidade, de 1914	81
Quadro 36 - Vocábulos com diacríticos, que representam a nasalidade, documento 8, de 1914	82
Quadro 37 - Casos em há o uso de agudo e circunflexo em lugar de nasal	87
Quadro 38 - Uso de agudo e circunflexo	91
Quadro 39 - Mudança das vogais breves e longas às vogais abertas e fechadas	93
Quadro 40 - Partes das gramáticas	107
Quadro 41 - Partes das gramáticas	122
Quadro 42 - Entendimentos sobre a acentuação e os diacríticos, comparando autores dos séculos XVI e XVII	125
Quadro 43 - Proposta de usos dos diacríticos, conforme ortógrafos	127

Quadro 44 - Partes das gramáticas	151
Quadro 45 - Partes das gramáticas	168
Quadro 46 - Comparativo entre usos	170
Quadro 47 – Marcas da representação da nasalidade em todo o <i>corpus</i>	178
Quadro 48 – Marcas da representação da tonicidade em todo o <i>corpus</i>	179
Quadro 49 – Gramáticos e ortógrafos do século XVI	180
Quadro 50 – Gramáticos e ortógrafos do século XVII	181
Quadro 51 – Gramáticos e ortógrafos do século XVIII	182

LISTA DE ORGANOGRAMAS

Organograma 1 - Organograma adaptado de Fiscais e Meirinhos: a administração no Brasil colonial. Formação de 1530 a 1640	19
Organograma 2 - Quadro da Revista Jurídica Virtual. Organograma simplificado da justiça brasileira a partir de 1644.	21

SUMÁRIO

Introdução	16
1. Primeira Parte - Documentos e autores: breve contextualização sociocultural e os reflexos da estrutura judicial na escrita documental	20
1.1 O contexto econômico e social a partir dos manuscritos	27
2. Segunda Parte – Descrição geral do <i>corpus</i>	34
2.1 Análise Paleográfica: documentos, escribas e suas particularidades	36
2.2 Metodologia para a análise dos diacríticos	37
2.2.1 Documento 1: Auto de devassa de 1695 e suas especificidades	40
2.2.2 Documento 2: Auto de devassa de 1744	48
2.2.3 Documento 3: Autos de devassa de 1761 da Villa de Sorocaba	55
2.2.4 Documento 4: Auto de Devassa da 1800 da Villa de Sorocaba	61
2.2.5 Documento 5: Auto de Devassa de 1833 – Jundiahy	71
2.2.6 Documento 6: Inquérito Policial de 1868 –Delegacia da Campinas	75
2.2.7 Documento 7: Inquérito Policial de 1890 - Cidade de Campinas	78
2.2.8 Documento 8: Inquérito Policial de 1914 – Cidade de São Paulo	81
3. Os diacríticos utilizados na representação da nasalidade e da oralidade	83
3.1 As vogais nasais e o uso do til	85
3.2 Os diacríticos na representação da tonicidade	89
3.3 Encontros vocálicos	92
4. Gramáticas, ortografias e manuais: influências na escrita documental	95
4.1 As obras do século XVI e seu lugar no contexto histórico	95
4.1.1 Oliveira e a <i>Grammatica da lingoa portugueza</i> , de 1536	97
4.1.2. Barros e a <i>Grammatica da língua portuguesa</i> , de 1540	100
4.1.3 Gândavo e as <i>Regras</i> , de 1574	101
4.1.4 Leão e a <i>Orthographia da lingoa portuguesa</i> , de 1576	103
4.1.5 Um panorama dentre as gramáticas e o <i>corpus</i>	106
4.2. As obras do século XVII, seu lugar no contexto histórico	112
4.2.1 Alvaro Ferreira de Vera e a <i>Orthographia ou modo para escrever certo na língua portuguesa</i> , 1631	113
4.2.2 Joao Franco Barreto e a <i>Ortografia da Lingua Portuguesa</i> , 1671	117
4.2.3 Bento Pereira e a <i>Regras Gerays, breves, e comprehensivas</i> , 1666	120
4.2.4 O século XVII, seus ortógrafos e a escrita nos documentos do <i>corpus</i>	122
4.3. Os autores do século XVIII e seu lugar no contexto histórico	128
4.3.1 Manoel de Andrade Figueiredo e <i>Nova escola para aprender a ler</i> , de 1722	132
4.3.2 João de Moraes Madureira Feijó e <i>Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa</i> , de 1734.	135
4.3.3 Luiz Antonio Verney e o <i>Verdadeiro método para estudar</i> , de 1746.	140
4.3.4 Antonio J. dos Reis Lobato e <i>Arte da Grammatica da lingua portuguesa</i> , de 1770	142
4.3.5 Bernardo de Lima e M. Bacelar e a <i>Grammatica</i> , de 1783	145
4.3.6 Algumas considerações sobre o século XVIII	148
4.4. Os autores do século XIX e seu lugar no contexto histórico	152
4.4.1 Antonio de Moraes Silva e o <i>Epitome da grammatica portugueza</i> , de 1806	154
4.4.2 Jeronimo Soares Barbosa e a <i>Grammatica philosophica</i> , de 1862	157
4.4.3 João de Deus e a <i>Cartilha maternal ou arte de leitura</i> , de 1878.	161
4.4.4 Julio Ribeiro e a <i>Grammatica portugueza</i> , de 1885	163
4.4.5 João Ribeiro e a <i>Grammatica portugueza</i> , de 1889.	166
4.4.6 Considerações finais sobre as gramáticas do século XIX	168
4.5 Gonçalves Viana e a reformulação da ortografia: a <i>Ortografia Nacional</i>	184
4.6 Algumas conclusões a partir dos dados do <i>corpus</i>	178
Considerações Finais	184
Quarta Parte - APENDICE - Normas para transcrição dos documentos	187
5.1 Edição semidiplomática	189
REFERÊNCIAS	370

Introdução

O presente trabalho analisará processos criminais, autos de devassa e inquéritos policiais do final do século XVII até a primeira metade do século XX. Todos os documentos foram lavrados no estado de São Paulo e foram encontrados no Arquivo Público do Estado de São Paulo, arquivados nas latas C 0348, C 04120, C 04118 e C03265.

O *corpus* é composto por documentos que apresentam casos de assassinato, suborno, auxílio à fuga de presos e furto, e sua escolha deve-se à existência de processos criminais em todos os séculos.

Muitos desses escribas não possuíam formação jurídica, como menciona Malheiro Dias (1921, p. 267) em *História da colonização portuguesa no Brasil*. Esse dado é de grande importância para análise sociolinguística, uma vez que os escrevões e tabeliães poderiam transpor para o papel seu conhecimento linguístico, consequência de uma sociedade pouco letrada e da escassez de mão de obra que suprisse as necessidades da justiça e, acima de tudo, da sociedade.

Para tanto não se pode deixar de avaliar as características dos documentos judiciais, que serviram de base para análise, pois trazem procedimentos específicos em sua elaboração. Compõem os manuscritos os autos de devassa, processos criminais e inquéritos policiais. Em grande parte do período analisado, regiam os processos jurídicos as Ordenações Filipinas, série de legislações vigentes e que regulamentava o sistema jurídico português implantado na colônia a partir do século XVI e que vigorou no Brasil até meados do século XIX. Especificamente, em 1832, ano em que o Código do Processo Criminal foi estabelecido, as diretrizes presentes nas Ordenações Filipinas foram suprimidas pelo novo Código.

Até meados do século XVIII o índice de alfabetização e letramento dos funcionários que compunham esse quadro não era o mesmo dos que prestavam serviços em Portugal, devido às dificuldades da vida oferecida na colônia e, por isso, manter o mesmo nível funcional no Brasil exigia muita procura. Schwartz, em *Burocracia e sociedade no Brasil colonial*, aborda essa questão ao afirmar que

os melhores tabeliães estavam na corte em Lisboa e os piores rabiscavam um português de semianalfabeto nas pobres cidades coloniais. Geralmente, os letrados recusavam-se a servir como tabeliães, de modo que esses empregos eram dados a homens de instrução não mais que rudimentar. (p.77)

Essa informação nos faz refletir sobre a feitura dos documentos, pois a ausência de formação na área jurídica classifica esses profissionais como não legistas ou não letrados, o que não os coloca como desconhecedores da escrita, mas sim como desconhecedores das normativas jurídicas. Isso permitia que apenas reproduzissem as fórmulas adotadas na época para a construção dos depoimentos, bem como permitia que transcrevessem, ao seu modo, as informações fornecidas pelos arrolados nos processos.

Diante disso, dividimos a tese em quatro partes. A primeira parte, que contempla o capítulo o capítulo um, consiste na apresentação do contexto judicial em que foram produzidos os documentos. Sob a perspectiva transcendente do trabalho filológico, buscamos nos documentos aspectos da história social da época. Buscamos nos manuscritos informações que possibilitassem traçar aspectos políticos e sociais dos séculos em que estavam inseridos os processos.

A segunda parte foi reservada à análise paleográfica dos dados documentais, a partir da transcrição semidiplomática e interpretação dos dados encontrados. A ela dedicamos dois capítulos – dois e três. O capítulo dois apresentará a análise paleográfica e terá como objetivo desfazer as ambiguidades levantadas a partir da transcrição semidiplomática. O intuito na pesquisa documental é traçar relações e identificar as similaridades entre os empregos de sinais diacríticos e as práticas adotadas e estabelecidas para a escrita usual. Apoiamo-nos apenas nos sinais gráficos responsáveis por representar tonicidade ou nasalidade às palavras e, por isso, restringimos a verificação aos diacríticos agudo, circunflexo e til. O espaço de tempo entre o primeiro e o último documento tem como objetivo analisar a evolução do emprego desses sinais. A partir dessa análise, o capítulo 3 analisa os dados presentes nos documentos, a partir das características de grafia identificadas com a análise paleográfica.

A terceira parte consiste na análise metaortográfica e metalinguística dos dados encontrados e nos apoiamos nas gramáticas dos diferentes séculos para resgate do pensamento linguístico e estabelecimento de correlações nas diferentes épocas em que os manuscritos estavam inseridos. Partindo de uma análise macroestrutural da documentação, centralizamos nosso enfoque nos diacríticos. Não encontramos nas obras estudadas convenções que afirmassem a existência de um regramento quanto ao uso dos diacríticos, mas, em observação aos empregos dos sinais gráficos, o que se identificou foi a repetição no uso de um ou outro sinal, dentre eles o til. A partir da análise das gramáticas e ortografias dos século XVI ao XX levantamos algumas **hipóteses** sobre o uso dos sinais diacríticos, a partir da pesquisa metaortográfica. Dentre elas citamos a utilização de acento diferencial para distinguir palavras homógrafas, marcar altura vocálica e representar a nasalidade em final de sílaba. Além disso,

os movimentos políticos e sociais contribuíram para que as mudanças linguísticas ocorressem e fossem incorporadas aos manuais escolares, gramáticas e ortografias. E para analisar tais influências, os principais autores foram estudados, com vistas a um estabelecimento de parâmetros que validassem os usos dos diacríticos dentre os séculos.

A quarta e última parte refere-se à transcrição semidiplomática, cujo objetivo é a manutenção de todos os traços linguísticos existentes no documento. Com isso, os documentos manterão as características linguísticas, tornando-se fonte de informações para pesquisas futuras.

Apesar da existência de diversas obras que abordam os diacríticos, a acentuação gráfica não apresenta regularidade nos usos documentais e diante das diversas possibilidades adotadas pelos autores dos manuscritos, optamos por realizar uma análise a partir da literatura ortográfica e gramatical das formas de emprego sugeridas e, ainda, se essas obras sugeriam ou defendiam uma forma específica de utilização dos sinais gráficos.

Os letrados, pelo seu poder e influência, não aceitavam cargos como o de tabelião ou escrivão. Estes homens pertenciam à nobreza e “em Portugal e na Espanha, os letrados formavam um grupo estreitamente ligado à Coroa, profundamente respeitoso da lei e da ordem e ansioso por encontrar soluções legais para os problemas práticos do governo. Cada promoção trazia mais prestígio, mais privilégios e maiores salários. O bem-estar dos letrados de nível universitário dependia em grande parte dos favores reais. Na luta dos reis portugueses para impor uma monarquia centralizada, os letrados se tornaram aliados naturais. Quando a administração do Império ultramarino transformou-se em preocupação permanente, a Coroa voltou-se novamente para a classe dos magistrados”.

Serrão, em seu *Dicionário da história de Portugal*, delimita a fronteira entre leigas e letrados ao referenciar a importância que os acadêmicos tiveram nas decisões relacionadas ao reino de Portugal, desde o século XIV.

E, com a subida ao trono de D. João I (1385-1433), nada menos de sete leigas estavam ao serviço da coroa, abandonado já o velho título de mestre e adoptados os qualificativos, também académicos, de doutor, licenciado ou bacharel (...) . (p.710).

Até 1830, os documentos, de uma maneira geral, as funções atribuídas à administração judicial e identificadas no conteúdo dos documentos respeitavam os preceitos das Ordenações Filipinas. A partir de 1833, os manuscritos passaram a apresentar outras características de acordo com as diretrizes do Código do Processo Criminal.

A agilidade na escrita e uma orientação inicial, ainda na infância, de como utilizar os diacríticos também eram fatores determinantes para o uso dos sinais.

No entanto, essa não é uma premissa que se possa aplicar à documentação, mas nos auxilia a encontrar indícios para seus usos.

Identificamos também o uso de um mesmo diacrítico em diferentes aplicações. Diante de situações semelhantes a essa, propusemos uma análise paleográfica em todos os manuscritos, visando minimizar as dúvidas quanto à natureza do traçado e ao uso do sinal.

Por fim, verificamos os manuais, ortografias e gramáticas dos séculos estudados, analisando sob uma perspectiva sócio-histórica, o momento em que os autores estavam inseridos e as influências que sofreram, pois, para além da escrita das gramáticas, vale a análise do período em que os documentos foram elaborados, para compreender as formas utilizadas pelos escribas. O processo educacional, social e político influencia na produção literária e social, o que pode ter direcionado ao uso de um ou outro sinal gráfico em determinado período.

Não nos ateremos apenas a uma perspectiva de análise, buscando em diversos âmbitos as realidades que reforcem ou refutem o uso dos diacríticos entre os séculos, pois o intuito é traçar os parâmetros, caso existam, de aplicabilidade destes sinais e a partir das conclusões revisitar os percursos em que estavam inseridos os escribas.

1. Documentos e autores: breve contextualização sócio-cultural e reflexos da estrutura judicial na organização documental

Neste capítulo, apresentaremos a estrutura judicial e documental, buscando as motivações para adoção de uma ou outra forma de escrita.

Todos os documentos trazem-nos os reflexos da organização judiciária e das mudanças que permeavam a administração colonial no decorrer dos séculos, pautadas na estrutura judicial a partir do século XVII, período em que o primeiro documento analisado está inserido.

Organograma 1 - Organograma adaptado de Fiscais e Meirinhos: a administração no Brasil colonial. Formação de 1530 a 1640

A partir de 1690, os juízes ordinários passaram a ser nomeados pelo rei, mas antes desse período a administração judicial da colônia contava com uma organização enxuta e subdividida entre órgãos subordinados ao governo geral,¹ representado no organograma 1.

O juiz de vintena era o representante eleito pelas câmaras municipais para realizar o julgamento de pequenas causas e, geralmente, sua proporção de atuação nas vilas era de um para cada vinte a cinquenta habitantes.

Com o intuito de centralizar e minimizar o poder dado aos ouvidores, a Coroa cria o Tribunal de Relação no Brasil, inicialmente, dando origem ao Tribunal de Relação da Bahia e

¹ SALGADO, Graça. Fiscais e meirinhos: a administração no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 75.

posterior à Relação do Rio de Janeiro. No organograma 2 vê-se a subordinação do Ouvidor em relação ao Tribunal da Bahia e a figura do juiz de vintena e do juiz de fora:

Organograma 2: Revista Jurídica Virtual - Organograma simplificado da justiça brasileira a partir de 1644.

O juiz de fora foi inserido na colônia no fim do século XVII, mediante ordem da metrópole, com a finalidade de interferir nos municípios. Eram profissionais designados pela Coroa para acompanhar e validar as atividades realizadas pelos juízes ordinários, coibindo o favoritismo e as benesses promovidas por profissionais em atividade no Brasil.

Já os juízes ordinários eram responsáveis pela averiguação do cível e do criminal nos municípios ou termos e, assim como os juízes de vintena, também eram eleitos pela Câmara Municipal. É por essa ligação entre o judiciário e o cível que há uma linha tracejada no Organograma 1 que liga a Câmara à Justiça. A diferença entre eles era a responsabilidade depositada em cada função, pois aos juízes de vintena cabia o julgamento de pequenas contendas. Prisões eram submetidas ao juiz ordinário, pois cabia a ele a responsabilidade de conhecer e julgar os crimes cometidos por escravos, cristãos ou mouros, casos de injúrias, assassinatos, defloração, fuga de presos, moeda falsa, ofensa de justiça, cárcere privado, dentre outras.²

O ouvidor geral era a autoridade judicial máxima na colônia e era subordinado ao governador-geral, representante supremo da Coroa. Esse profissional era o responsável pelo julgamento dos recursos elaborados por ouvidorias locais nas capitanias. Estes eram nomeados pelos donatários e exerciam suas funções localmente, sendo subdivididos nas

² SALGADO, Graça. **Fiscais e Meirinhos: a administração no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 131.

comarcas. As comarcas eram divisões judiciais das capitânicas, e São Paulo contava com três comarcas, sendo as principais Paranaguá e Itu.

Diversos funcionários auxiliavam nas funções destes profissionais, e a escrita das devassas era parte desse processo. Os responsáveis pela transcrição dos testemunhos eram os escrivães, tabeliães e meirinhos, que, embora não constem no organograma da estrutura judicial no século XVII, são parte importante da disseminação da estruturação documental do *corpus* judiciário.

Os documentos apresentam traços dessa organização confirmada nos livros das Ordenações Filipinas (1985), ponto de apoio para o procedimento judicial, que envolve apenas os métodos para o recolhimento dos depoimentos.

O manuscrito de 1695, denominado aqui como o documento 1, apresenta a estrutura comum aos processos criminais e autos de devassa da época. A figura 1 ilustra esse exemplo.

Figura 1 - Trecho do auto de devassa de 1695

Cunhado do falecido eTiio deseos fi
lhos e mais naó dice eSendolhe lido oSeu
Juramento epello oachar conforme
oavia deposto oaSignou comodito Juis
Comhuá Crus por naó Saber ler nem
escrever eu Antonio Ferreira deFaria
Tabeliam oescrevy

Os parâmetros utilizados nesse processo criminal seguem os preceitos das Ordenações (1985), para a tomada de depoimentos, dentre eles, a tomada de assinatura como presente no Livro I, título 79, Do Tabellião Judicial:

E todos os Tabelliães e Scrivães, quando tirarem inquirições judiciais, sempre perguntem as testemunhas no começo de seus ditos e testemunhos polo costume e idade (4). E nas devassas geraes e speciaes perguntem polo costume no fim de cada testemunho, sob pena de perderem os Officios, nunca os mais haverem.

A partir desse procedimento foi possível captarmos muitas informações sobre os aspectos sociais e econômicos dos testemunhos. As Ordenações (1985) trazem no título 86, “dos Enqueredores”, os meios como devem ser realizados os questionamentos, mencionando a necessidade de habilidade e conhecimento que os profissionais deveriam possuir para realizar o ofício. Afirma o seguinte:

Os Enqueredores devem ser bem entendidos e diligentes em seus Officios, em modo que saibam perguntar e inquirir as testemunhas por aquillo, para que forem oferecidas. E antes que a testemunha seja perguntada, lhe será dado juramento dos Santos Evangelhos (4), em que porá a mão, que bem e verdadeiramente diga a verdade do que souber, acerca do que for perguntado. O qual juramento lhe será dado perante a parte, contra quem he chamada, se ella a quizer ver jurar, do qual juramento o Tabelliao, ou Scrivao dará sua fé no dito da testemunha que screver. E depois que assi jurar, dará seu testemunho secretamente, sem nenhuma das partes delle ser sabedor, até as inquirições serem aberta e publicadas.

Essas atribuições foram extintas quando da criação do Código do Processo Criminal do Império (CPCI), em 20 de novembro de 1832. O artigo 25 das Disposições Provisórias do CPCI, Capítulo IV “Das Provas”, menciona novos dados referentes ao juramento, diferentes dos abordados nas Ordenações e que poderemos encontrar nos documentos analisados do século XX, apenas. Dentre eles a forma como o juramento das testemunhas era realizado e os depoimentos apresentados:

Art. 86. As testemunhas devem ser juramentadas conforme a Religião de cada uma, excepto se forem de tal seita, que prohiba o juramento. Devem declarar seus nomes, pronomes, idades, profissões, estado, domicilio, ou residencia; se são parentes, em que gráo; amigos, inimigos, ou dependentes de alguma das partes; bem como o mais, que lhe fôr perguntado sobre o objecto.

Art. 87. A declaração das testemunhas deve ser escripta pelo Escrivão: o Juiz a assignará com a testemunha, que a tiver feito. Perante o Jury se guardará o que está disposto nos arts. 266, e 268. Se a testemunha não souber escrever, nomeará uma pessoa, que assigne por ella, sendo antes lida a declaração na presença de ambas.

Art. 90. Se o delinquente fôr julgado em um lugar, e tiver em outro alguma testemunha, que não possa comparecer, poderá pedir que seja inquirida desse lugar, citada a parte contraria, ou o Promotor, para assistir á inquirição.

Comparando as diretrizes dos artigos do Código de Processo Criminal com os documentos analisados, identificamos que os termos dos depoimentos sofreram, de fato, alterações. Até 1833, encontramos nos documentos a seguinte formulação:

Figura 2 - Trecho de documento de 1833

Testemunha 1ª
 Joaquim Francisco de Go-
 doy homem branco soltei-
 ro natural emorador des-
 ta villa, vive de seo officio
 de alfaiate idade quaren-
 ta cinco annos testemu-
 nha jurada aos Santos E
 vangelhos em hum livro
 dellei em que pos sua mão
 direita sobcarga doqual
 lhe foi in carregado deque
 bem efielemente declara-

Testemunha 1ª

Joaquim Francisco de Go
 doy homem branco soltei-
 ro natural emorador des-
 tavilla vive de seo officio
 de alfaiate idade quaren-
 ta cinco annos testemu-
 nha jurada **aos Santos E**
vangelhos em hum livro
 dellei em que pos sua mão
 direita sobcarga doqual
 lhe foi in carregado deque
 bem efielemente declara-

Apesar da existência do Código de Processo Criminal, a menção aos “Santos Evangelhos” como forma de juramento vigorou nos depoimentos até meados do século XIX. As figuras 2 e 3 trazem trechos de devassas dos anos de 1822 e 1868 com tais fórmulas.

Figura 3 - Trecho do documento de 1868

Perguntado qual o –
 Seo nome, idade, estado, natura-
 lidade, proficam e rezidencia e-
 se era Escravo de quem? Respon-

Perguntado qual o –
 Seo nome, idade, estado, natura-
 lidade, proficam e rezidencia e-
 se era Escravo de quem? Respon-

deio chamar-se Antonio, de idade
que ignora, solteiro, Africano-
cozinheiro, residente nesta ci-
dade, declarou ser liberto e nam-
Escravo como se acha declara-
do supra.

Mesmo com estas exceções, os depoimentos captados no decorrer do século XIX continham fórmulas curtas e objetivas, apresentando, no entanto, a mesma atribuição de solicitar as principais informações sobre origem e atividades da testemunha.

Os documentos são assinados pelo escrivão ao final de cada depoimento, validando a transcrição realizada. Então, diante disso, os documentos básicos que direcionavam o formato de escrita dos processos preveem que a escrita fosse realizada pelo escrivão. Com isso, analisaremos apenas as motivações de escrita desse profissional e dentre elas, para o período citado, há as influências iluministas e positivistas. Carvalho (2007, p. 75) traz informações acerca da educação no século XIX e sobre a influência militar e positivista no final do Império, pois “A educação militar no Império foi a que melhor continuou o espírito da reforma pombalina”. Era característica desse movimento também a supressão de quaisquer características que remetessem à religião, ou seja, ao catolicismo. Negro (2012, p. 207), após análise de documentos administrativos novecentistas, apresentou essa diferenciação na escrita e nas formas de tratamento existentes no fechamento e nas saudações de ofícios e memorandos paulistas.

A forma apresentada na escrita dos processos, inicialmente buscada e pautada nas fórmulas estabelecidas para os documentos analisados, no início do século XIX passa a modificar-se. A instauração do Código Imperial é parte dessa mudança, mas, além disso, as alterações realizadas na forma de captação dos testemunhos.

As Ordenações (1985) reafirmam esse procedimento no Livro I, Título 86.

E se disserem que o sabem de ouvida, perguntem-lhes a quem ou ouviram. E, e que tempo e lugar. E todo o que disserem, façam screver, fazendo-lhes todas as outras perguntas, que lhes parecerem necessárias, per que melhor e mais claramente se possa saber a verdade. E attem bem com que aspecto e constância falam, e se variam, ou vacilam, ou mudam a côr, ou se torvam na falla, em maneira, que lhes pareça, que são falsas, ou suspeitas. E quando assi o vire, ou sentirem, devem-no notificar ao Julgador do feito, se for no lugar onde se tirar a inquirição [...]

Essa pequena amostra nos fornece embasamento para avaliar a origem desses profissionais, atrelando sua condição social à estrutura familiar e educacional que seria a eles proporcionada. A educação dispensada aos herdeiros de famílias tradicionais era diferenciada,

e o acesso aos melhores meios de educação era fornecido desde o estudo em Coimbra à contratação de preceptores europeus para o ensino das primeiras letras.

Partindo do pressuposto de que os juízes eram, em sua grande maioria, homens com conhecimento da escrita, resta avaliar o conhecimento dos escrivães e tabeliães, responsáveis pelos autos.

Essas evidências se estendem para os documentos analisados, mostrando uma parte interessante da escolarização da sociedade. Identificamos que parte das testemunhas não sabiam ler nem escrever. O quadro 1 traz essa informação, relacionando aos processos a quantidade de testemunhas que não assinaram seus depoimentos, por desconhecer a escrita

Em sua dissertação de mestrado Reis Fernandes (2011) já menciona a influência das particularidades da fala na transcrição do relato oral ao analisar processos dos séculos XIX e XX, pois ao verificarmos o uso dos diacríticos nos processos criminais, autos de devassa e inquéritos policiais consideramos as influências do escriba, além da influência do relato em si, ou seja, da forma como a testemunha apresentou seu depoimento e como o escrivão ou tabelião transcreveu o relato.

Conhecer o local de nascimento, nível de alfabetização, método utilizado para o letramento são fatores importantes para conectarmos a escrita (escriba) ao falante (testemunha). Entretanto, dados confiáveis referentes aos funcionários do judiciário, como local de nascimento, grau de alfabetização não foram localizadas para que pudéssemos relacioná-los.

Diante disso, apoiamo-nos nas características de escritas previstas no processo burocrático do judiciário, além da literatura complementar dos processos educacionais da época.

1.1 O contexto econômico a partir dos manuscritos

O grau de escolaridade e seu vínculo às diferentes classes sociais é uma correlação que pode ser realizada ao verificar os documentos, pois os processos que não apresentaram analfabetos foram as devassas em que os arrolados pertenciam às camadas mais abastadas. Os indivíduos que não sabiam ler nem escrever foram identificados pela menção apresentada nos processos que trazia “sinal da cruz” como assinatura para identificar um não letrado ou, ainda, com a informação explícita sobre o analfabetismo, como apresentado nos processos do século XIX.

Para além da representação social e econômica, não se pode esquecer dos interesses e a relação existente entre os réus, testemunhas e juízes locais e o quanto isso contribuía para o beneficiamento de algumas causas, principalmente, para os casos em que havia envolvimento familiar ou de amizade. Ao verificarmos todas as testemunhas do processo de 1744, documento 2, identificamos que pertencem ao mesmo meio, devido à atividade que exercem – o meio político – e possuem interesses em comum, zelando pela manutenção dos vínculos sociais e perpetuando seus negócios. Uma das testemunhas, Felipe Fogaça de Almeida, foi juiz em uma causa posterior, em 1761, e possuía relações familiares com alguns dos participantes do auto de 1744, ou ainda, os Prado e Barros, citados no mesmo processo.

O quadro 1 menciona os sobrenomes dos escribas, bem como dos juízes. Na ausência de um documento que comprove a nacionalidade dos autores partiremos para análise de seus sobrenomes.

Quadro 1 - Relação dos juízes, delegados e escribas

Nº Doc.	Juiz/Delegado	Escrivão/Tabelião	Ano	Fórmulas	Analfabetos
01	Miguel Pires	Manoel Cardoso de Vargas	1695	Testemunha jurada aos Santos evangelhos em que posSua mão direitaeprometeo dizer verdade doque Soubese epreguntado lhefosse	5
02	Manoel de Moraes Navarro	Miguel de Souza Silva	1744	testemunha jurada aos santos evangelhos emque pos suamam direita eprometeu dizer averdadedoque soubeseelhe fossepreguntado Epreguntado elletestemunha pello contheudonoauto dadevassa	0
03	Felipe Fogaca de Almeйда	Vicente dos Santos Chaves	1761	Testemunha Jurada aos Santos evangelhos emque pos sua maõ direta eprometeu dizer averdade doque soubesse perguntado lhefoce Eperguntado elle Testemunha pello conteúdo nesta	0

04	Jose Manoel de Oliveira	Antonio Ferreira de Faria	1800	Testemunha jurada aos Santos evangelhos em hum Livro delei em que posa Sua maó <Dito> direita sob Cargo do qual dice/ deposto ea Signou comodito Juiz com hum Cruz por não saber ler	20
05	José Pereira de Queiros	José Adriano de Oliveira	1833	testemunha jurada aos Santos Evangelhos em hum livro dellei em que pos sua mão direita sob cargo do qual lhe foi in carregado de q ue bem efie l mente declara-se a ver dade do que sou des-sa do que preguntado lhe fosse	3
06	Delegado de Policia Joaquim Jose Vieira de Carvalho	Joaquim Franco de Pontes	1868	Sem fórmulas	1
07	Subdelegado Dorindo de Almeida Prado	João Pedro Rodrigues da Silva	1890	Qual seu nome, naturalidade, idade, estado, profissão, residencia e se sabia ler e escrever?	1
08	Delegado Marcondes Neves	José Capellano	1914	Nada mais declarou lido e achando conforme assigna com a autoridade a seu rogo por não saber ler nem escrever	1

A partir desses dados faremos, ainda que superficialmente, um paralelo entre esses homens e sua história familiar. Dentre os citados identificamos a origem de alguns. Destes citamos Manoel de Moraes Navarro e Felipe Fogaça de Almeida.

Manoel de Moraes Navarro³ era membro da família Lara, filho de José de Almeida Lara e de D. Marianna de Siqueira Moraes. Sempre seguiu a vida jurídica e serviu ao governo nos cargos de juiz ordinário e juiz dos órfãos. (LEME, 1903, p.3-43)

Sobre o juiz Felipe Fogaça de Almeida localizamos na *Nobiliarquia Paulistana* (1980) sua origem militar. Pertencente à família Bicudo, por parte da mãe, e à família Carvoeiro, por parte de pai, tataraneto de Domingos Luiz, cavaleiro da ordem de Cristo, foi casado com a bisneta do bandeirante Tibiriça. Cunhado de um integrante da família Cubas Ferreira casou seus filhos e filhas com integrantes das famílias Dias Ribeiro, Godoy e Moraes e uma de suas sobrinhas, Josepha de Almeida, casou-se com Lourenço Castanho, da família Taques Pompeu.

Os cargos de influência e as propriedades pertenciam a estas famílias, que ligadas aos cargos públicos e políticos mantinham seu poderio social, detendo o comércio, a produção agrícola e de gado para São Paulo, vilas e estados vizinhos. O perfil patriarcal da típica família portuguesa auxilia a manutenção e centralização do poder nestas famílias desde o

³ O juiz nasceu em Parnahyba, em 14 de abril de 1697, e na feitura do processo relatado no corpus contava com 50 anos de idade. Estabeleceu-se em Sorocaba após seu casamento, município, inclusive, em que foi lavrado o auto de devassa.

século XVII. Além disso, o poder era dado aos “homens bons”, membros da sociedade que possuíam propriedades ou posses de terra, inserindo-os, assim, nos contextos administrativos e burocráticos do império, uma vez que também fariam parte da Câmara.

Outro aspecto interessante é a relação entre as camadas sociais, que não está visível apenas no arrolamento das testemunhas e suspeitos, mas também é aparente nos tipos de crimes apresentados. Os assassinatos são resultados, em dois dos quatro casos apresentados, de brigas ocasionais entre pessoas conhecidas, como foram os casos de Amaro de Pires e de Ignacio Vas de Oliveira, ambos assassinados por pessoas com laços consanguíneos, o que já não pôde ser comprovado no caso de Florindo Peres, encontrado morto dias após o assassinato e sem testemunhas, refutando a possibilidade de crime consanguíneo, por sua vez.

Faoro (2001, p. 216) afirma que “o quadro administrativo da colônia se completa com a presença de quatro figuras, que acentuam a autoridade metropolitana: o juiz, o cobrador de tributos e rendas, o militar e o padre”. Além disso, muitos dos resquícios dos modos como a sociedade operava as questões em relação à família e ao poder foram mantidos, apesar das mudanças comportamentais principalmente no que se refere às questões de poder. O caso de suborno, relatado no preâmbulo do auto de devassa de 1761, parece-nos atual e até corriqueiro. Apesar da dificuldade de leitura, ocasionada pelos diversos espaços vazios provocados pelos ataques das traças, o processo relata um caso de suborno para eleição de um vereador na Câmara Municipal de São Paulo.

Apesar de o inquérito conter relatos de 31 testemunhas, homens influentes na época e na sociedade paulista, nada foi comprovado, pois todos os arrolados afirmavam não ter conhecimento dos fatos.

As devassas, inquéritos e processos que compõem o *corpus* relatam casos de suborno, assassinatos, arrombamentos e furtos. Nenhum dos autos possui conclusão e as pistas que encontramos sobre uma possível condenação são resumidas em poucas linhas, geralmente, demonstradas sob o punho do juiz que conduziu o processo.

Para ilustrá-lo de forma didática, apresentaremos no Quadro 2 resumidamente as ocorrências criminais.

A primeira coluna apresenta o número do documento, a segunda coluna o nome da vítima, na terceira coluna informamos a quantidade de testemunhas presentes no caso. No quarto bloco apresentamos a descrição por raça, infelizmente presente apenas nos documentos do XIX. Em seguida apresentamos o ano e o crime apurado no respectivo processo. Cabe informar que os processos eram elaborados em partes separadas e raramente teremos uma devassa acompanhada de sua sentença. Logo, não há como afirmar se os réus foram

condenados à morte ou à prisão, mas apenas se foram considerados culpados ou inocentes e, em alguns casos, essas informações nem estão disponíveis nos autos.

Quadro 2 - Relação de causas processuais

Nº Doc.	Vítima	Alfabetizados	Qtde de Testemunhos	Raça			Ano	Crime
				Branco	Da terra	Negro/pardo		
01	Amaro Pires	5	30	Sem menção			1695	Assassinato
02	?	0	31	Sem menção			1744	Suborno
03	Negro do Coronel Francisco Pinto do Rego	0	30	Sem menção			1761	Assassinato
04	Ignacio Vas de Oliveira	20 14 brancos, 3 da terra, 3 pardos	31	23	4	3	1800	Assassinato
05	A Justiça	4 3 brancos, 1 pardo	6	4	0	3	1833	Auxílio na Fuga de Presos
06	Felisberto Rodrigues de Sousa	1	3	Sem menção			1868	Furto
07	?	1	4	Sem menção			1890	Furto
08	Florindo Peres	1	1	Sem menção			1914	Assassinato

A única ocorrência em que tivemos a descrição de cor foi na devassa instaurada em 1761, que investigou o assassinato do “Negro do Coronel Francisco Pinto do Rego”, ou seja, a propriedade e os bens do coronel foram postos em risco, uma vez que ele perdia sua força de trabalho e, para tanto, necessitava de reparação.

Até 1832, ano em que o Código do Processo Criminal foi estabelecido, as diretrizes presentes nas Ordenações Filipinas sobre “*Os furtos e dos que trazem artificios para abrir portas*”, Título LX, Livro V afirmava que

mandamos, que qualquer pessoa, que furtar hum marco de prata, ou outra cousa alhêa, que valer tanto, como o dito marco, estimada em sua verdadeira valia, que a dita prata valer ao tempos do furto, morra por isso. E se for provado que alguma pessoa abrio alguma porta, ou entrou em alguma caza, que stava fechada, per a porta, janela, telhado, ou per qualquer outra maneira, e que furtou meio marco de prata, ou sua valia, ou dahi para cima, morra por isso morte natural. E postoque se lhe não prove, que furtou cousa alguma da dita caza, queremos que somente pelo

abrir da porta, ou entrar em caza com animo de furtar, seja açoutado publicamente com barão e pregão, e degregado para sempre para o Brazil.

Nos processos analisados, um dos casos de furto também compreendia o auxílio à libertação de presos e para esse tipo de crime as Ordenações apresentam o seguinte:

E se o preso stivesse já na prisão aprisoado em pode do Carcereiro, e debaixo de sua guarda, quem per força o tirar de seu poder, ou der a ello ajuda, quebrando as portas, ou ferrolhos da prisão, ou furando as paredes, ou telhados, ou quebrando os ferros das Cadeas, em que stivesse preso, ou tomando-lhe per força as chaves e abrindo os ferros e portas, ou tirando-o per força em qualquer outra maneira de seu poder, ou postoque o preso não seja tirado, fazendo cada huma das cousas sobreditas, morra por isso.

Nas Ordenações também temos definições acerca das penas para assassinos, como em Título XXXV, “*dos que matão, ou ferem, ou tirão com Arcabuz, ou Bésta*” que menciona que

Qualquer pessoa, que matar outra, ou mandar matar, morra por elle morte natural. Porém se a morte fôr em sua necessária defesa, não haverá pena alguma, salvo se nella excedeo a temperança, que devêra, e poderá ter, porque então será punido segundo a qualidade do excesso. E se a morte for per algum caso sem malicia, ou vontade de matar, será punido, ou revelado segundo sua culpa, ou inocência, que no caso tiver.

Os crimes cometidos na época refletem a dinâmica de uma sociedade escravista, com uma estrutura jurídica deficitária, que embora embasada em leis severas – as Ordenações – não consolidava as prisões ou fazia-as apenas em parte das condenações. A quantidade insuficiente de profissionais da lei proporcionava a impunidade e o crescimento dos crimes dos mais diversos tipos. A ausência de punição era reflexo do pequeno quadro funcional, pois as penas de morte necessitavam de seus juízes para o julgamento e em 1698, por exemplo, a colônia possuía apenas dez juízes.

Por outro lado, a descrição dos testemunhos reflete aspectos referentes à sociedade, à educação (ou ausência dela) e aos contextos de poder. A partir desses apontamentos, equacionaremos os dados apresentados e focalizaremos as informações que podem apresentar aspectos importantes sobre a vida, a atividade que os mantinham e sua relação na sociedade da época.

O quadro 3 apresenta a idade das testemunhas, de acordo com os anos em que os processos foram instaurados. É Importante mencionar que nem todos os depoentes estão relacionados, pois essa informação não estava presente em todos os depoimentos.

Identificamos que a idade média dos participantes dos processos variava entre 21 e 50 anos, com maior representatividade para os homens entre 21 a 30 anos.

Quadro 3 - Faixa etária das testemunhas dos autos de devassa

Faixa Etária	1695	1744	1761	1800	1833	1868	1890	1914
até 20 anos		2	6	3	1			
de 20 a 30 anos	12	12	4	7	2	1	1	
de 31 a 40 anos	3	5	11	7	1	1		1
de 41 a 50 anos	5	6	5	5	2		1	
de 51 a 65 anos	6		2	6				
Acima de 65 anos	4	1	1					

O quadro 3 apresenta esse resumo extraído dos documentos a partir das informações das testemunhas.

O quadro 4 traz as respectivas profissões e apresenta-nos as atividades principais, responsáveis pela economia na época. O censo realizado em 1871 mostra um panorama da sociedade do século XIX e as características socioeconômicas do Brasil na época. 31% das testemunhas apresentadas eram homens lavradores e, em números totais, perdiam em quantidade apenas para os cidadãos que não possuíam profissão.

Com tais dados temos a fotografia de um microcosmo da organização social da época representada nos depoimentos e informações solicitadas pela justiça na realização dos depoimentos.

Assim como a idade das testemunhas sua atividade ocupacional também foi extraída nos processos, pois essa informação também era questionada. Os casos de pátrio poder configuram-se na relação entre pai e filho, em que ainda há dependência financeira e educacional.

Quadro 4 - Profissões informadas pelas testemunhas

Profissão	1695	1744	1761	1800	1833	1868	1890	1914
Lavoura	-	4	17	28	-	-	-	-
Comerciante	-	1	3	-	1	-	2	
Pátrio poder	-	-	5	-	-	-	-	-
Alfaiate	-	-	1	-	1	-	-	-
Sapateiro	-	-	-	-	1	-	-	-
Ferreiro	-	-	-	-	1	-	-	-
Cozinheiro	-	-	-	-	-	1	-	1
Funcionário Público	-	-	-	-	1	-	-	-
Padre?	-	-	-	-	1	-	-	-

Um recenseamento realizado no Império, no ano de 1872, apresenta estes dados e aponta a lavoura como principal fonte de ocupação do brasileiro, que naquela época

representava 31% da população. O quadro 5 traz um reflexo da estrutura social no século XIX e, embora muito se fale sobre a estrutura patriarcal das famílias, verifica-se que as mulheres possuíam representatividade na estrutura familiar, pois “O poder de decisão formal pertencia ao marido, como protetor e provedor da mulher e dos filhos, cabendo à esposa o governo da casa e a assistência moral à família”. (SAMARA, 2002, p.32).

Quadro 5 - Ocupações no Brasil em 1872 in O que mudou na família brasileira? (Da colônia à atualidade)

Profissões	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Sem Profissão	1.984.053	20,44	2.188.061	22,55	4.172.114	42,99
Lavradores	2.131.830	21,97	905.636	9,33	3.037.466	31,30
Serviço Doméstico	196.784	2,03	848.831	8,75	1.045.615	10,77
Costureiras	-	-	506.450	5,22	506.450	5,22
Criados/Jornaleiros	274.217	2,83	135.455	1,40	409.672	4,22
Criadores	147.443	1,52	58.689	0,60	206.132	2,12
Operários em Tecidos	6.313	0,07	133.029	1,37	139.342	1,44
Comerc./Guarda-livro/Caixeiros	93.577	0,96	8.556	0,09	102.133	1,05
Artistas	36.906	0,38	4.297	0,04	41.203	0,42
Capitalistas/Proprietários	23.140	0,24	8.723	0,09	31.863	0,33
Operários em Couros/Peles	5.612	0,06	15	0,00	5.627	0,06
Prof./Homens de Letras	1.307	0,01	2.218	0,02	3.525	0,04
Operários em Chapéus	1.711	0,02	219	0,00	1.930	0,02
Parteiros	50	0,00	1.147	0,01	1.197	0,01
Operários em Tinturaria	422	0,00	127	0,00	549	0,01
Religiosos (regulares)	107	0,00	286	0,00	393	0,00
Total	4.903.472	50,52	4.801.739	49,48	9.705.211	100,00

A forma como sobreviviam também nos apresenta a sociedade da época. A idade destes homens relacionada às suas atividades profissionais possibilita-nos atrelar o tempo de vida médio da população local ao início da vida produtiva, uma vez que a apresentação das testemunhas trazem essas informações. São poucos os depoentes que possuíam idade acima dos sessenta anos de idade, pois a estimativa de vida não era longa e os homens em idade ativa tinham entre 31 e 59 anos. Esses são dados da pesquisa censitária realizada no Brasil Imperial e que ratifica os dados apresentados pelo *corpus*.

Pode-se, ainda, inferir sobre as relações de família e a idade média em que ocorria a emancipação e a constituição familiar dos indivíduos. Isso é possível ao comparar o estado civil das testemunhas e seu meio de vida, pois fazemos relações a partir de um dado primário para um microcosmo regional, vinculado às informações apresentadas nas devassas.

Os processos, de maneira geral, nos fornecem uma visão geral dos meios de vida nos três séculos analisados, retomando a função transcendente da filologia, segundo Spina (1977, p. 77), tem como objetivo a reconstituição da sociedade da época.

2. Descrição geral do *corpus*

O *corpus* é constituído por autos de devassa, inquéritos policiais e processos criminais, e o intuito principal da pesquisa é analisar as formas e usos dos diacríticos no período inserido entre o século XVII e meados do XX. O vasto período tem como objetivo analisar as mudanças da escrita que permeiam a língua escrita no Brasil.

Julgamos ser importante a manutenção de uma sequência cronológica para um mapeamento das mudanças linguísticas quanto ao emprego dos diacríticos.

Por meio desses documentos, traçamos a relação existente entre a história e escrita, buscando, no teor dos manuscritos, traços linguísticos que expliquem as motivações para o emprego dos diacríticos.

O quadro 6 apresenta um número para cada documento analisado, que embasa as abordagens nos próximos capítulos.

Quadro 6 - Documentos que compõem o *corpus*

Ordem	Tipo de Documento	Origem	Ano	Local	Qte de pp.
1	Devassa – tabelião	Juiz Ordinário	1695	Santa Cruz do Salvador	14
2	Devassa – escrivão	Juiz Ordinário	1744	Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba	11
3	Devassa – tabelião	Juiz Ordinário	1761	Villa de Sorocaba	28
4	Devassa – tabelião	Juiz Ordinário	1800	Villa de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba	28
5	Processo Crime – escrivão	Juiz Ordinário	1833	Villa de Jundiahi	19
6	Inquérito Policial – escrivão	Delegacia de Campinas	1868	São Paulo	11
7	Autuação e Inquérito Policial – escrivão	Delegacia de Campinas	1890	Campinas	14
8	Inquérito Policial – escrivão	Delegacia de São Paulo	1914	São Paulo	14

Acompanhando a ordem descrita no quadro 6, iniciaremos a descrição dos documentos pela ordem em que se apresentam. Inicia-se, então, com o Auto de Devassa de 1695, que trazia documentos da Vila de Ubatuba. Foi o único documento não encontrado em latas ou caixas reservadas às delegacias ou órgãos do judiciário. A presente devassa retrata o assassinato de Amaro Pires, encontrado morto em um terreno baldio e após as investigações e audições de diversas testemunhas concluiu-se que a autoria do assassinato partiu de sua

esposa. O documento possui escrita uniforme e um único punho, que pertence ao tabelião Manoel Cardoso da Vargas.

O processo de 1744 relata a devassa aberto para investigação de suborno para eleição de vereadores na Câmara de Nossa Senhora de Sorocaba. O documento foi escrito em sua totalidade pelo escrivão Miguel de Souza da Silva.

O fac-símile de 1761 foi totalmente escrito por um único punho – o do tabelião Vicente dos Santos. Trata-se de um auto de devassa, que relata a investigação da causa da morte de um escravo. Considerado indigente, o escravo foi encontrado morto em uma fazenda local e, até o final do processo, o autor do crime não foi descoberto.

A devassa de 1800 investiga o assassinato de Ignacio Vaz de Oliveira. O processo é composto pela audição de testemunhas e foi elaborado por dois escribas. O processo criminal do Juízo Ordinário de Jundiaí, data de 29 de janeiro 1833, menciona o arrombamento da cadeia e libertação dos presos. Foi composto por oito punhos⁴ distintos que trazem diferentes diacríticos, dentre eles o agudo e o til.

O inquérito policial datado de 30 de junho de 1868 deu lugar às devassas. Escrito em Campinas e parte do acervo da Delegacia de Campinas, conta com a escrita de três punhos. O inquérito investiga a acusação de furto a uma residência.

O manuscrito de 1890 é um auto de autuação, com corpo de delito e inquérito policial sobre o arrombamento e furto à casa de Francisco Leite da Rocha. Roupas foram roubadas e vendidas na vizinhança.

O último documento analisado data de 1914 e trata-se de um inquérito policial que investiga as motivações para o provável assassinato de Florindo Pires, encontrado morto no bairro da Quarta Parada, em São Paulo.

Partindo desse ponto, buscaremos na literatura da época atos e feitos sociais e políticos que tenham influenciado no pensamento da época e, conseqüentemente, no estabelecimento de formas e modos de uso dos sinais gráficos. Oliveira (2010) já havia observado a influência do regime republicano e do pensamento no Brasil no final do XIX na escrita de documentos oficiais, analisados em sua pesquisa em documentos públicos administrativos. O presente *corpus* tem um lastro temporal e histórico muito mais abrangente – 2 séculos – nos quais diversos eventos ocorreram e que poderão nos auxiliar a explicar os usos encontrados nos manuscritos, com auxílio de estudo bibliográfico auxiliar, que será explanado a partir do capítulo 4..

⁴ Entende-se por punho a autoria documental. Cada punho refere-se a um escriba e apresentará suas próprias particularidades.

No presente capítulo, centralizamos nossas análises nos testemunhos e na realização das escritas em cada documento, para verificarmos a incidência em que se apresentam os diacríticos e o seu modo de feitura.

2.1 Análise Paleográfica: documentos, escribas e suas particularidades

O presente capítulo analisa o contexto em que os diacríticos foram utilizados, por meio do traçado e da comparação entre as ocorrências, a utilização de um ou outro sinal. Cada subcapítulo apresentará os dados de cada documento analisado e nessa análise também focalizaremos os aspectos gerais dos documentos, como a existência de abreviaturas, alógrafos⁵, ausência de fronteira de palavras, letras maiúsculas em meio de palavra e a quantidade de punhos em cada fac-símile.

Nomearemos os autores de acordo com o apresentado nas devassas e inquéritos, classificando-os com letras, ou seja, se o documento possuir 3 escritas diferentes, os punhos serão nomeados como A, B e C.

De maneira geral, todos os documentos apresentam a escrita processada, cuja característica principal é a agilidade e fluidez do traçado, também caracterizada pela ausência de fronteira entre palavras e com enlaces abundantes, principalmente, no início das frases. Como define Acioli (1994, p. 41)

Com a intervenção da imprensa (...), a escrita deixou de ser artística, passando a ser essencialmente cursiva. largas também são indícios desse tipo de escrita. Contemporaneamente a Humanística, usou-se na Península Ibérica uma escrita, (...), conhecida como escrita Processada ou Processual.

Traços desnecessários entre os grafemas, também são características desse tipo de escrita, assim como a existência de caudas e hastes.

Todos os manuscritos apresentam um traçado firme e definido, não se assemelhando à escrita de indivíduos inábeis. Sobre essa questão, Marquilhas (2003, p. 297) afirma que um punho inábil apresenta ausência de *cursus*, uso de módulo grande, traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, irregularidade da paginação, falta de leveza do conjunto e letras monolíticas. Não identificamos documentos que apresentem essas características.

⁵ Alógrafo é qualquer uma das representações escritas ou formas com que se apresenta um grafema, considerado este como um elemento abstrato (p. ex. a maiúscula, a minúscula, a letra manuscrita e a de imprensa são **alógrafos** de um mesmo grafema). Houaiss, 2008

Os primeiros processos apresentam essas características em maior quantidade, no entanto, elas desaparecem ao longo dos séculos. Já no início do século XX, deparamo-nos com um texto sem maiúsculas iniciais e com trechos impressos, substituindo a escrita manual e artística.

2.2 Metodologia para análise dos diacríticos

Diante da diversidade de traçados e das variadas maneiras de representar os diacríticos, estabelecemos parâmetros para identificação dos sinais – agudo, til ou circunflexo.

Quanto à localização dos diacríticos, nomeamos como “deslocados” os sinais gráficos apostos sobre a segunda vogal do ditongo nasal, como os casos de <foraõ> (doc 1, 1695, 2v, linha 5), <Resorreisaõ> (doc 1, 1695, 2v, linha 23), <naõ> (doc 1, 1695, 2r, linha 4), <cidadeaõ> (doc 2, 1744, 1r, linha 14) e <tabelliaõ> (doc. 3, 1761, 10v, l. 6) em que os traçados curvos contínuos a partir da última vogal da palavra serão considerados como diacríticos deslocados também. São os casos em que o diacrítico é a continuidade da última letra ou foram inseridos sobre a última vogal, como apresentado em <vestiraõ> (doc 4, 1800, 1v, linha 32).

Quadro 7: til deslocado

Localização	Vocabulo	Diacrítico
1, 1695, 2v, l. 5	<Foraõ>	Til deslocado
1, 1695, 2v, l. 23	<Resorreisaõ>	Til deslocado
1, 1695, 2r, l. 4	<naõ>	Til deslocado
2, 1744, 1r, l. 14	<Cidadeaõ>	Til deslocado
3, 1761, 7v, l. 23	<tabelliaõ>	Til deslocado
4, 1800, 1v, l. 32	<vestiraõ>	Til deslocado

Consideramos deslocados por não estarem sobre a primeira vogal do ditongo nasal ou do encontro vocálico. A mesma denominação foi dada para os casos em que há agudo ou circunflexo, cuja localização está sobre a segunda vogal do ditongo

Para os casos em que o diacrítico foi inserido sobre a primeira vogal do ditongo, denominados com o nome do sinal gráfico localizado. São exemplos dessas ocorrências <forão> (doc. 3, 1761, 1v, linha 5) e <não> (doc. 3, 1761, 1v, linha 5) cujo sinal diacrítico é o til.

Quadro 8 - Exemplificação de til

Localização	Vocabulo	Diacrítico
3, 1761, 1v, l. 5	<não>	Til
3, 1761, 1v, l. 5	<forão>	Til
5, 1833, 3v, l. 33	<Escrivão>	Til

Ainda no fac-símile de 1695 encontramos o circunflexo representando a nasalidade também aposto sobre o grafema <a> na segunda posição do encontro vocálico ou última posição da palavra, como pode ser observado em <irmã> e <huã>, o diacrítico não possui as mesmas características.

As características do sinal gráfico são diferentes do diacrítico localizado nas palavras do quadro 7 e, por isso, estabelecemos que as características desse traçado indicam o circunflexo como sinal gráfico das palavras que contenham diacríticos com essa formação.

Quadro 9 - Exemplificação de circunflexo

Localização	Vocabulo	Diacrítico
1, 1695, 2r, l. 21	<huã>	Circunflexo
1, 1695, 2r, l. 21	<Irmã>	Circunflexo
4, 1800, 2r, l. 04	<jã>	Circunflexo
7, 1890, 1v, l. 14	<côr>	Circunflexo

Nomeamos como agudo os diacríticos representados com traço inclinado sobreposto em uma das vogais do ditongo nasal, quando representante da nasalidade, ou sobre as vogais em qualquer posição na palavra. São exemplos de agudo as ocorrências presentes em <huá> (doc 1, 1695, 7v, linha 26), <naó> (doc 2, 1744, 1r, linha 24), <fé> (doc 3, 1761, 1v, linha 5), <é> (doc 7, 1890, 1r, linha 24) e <Jozé> (doc 4, 1800, 5v, linha 38).

Quadro 10: Exemplificação do agudo

Localização	Vocabulo	Diacrítico
1, 1695, 7v, l.26	<huá>	Agudo
2, 1744, 1r, l.24	<naó>	Agudo
3, 1761, 1v, l. 5	<fé>	Agudo
7, 1890, 1r, l. 24	<é>	Agudo
4, 1800, 5v, l. 38	<Jozé>	Agudo

Ressalta-se que a diferenciação estabelecida levou em consideração os traçados de cada punho. Logo, o agudo presente no documento 1 apresentará particularidades em comparação ao traçado do escriba do documento 4, por exemplo. Os mesmos parâmetros também são estabelecidos na classificação dos diacríticos elaborados por um mesmo punho. Tal detalhamento está inserido nos capítulos seguintes, separados por documento.

2.2.1 Documento 1: auto de devassa de 1695 e suas especificidades

O documento 1, elaborado em 1695, apresenta características da escrita de um único punho nas 14 páginas analisadas, mantendo as formas no modo de indicar os diacríticos em toda a devassa.

Manoel Cardoso de Vargas foi o tabelião responsável pela escrita e seu nome aparece ao fim de todos os testemunhos relatados. O traçado é firme, a escrita encadeada e a união entre vocábulos é feita por meio de traçados contínuos, como apresenta a figura 4, nas palavras emolduradas:

Figura 4 - Trecho do documento 01, 4r, linhas 16 a 25

Josedecandia morador nestaVilla deSanta Cruz deSalvador deidade,
 que diseser decorenta esinco Annos **poco** mais omenos data
 Jurada aossantos evangelhos aquemojuiz **hordinário** Mi
 guelPires deuJuramento doqueprometeo dizer verdade doque
 soubeseepreguntado lhefosse yyyepreguntado aelle testemunha
 pelo conteudo no auto dadevasa que toda lhe foi lida e decla
 rada pelo dito juiz disse elletestemunha que doque **preguntado** lhe
 eraque não sabia **nada** ealnão dise adocostumenada esi
 noucomodito juiz euManoelCardoso deVargas tabeliamque
 oescrevy Cruz + JosedaCandia

Abreviaturas estão presentes em todos os fólios desse processo e podemos identificá-las no excerto transcrito da figura 4. Abreviaturas por contração, por suspensão e letras sobreescritas são comuns e citamos <que> (4r, linha 17) <testemunha> (4r, linha 22) e <tabeliam> (4r, linha 24) como as mais utilizadas.

Nesse fac-símile encontramos o til representando a nasalidade, apostro sobre a segunda vogal do ditongo nasal, como em <naõ>, <escrivaõ>, <mataraõ>, <Resorreisaõ>, no entanto, o diacrítico também foi encontrado sobre a segunda vogal do encontro vocálico, como pode

ser observado em <huã>. Vejamos a seguir o quadro 7, que apresenta a relação de todos os vocábulos com diacríticos, que representam a nasalidade.

Os quadros apresentarão, por coluna, a ordenação de todas as palavras mencionadas. A segunda coluna contém a sua localização no documento, que contempla, respectivamente, o número do fac-símile, o ano de sua produção, a página em que a palavra está inserida e a linha. A imagem do vocábulo será apresentada em coluna apartada e, em seguida, o responsável pela escrita, que é nomeado como punho, acompanhado de uma letra que o identifica. Na última coluna apresentamos o tipo de diacrítico identificado.

Nomeamos como til deslocados os diacríticos apostos sobre a segunda vogal do ditongo nasal, como os casos de <escrivaõ>, <Acçaõ>.

Quadro 11 - Ocorrências dos diacríticos agudo, til e circunflexo com a representação da nasalidade

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico
1	1, 1695, 1r, l. 01	Acçaõ		Punho A	Til deslocado
2	1, 1695, 1r, l. 14	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
3	1, 1695, 1r, l. 17	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
4	1, 1695, 1r, l. 18	Huã		Punho A	Til deslocado
5	1, 1695, 1r, l. 20	Hũ		Punho A	Til
6	1, 1695, 1r, l. 23	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
7	1, 1695, 1r, l. 29	Escrivaõ		Punho A	Til
8	1, 1695, 1v, l. 22	Huâ		Punho A	Circunflexo
9	1, 1695, 1v, l. 22	Irmâ		Punho A	Circunflexo
10	1, 1695, 2r, l. 04	Naõ		Punho A	Til deslocado
11	1, 1695, 2r, l. 21	Resorreisaõ		Punho A	Til deslocado

12	1, 1695, 2r, l. 21	Huâ		Punho A	Circunflexo
13	1, 1695, 2r, l. 21	Irmã		Punho A	Circunflexo
14	1, 1695, 2r, l. 23	Naõ		Punho A	Til deslocado
15	1, 1695, 2r, l. 25	Naõ		Punho A	Til deslocado
16	1, 1695, 2v, l. 04	Resorreiaõ		Punho A	Til deslocado
17	1, 1695, 2v, l. 05	Foraõ		Punho A	Til deslocado
18	1, 1695, 2v, l. 23	Resorreiaõ		Punho A	Til deslocado
19	1, 1695, 2v, l. 25	Naõ		Punho A	Til deslocado
20	1, 1695, 3r, l. 02	Mataraõ		Punho A	Til deslocado
21	1, 1695, 3r, l. 02	Naõ		Punho A	Til deslocado
22	1, 1695, 3r, l. 13	Naõ		Punho A	Til deslocado
23	1, 1695, 3r, l. 25	Naõ		Punho A	Til deslocado
24	1, 1695, 3r, l. 26	Naõ		Punho A	Til deslocado
25	1, 1695, 3v, l. 07	Naõ		Punho A	Til deslocado
26	1, 1695, 3v, l. 09	Mataraõ		Punho A	Til deslocado
27	1, 1695, 3v, l. 28	Naõ		Punho A	Til deslocado
28	1, 1695, 4r, l. 11	Naõ		Punho A	Til deslocado
29	1, 1695, 4r, l. 12	Naõ		Punho A	Til deslocado

30	1, 1695, 4r, l. 23	Naõ		Punho A	Til deslocado
31	1, 1695, 4r, l. 23	Naõ		Punho A	Til deslocado
32	1, 1695, 4v, l. 07	Hû		Punho A	Circunflexo
33	1, 1695, 4v, l. 07	Foraõ		Punho A	Til deslocado
34	1, 1695, 4v, l. 09	Resorreisaõ		Punho A	Til deslocado
35	1, 1695, 4v, l. 09	Naõ		Punho A	Til deslocado
36	1, 1695, 4v, l. 10	Naõ		Punho A	Til deslocado
37	1, 1695, 4v, l. 11	Queriaõ		Punho A	Til deslocado
38	1, 1695, 4v, l. 13	Naõ		Punho A	Til deslocado
39	1, 1695, 4v, l. 25	Diseraõ		Punho A	Til deslocado
40	1, 1695, 4v, l. 26	Naõ		Punho A	Til deslocado
41	1, 1695, 5r, l. 01	Naõ		Punho A	Til deslocado
42	1, 1695, 5r, l. 02	Naõ		Punho A	Til deslocado
43	1, 1695, 5r, l. 02	Naõ		Punho A	Til deslocado
44	1, 1695, 5r, l. 02	Não		Punho A	Til deslocado
45	1, 1695, 5r, l. 15	Resorreisaõ		Punho A	Til deslocado
46	1, 1695, 5r, l. 19	Naõ		Punho A	Til deslocado
47	1, 1695, 5r, l. 32	Resorreisaõ		Punho A	Til deslocado

48	1, 1695, 5r, l. 34	Naõ		Punho A	Til deslocado
49	1, 1695, 5v, l. 08	Diseraõ		Punho A	Til deslocado
50	1, 1695, 5v, l. 09	Huâ		Punho A	Circunflexo
51	1, 1695, 5v, l. 10	Calsaõ		Punho A	Til deslocado
52	1, 1695, 5v, l. 10	Gibaõ		Punho A	Til deslocado
53	1, 1695, 5v, l. 11	Resorreisaõ		Punho A	Til deslocado
54	1, 1695, 5v, l. 12	Naõ		Punho A	Til deslocado
55	1, 1695, 5v, l. 13	Naõ		Punho A	Til deslocado
56	1, 1695, 6r, l.01	Naõ		Punho A	Til deslocado
57	1, 1695, 6r, l.03	Naõ		Punho A	Til deslocado
58	1, 1695, 6r,l.04	Naõ		Punho A	Til deslocado
59	1, 1695, 6r,l.16	Naõ		Punho A	Til deslocado
60	1, 1695, 6v, l.09	Naõ		Punho A	Til deslocado
61	1, 1695, 6v,l.13	Sebastiaõ		Punho A	Til deslocado
62	1, 1695, 6v,l.22	Naõ		Punho A	Til deslocado
63	1, 1695, 7r, l.02	Naõ		Punho A	Til deslocado
64	1, 1695, 7r, l.17	Andavaõ		Punho A	Til deslocado

65	1, 1695, 7r, l.19	Naõ		Punho A	Til deslocado
66	1, 1695, 7v, l.01	Resorreisaõ		Punho A	Til deslocado
67	1, 1695, 7v, l. 12	Mataraõ		Punho A	Til deslocado
68	1, 1695, 7v, l.12	Naõ		Punho A	Til deslocado
69	1, 1695, 7v, l.26	Huá		Punho A	Agudo
70	1, 1695, 7v, l.27	Ressorreisaõ		Punho A	Til deslocado
71	1, 1695, 4v, l. 09	Naõ		Punho A	Til deslocado
72	1, 1695, 7v, l.28	Naõ		Punho A	Til deslocado

O quadro 12 apresenta os vocábulos que apresentam o agudo como forma de representação da tonicidade.

Quadro 12 - Ocorrências dos diacríticos agudo representa a tonicidade

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico
1	01, 1695, 1r, l. 20	Hordinário		Punho A	Agudo
2	01, 1695, 4v, l. 9	Dirá		Punho A	Agudo

Em uma análise preliminar, supomos que o diacrítico apostro sobre as vogais <a> e <u>, em <Irmã> (1v, linhas 6 e 22) e <hũ> (4v, linha 7) do quadro 7 fosse o circunflexo e mantivemos a referida menção ao diacrítico. Após analisar o traçado do escriba as ocorrências <huã> (1r, linha 17), e <hũ> (1r, linha 19) supomos que a marcação aposta sobre as vogais remete ao uso do til, uma vez que o escriba aproveitava o traçado de final de palavra, elaborando o diacrítico a partir da extensão da última letra da vogal, como em <escrivão> (1r, linha 22). O vocábulo <hũ> (1r, linha 19) ilustra essa característica, pois o autor prolonga a cauda do <u> sobre a vogal, remetendo ao uso de um diacrítico, semelhante ao que fizera em <escrivão> (1r, linha 16) e <naõ> (4v, linha 9).

Ao compararmos o uso do til em <hũ> (4v, linha 7) ao uso empregado em <huã> (1v, linha 22), em que o diacrítico suprime o uso da consoante nasal entre vogais, verificamos a similaridade no traçado do sinal gráfico em ambos os casos, ou seja, a nasalidade é comum nos vocábulos huã, hũ, irmã, que apresentam o mesmo diacrítico apostado sobre as vogais.

Podemos identificar essa diferenciação ao analisar o traçado em texto, como é apresentado no quadro 13.

Quadro 13: comparação entre as incidências do diacrítico til.

Localização	01, 1695, 4v, linha 07	01, 1695, 1r, linha 19	01, 1695, 1r, linha 16	01, 1695, 4v, linha 09
Vocabulo
	<hũ>	<hũ>	<escrivaõ>	<naõ>

Esse quadro exhibe o prolongamento da vogal ao final de palavra, que, ao que se apresenta, ocorre somente quando da existência do diacrítico na última sílaba. A figura 5 traz ocorrências similares inseridas no contexto do processo.

Figura 5: Trecho do documento 01, 7v, linhas 25 a 30

que o defunto Amaro Pires estava morto napraIa embrulha
docom huá corda pela sintura eoutra pela Boca equeuo uvi
radizer que Jozeph Roiz estava na Resorreisaõ oque aodepo
iz se fora com o Banquetedos Ofertorio ealnaõ dise odecostume

Nesse trecho, há duas ocorrências de diacríticos em diferentes situações: em <huá> (7v, linha 26) e <naõ> (7v, linha 28). <Huá> (7v, linha 26) apresenta um sinal ~~risea~~, que se assemelha a um agudo sobre a última vogal do ditongo decrescente, mas, ao contrário de <naõ> (7v, linha 28), a cauda da vogal não se prolonga sobre ela para realizar o diacrítico. Isso ocorre pela agilidade da escrita, além do traçado do escriba. Já para a vogal <a> não houve essa possibilidade, nem em <huá> como em <irmã> (1v, linha 22). No último caso, o diacrítico com aspecto curvo mais se assemelha a um circunflexo do que ao til.

Como inferimos que os diacríticos apostos sobre o <a> em ambos os casos não são o agudo e o circunflexo, respectivamente? Devido à característica do diacrítico empregado

sobre a vogal <a> e a função que o sinal exercia no vocábulo. Em <huá> e <irmã> verificamos a função nasal dos diacríticos, pois o primeiro apresenta um sinal semelhante ao acento agudo, agindo como marca de nasalidade e supressão da consoante nasal intervocálica. Os diferentes formatos para <huá> remetem à existência de alografias para o til, conforme sugerido no quadro 14.

Quadro 14: huá e o diacrítico

Localiza- ção	01, 1695, 1r, l. 17	01, 1695, 1v, l. 22	01, 1695, 2r, l. 21	01, 1695, 5v, l. 09	01, 1695, 7v, l.26
Vocábulo	<Huã>	<huãIrmã>	<huã>	<huã>	<huã>

Embora o punho seja único, percebemos a mudança de traçado na feitura do diacrítico que, inicialmente, apresenta-se como uma risca sobre o <a> e posteriormente assume formato curvo.

Ainda, em comparação ao diacrítico apostro sobre <huá>, especialmente, o localizado em 7v, linha 26 e o sintagma <dirá> (4v, linha 9) constata-se a similaridade entre os traçados.

Quadro 15: Comparativo entre <huá> e <dirá>

Localização	01, 1695, 7v, l.26	01, 1695, 4v, l. 09
Vocábulo	<huá>	<dirá>

Apesar da semelhança, a função de ambos os sinais é diferente: o primeiro diacrítico empregado em <huá> marca a nasalidade e o segundo apresentado em <dirá> representa a tonicidade silábica, como ocorre em <hordinário> (1r, linha 20).

2.2.2 Documento 2: Auto de devassa de 1744

O auto de devassa de 1744, lavrado na vila da Ponte de Sorocaba, apresenta escrita processada. A agilidade, como no documento anterior, torna-se uma das principais características do escriba, promovendo a união entre palavras que será perceptível em todo o documento.

O processo foi corroído por traças e, apesar do trabalho de restauro do Arquivo Público do Estado de São Paulo, a visibilidade e compreensão das partes danificadas são realizadas com dificuldade. Abreviaturas não foram localizadas, embora o tipo de escrita proporcione a redução da escrita.

O documento foi escrito, em sua grande parte, pelo escrivão Miguel Souza da Silva e diversas ocorrências de vocábulos idênticos com escritas distintas, foram identificadas, dentre elas o formato da letra é ligeiramente inclinada para o lado direito. O prolongamento de hastes é comum, assim como o desenho no traçado das letras maiúsculas em início de frase, que se assemelham.

Quadro 16 - Algumas ocorrências comparativas do final nasal

Localização	Vocabulo	Imagem	Incidência
1r, linhas 6, 15, 31; 1v, linhas 2, 10, 24 2r, linhas 02, 28; 3r, linhas 1, 14, 25, 3v, linhas 21, 32; 4r, linha 31 5r, linhas 01, 12	Cidadam		16
2v, linha 14; 3v, linha 10; 4v, linha 1, 34	Cidadaõ		04
2v, linha 11; 4r, linha 29 4v, linhas 9 e 20; 5r, linha 9	Escrivam		05
1r, linhas 14, 25; 1v, linha 33 2r, linhas 13, 36; 2v, linhas 24, 37 3r, linhas 11, 23, 35; 3v, linhas 8, 30 4r, linhas 7, 18; 4v, linhas 31, 41 5v, linhas 22, 33	Escrivaõ		14
1r, linhas 9, 35; 2r, linha 6 2v, linha 18; 3r, linhas 17, 25 4r, linha 1; 4v, linha 14, 37 5r, linha 4, 26; 5v, linha 04, 27	Mam		13
1v, linha 28; 2r, linhas 19, 30 2v, linhas 6 e 36; 3r, linhas 5, 29 4r, linha 35; 5r, linhas 14, 36	Maó		10

As variações na representação da nasalidade, ao localizarmos ocorrências como <maó> (1v, linha 28) e <mam> (2r, linha 6) ocorrem no uso do agudo com a função de nasalidade, e isso pôde ser confirmado ao identificarmos, no mesmo documento, a

representação da nasalidade pela consoante nasal em final de palavra, como em <mam>. Outra variedade de escrita foi localizada em vocábulos, ora apresentando-se com <ss> ou <c> como em <devassa> e <devaca>. Em primeira análise, verificou-se os punhos e se as ocorrências não foram elaboradas por escribas distintos. Concluímos que a escrita pertencia ao mesmo punho, a partir dos seguintes aspectos:

- a mesma característica na união das palavras, como em <Sanctosevangelhos em quepoz Suamam>;
- mesmo traçado para o grafema <m> em início de palavra como em <mam> presentes em 3v, linha 17, figura 6; 3v, linha 5, figura 7 e 3v, linha 29, figura 8.
- Como ocorre em Cidadam, há casos de maiúscula, iniciando palavra em meio de frase, como encontrado nas linhas 1, 14 e 25, respectivamente, nas figuras 7, 6 e 8.
- a semelhança do traçado na finalização de palavras e prolongamento da vogal <o> sobre si mesma, dando origem ao acento nasal, como em <cidadeõ> e <escrivaõ> localizado em 2r, linha 16.
- a semelhança do traço dos diacríticos apostos nos monossílabos <maó> (1v, linha 28) e <naó> (2r, linha 13): uma risca inclinada sobre a vogal <o>, sem sinuosidade ou união com a vogal relacionada.

Como critério, optamos por representar o diacrítico presente nessas palavras como agudo, embora sua função seja a representação da nasalidade.

Figura 6: Trecho do documento 2, linhas 14 a 19, fólio 3v

Pedro Lemes de Costa Cidadam emorador des
tavilla de Idade que disse Ser devinte e trs
annos pouco mais ou menos testemunha jurada
aos Sanctosevangelhos em quepoz Suamam
direita e prometeo dizer verdadedo que Sou
besse e preguntado lhe fosse

Figura 7: Trecho do documento 2, linhas 01 a 07, fólio 3v

Antonio Leme de Anhaya cidadam conser-
vador de [ilegível] deidade quedisse ser
de vinteequatro annos pocomaisome
nos testemunhajuradaaos sanctos evan
gelhos emquepozsuamaó direitaepro-
meteo dizerverdade doquiesoubesse epre
guntado lhefosse

Figura 8: Trecho do documento 2, linhas 25 a 31, fólio 3v

Joam de Almeida de Abreu cidadam emo-
rador destavilla deidadequedissesser de
trintaetrezannos poucomais ou menos teste
munhajurada aos Santos evangelhos em
quepozSua maó direita eprometeo dizer
verdade doquesoubeseepreguntado lhe
fosse

As figuras 6, 7 e 8 apresentam fórmulas padrões, mas são representadas com grafias diferentes. Não localizamos indícios que expliquem a motivação do escriba para utilização do diacrítico agudo em detrimento do til nos monossílabos <maó> e <naó>. As dez ocorrências de <maó> contrastam com as oito ocorrências de <mam> e, além disso, há outro caso em que o agudo é utilizado como forma de representar a ausência da consoante nasal. A palavra <alguá> apresenta o uso do agudo para representar a supressão da consoante nasal <m>. Reservaremos a esse capítulo apenas a crítica paleográfica, deixando para o capítulo 4.3 as observações referentes a esse tópico.

Quadro 17 - Vocábulos com diacríticos que representam a nasalidade no documento 2, de 1744

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico ou representação da nasalidade
1	2, 1744, 1r, l.13	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
2	2, 1744, 1r, l.24	Naó		Punho A	Agudo
3	2, 1744, 1r, l.25	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
4	2, 1744, 1v, l.34	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
5	2, 1744, 2r, l.06	Mam		Punho A	Consoante nasal
6	2, 1744, 2r, l.13	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
7	2, 1744, 2r, l.16	Cidadão		Punho A	Til deslocado
8	2, 1744, 2r, l.19	Maó		Punho A	Agudo
9	2, 1744, 2r, l.27	Capitam		Punho A	Consoante nasal
10	2, 1744, 2r, l.28	Cidadam		Punho A	Consoante nasal
11	2, 1744, 2r, l.30	Maó		Punho A	Agudo
12	2, 1744, 2r, l.36	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
13	2, 1744, 2v, l.6	Maó		Punho A	Agudo
14	2, 1744, 2v, l.24	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
15	2, 1744, 2v, l.32	Maó		Punho A	Agudo
16	2, 1744, 2v, l.37	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado

17	2, 1744, 3r, l. 01	Cidadam		Punho A	Consoante nasal
18	2, 1744, 3r, l. 5	Maó		Punho A	Agudo
19	2, 1744, 3r, l. 11	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
20	2, 1744, 3r, l. 14	Cidadam		Punho A	Consoante nasal
21	2, 1744, 3r, l. 17	Mam		Punho A	Consoante nasal
22	2, 1744, 3r, l. 23	Escrivaõ		Punho A	Tol deslocado
23	2, 1744, 3r, l. 25	Cidadam		Punho A	Consoante nasal
24	2, 1744, 3r, l. 29	Maó		Punho A	Agudo
25	2, 1744, 3r, l. 35	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
26	2, 1744, 3v, l. 09	Cidadaõ		Punho A	Til deslocado
27	2, 1744, 3v, l. 13	Maó		Punho A	Agudo
28	2, 1744, 3v, l. 20	Cidadam		Punho A	Consoante nasal
29	2, 1744, 3v, l. 31	Cidadam		Punho A	Consoante nasal
30	2, 1744, 4r, l. 18	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
31	2, 1744, 4r, l. 23	Maõ		Punho A	Til deslocado
32	2, 1744, 4r, l. 29	Escrivam		Punho A	Consoante nasal
33	2, 1744, 4r, l. 31	Cidadam		Punho A	Consoante nasal
34	2, 1744, 4r, l. 35	Maó		Punho A	Agudo

35	2, 1744, 4v, l. 01	Cidadaõ		Punho A	Til deslocado
36	2, 1744, 4v, l. 03	Maõ		Punho A	Til deslocado
37	2, 1744, 4v, l.09	Escrivam		Punho A	Consoante nasal
38	2, 1744, 4v, l.11	Cidadam		Punho A	Consoante nasal
39	2, 1744, 4v, l.14	Mam		Punho A	Consoante nasal
40	2, 1744, 4v, l. 20	Escrivam		Punho A	Consoante nasal
41	2, 1744, 4v, l. 22	Cidadam		Punho A	Consoante nasal
42	2, 1744, 4v, l. 26	Maõ		Punho A	Til deslocado
43	2, 1744, 4v, l. 31	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
44	2, 1744, 4v, l.34	Cidadaõ		Punho A	Til deslocado
45	2, 1744, 4v, l. 41	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
46	2, 1744, 5r, l. 01	Cidadam		Punho A	Consoante nasal
47	2, 1744, 5r, l. 04	Mam		Punho A	Consoante nasal
48	2, 1744, 5r, l. 09	Escrivam		Punho A	Consoante nasal
49	2, 1744, 5r, l. 12	Cidadam		Punho A	Consoante nasal
50	2, 1744, 5r, l. 14	Maó		Punho A	Agudo
51	2, 1744, 5r, l. 26	Mam		Punho A	Consoante nasal
52	2, 1744, 5r, l. 36	Maó		Punho A	Agudo

53	2, 1744, 5v, l. 04	Mam		Punho A	Consoante nasal
54	2, 1744, 5v, l. 10	Escrivam		Punho A	Consoante nasal
55	2, 1744, 5v, l. 17	Maó		Punho A	Agudo
56	2, 1744, 5v, l. 26	Mam		Punho A	Consoante nasal
57	2, 1744, 5v, l. 33	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
58	2, 1744, 6r, l. 02	Naõ		Punho B	Til deslocado
59	2, 1744, 6r, l. 03	Alguá		Punho B	Agudo

Há poucas palavras elaboradas por um segundo escriba e estão presentes ao final do documento. Nesse trecho encontramos <naõ> e <alguá> que, apesar de possuírem diacríticos diferentes (til e agudo) ambos têm a mesma função – representação da nasalidade. Em <naõ>, observamos o prolongamento da vogal final, o que não ocorre em <alguá> em que o grafema <m> é representado pelo diacrítico agudo apostado sobre <a>.

2.2.3 Documento 3: Autos de devassa de 1761 da Villa de Sorocaba

O documento 3, elaborado no ano de 1761, possui um único traçado, que supostamente pertence ao tabelião Vicente dos Santos Chagas, citado ao fim de todos os testemunhos.

Diferentemente do apresentado no documento 2, elaborado 17 anos antes, o manuscrito não apresenta ocorrências em que a nasalidade é representada alternadamente entre o diacrítico e o grafema <m>. As situações em que o diacrítico foi apostado perpetuaram-se no decorrer de todo o processo, demonstrando uma regularidade na escrita do tabelião.

Confirmamos a autoria de um único punho a partir da análise da similaridade da escrita, após verificar o traçado de letras semelhantes, como é o caso dos grafemas <m> e <n>, além do diacrítico apostado nos vocábulo <mão> e <não>, cujo sinal gráfico configura-se como uma risca com leve curvatura, aposta sobre o ditongo destes monossílabos, como detalhado no quadro 18.

Quadro 18: Ocorrências de aposição do til sobre <mão> e <não>

Localização	Vocábulo	Imagem	Incidência
2r, linha 20 2v, linha 20 3r, linhas 06, 23 4r, linhas 05, 26 4v, linhas 06, 23 5v, linhas 07, 31 6r, linha 18 7r, linhas 14, 32 7v, linhas 14, 32 8r, linha 17 8v, linhas 13, 31 9r, linhas 11, 30 9v, linhas 11, 32 10v, linhas 14, 30, 35	Mão		25
1v, linhas 05, 07 4r, linhas 33, 34 4v, linha 34 5r, linha 07 5v, linhas 18, 19 6r, linhas 06, 27, 28 6v, linhas 02, 15 9v, linha 20 10r, linhas 07, 08	Não		16

Na figura 9, há três ocorrências de nasalidade, mas a marcação do diacrítico é diferenciada em todas, em especial, na palavra <tabelião>. Nesse vocábulo, a marcação de

nasalidade é representada por uma extensão da última vogal e, em todo o documento, não encontramos outros tipos de grafia para esse sintagma.

Figura 9: excerto do documento 03, fólio 4r, linhas 29 a 39.

Eperguntalho elle Testemunha
pello conteudo no auto destadevassa[corroído]
toda lhefoy lidaedeclarada pello di
to Juis Dice Sabia poraSim ouvir di
zer Sefizera atalmortaemais não Sabia
quem omais não diceolido eoSeu Jura
mento oSignou com odito Juis eeuVi
centedosSantos Chaves Tabelliaõ que
oescrevy.

Em observação ao traçado do grafema <f>, as similaridades são observadas no prolongamento da haste, bem como no traçado do <r>, cuja haste superior é uma continuidade da sílaba <fo>. Em ambas as ocorrências, o ditongo nasal não possui ligação com o radical da palavra.

Exemplificamos, no quadro 19, ocorrências dos vocábulos <forão> e <tabelliaõ> em dois momentos distintos, mas similares, nos quais constatamos a alografia ao final da sílaba.

Quadro 19 - Diferentes traçados do diacrítico til em <forão>

Localização	03, 1761, 2r, linha 9	03, 1761, 5r, linha 25
Vocábulo	<forão>	<forão>
Localização	03, 1761, 2r, linha 6	03, 1761, 5r, linha 27
Vocábulo	<tabelliaõ>	<tabelliaõ>

Outras ocorrências nos apontam para o emprego do agudo em palavras como <fé> (1v, linha 5), <só> (4v, linha 35). O traçado do diacrítico nestes vocábulos é diferente do empregado nos ditongos nasais. No quadro 20, a primeira coluna traz um vocábulo em que há

representação da nasalidade, enquanto a segunda e terceira colunas apresentam vocábulos com o agudo, para que possamos realizar melhor a comparação entre os traços. Observa-se a diferença de traçado do diacrítico, uma vez que se apresenta mais curto e reto, no caso da marcação da tonicidade, como uma pequena risca sobre a tônica.

Quadro 20: comparativo entre til e agudo

Localização	3, 1761, 3r, linha 6	3, 1761, 1v, linha 5	3, 1761, 4v, linha 35
Vocábulo	<mão>	<fé>	<só>

O quadro a seguir apresenta a relação de todos os vocábulos presentes no documento 3. De todas as ocorrências, destacamos apenas dois vocábulos com agudo, que representam a tonicidade, sendo noventa e duas palavras com o til, representadas por diferentes traçados. A primeira coluna é reservada à ordem sequencial. A segunda coluna apresenta os dados documentais, com número do documento, o ano da escrita, a página e linha em que o vocábulo está.

Quadro 21 - Diacríticos com função de nasalidade, de 1761

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico ou consoante que representa a nasalidade
1	03, 1761, 1r, l. 23	Averiguação		Punho A	Til deslocado
2	03, 1761, 1r, l. 29	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
3	03, 1761, 1v, l. 01	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
4	03, 1761, 1v, l. 5	Não		Punho A	Til
5	03, 1761, 1v, l. 7	Não		Punho A	Til
6	03, 1761, 2r, l. 6	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
7	03, 1761, 2r, l. 9	Forão		Punho A	Til
8	03, 1761, 2r, l. 13	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
9	03, 1761, 2r, l. 20	Mão		Punho A	Til
10	03, 1761, 2v, l. 11	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
11	03, 1761, 2v, l. 20	Mão		Punho A	Til

12	03, 1761, 3r, l. 06	Mão		Punho A	Til
13	03, 1761, 3r, l. 15	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
14	03, 1761, 3r, l. 23	Mão		Punho A	Til
15	03, 1761, 3r, l. 33	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
16	03, 1761, 3v, l. 06	Mão		Punho A	Til
17	03, 1761, 3v, l. 14	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
18	03, 1761, 3v, l. 23	Mão		Punho A	Til
19	03, 1761, 3v, l. 32	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
20	03, 1761, 4r, l. 05	Mão		Punho A	Til
21	03, 1761, 4r, l. 14	Não		Punho A	Til
22	03, 1761, 4r, l. 15	Não		Punho A	Til
23	03, 1761, 4r, l. 36	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
24	03, 1761, 4r, l. 26	Mão		Punho A	Til
25	03, 1761, 4r, l. 33	Não		Punho A	Til
26	03, 1761, 4r, l. 34	Não		Punho A	Til
27	03, 1761, 4r, l. 18	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
28	03, 1761, 4v, l. 06	Mão		Punho A	Til
29	03, 1761, 4v, l. 15	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
30	03, 1761, 4v, l. 23	Mão		Punho A	Til
31	03, 1761, 4v, l. 32	Haviaõ		Punho A	Til deslocado
32	03, 1761, 4v, l. 34	Não		Punho A	Til
33	03, 1761, 5r, l. 07	Mão		Punho A	Til
34	03, 1761, 5r, l. 16	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
35	03, 1761, 5r, l. 24	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
36	03, 1761, 5r, l. 25	Foraõ		Punho A	Til deslocado

37	03, 1761, 5r, l. 27	Foraõ		Punho A	Til deslocado
38	03, 1761, 5r, l. 31	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
39	03, 1761, 5v, l. 07	Maõ		Punho A	Grave deslocado
40	03, 1761, 5v, l. 15	Ribeyraõ		Punho A	Til
41	03, 1761, 5v, l. 18	Não		Punho A	Til
42	03, 1761, 5v, l. 19	Não		Punho A	Til
43	03, 1761, 5v, l. 31	Mão		Punho A	Til
44	03, 1761, 6r, l. 06	Não		Punho A	Til
45	03, 1761, 6r, l. 09	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
46	03, 1761, 6r, l. 18	Mão		Punho A	Til
47	03, 1761, 6r, l. 27	Não		Punho A	Til
48	03, 1761, 6r, l. 28	Naõ		Punho A	Til
49	03, 1761, 6v, l. 02	Maõ		Punho A	Til
50	03, 1761, 6v, l. 13	Naõ		Punho A	Til deslocado
51	03, 1761, 6v, l. 15	Não		Punho A	Til
52	03, 1761, 6v, l. 18	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
53	03, 1761, 6v, l. 31	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
54	03, 1761, 6v, l. 36	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
55	03, 1761, 7r, l. 05	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
56	03, 1761, 7r, l. 14	Mão		Punho A	Til
57	03, 1761, 7r, l. 23	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
58	03, 1761, 7r, l. 32	Mão		Punho A	Til
59	03, 1761, 7v, l. 14	Mão		Punho A	Til
60	03, 1761, 7v, l. 23	tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
61	03, 1761, 7v, l. 32	Mão		Punho A	Til
62	03, 1761, 8r, l. 09	tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
63	03, 1761, 8r, l. 17	Mão		Punho A	Til

64	03, 1761, 8r, l. 26	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
65	03, 1761, 8v, l. 03	Forão		Punho A	Til
66	03, 1761, 8v, l. 07	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
67	03, 1761, 8v, l. 13	Maõ		Punho A	Til deslocado
68	03, 1761, 8v, l. 22	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
69	03, 1761, 8v, l. 31	Mão		Punho A	Til
70	03, 1761, 9r, l. 11	Mão		Punho A	Til
71	03, 1761, 9r, l. 22	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
72	03, 1761, 9r, l. 26	Sam		Punho A	Consoante nasal
73	03, 1761, 9r, l. 30	Mão		Punho A	Til
74	03, 1761, 9v, l. 03	tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
75	03, 1761, 9v, l. 11	Mão		Punho A	Til
76	03, 1761, 9v, l. 20	Não		Punho A	Til
77	03, 1761, 9v, l. 23	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
78	03, 1761, 9v, l. 32	Mão		Punho A	Til
79	03, 1761, 10r, l. 07	Não		Punho A	Til
80	03, 1761, 10r, l. 08	Não		Punho A	Til
81	03, 1761, 10r, l. 35	Mão		Punho A	Til
82	03, 1761, 10v, l. 06	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
83	03, 1761, 10v, l. 10	Sam		Punho A	Consoante nasal
84	03, 1761, 10v, l. 14	Mão		Punho A	Til
85	03, 1761, 10v, l. 30	Mão		Punho A	Til
86	03, 1761, 11r, l. 24	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado
87	03, 1761, 11r, l. 30	Tabelliaõ		Punho A	Til deslocado

Localizamos também diacríticos com a função de marcar a tonicidade. O único sinal gráfico encontrado no *corpus* com essa função foi o agudo⁶. O quadro 22 apresenta os vocábulos, bem como a sua localização no documento.

Quadro 22 - Diacríticos com função de tonicidade, de 1761

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico
1	03, 1761, 4v, l. 35	Só		Punho A	Agudo
2	03, 1761, 1v, l. 5	Fé		Punho A	Agudo

2.2.4 Documento 4: Auto de devassa de 1800 da Villa de Sorocaba

O documento 4 foi elaborado em 1800 e relata o assassinato de Ignacio Vaz de Oliveira e o ferimento feito em seu filho, José Joaquim de Oliveira. O juiz responsável pelo julgamento da causa foi Jose Manuel de Oliveira Francisco, e a transcrição dos testemunhos foi realizada pelo tabelião Antonio Ferreira de Faria.

O manuscrito foi elaborado, em grande parte, por um punho. O segundo punho aparece no fôlio 11r e pertence a Almeida e, como documento 2, não identificamos regularidade na aplicação dos diacríticos. Os ditongos nasais são apresentados ora com til, ora com a consoante nasal <m>, como vemos em <maõ> e <mam>.

Existem casos em que há palavras iniciadas em vogais orais e nasais tônicas como <hera>, <hum> e <húa>, que, além do grafema <h>, apresentam o diacrítico apostro sobre o ditongo <ua> em todas as suas aparições.

Diferentemente dos outros documentos, não localizamos uma mudança no traçado entre os diacríticos apostos sobre os ditongos nasais e constatamos isso ao perceber a similaridade do sinal apostro em <maó -

Diante disso, encontramos similaridade entre o agudo e o til, pois em de <húa> há a supressão do grafema <m> e uso do diacrítico. Além disso a função dos sinais apostos em <maõ> e <hũa> é o de representar a nasalidade.

⁶ As vogais nasais correspondem à tonicidade da palavra, entretanto, nesses casos só é marcada a nasalidade pelo diacrítico.

Quadro 23 : Ocorrências de vocábulos com a aplicação de consoantes e de diacríticos em um mesmo vocábulo

Localização	Vocábulo	Imagem	Incidência
1v, linha 16; 2r, linha 25, 2v, linha 22, 3r, linha 08; 3v, linhas 21 e 41; 4r, linha 16; 5r, linha 22; 5v, linha 18; 6v, linhas 13 e 33; 7r, linha 13; 7v, linhas 08 e 46; 8r, linha 43	Mam		15
1r, linha 28; 5v, linha 47; 8r, linha 19;	Maõ		03
1r, linha 19; 2v, linha 10 e 43; 3r, linha 29; 3v, linhas 09 e 29; 4r, linha 28; 4v, linha 13 e 38; 5r, linha 14; 6v, linha 23 7r, linha 03; 7v, linha 35; 8r, linha 09	Tabeliam		14
6r, linha 18; 5v, linha 07	Tabeliaõ		02
2v, linha 08; 3v, linha 24; 6v, linha 38; 7r, linha 01; 7v, linha 21 e 48; 8r, linha 02.	Huma		07
2r, linha 12; 5v, linha 34, 6r, linha 10; 6v, linha 40, 7r, linha 34.	Hũa		07
5v, linha 22	Ocaziam		01
1v, linha 29; 3r, linha 39; 4v, linha 30 e 34	Ocaziaõ		04

O traçado do til em palavras como <oCasiaõ> , <entraraõ>, , <queriaõ>, , <viraõ>, , remete à diferenciação, verificada nos vocábulos do documento 1, pois a curvatura do diacrítico não deixa dúvidas quanto à sua funcionalidade e de que não se trata de um agudo. Essa certeza não pode ser facilmente identificada em <maõ> e <hũa> , por exemplo, embora tenhamos concluído que o sinal apostro nos dois casos seja o til. Diante da variedade de traçados e da similaridade das funções identificamos a alografia⁷ desse diacrítico.

A primeira ocorrência clara de uso do circunflexo aparece nesse documento, pois o diacrítico do manuscrito de 1695 – documento 1 - embora se assemelhe ao circunflexo, deixa-

⁷ Como alográfico, cuja definição está presente no capítulo 2, subcapítulo 2.2.

nos na dúvida, devido às diferentes funções apresentadas pelo sinal apostro sobre os vocábulos <hũ> e <irmã>.

Aqui o circunflexo ocorre em <jâ -

Quadro 24: Vocábulos com diacríticos com a função de nasalidade no documento de 1800

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico ou consoante nasal
01	4, 1800, 1r, l. 16	Sam		Punho A	Consoante nasal
02	4, 1800, 1r, l. 18	Sam		Punho A	Consoante nasal
03	4, 1800, 1r, l. 20	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
04	4, 1800, 1r, l. 29	Maõ		Punho A	Til deslocado
05	4, 1800, 1r, l. 34	Hum		Punho A	Consoante nasal
06	4, 1800, 1r, l. 35	Fizeraõ		Punho A	Til deslocado
07	4, 1800, 1r, l. 38	Joaõ		Punho A	Til deslocado
08	4, 1800, 1r, l. 42	Joaõ		Punho A	Til deslocado
09	4, 1800, 1r, l. 35	Algodam		Punho A	Consoante Nasal
10	4, 1800, 1v, l. 01	Naõ		Punho A	Til deslocado
11	4, 1800, 1v, l. 16	Mam		Punho A	Consoante nasal
12	4, 1800, 1v, l. 24	Faziaõ		Punho A	Til deslocado
13	4, 1800, 1v, l. 25	Algodom		Punho A	Consoante nasal
14	4, 1800, 1v, l. 26	Joaõ		Punho A	Til deslocado
15	4, 1800, 1v, l. 29	oCaziaõ		Punho A	Til deslocado
16	4, 1800, 1v, l. 30	Joaõ		Punho A	Til deslocado

17	4, 1800, 1v, l. 32	Emtraraõ		Punho A	Til deslocado
18	4, 1800, 1v, l. 35	Joaõ		Punho A	Til deslocado
19	4, 1800, 1v, l. 37	Vestiraõ		Punho A	Til deslocado
20	4, 1800, 1v, l. 38	Huãs		Punho A	Til deslocado
21	4, 1800, 1v, l. 40	Naõ		Punho A	Til deslocado
22	4, 1800, 2r, l. 04	Queiraõ		Punho A	Til deslocado
23	4, 1800, 2r, l. 07	Naõ		Punho A	Til deslocado
24	4, 1800, 2r, l. 09	Naõ		Punho A	Til deslocado
25	4, 1800, 2r, l. 12	Hũa		Punho A	Til
26	4, 1800, 2r, l. 12	Naõ		Punho A	Til deslocado
27	4, 1800, 2r, l. 25	Mam		Punho A	Consoante nasal
28	4, 1800, 2r, l. 32	Hum		Punho A	Consoante nasal
29	4, 1800, 2r, l. 36	Emvesteraõ		Punho A	Til deslocado
30	4, 1800, 2r, l. 36	Joaõ		Punho A	Til deslocado
31	4, 1800, 2r, l. 39, 41	Joaõ		Punho A	Til deslocado
32	4, 1800, 2r, l. 40	Irmaõ		Punho A	Til deslocado
33	4, 1800, 2r, l. 40	Foraõ		Punho A	Til deslocado
34	4, 1800, 2v, l. 01, 04	Joaõ		Punho A	Til deslocado
35	4, 1800, 2r, l. 06, 36, 37	Naõ		Punho A	Til deslocado
36	4, 1800, 2v, l. 08	Huma		Punho A	Consoante nasal
37	4, 1800, 2v, l. 10	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
38	4, 1800, 2v, l.22	Mam		Punho A	Consoante nasal

39	4, 1800, 2v, l. 37	Naõ		Punho A	Til deslocado
40	4, 1800, 2v, l. 43	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
41	4, 1800, 2v, l. 32	Joaõ		Punho A	Til deslocado
42	4, 1800, 2v, l.36	Não		Punho A	Til deslocado
43	4, 1800, 2v, l. 41	Naõ		Punho A	Til deslocado
44	4, 1800, 3r, l. 08	Mam		Punho A	Consoante nasal
45	4, 1800, 3r, l. 07	Hum		Punho A	Consoante nasal
46	4, 1800, 3r, l. 09	Acharaõ		Punho A	Til deslocado
47	4, 1800, 3r, l. 12	Joaõ		Punho A	Til deslocado
48	4, 1800, 3r, l.14	Rezoins		Punho A	Consoante nasal
49	4, 1800, 3r, l. 15	Joaõ		Punho A	Til deslocado
50	4, 1800, 3r, l. 17	Joaõ		Punho A	Til deslocado
51	4, 1800, 3r, l. 22	Acharaõ		Punho A	Til deslocado
52	4, 1800, 3r, l. 27	Naõ		Punho A	Til deslocado
53	4, 1800, 3r, l. 29	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
54	4, 1800, 3r, l. 39	Naõ		Punho A	Til deslocado
55	4, 1800, 3r, l. 39	Ocaziaõ		Punho A	Til deslocado
56	4, 1800, 3r, l. 41	Joaõ		Punho A	Til deslocado
57	4, 1800, 3v, l. 04	Naõ		Punho A	Til deslocado
58	4, 1800, 3v, l. 09	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
59	4, 1800, 3v, l. 21	Mam		Punho A	Consoante nasal
60	4, 1800, 3v, l. 22, l. 24	Joaõ		Punho A	Til deslocado

61	4, 1800, 3v, l. 29	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
62	4, 1800, 3v, l. 41	Mam		Punho A	Consoante nasal
63	4, 1800, 3v, l. 42	Joaõ		Punho A	Til deslocado
64	4, 1800, 3v, l. 49	Naõ		Punho A	Til deslocado
65	4, 1800, 3v, l. 22 ^a	Joaõ		Punho A	Til deslocado
66	4, 1800, 3v, l. 24	Huma		Punho A	Consoante nasal
67	4, 1800, 4r, l. 15	Hum		Punho A	Consoante nasal
68	4, 1800, 4r, l. 16	Mam		Punho A	Consoante nasal
69	4, 1800, 4r, l. 18	Joaõ		Punho A	Til deslocado
70	4, 1800, 4r, l. 21	Joaõ		Punho A	Til deslocado
71	4, 1800, 4r, l. 24	Naõ		Punho A	Til deslocado
72	4, 1800, 4r, l. 28	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
73	4, 1800, 4r, l. 39	Mam		Punho A	Consoante nasal
74	4, 1800, 4v, l. 05	Joaõ		Punho A	Til deslocado
75	4, 1800, 4v, l. 06	Hum		Punho A	Consoante nasal
76	4, 1800, 4v, l. 08	Naõ		Punho A	Til deslocado
77	4, 1800, 4v, l. 11	Naõ		Punho A	Til deslocado
78	4, 1800, 4v, l. 13	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
79	4, 1800, 4v, l. 30, 34	oCaziaõ		Punho A	Til deslocado
80	4, 1800, 4v, l. 32, 36	Naõ		Punho A	Til deslocado
81	4, 1800, 4v, l. 38	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
82	4, 1800, 5r, l. 03	Escrivam		Punho A	Consoante nasal
83	4, 1800, 5r, l. 14	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal

84	4, 1800, 5r, l. 21	Hum		Punho A	Consoante nasal
85	4, 1800, 5r, l. 22	Mam		Punho A	Consoante nasal
86	4, 1800, 5r, l. 16, 25, 27, 32, 33, 39	Joaõ		Punho A	Til deslocado
87	4, 1800, 5r, l. 22	Mam		Punho A	Consoante nasal
88	4, 1800, 5r, l. 34	O Caziaõ		Punho A	Til deslocado
89	4, 1800, 5r, l. 26	Hua		Punho A	-
90	4, 1800, 5r, l. 37	Faziaõ		Punho A	Til deslocado
91	4, 1800, 5r, l. 41	Tiveraõ		Punho A	Til deslocado
92	4, 1800, 5r, l. 41	Resoinz		Punho A	Consoante nasal
93	4, 1800, 5v, l. 02	Seacharaõ		Punho A	Til deslocado
94	4, 1800, 5v, l. 02	OCaziaõ		Punho A	Til deslocado
95	4, 1800, 5v, l. 03, 31, 35	Naõ		Punho A	Til deslocado
96	4, 1800, 5v, l. 07	Tabeliaõ		Punho A	Til deslocado
97	4, 1800, 5v, l. 12, 20, 26, 39	Joaõ		Punho A	Til deslocado
98	4, 1800, 5v, l. 18	Mam		Punho A	Consoante nasal
99	4, 1800, 5v, l. 22	oCaziam		Punho A	Consoante nasal
100	4, 1800, 5v, l. 29	Hiaõ		Punho A	Til deslocado
101	4, 1800, 5v, l. 31	Naõ		Punho A	Til deslocado
102	4, 1800, 5v, l. 34	Hũ		Punho A	Til
103	4, 1800, 5v, l. 35	Naõ		Punho A	Til deslocado
104	4, 1800, 5v, l. 47	Maõ		Punho A	Til deslocado
105	4, 1800, 6r, l. 07, 08	Joaõ		Punho A	Til deslocado
106	4, 1800, 6r, l. 10	Hũa		Punho A	Til
107	4, 1800, 6r, l. 13, 17	Naõ		Punho A	Til deslocado

108	4, 1800, 6r, l. 18	Tabelião		Punho A	Til deslocado
109	4, 1800, 6r, l. 32	Joaõ		Punho A	Til deslocado
110	4, 1800, 6r, l. 33	Viraõ		Punho A	Til deslocado
111	4, 1800, 6r, l. 33	Joaõ		Punho A	Til deslocado
112	4, 1800, 6r, l. 35	Hũ		Punho A	Til
113	4, 1800, 6r, l. 38	Foraõ		Punho A	Til deslocado
114	4, 1800, 6r, l. 38	Joaõ		Punho A	Til deslocado
115	4, 1800, 6r, l. 42	Naõ		Punho A	Til deslocado
116	4, 1800, 6r, l. 46	Naõ		Punho A	Til deslocado
117	4, 1800, 6v, l. 06, 15, 37	Joaõ		Punho A	Til deslocado
118	4, 1800, 6v, l. 13	Mam		Punho A	Consoante nasal
119	4, 1800, 6v, l. 33	Mam		Punho A	Consoante nasal
120	4, 1800, 6v, l. 19, 18, 43	Naõ		Punho A	Til deslocado
121	4, 1800, 6v, l. 40	Hũa		Punho A	Til
122	4, 1800, 6v, l. 23	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
123	4, 1800, 6v, l. 38	Humas		Punho A	Consoante nasal
124	4, 1800, 7r, l. 02	Naõ		Punho A	Til deslocado
125	4, 1800, 7r, l. 01	Huma		Punho A	Consoante nasal
126	4, 1800, 7r, l. 03	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
127	4, 1800, 7r, l. 07, 18, 20, 22, 24, 31, 32, 33, 45	Joaõ		Punho A	Til deslocado
128	4, 1800, 7r, l. 13	Mam		Punho A	Consoante nasal
129	4, 1800, 7r, l. 18	Joaõ		Punho A	Til deslocado
130	4, 1800, 7r, l. 22	Comporeaõ		Punho A	Til deslocado

131	4, 1800, 7r, l. 26	Naõ		Punho A	Til deslocado
132	4, 1800, 7r, l. 27	Hum		Punho A	Consoante nasal
133	4, 1800, 7r, l. 31	Irmaõ		Punho A	Til deslocado
134	4, 1800, 7r, l. 31	Joaõ		Punho A	Til deslocado
135	4, 1800, 7r, l. 31	Cairaõ		Punho A	Til deslocado
136	4, 1800, 7r, l. 34	Hũa		Punho A	Til
137	4, 1800, 7r, l. 38	Razaõ		Punho A	Til deslocado
138	4, 1800, 7r, l. 40	Naõ		Punho A	Til deslocado
139	4, 1800, 7r, l. 45	Joaõ		Punho A	Til deslocado
140	4, 1800, 7v, l. 08	Mam		Punho A	Consoante nasal
141	4, 1800, 7v, l. 07	Hum		Punho A	Consoante nasal
142	4, 1800, 7v, l. 15	Joaõ		Punho A	Til deslocado
143	4, 1800, 7v, l. 17, 22, 24, 48	Joaõ		Punho A	Til deslocado
144	4, 1800, 7v, l. 21, 25, 33	Huma		Punho A	Consoante nasal
145	4, 1800, 7v, l. 23	Irmaõ		Punho A	Til deslocado
146	4, 1800, 7v, l. 29, 33	Naõ		Punho A	Til deslocado
147	4, 1800, 7v, l. 35	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
148	4, 1800, 7v, l. 46	Mam		Punho A	Consoante nasal
149	4, 1800, 7v, l. 48	Huma		Punho A	Consoante nasal
150	4, 1800, 8r, l. 02	Huma		Punho A	Consoante nasal
151	4, 1800, 8r, l. 04	Naõ		Punho A	Til deslocado
152	4, 1800, 8r, l. 09	Naõ		Punho A	Til deslocado
153	4, 1800, 8r, l. 09	Tabeliam		Punho A	Consoante nasal
154	4, 1800, 8r, l. 19	Maõ		Punho A	Til deslocado
155	4, 1800, 8r, l. 26	Naõ		Punho A	Til deslocado

156	4, 1800, 8r, l. 30	Naõ		Punho A	Til deslocado
157	4, 1800, 8r, l. 42	Hum		Punho A	Consoante nasal
158	4, 1800, 8r, l. 43	Mam		Punho A	Consoante nasal

O quadro 25 apresenta palavras grafadas com agudo, circunflexo e <h> com formas de representação da tonicidade. Diferentemente dos quadros anteriores, nesse caso optamos pela inserção dos vocábulos com grafema <h>, cuja função é a substituição do diacrítico agudo. A abordagem sobre esse assunto será melhor apresentada no capítulo 4.4.

Quadro 25: Vocábulos com diacríticos com a função de tonicidade, 1800

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico ou representação de tonicidade
1	4, 1800, 2r, l. 04	Jâ		Punho A	Circunflexo
2	4, 1800, 1r, l. 30 4, 1800, 1v, l. 18 4, 1800, 7r, l. 15	Hera		Punho A	representação da tonicidade
3	4, 1800, 6v, l. 03	Jozé		Punho A	Agudo
4	4, 1800, 6r, l. 20	José		Punho A	Agudo
5	4, 1800, 5v, l. 38	Jozé		Punho A	Agudo

. O grafema <h> evidencia a altura da vogal, bem como a tonicidade, como encontramos em <hera>.

2.2.5 Documento 5: Auto de Devassa de Jundiahy, de 1833

O processo de 1833 é elaborado em quase sua totalidade por um punho. O juiz do processo é José Pereira Queirós e o escrivão, autor da escrita principal, é José Adriano de Oliveira. O traçado do escriba é permeado de hastes e caudas, com letra levemente inclinada para a direita. Essas características podem ser observadas no traçado do <d> e do <t>.

O trecho da figura 10 traz dois vocábulos que apresentam sinais diacríticos – Capitão (1r, linha 9) e Escrivão (1r, linha 11) – que possuem o til apostro sobre <a> e, embora o diacrítico seja o mesmo, possuem traçados diferenciados.

Figura 10: Trecho do documento 4, fôlio 1r, linhas 6 a 16, com transcrição

ca da Imperial Cidade
de Sam Paulo em cazas
demorada do Juis ordi
nario pela Lei o **Capitão**
José Pereira deQueiros
onde eu **Escrivão** ao diante
nomeado meachava eSen
do ahi para efeito deserem
juramentadas inqueridas
epregun tadas as testemu-
nhas pelo dito Juis as quais

Ocorrências como as apresentadas no trecho da Figura 10 são chamadas alografias do diacrítico til e nesse caso demarcam a nasalidade. No documento 4 localizamos outros exemplos, como os apresentados no quadro 26.

Quadro 26 - Alógrafos do til

Localização	Doc 4, 3r, l.25, punho A	Doc. 4, 3r, l.26, punho A	Doc. 4, 3r, l.28, punho A
Vocábulo	<fugiraõ>	<insinuacão>	<forão>
Posição	Início de frase	Início de frase	Final de frase

O quadro 27 apresenta todas as ocorrências encontradas no documento, em que o sinal gráfico encontrado representa a nasalidade.

Quadro 27 - Vocábulos e diacríticos com função de nasalidade, de 1833

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico ou consoante
1	5, 1833, 1r, l. 08	Sam		Punho A	Consoante nasal
2	5, 1833, 1r, l. 10	Capitão		Punho A	Til
3	5, 1833, 1r, l. 12	Escrivão		Punho A	Til
4	5, 1833, 1r, l. 18	Forão		Punho A	Til
5	5, 1833, 1v, l.06	Fizeraõ		Punho A	Til deslocado
6	5, 1833, 1v, l.08	Herão		Punho A	Til
7	5, 1833, 1v, l.11	Tão		Punho A	Til
8	5, 1833, 1v, l.13	Acharão		Punho A	Til
9	5, 1833, 1v, l.14	Fugiraõ		Punho A	Til
10	5, 1833, 1v, l.18	Não		Punho A	Til
11	5, 1833, 1v, l.23	Húa		Punho A	Agudo
12	5, 1833, 1v, l.28	Não		Punho A	Til
13	5, 1833, 1v, l.31	Puzeraõ		Punho A	Til
14	5, 1833, 1v, l.32	Estavão		Punho A	Til
15	5, 1833, 1v, l.34	Não		Punho A	Til

16	5, 1833, 2r, l.04	Joaõ		Punho A	Til deslocado
17	5, 1833, 2r, l.12	Maõ		Punho A	Til deslocado
18	5, 1833, 2r, l.25	Achavão		Punho A	Til
19	5, 1833, 2r, l. 32	Húa		Punho A	Agudo
20	5, 1833, 2r, l.33	Não		Punho A	Til
21	5, 1833, 2v, l.05	Mão		Punho A	Til
22	5, 1833, 2v, l.20	Tão		Punho A	Til
23	5, 1833, 2v, l.21	Acharão		Punho A	Til
24	5, 1833, 2v, l.28	Não		Punho A	Til
25	5, 1833, 2v, l.39	Romão		Punho A	Til
26	5, 1833, 2v, l.41	São		Punho A	Til
27	5, 1833, 3r, l.05	Mão		Punho A	Til
28	5, 1833, 3r, l.25	Fugirão		Punho A	Til
29	5, 1833, 3r, l.26	Insinuação		Punho A	Til
30	5, 1833, 3r, l.28	Forão		Punho A	Til
31	5, 1833, 3r, l.32	Não		Punho A	Til
32	5, 1833, 3v, l.09	Mão		Punho A	Til
33	5, 1833, 3v, l.33	Escrivão		Punho A	Til
34	5, 1833, 4r, l.06	Mão		Punho A	Til
35	5, 1833, 4r, l.20, 21	Húa		Punho A	Agudo
36	5, 1833, 4r, l.26	Não		Punho A	Til
37	5, 1833, 4r, l.36	Não		Punho A	Til
38	5, 1833, 4r, l.39	Fugirão		Punho A	Til deslocado
39	5, 1833, 4v, l.02	Não		Punho A	Til
40	5, 1833, 4v, l. 09	Escrivão		Punho A	Til
41	5, 1833, 4v, l. 12	concluzão		Punho A	Til

42	5, 1833, 4v, l. 19	Escrivão		Punho A	Til
43	5, 1833, 4v, l. 23	Capitão		Punho A	Til deslocado
44	5, 1833, 4v, l. 26	Escrivão		Punho A	Til deslocado
45	5, 1833, 4v, l. 30	Obrigaô		Punho B	Circunflexo
46	5, 1833, 4v, l. 33	Escrivaô		Punho B	Circunflexo

Nos documentos 1, 2, 3 e 4 encontramos o sinal gráfico agudo representando a nasalidade em <hua>, remetendo à função do grafema <m>. No documento 4, a incidência de agudo representando a tonicidade foi maior em comparação aos documentos anteriormente analisados. O quadro 28 apresentará esses casos.

Quadro 28: Vocábulos e diacríticos com função tonicidade, de 1833

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico
1	05, 1833, 1r, l. 05	Jundiahi		Punho A	H como representação da tonicidade
2	05, 1833, 1r, l. 10	José		Punho A	Agudo
3	05, 1833, 1r, l. 13	Ahi		Punho A	H como representação da tonicidade
4	05, 1833, 1r, l. 25	José		Punho A	Agudo
5	05, 1833, 1v, l.37	José		Punho A	Agudo
6	05, 1833, 2r, l.34	José		Punho A	Agudo
7	05, 1833, 2v, l.16	José		Punho A	Agudo
8	05, 1833, 3r, l.36, 41	José		Punho A	Agudo
9	05, 1833, 3v, l.21	José		Punho A	Agudo
10	5, 1833, 3v, l. 32, 34, 37	José		Punho A	Agudo
11	5, 1833, 4r, l.26	Ahi		Punho A	H como representação da tonicidade
12	5, 1833, 4v, l. 08	José		Punho A	Agudo

13	5, 1833, 1r, l. 10	José		Punho A	Agudo
----	--------------------	------	--	---------	-------

O quadro 28 apresenta uma maior incidência de usos do agudo, além de apresentar ocorrências em que o <h> intervocálico representa a tonicidade nas palavras <Jahu> e <ahi>. A ausência de diacrítico nesses casos é atribuída ao uso da consoante, que representa a tonicidade da sílaba em que está inserida.

2.2.6 Documento 6: Inquérito policial da delegacia de Campinas, de 1868

O documento de 1868 não é uma devassa como grande parte dos manuscritos anteriores, mas um inquérito policial. Isso se deve à mudança do modelo jurídico a partir de 1832 com o Código do Processo Penal do Império. MENDES JUNIOR (2014) define o inquérito:

Já nas ordenações Filipinas, não se ouvia falar em Inquérito Policial, haja vista o mesmo ter tido suas origens na Roma e passando em seguida pela Idade Média, possuindo também, referencias na legislação de Portugal, o que veio a ter influência e aplicações aqui no Brasil. Quando o Código de Processo foi promulgado, em 1832, eram traçadas apenas algumas normas que versavam sobre a função dos chamados “Inspetores de Quarteirões”, contudo, estes não exerciam uma atividade de cunho de Polícia Judiciária, pois estes não tratavam do inquérito em si, apenas cuidavam de alguns dispositivos acerca do procedimento informativo. Contudo, com a entrada em vigor da Lei nº. 2.033, de 20 de setembro de 1871, o qual teve regulamento pelo Decreto nº. 14.824, de 28 de novembro de 1871, em seu art. 4º, §9º, quando surgiu o inquérito policial com essa denominação que hoje atende, e observa-se que art. 42 da referida lei dispunha: “O Inquérito Policial consiste em todas as diligências necessárias para o desenvolvimento dos fatos criminosos, de suas circunstâncias e de seus autores e cúmplices, devendo ser reduzido a instrumento escrito”.

Os depoimentos foram colhidos por um único escriba, Joaquim Franco de Pontes, escrivão nomeado para o caso. O delegado é Joaquim José Vieira de Carvalho.

Os documentos possuem poucas intervenções de terceiros e a grafia é pouco elaborada, sem a incidência de caudas, mas há prolongamento nas hastes dos grafemas <d> e <t>, com curvaturas que se estendem sobre as letras. A letra é pequena e redonda com leve inclinação para a direita e a escrita é firme, com fronteiras entre palavras e margens laterais bem definidas.

Diferentemente dos documentos anteriores, foram poucas as ocorrências em que o diacrítico til esteve presente. A nasalidade foi representada, em sua grande parte, pela nasal

<m>, ao fim dos vocábulos. Já, em vocábulos em que a nasal está em meio de palavra, como em <algũas> (3r, linha 11), o escriba faz uso do diacrítico.

Das dezoito recorrências em que há representação da nasalidade, em cinco apenas é utilizado o til. Há duas situações em que o agudo aparece, ambas para representar a tonicidade no verbo na terceira pessoa do singular, diferentemente do que já encontramos nos outros documentos em que esse verbo é apresentado com o grafema <h>, utilizado para representar a tonicidade silábica, como em <ahi> (1r, linha 12), <sahio> (1v, linha 16).

Nesse documento, o uso do til ocorre apenas em <informações> (1r, linha 2), pois o artifício utilizado pelo autor para marcar a nasalidade é o uso da consoante <m> em palavras no singular, como em <escrivam> (1r, linha 11), <entam> (3r, linha 25) e <nam> (1r, linha 34). Exceção foi encontrada na escrita de <dirigirão>, verbo na terceira pessoa do plural. Trata-se da única ocorrência com til para marcar a nasalidade, mas também é um verbo, o que remete ao uso do diacrítico como marca para diferenciar os vocábulos. Nesse caso, <dirigirão> está inserido no seguinte contexto:

Quadro 29 - Vocábulos com diacríticos que representam a nasalidade, no documento 06, de 1868

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico ou consoante
1	6, 1868, 1r, l. 02	Informações		Punho A	Til
2	6, 1868, 1r, l. 11	Escrivam		Punho A	Consoante nasal
3	6, 1868, 1r, l. 16	Proficam		Punho A	Consoante nasal
4	6, 1868, 1r, l. 34	Nam		Punho A	Consoante nasal
5	6, 1868, 1v, l. 11	Occaziam		Punho A	Consoante nasal
6	6, 1868, 1v, l. 22, 12	Aprizam		Punho A	Consoante nasal
7	6, 1868, 1v, l. 24	Escrivam		Punho A	Consoante nasal
8	6, 1868, 1v, l. 26	informações		Punho A	Til

9	6, 1868, 2r, l. 03	Profiçam		Punho A	Consoante nasal
10	6, 1868, 2v, l. 16	Informações		Punho A	Til
11	6, 1868, 2v, l. 23	Profiçam		Punho A	Consoante nasal
12	6, 1868, 3r, l. 11	algũas		Punho A	Til
13	6, 1868, 3r, l. 11	dirigirão		Punho A	Til
14	6, 1868, 3r, l. 25	entam		Punho A	Consoante nasal
15	6, 1868, 3r, l. 29	Nam		Punho A	Consoante nasal
16	6, 1868, 3r, l. 33	escrevam		Punho A	Consoante nasal

O quadro 30 apresenta os vocábulos que receberam o diacrítico agudo ou ainda foram grafados com o <h>, como representação da tonicidade.

Quadro 30: Vocábulos com diacríticos que representam a tonicidade, de 1868

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico ou consoante
1	6, 1868, 1r, l. 12	Ahi		Punho A	H como representação de tonicidade
2	6, 1868, 1r, l. 33	É		Punho A	Agudo
3	6, 1868, 1v, l. 06	Sahio		Punho A	H como representação de tonicidade
4	6, 1868, 3r, l. 01	É		Punho A	Agudo

2.2.7 Documento 7: Inquérito policial da cidade de Campinas, de 1890

O documento apresenta dois punhos, cujas escritas são realizadas pelo escrivão Pedro Rodrigues da Silva, nomeados como punho A e punho B, que não pôde ser identificado, pois não há referência sua no inquérito.

O punho A apresenta uma escrita com letra pequena, sem hastes ou prolongamentos e sua escrita é contínua, com fronteiras entre palavras e sem abreviaturas. Os diacríticos presentes no documento são o til, agudo e circunflexo com funções e bem definidas.

O punho A apresenta o til como uma extensão do vocábulo em algumas ocorrências e quando não é um prolongamento da última sílaba apresenta-o como um traçado totalmente curvo, aposto sobre a segunda vogal do ditongo nasal.

As presenças de agudo e circunflexo ocorrem em vogais orais tônicas, sendo bem diferenciadas e claramente identificáveis.

A escrita do punho B é bem definida e composta por letra grande e sem hastes ou prolongamentos. Diferentemente do punho A, esse escriba faz uso de abreviaturas, dentre as quais citamos, <

O til é caracterizado por um traçado reto, independente do vocábulo e aposto sobre o ditongo nasal. Os diacríticos agudo e o circunflexo são bem distintos e com traçados diferentes, embora o til e o circunflexo deixem dúvidas, como podemos ver abaixo:

Quadro 31: Traçados semelhantes

Localização	2r, linha 13, punho B	2r, linha 24, punho B	2v, linha 02, punho B
Vocábulo	<profissão>	<á>	<côr>
Posição	Meio de frase	Meio de frase	Meio de frase

A risca sobre as vogais em <profissão> (2r, linha 3) e <côr> (2v, linha 2) é muito parecida, gerando dúvidas acerca da função dos diacríticos. Se verificarmos o punho A, encontraremos o mesmo vocábulo acentuado com circunflexo como ocorre em <

(1v, linha 14). O quadro 32 traz os casos em que há uso dos diacríticos com representação nasal.

Quadro 32: Vocábulo com diacríticos que representam a nasalidade, documento 7, de 1890

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico
1	7, 1890, 1r, l. 06	Escrivaõ		Punho A	Til edslocado
2	7, 1890, 1r, l. 11	Relaçãõ		Punho A	Til deslocado
3	7, 1890, 1r, l. 12	Cidadaõ		Punho A	Til deslocado
4	7, 1890, 1r, l. 19	Faraõ		Punho A	Til deslocado
5	7, 1890, 1r, l. 21	Naõ		Punho A	Til deslocado
6	7, 1890, 1v, l. 1	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
7	7, 1890, 1v, l. 10	Manhã		Punho A	Til
8	7, 1890, 1v, l. 13	Cõ		Punho A	Til deslocado
9	7, 1890, 1v, l. 17	Naõ		Punho A	Til deslocado
10	7, 1890, 1v, l. 19	Naõ		Punho A	Til deslocado
11	7, 1890, 1v, l. 21	Naõ		Punho A	Til deslocado
12	7, 1890, 1v, l. 25	Joaõ		Punho A	Til deslocado
13	7, 1890, 2r, l. 8	Cidadão		Punho B	Til
14	7, 1890, 2r, l. 8	Conceição		Punho B	Til deslocado
15	7, 1890, 2r, l. 13	Profissão		Punho B	Til
16	7, 1890, 2v, l.5	Frestão		Punho B	Til
17	7, 1890, 3r, l.17	Constituição		Punho B	Til
18	7, 1890, 3v, l.11	João		Punho B	Til

O quadro 33 apresenta palavras cujos sinais diacríticos representam tonicidade. A presença de agudo e circunflexo nesse documento é muito superior se comparado aos documentos anteriormente analisados. Para o punho B, identificamos casos de alografia no uso do til em <profissão> (2r, linha 13), <Constituição> (3r, linha 17), <cidadão> (2r, linha 8) e <Conceição> (2r, linha 8).

Quadro 33: Vocábulos com diacríticos que representam a tonicidade, de 1890

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico
1	7, 1890, 1r, l. 17	Depôente		Punho A	Circunflexo
2	7, 1890, 1r, l. 24	É		Punho A	Agudo
3	7, 1890, 1r, l. 33	José		Punho A	Agudo
4	7, 1890, 1v, l. 14	Côr		Punho A	Circunflexo
5	7, 1890, 1v, l. 15	flôres		Punho A	Circunflexo
6	7, 1890, 1v, l. 15	Véo		Punho A	Agudo
7	7, 1890, 1v, linha 17 e 22	depôente		Punho A	Circunflexo
8	7, 1890, 1v, l. 24	depôente		Punho A	Circunflexo
9	7, 1890, 2r, l. 24	Á		Punho B	Agudo
10	7, 1890, 2v, l.02	Côr		Punho B	Circunflexo
11	7, 1890, 3r, l.01	Está		Punho B	Agudo
12	7, 1890, 3r, l.16	Á		Punho B	Agudo
13	7, 1890, 3r, l.25	queijós		Punho B	Agudo
14	7, 1890, 3r, l.25	depóiz		Punho B	Agudo
15	7, 1890, 3v, l.01	Á		Punho B	Agudo
16	7, 1890, 3v, l.7	queijós		Punho B	Agudo
17	7, 1890, 3v, l.10	Virá		Punho B	Agudo
18	7, 1890, 4r, l.3	Bahú		Punho B	Agudo
19	7, 1890, 4r, l.8	Á		Punho B	Agudo

2.2.8 Documento 8: Inquérito policial de 1914, na cidade de São Paulo

O primeiro documento do século XX do *corpus* foi elaborado pelo escrivão José Capelano. Uma grafia bem definida, com fronteiras de palavras delimitadas, compõe o depoimento de Florindo Peres, única testemunha arrolada no processo.

O inquérito não possui abreviações e encontramos o til, o agudo e o circunflexo, presentes nos dezoito vocábulos que apresentam diacríticos. Verifica-se que o til é uma extensão do vocábulo e continuidade da última letra da palavra. O acento agudo possui a mesma característica em todos os vocábulos em que foi empregado e o circunflexo apresenta forma específica, não demonstrando similaridade com outros diacríticos.

O inquérito não apresenta abreviaturas e a grafia é simples, sem incidência de caudas, hastes e traços desnecessários. As margens são menores e o texto compõe os fólhos por completo.

Quadro 34: Comparação no formato dos acentos

Localização	Doc. 8, 1914, 1v, linha 14	Doc. 8, 1914, 1v, linha 17
Vocábulo	<Até>	<fôra>
Acento	Agudo	Circunflexo

O quadro 34 apresenta dois vocábulos com sinais gráficos bem diferentes. A forma do traçado demonstra a diferença entre os diacríticos, que não seguem os padrões que encontramos nas ocorrências anteriores, com traçados que remetiam à alografia, ou seja, a forma dos sinais gráficos é distinta, o que confirma que são diacríticos diferentes. Isso pôde ser observado pelo traçado, extensão e formato dos diacríticos apresentados.

Quadro 35: Vocábulos com diacríticos que representam a nasalidade, de 1914

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico
1	8, 1914, 1r, l. 1	Declarações		Punho A	Til
2	8, 1914, 1r, l. 5	São		Punho A	Til deslocado
3	8, 1914, 1r, l. 9	Escrivão		Punho A	Til deslocado
4	8, 1914, 1r, l. 12	Conceição		Punho A	Til deslocado
5	8, 1914, 1r, l. 25	Ocasões		Punho A	Til
6	8, 1914, 1r, l. 31	Naõ		Punho A	Til deslocado

7	8, 1914, 1r, l. 33	Manhãs		Punho A	Til
8	8, 1914, 1v, l. 4	Naõ		Punho A	Til deslocado
9	8, 1914, 1v, l. 6	Naõ		Punho A	Til deslocado
10	8, 1914, 1v, l. 31	Naõ		Punho A	Til deslocado
11	8, 1914, 2r, l. 1	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado
12	8, 1914, 2r, l. 6	Conclusaõ		Punho A	Til deslocado
13	8, 1914, 2r, l. 10	Escrivaõ		Punho A	Til deslocado

O quadro 36 apresenta as palavras que possuem agudo e circunflexo como representação da tonicidade.

Quadro 36: Vocábulos com diacríticos que representam a tonicidade, no documento 8, de 1914

	Localização	Vocábulo	Imagem	Punho	Diacrítico
1	8, 1914, 1r, l. 17	Há		Punho A	Agudo
2	8, 1914, 1v, l. 14	Até		Punho A	Agudo
3	8, 1914, 1v, l. 17	Fôra		Punho A	Circunflexo
4	8, 1914, 1v, l. 33	José		Punho A	Agudo
5	8, 1914, 2r, l. 5	José		Punho A	Agudo

Em todos os documentos analisados verificou-se que o emprego de diacríticos que representam a tonicidade ocorre em menor incidência que os diacríticos que representam a nasalidade.

3. Os diacríticos utilizados na representação da nasalidade

Abordaremos os aspectos fonético-fonológicos que envolvem os vocábulos presentes no *corpus* e abordados no capítulo “2. *Análise paleográfica: documentos, escribas e suas particularidades*”.

Diante dos diversos usos ou formas de representar nasalidade e tonicidade, identificamos as seguintes: alternância do uso do til e da consoante <m> em final de sílaba para marcar nasalidade, alternância do uso do agudo e do til em um mesmo vocábulo para marcar nasalidade, utilização do agudo e do circunflexo para representar a tonicidade dos vocábulos, uso do circunflexo e do agudo para representar a nasalidade, uso do <h> para representar a tonicidade.

O gráfico 1 demonstra a incidência da acentuação entre os séculos XVI e XX, apresentando a quantidade geral de diacríticos utilizados. Considerando que os textos de todos os documentos são semelhantes, devido à tipologia textual, podemos inferir que os usos dos diacríticos se distribuem nos documentos. Previamente, verificamos em todos os fac-símiles, que o til foi o diacrítico mais utilizado dentre os demais, até início do século XIX, quando se identifica um crescimento no uso dos outros sinais gráficos. O agudo é o segundo diacrítico mais utilizado, muitas vezes, representando a nasalidade. Diante disso, a representação da nasalidade foi mais encontrada do que a representação da tonicidade.

Gráfico 1: Diacríticos nos documentos analisados

Quanto ao uso dos diacríticos e sua incidência nos diferentes documentos, o gráfico apresenta, através das duas linhas – a pontilhada e a lisa – a relação existente entre a quantidade de páginas de cada documento e a aplicação dos diacríticos.

Apesar de os processos terem um volume semelhante de páginas, o que confere similaridade a todos os documentos do *corpus*, identifica-se um maior uso do til em relação aos outros diacríticos até meados do século XVIII. O uso do til, em 1744, mesclava-se ao uso da consoante <m> para representar a nasalidade, ou seja, a consoante era empregada com a função do til. Esse processo também ocorreu no documento de 1761, mas em menor escala, pois nesse documento o escriba utilizou o til para representar a nasalidade. Isso se explica, principalmente, pelo momento político e histórico que Portugal passava no século XVIII.

A política pombalina e o movimento iluminista movimentaram a sociedade, a política e consequentemente a escrita, que passou a contar com métodos de ensino e de escrita diferentes aos aplicados até então. A quebra com o modelo latino e clássico proporciona a oscilação entre o resgate do modelo clássico, representado pelo uso da consoante nasal em detrimento do til, e de um novo modelo, que tinha como principal objetivo a simplificação e a valorização da língua portuguesa. Diante disso, o til seria a opção mais bem aceita, em detrimento do <m> em final de palavra.

Outro ponto que não está explícito no gráfico, pois nosso intuito era o de apresentar apenas os sinais gráficos, é a função com que os diacríticos eram empregados. Esse fenômeno ocorre em 1744, pois a utilização do agudo nesse documento tinha como principal função representar a nasalidade, sendo empregado em ditongos nasais em final de palavra. Adiantamos que a obra de Verney (1746) já nos apresenta as tendências de sistematização e facilitação do ensino da língua, que contempla o uso de um sinal diacrítico, o agudo, como segue:

Onde sendo os Acentos, os que tiram a confuzam à pronuncia, e ensinam, como se devem distinguir as partes do discurso; valem infinito preso, e devem praticar-se com cuidado. Nam digo, que escrupolozamente pratiquemos as trez sortes de acentos: pois nem os mesmos Romanos se-serviam muito do circumflexo, que com o tempo perderam. Basta usar do-agudo, que se-escreve assim (´) para bater mais as silabas: do-grave neste modo (`) para as partículas, que se-tocam menos: em algum cazo quem quisesse podia pôr o circumflexo sobre o i, para dar lugar ao ponto desima. Isso é o que basta.

Apesar do distanciamento entre o texto do *Verdadeiro Método de Estudar*, de Verney e a escrita documental, o modelo de Verney foi amplamente divulgado e influenciaria positivamente na reconstrução de uma identidade nacional, buscada em Portugal e no Brasil,

no início do século XIX. Isso é visível nos documentos analisados, pois a partir de 1800 a incidência dos diacríticos agudo e circunflexo passa a ser mais representativa.

Observa-se que a partir de 1833, após a independência brasileira, surge o uso do circunflexo como diacrítico. Com aplicação de tonicidade, esse diacrítico foi pouco recorrente dentre os documentos, mesmo porque muitos autores simplesmente o desconsideraram como sinal gráfico válido.

Em 1890, identifica-se um equacionamento no uso dos diacríticos e tal manuscrito apresenta os sinais gráficos com aplicações bem delimitadas, ou seja, cada diacrítico aplicado exerceu sua função de representar a tonicidade ou a nasalidade. No decorrer do século XIX, diversos estudiosos debruçaram-se sobre a língua portuguesa, buscando essas singularidades em nossa língua. Essas explicações serão analisadas no capítulo 4.

3.1 As vogais nasais e o uso do til

Tem-se notícia de que o til é utilizado como diacrítico representante da nasalidade desde o século XVI, a partir dos escritos de Fernão de Oliveira, autor da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (1536, p. 14):

[...]q̃ esta letra .m. não esemivogal nem podẽ fenecer em ella as nossas vozes: porq̃ isto e verdade q̃ nesses cabos onde a escrevemos e tambẽ no meyo das dições em cabo de muitas syllabas soa hũa letra muy branda q̃ nem he m. nem n como nos escrevemos ora hũa delas: ora outra imitando os latinos. **As** ameu ver de neçessidad escrevamos nos taes lugares esta letra que chamamos til ainda q̃ a alghũs pareçerasobeja e q̃ não serve mais q̃ de soprir por outras. Elos quaes eu pregunto se nas dições que acabão em ão: e ães: e ões: e ãos: escreveremos m. ou n e o poseremos antre aquellas duas vogaes que soarar ou se o poseremos no cabo que pareçera: por on me parece teremos neçessidade de hũa letra q̃ este sobre a quellas duas vogaes juntamente:aqual seja til.

Apoiamo-nos inicialmente em Fernão de Oliveira, pela elaboração da primeira obra que faz referência à escrita portuguesa, embora não haja uma sistematização do modelo das gramáticas posteriores e às greco-latinas, seus escritos trazem-nos importantes fontes para estudos fonéticos, uma vez que a descrição das dições e a definição de “accento” apresentam-nos um olhar analítico sobre o tema.

Especificamente, sobre o til o autor fazia referência ao seu uso ou das consoantes <m> e <n>. A “risquinha”, como interpretado por Bluteau, tinha como função além de abreviar, representar a nasalização ou a supressão da consoante nasal nos ditongos finais e, em outros casos, substituir essas consoantes.

Em consulta à historiografia grega, constatamos que o til não fazia parte da forma acentual grega. Os diacríticos utilizados teriam outras funções, mas não a de marcar a nasalidade. Em latim, igualmente ao grego, o til também não era utilizado.

Teyssier (2007, p. 29), embasado em documentos oficiais galego-portugueses, analisa as grafias estabelecidas a partir da segunda metade do século XIII e afirma que “O til (~), sinal de abreviação, serve frequentemente para indicar a nasalidade das vogais, que pode vir também representada por uma consoante nasal”. Mattos e Silva (2006, p.70) afirma que “na primeira fase do português arcaico é comum a grafia da vogal duplicada, marcada a por til.[...]. Também ocorre a grafia com o diacrítico <’> em cada vogal [...]”. Diante destes indícios, constatamos que o til passou a ser utilizado em português para representar as abreviações e assimilações consonantais nasais.

Sobre os modelos nasais no português brasileiro, apoiaremos nossas análises em Nobilling (1976), que apresenta um estudo sobre as vogais nasais, recolhidas durante doze anos de observações dos falares paulistas. Buscaremos também em Mattoso Câmara (1970) e Mattos e Silva (2006) embasamento histórico, fonético e fonológico para o desenvolvimento das questões referentes às informações fonéticas dos dados coletados.

No *corpus* identificamos que, das ocorrências em que o til foi empregado, sessenta e sete por cento (67%) refere-se ao emprego do diacrítico em detrimento do uso de consoante nasal.

Do século XVII ao XIX, encontramos ocorrências do vocábulo <hua> sem a consoante nasal em posição intervocálica. Em sua substituição, a nasal é representada pelo agudo ou pelo til. Situações como essa são citadas na literatura fonética, dentre eles, Nobilling (1976, p.97 e 99) no que pese à queda das consoantes intervocálicas e do uso de um diacrítico para representar a consoante nasal. Um processo de assimilação foi responsável pela escrita recente de unu>ũu>hũu>hum>um e “vogais nasais que antes eram hiatos de vogais idênticas, fundiram-se em uma única sílaba” (MATTOS e SILVA, 2006, p.71). Para as ocorrências de una>ũa>huma>uma, o processo refere-se à permanência da consoante nasal <m> em meio de palavra, apesar das assimilações. Conforme Mattos e Silva (2006, p. 77) isso se deve

(...)ao fato de que as sonoras simples do sistema latino se enfraqueceram chegando a o (cf. b), com exceção da nasal labial /m/, que se manteve, sendo tanto ela como a geminada simplificada os antecedentes históricos do /m/ do português (amare>amar; flamma>chamma)

Diante dos dados apurados nos manuscritos, a recorrência de <huã>, sem a existência da consoante, se deve à manutenção de <m>, que ora foram representado pelo uso da letra <m> e ora pelo til, sobreposto na primeira ou segunda vogal.

Quadro 37 - Casos em há o uso de diacríticos e consoantes para representação da nasalidade.

Punhos	Contexto	Doc., Ano, linha, fôlio	Punho
Huã	estocadas ehuã <i>que</i> opasou departe aparte, portodo	Doc.1, 1695, l. 17, 1r	A
Huâ	a huâ Irmã sua <i>que</i> elletinha culpa <i>que</i> odefunto	Doc.1, 1695, 22, 1v	A
Huâ	pois da Resorreisaõ diga a huâIrmã deJosephRoiz por	Doc.1, 1695, 21, 2r	A
Huâ	to naprala consingo estocadas ehuâ corda amarrada pella	Doc.1, 1695, 9, 5v	A
Huâ	docom huâ corda pela sintura eoutra pela Boca equeo uvi	Doc.1, 1695, 26, 7v	A
Huá	emcaza deMiguel Leme de huá/facada	Doc. 4, 1800, 39, 10r	A
Huá	nodito Cardozo [ilegível] dera por huá faca	Doc.4,1800, 18, 10r	A
Huma	bor doadas eque este puxara por huma	Doc.4 , 1800, 37, 2r	A
Huma	deposto oaSignavaComhumaCruz	Doc 4, 1800, 42, 2v	A
Húa	guar/da na cadeira em húa/noite	Doc. 5, 1833, 23, 1v	A
Húa	com elle Juis com húa cruz	Doc. 5, 1833, 32, 2r	A

O quadro 37 apresenta as variações da escrita de <huã> nos documentos analisados. Dentre as ocorrências, localizamos as formas de escrita presentes no documento 4, de 1800, que apresenta as duas formas - <Húa> e <huma>.

Nas frases apresentadas em que o uso do diacrítico remete a uma consoante não representada, neste caso o <m> foram encontrados diacríticos diferentes do til representando a nasalidade, por vezes, sob o mesmo punho, como ocorreu no documento 4 com a oposição hũa/huá/húa – huma, por exemplo. Diante disso, percebemos que o uso de mais de uma variante era comum às épocas analisadas. Mattos e Silva (2006, p. 70) afirma que :

Na primeira fase do português arcaico é comum a grafia da vogal duplicada, marcada a nasalidade por til (por dois sinais de til ou um, alongado, que recobre as duas vogais: lãã ou lãa; bõõ, bõo; tẽẽr, tẽer; algũũ, algũu; vĩr; vĩr (lat. lana, bonu, tenere, alicunu, venire). Também ocorre a grafia com o diacrítico < ' > em cada vogal (láá, bóó, etc) que se costuma interpretar como indicador de hiato.

Considerando que a primeira fase do português arcaico está entre os séculos XIII ao XV, conforme Mattos e Silva, e os documentos datam dos séculos XVII ao XX, temos um espaço de três séculos, mas ainda encontramos, nos processos criminais, rastros dessa escrita antiga.

Diante da variedade de usos encontrada, em que há aplicação de circunflexo e agudo em vocábulos nasais, a localização do til, na segunda vogal do *glide*, e a frequência com que os diacríticos foram utilizados, levantamos algumas observações:

-No documento 1, elaborado em 1695, o uso do circunflexo poderia remeter a três funções: 1. um alógrafo do til, apostado sobre a segunda vogal da *glide*, tendência que se perpetuou em grande parte de todos os vocábulos nasais do *corpus* analisado; 2. O circunflexo também seria uma das marcações possíveis, assim como o era no português arcaico, o agudo, pois embora o uso do circunflexo fosse pouco difundido e, até mesmo, abolido por alguns gramáticos, dentre eles Moraes Silva (1806) e Ribeiro (1885), no século XVII faria jus a sua função “latina” de “alçamento e abaixamento da voz”. 3. O diacrítico especifica uma marca de nasalidade, que, neste caso, seria a assimilação da consoante nasal [m] entre as duas vogais. Nesses casos o circunflexo foi representado com sua função nasal.

O documento de 1800 apresenta nasal em <huma> e o diacrítico agudo em <huá>. O contexto documental é o mesmo e, em alguns casos, o uso se repete, pois são frases formulaicas que finalizam os depoimentos das testemunhas. Com a aparição de palavras escritas nas duas formas <huma> e <huá> em um mesmo contexto e por um mesmo escriba, consideramos que ele possui conhecimento acerca de uma forma de escrita que poderia representar uma mesma pronúncia, mas faz uso de uma variação antiga <hua>, possivelmente ainda empregada no período.

O documento de 1833, diferentemente dos documentos anteriores, apresenta a aposição do diacrítico na primeira vogal da *glide*, uma novidade no *corpus*, pois todos os outros documentos apresentam o diacrítico apostado sobre a segunda vogal. Nesse caso, o escriba mantém a regularidade do uso, aplicando em todo o documento o termo <húa>. Ressaltamos que esta é mesma forma utilizada no documento de 1800, o que valida a hipótese de transmissão da forma ou regularidade do uso no período. Já identificamos uma mudança de comportamento, tendo em vista que, inicialmente, o circunflexo foi empregado com a função de representação a assimilação nasal e nos documentos do século XIX encontramos apenas o agudo e, neste último caso, com diacrítico apostado sobre a primeira vogal, o que também não se deu nos outros documentos.

De forma geral, o acento agudo e o circunflexo foram utilizados para delimitar uma assimilação: a da consoante nasal, reforçando sua função nasal nos casos analisados.

Finalmente, uma característica muito clara em todo o *corpus* é o emprego do til apenas para sinalização de vogais nasais, pois esse sinal gráfico não foi localizado para representar a tonicidade em sílabas orais. O contrário, agudo e circunflexo para representação nasal, já o encontramos. Esses achados validam o uso do til como uma forma de supressão da consoante nasal e representação da nasalidade.

3.2 Os diacríticos na representação da tonicidade

Os diacríticos agudo e circunflexo não eram utilizados na língua latina, mas sim no grego.

Originalmente a língua grega não possuía marcações de acentos ou pontuação e os diacríticos foram inseridos à língua para facilitar a escrita e leitura. Conforme Muraccho (2007, p.72), os acentos gregos eram três: agudo (´), circunflexo (^) e o grave (`). O último “utilizado apenas em palavras oxítonas, substituindo o acento agudo no meio da frase para marcar sequência”. Talvez essa múltipla função do agudo auxilie a explicação de sua maior incidência em detrimento do circunflexo, no entanto, faremos essa avaliação posteriormente, com base nos procedimentos adotados por ortógrafos e gramáticos quanto ao uso deste sinal no português de Portugal e no português brasileiro.

Recorrendo novamente à primeira gramática portuguesa, remetemos a Fernão de Oliveira que se refere ao assunto sob o seguinte aspecto (1536, p.18):

E as diçoes q tem vogal grande no cabo tem o acento nessavogal grande como aluara, chamine, guadameçi, peru, calecu, çegu, já dissemos q.i. r.u.se contão or vogaes grandes. E as dições acabadas em ditôgo tem o acento na vltima syllaba ainda q com esse ditongo tenham, s, ou til: como amei, amareis, amarão [...].

Duarte Nunes do Lião em sua *Orthographia da lingoa portvgvesa* (1576, p. 66) afirma:

Agudo he, oq leuãta mais a voz, & tõe esta figura, á. O graue he o q abaxa & heasu, à. Circunflexo he o que participa de ambos, & assi tõe a figura, â. E porque muitas dições se parecem com outras, por terem as mesmas letras, & todauia por serem diferentes na significação, teem differença no acento, releua vsar destes acentos, para demonstração da diferença.

O *corpus* não traz ocorrência em que estes diacríticos são apostos sobre ditongos em final de palavra para demonstrar a tônica oral, embora também tenham sido utilizados para demonstrar a nasalidade.

O gráfico 2 demonstra esse emprego em todos os manuscritos. Observamos que o uso dos diacríticos agudo e circunflexo foi mais comum na representação das vogais nasais em comparação às vogais orais tônicas. Isso pode ser observado na linha tracejada nos anos de 1744 e de 1833.

As linhas presentes no gráfico demonstram a incidência de uso dos acentos agudo e circunflexo com função nasal.

Gráfico 2: Uso dos diacríticos orais nos documentos

Os acentos agudo e circunflexo são representados pelas duas colunas: a vazia representa o agudo e a preenchida o circunflexo. Os traços representam o uso desses diacríticos para representar a vogal nasal.

Para análise fonética dos termos encontrados, consideraremos somente os vocábulos que apresentam o agudo e o circunflexo apostos sobre as vogais orais. Ocorrências como <máo>, <sáo>, <hú>, <tabelião> não serão abordadas nesse tópico, por considerarmos que tais vocábulos possuem representações nasais pelas diferentes versões de escrita elaboradas pelos próprios escribas, como o punho A do documento de 1744, que alterna em toda sua escrita o emprego do til e da nasal <m> como ocorre em <máo/mam>, por exemplo. Essa característica do manuscrito é visível no gráfico, pois é o único documento em que não consta

a aparição do agudo e do circunflexo como formas de representação da tonicidade, representado pelas colunas.

O gráfico 2 apresenta essa diferenciação também. As duas linhas tracejadas, representam a aplicação de diacríticos com função nasal e verifica-se que os diacríticos utilizados com função de tonicidade são mais representativos no ano de 1800. A partir de 1833, as funções de tonicidade são mais bem aplicadas e pode-se verificar uma incidência maior no uso do agudo. Será a partir desse ano também que o circunflexo passa a ser utilizado com maior frequência.

Com esse panorama, passamos para o detalhamento. O quadro 38 traz todas as palavras com diacríticos utilizados sobre vogais orais.

Quadro 38 - Uso de agudo e circunflexo

	Vocábulo	Contexto	Documento /Ano/Fólio/ linha
01	dirá	anoite da Resorreisaõ não viera amesa dirá mais da	Doc. 01, 1695, 4v, l.09
02	Hordinário	oJuiz hordinário asima nomeado amolherdo dito	Doc. 01, 1695, 1r, l.20
03	Fé	to por féJudicial que não sofrecorpo	Doc. 03, 1761, 1v, l.05
04	Só	eque Só sim lhecontaram nadita pa	Doc. 03, 1761, 4v, l.35
05	Jozé	<u>Jozé Manoel deOliveira Ferreira</u> [rubrica]	Doc. 04, 1800, 5v, l.38
06	José	JoséManoeldeOliveira Feo [rubrica]	Doc. 04, 1800, 6r, l.20
07	José	José Pereira deQueiros	Doc. 05, 1833, 1r, l.10
08	Jozé	com elle Juis eu Jozé A	Doc. 05, 1833, 1v, l.37
09	José	José Rodrigues de Souza	Doc. 06, 1868, 1r, l.03
10	É	dida que é parceira delle-	Doc. 06, 1868, 1r, l.33
11	Dés	Aos dés de Novembro demil oito centos	Doc. 07, 1890, 1r, l.03
12	Depôente	d'elle depôente sem um trouco em	Doc. 07, 1890, 1r, l.17
13	É	preto é alto, corporegular, sem barba-	Doc. 07, 1890, 1r, l.24
14	José	no escriptorio do Subdelegado José Henrique	Doc. 07, 1890, 1r, l.33
15	Côr	tras fazendas, d'entre eles um côr deceu	Doc. 07, 1890, 1v, l.14
16	Flôres	com quatro imagens de flôres – e com véo, es-	Doc. 07, 1890, 1v, l.15
17	Véo	com quatro imagens de flôres – e com véo, es-	Doc. 07, 1890, 1v, l.15
18	Está	que está ha cinco annos em	Doc. 07, 1890, 3r, l.01
19	Queijós	duras e queijós, tendo depóiz	Doc. 07, 1890, 3r, l.25
20	Depóiz	duras e queijós, tendo depóiz	Doc. 07, 1890, 3r, l.25
21	Á	que possui á Miguel Prorati	Doc. 07, 1890, 3v, l.02
22	Virá	elle niterrogado virá da Italia	Doc. 07, 1890, 3v, l.10
23	Bahú	bahú, tendo elle interrogado	Doc. 07, 1890, 4r, l.03
24	Á	praças e que tinham ido á	Doc. 07, 1890, 4r, l.08
25	Há	clarou o seguinte: que há	Doc. 08, 1914, 1r, l.17
26	Até	para chegar até o Posto Poli	Doc. 08, 1914, 1v, l.14
27	Fôra	que fôra encontrado morto	Doc. 08, 1914, 1v, l.17
28	José	Augusto Lopes commigo José	Doc. 08, 1914, 1v, l.33

O uso do agudo e do circunflexo para representar a nasalidade possui menor incidência em comparação ao uso do til para a mesma finalidade.

3.3 Encontros vocálicos

Especialmente, acerca dos encontros vocálicos presentes em <depóis>, <depôente> e <véo>, realizamos algumas análises, buscando, na etimologia e nos fenômenos fonéticos, rastros que expliquem os usos presentes nos documentos.

Verificamos que o diacrítico foi apostado sobre a primeira vogal do encontro vocálico em <depóis>, <depôente> e <véo>.

De maneira geral, consideramos, além da hipótese da marcação de tonicidade, a necessidade de marcar a altura vocálica, com vistas a apresentar a diferença entre palavras homógrafas. Podemos verificar isso ao analisar o vocábulo <côr> (colorir) que faz oposição a <cór> (de coração).

Escrita similar à presente nos manuscritos, encontramos nos dicionários e gramáticas da época, especificamente, o *Dicionário* de Antonio de Moraes Silva, bem como na Introdução de seu *Epítome*. O verbete <depóis> foi encontrado com diacrítico grave e em seu *Epítome* explicita a motivação desse emprego, afirmando que “os sinâes dos acentos, ou tons mais, ou menos fortes, com que proferimos as vogâes são (´) agudo, (˘) grave; as mudas não tem sinal particular; o acento circumflexo não o temos [...]”. (1806, p. VII).

Buscando alternativas para explicar o emprego do diacrítico, pesquisamos na etimologia da palavra alguma relação com a tonicidade. Cunha (2007) afirma que o vocábulo seoriginou do latim *depōst* (que deu origem às ant. vars. *depos* XIII, *depus* XIII).

Depōst>depos/depus>depois

Essa mudança do latim clássico para o latim vulgar explica a altura vocálica, que no caso de <o> passou de breve, em latim, para aberto, em português.

No latim clássico, a quantidade referia-se à duração da pronúnciação, ou seja, as vogais poderiam ser breves ou longas. Vogais breves no latim clássico transformaram-se em vogais abertas e as longas em fechadas. Da quantidade (longas e breves) passou-se à qualidade (abertas e fechadas), que está relacionada à tonicidade vocálica. Sobre isso, Nunes (1945, p. 40) “[...] pelo II ou III século, [...] em diante desapareceu a distinção entre vogais breves e longas e a duração foi substituída pelo timbre; por outras palavras, a quantidade cedeu o lugar à qualidade.

O quadro abaixo resume essa transformação do latim clássico ao português.

Quadro 39 - Mudança das vogais breves e longas às vogais abertas e fechadas

Vogais do Latim Clássico	Vogais do Latim Vulgar	Exemplos
ă	a	lătus > port. lado
ā		amātum > port. amado
ĕ	ε	tĕrra > port. tĕrra
ē		rēte > port. rede
ĭ	e	sĭtium > port. sede
ī		fĭcum > port. figo
ŏ	ɔ	pŏrta > port. pŏrta
ō		amōrem > port. amor
ŭ	o	bŭcca > port. boca
ū		pŭrum > port. puro

Adaptado de Maurer, T. *Gramática do latim vulgar* e Teyssier, P. *A história da Língua Portuguesa*

Ao sintagma <véo> encontrado no mesmo documento, elaborado em 1890, relacionamos o seguinte percurso etimológico

Velum>veo>véo>véu

A versão encontrada é uma gradação entre as duas últimas ocorrências etimológicas cujos segmentos eo<éo<éu. Como apontou Teyssier (2007, 52) “a pronúncia monossilábica de certos grupos de vogais em hiato produz ditongos. [...]. Temos, pois, so-es[...]>soes; hoje sóis; crue-es [...]>cruees, hoje cruéis; ce-o> ceo, hoje céu.”

Apenas em <bahú> ocorreu acentuação na segunda vogal <u>, alta. É o único hiato dentre os vocábulos e, ao contrário do ditongo, que é uma “sequência de segmentos vocálicos sendo que um dos segmentos é interpretado como vogal e outro é interpretado como um glide.[...] O segmento interpretado como vogal no ditongo é aquele que tem proeminência acentual” (Cristófar 2007, p.94). No documento, além do diacrítico apostro sobre a segunda vogal, encontramos também a consoante [h] utilizada no período para identificar a tonicidade vocálica em palavras como <sahida>, por exemplo. Essa função da consoante foi abordada por Gândavo (1574), Verney (1746) e Bacelar (1783).

Quadros Leite (2007, p.124) em sua obra historiográfica sobre a *Grammatica* de Fernão de Oliveira esclarece que:

A diferença entre vogais é sentida, tanto que, diz o gramático, muitos escrevem vogais duplas (aa, ee, oo) no lugar das “vogais grandes” (abertas) ou “lhes põe aspiração”, ou seja, um h perto delas, mas ambas as formal conduzem a erro. [...]; a segunda é ineficaz porque nem sempre é possível pôr-se a aspiração, o h acompanhando a vogal, na palavra. A solução, portanto, seria a criação de sinais que pudessem representar esses fonemas.

Essa será a alternativa que se dará em finais do século XIX. Em <depôente> o escriba utilizou o circunflexo sobre <o>. Embora a vogal proeminente seja <e>, o uso do diacrítico sobre a vogal <o> pode remeter a:

1. tonicidade de <o> no verbo que dá derivação à palavra dēpōnēre>despoer (XIV)> depor
2. marcar a altura vocálica, usando o diacrítico com apelo diferencial. O uso de circunflexo diferenciaria a pronúncia da palavra.

Tendo em vista que esse vocábulo foi localizado em documento do ano de 1890, essa hipótese é plausível. Em meados do século XIX, já encontramos as primeiras tentativas de sistematização do uso dos diacríticos, para além de marcar palavras homógrafas também diferenciar os timbres vocálicos.

Sob um aspecto etimológico o vocábulo possui o seguinte percurso:

dēpōnēntis> deponente> Depoente

Como sinaliza Cunha (2007), a forma mais recente do vocábulo foi localizada em 1844 e apenas 31 anos antes <deponente> era aceitável. Diante disso, concluímos que o documento de 1890 traz uma forma de escrita recente para o termo. A proeminência das vogais <o> e <e> foi mantida, ocorrendo a queda da oclusiva nasal intervocálica n. Mattos e Silva (2006, 70) assinala que “a perda do n intervocálico põe em contato vogais que, foneticamente, não se podiam fundir por serem de faixas de alturas distanciadas ocorrem hiatos vocálicos, em que a vogal antecedente ao n etimológico se torna nasal”.

A vogal média alta /o/ relaciona-se com a etimologia e com o fechamento vocálico, relatado também por Moraes (1806) em seu *Epitome*.

4. Gramáticas, ortografias e manuais: influências na escrita documental

Iniciamos a terceira parte do trabalho que é dedicada à análise de gramáticas, ortografias e manuais elaborados desde o século XVI até o século XX.

O objetivo é identificar na literatura metaortográfica contemporânea à elaboração dos documentos parâmetros que auxiliem no entendimento quanto ao uso dos diacríticos nos documentos do *corpus*.

Para tanto, dedicamos a cada século um subcapítulo que apresenta a contextualização sócio-histórica do período, apresentando os principais movimentos sociais, políticos e ideologias que influenciaram o pensamento e os costumes dos autores.

Reservamos para cada autor e suas respectivas obras seções que trazem os principais aspectos da produção analisada, centralizando o enfoque na abordagem dos diacríticos, usos e critérios, caso existam.

Ao final de cada subcapítulo apresentamos breve resumo dos dados localizados nas gramáticas e ortografias, relacionando-as aos manuscritos do *corpus*.

A separação obedece cronologicamente a produção ortográfica em todos os subcapítulos e seções, sendo iniciada pelo século XVI. O capítulo encerra-se com a obra de Gonçalves Viana, que apresenta as sistematizações no uso dos diacríticos.

4.1 As obras do século XVI, seu lugar no contexto histórico e a relação com a escrita dos processos criminais

Nesse capítulo, faremos uma excursão no século XVI, buscando nas gramáticas e ortografias os usos e propostas para emprego dos diacríticos. Apesar do primeiro documento de nosso corpus pertencer ao século XVII, buscaremos no contexto histórico e social em que os autores quinhentistas estavam inseridos informações para traçarmos a relação existente entre as obras e suas aplicações nos manuscritos do século XVII. Partiremos dos autores portugueses do século XVI para traçar essas correlações.

Estudaremos Fernão de Oliveira e a *Grammatica da lingua portugueza*, de 1536, João de Barros e a *Grammatica da Língua Portuguesa*, de 1540, Pero de Magalhaes e Gândavo, e *as Regras que ensinam amaneira de escrever e orthographia da língua portuguesa, com hum Diálogo que a diante se segue em defensam da mesma língua*, de 1574 e Duarte Nunes do Leão e a *Orthographia da Lingua Portuguesa*, de 1576, mas antes de qualquer correlação entre os manuscritos e os autores é imprescindível relacioná-los no tempo e na história. A

escolha destes autores deve-se à relevância de suas obras não somente no século em que foram produzidas, mas também posteriormente. Contemporaneamente às produções, Portugal passava por mudanças político-religiosas e a busca por uma identidade nacional passou a ser um dos principais pontos na literatura do século XVI. Espanha, no final do século XV, já possuía uma obra de referência, e a *Grammatica sobre la lengua*, de Nebrija, e essa obra trazia a importância que a língua tinha para a nação e sua relação com o império, as aquisições e conquistas. Isso se deve ao sucesso nos descobrimentos e ao poderio espanhol, que era a maior nação com investidas ultramarinas de sua época. Segundo Mendes (1993, p. 375)

ao proclamar a gramática como chave para a reforma cultural e moral do homem, através dele, de toda uma sociedade [...]o programa de Nebrija rompia com o classicismo medievalizado e incorporava no clássico o ideário do humanismo

A influência da corte e da língua espanhola era perceptível nas obras portuguesas do início do século XVI, como o *Monólogo do vaqueiro e o cancionero Geral*, que traziam as línguas espanhola e portuguesa em suas composições (CURTO, 1993, p. 357).

Diante disso e da necessidade de busca por uma unidade nacional, as obras passaram a buscar e apresentar a importância da língua portuguesa, não desconsiderando a língua latina, mas a colocando em segundo plano, caminhando ainda em paralelo com o português. O principal intuito era estabelecer o português como uma língua padrão, validando assim os preceitos humanistas renascentistas que emergiam no reino de Portugal. O enaltecimento do idioma e seu posicionamento como língua nacional confirmaria a posição da metrópole nas terras conquistadas no decorrer do XVI. Essa preocupação foi apresentada por João de Barros, no *Dialogo em Lovvor da nossa linguagem* ao referenciar os métodos de ensino das primeiras letras e o modo como era realizada a aprendizagem na época.⁸

Mas o pensamento crítico humanista se chocaria com os interesses da Igreja Católica, quando D. Joao III passa a investir na cultura e na educação em Portugal, com intuito de trazer à nação mestres de outros países, diante da ausência de profissionais na Coroa Portuguesa. O marco dessa modernização foi a criação do Colégio das Artes, inaugurado em 1548, formado por pensadores, filósofos e mestres com formação erasmiana, motivo esse

⁸ A Grammatica da Lingua Portuguesa de Barros traz no *Diálogo em Louvor da nossa linguagem* (1536, pp, 54) preocupação como eram ensinadas as primeiras letras aos jovens e a capacitação dos mestres da época e o grau de conhecimento que possuíam. Cabe lembrar que uma pequena parte da população tinha conhecimento da escrita e as primeiras letras eram ensinadas por Cartilhas ou Ortografias. A Grammatica, inclusive, insere a Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja ou Cartinha para aprender a ler (1536, p 58-60)

suficiente para as perseguições da Igreja Católica, que já havia instituído o Tribunal do Santo Ofício em 1534.

A prisão, pela Inquisição, de diversos professores, sob acusação de práticas heréticas foi crucial para o fechamento da instituição e a mudança de sua direção, que passou às mãos da Companhia de Jesus. Com isso, eliminaram as intenções de um ensino inovador, e a censura contava com o apoio do Rei, representado pelo desembargador do paço e do bispo diocesano.

Mas foi com o “humanismo dos descobrimentos” que Portugal se apresentou para a Europa. Obras como *Décadas da Ásia* (1552), de João de Barros, e *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses* (1551), de Fernão Lopes de Castanheda, foram importantes marcos para referenciar a expansão portuguesa, reafirmando um marco de poderio na época: a expansão ultramarina com conquista de novas terras. A expansão portuguesa faria com que a propagação do idioma fosse inevitável.

4.1.1 Oliveira e a *Grammatica da lingoa portuguesa*, de 1536

Fernão de Oliveira foi autor da primeira gramática portuguesa, estudou no Convento de São Domingos, posteriormente tornando-se clérigo secular. Estudioso foi preso pelo Santo Ofício em Portugal e detido por três anos, ganhou a liberdade graças à intervenção do Cardeal Dom Henrique.

Historiador, cartógrafo, gramático e construtor naval, Fernão de Oliveira transmitiu em suas obras o seu pensamento crítico. Apresentada pelo autor como “uma primeira anotação”, sua gramática não mostrava uma sistematização, fugindo ao esquema latino⁹.

Sua formação religiosa esteve presente em seus escritos e no legado deixado na *Grammatica da lingoa*. É perceptível essa influência ao relacionar muitas características da escrita da língua ao latim, e remeter a este idioma a defesa pelo uso de algumas formas. Também escreveu outras obras, dentre elas, *Arte da guerra e do mar* (1554), *Livro da fábrica das naus* (1898)¹⁰, *Arte da navegação*¹¹ e *História de Portugal*.

⁹ Conforme Buescu (1984, p. 11 e 12) os gramáticos do Renascimento subordinaram os esquemas de suas obras aos esquemas das gramáticas latinas, que consistia em partes específicas, dentre elas, a fonética, morfologia, sintaxe e ortografia.

¹⁰ Embora tenha sido escrito no século XVI foi publicado apenas em 1898 por Henrique Lopes de Mendonça.

¹¹ Conforme Buescu (1984, p.23) obra, escrita em latim e perdida.

Importante ícone para o humanismo português, embora reconhecido posteriormente, Oliveira representa e apresenta o humanismo em trechos de sua obra, remetendo, inclusive, aos movimentos expansionistas e à questão da língua:

E desta feyção nos obrigarão a que ainda agora trabalhemos em aprender e apurar oseu esquecendo nos do nosso não façamos assy mastornemos sobre nos agora que he tempo e somos senhores porque millhor he que ensinemos a Guine a que sejamos ensinados de Roma: ainda que ella agora teuera toda sua valia e preço. E não desconhecemos da nossa língua porque s homens fazem alingua/ e não a lingoa os homens. (1536, Capítulo Quarto, p. 6)

No final do “Quinto Capitulo” (p.8), o autor apresenta a divisão de sua gramática, anunciando a sua finalidade

tomemos o falar dos nossos homens e da hi juntaremos preçeitos pera aprenderem os q vierem e tambem os ausentes. A primeyra partição que fazemos em qualquer língua e sua grãmatica seja esta em estas tres partes. Letras, Sylabas e vozes: que tembê há na nossa de Portugal com suas considerações cõformes a propria melodia.

E a partir do “capitulo seysto” inicia-se o assunto em que nos aprofundamos, pois trata das letras e das vozes. Nesse capítulo, o autor novamente faz menção às diferenças existentes entre o latim e o português, ao descrever as nomenclaturas dadas às letras: “as figuras destas letras chamão os Gregos caracteres: e os latinos notas: e nos lhe podemos chamar sinaes”. Dessa forma, reafirma que o português é um idioma diferente do latim, remetendo à unidade de sua língua, apesar dos diversos traços que traz da herança latina, como o uso das consoantes nasais <m> e <n> em final de palavra e a esse assunto faz menção no “capitulo nono”.

Para isso, argumenta que estas letras não são semivogais, pois não há possibilidade de “fenecer em ella as nossas vozes”. Defende o uso do til quando da necessidade de emprego destas consoantes e dá uma pista importante sobre o uso das nasais: “he. m. nem. n. como nos escreuemos ora hũa dellas: ora outra imitando os latinos” (p.08), ou seja, o til não era um diacrítico utilizado pelos latinos como sinal abreviativo e passou a ser utilizado dessa forma na língua portuguesa.

Quanto ao grafema <h>, muitas vezes encontrado no *corpus* para demonstrar a tonicidade silábica, Oliveira afirma que:

Mas q̄ seria se dissessemos não auer antre nos aspiração das vogaes não ha hi duuida se não q̄ nenhuma e aspirada antre nos/ tirãdo alghũas interjeições: das cõsoãtes eu diria q̄ sem aspiração fazê alghũa mudança cujo sinal e aq̄lla figura de letra.h. q̄ he mesturamos assi como fazemos do til nas vogaes quando tambê mudão sua voz. (1536, Capítulo XVI, pp.14)

Com essa afirmação, compreendemos que o <h> tem a função de um diacrítico, uma vez que também relaciona a função do til à função das consoantes, quando ambos são utilizados para mudar a pronúncia e a “qualidade da voz”. Assim, Oliveira ratifica a “identidade linguística” não tomando para sua língua um uso latino, pois as aspirações são heranças desse idioma, assim como do grego. Ainda detalha:

h. se e letra cõsoante como alghũs quiserão: e o traz Diomedes grãmatico ha mester própria força e se até ou não ou se e bõa apronũciação que lhe dão alghũs latinos elles o vejão: nos portugueses não lhe damos mais q hũ pouco de esprito: o qual esforça mais as vogaes cõ que se mestura e dizẽ os latinos q se pode mesturar cõ todas as vogaes: mas antre eu não vejo algũa vogal aspirada se não e nestas interjeições vba e aba e nestoutras de riso ha ha he aída q̄ naõ me parece este hoo riso portuguesa posto q̄ o assi escreua Gil Viçente nos seus autos: també achamos alghũas poucas vogaes cõ sinal d’aspiração na escritura e não na voz: e me parece q̄ se não faz mais q̄ sopa mais certo conheçimẽto de quẽ são como homẽ o q̄l segue ainda a escritura latina (1536, Capitulo quatorze, p. 12)

Sobre o uso dos diacríticos, Oliveira retrata no “Capitulo VIII” as diferenças entre as alturas das vogais, fazendo referência ao “a grande e a pequeno”, iniciando uma abordagem sobre as diferentes entonações vocálicas, não as relacionando com o acento gráfico, mas com a tonicidade com que são pronunciadas as sílabas. Para tanto, sugere um alfabeto com “oyto vogaes na nossa ligoa mas nã temos mais de cinco figuras, porq̄ não queremos saber mays de nos q̄ quanto nos ensinão os latinos: aos quaes diz Plinio que e pouco saber escoldrinhar as cousas alheas não nos entendendo a nos mesmos”. (p. 09). Ainda que não faça uso do sinal gráfico como diferencial de altura, apresenta-o nas figuras utilizadas para representar cada uma, da seguinte forma: a, α, e, ε, i, o, ω, u. Com isso, o gramático afirma que o abecedário é composto por trinta e três letras, sendo oito vogais e vinte e quatro consoantes, mas ao alfabeto, o autor insere os dígrafos (ch, lh, nh, ss) e o <ç>.

4.1.2 Barros e a *Grammatica da língua portuguesa*, de 1540

João de Barros, autor da *Grammatica da língua portuguesa*, é reconhecido como historiador e ensaísta. Nasceu em Viseu, por volta do ano de 1496 e exerceu cargo de tesoureiro da Casa da Índia, Mina e Ceuta, atividade que o influenciou nas atividades de historiador. Ocupou durante toda a vida altos cargos na Coroa e morreu em 1570.¹²

Contando com estudos dedicados à sua obra, Barros representou o humanismo pelas produções histórico-pedagógicas, pois como afirma Buescu (1984, p. 32)

(...) para além e acima de historiador, do filósofo, do pensador, do crítico da sociedade e do homem do Paço, estão o sopro renascentista que condicionou a Gramática no seu conjunto pedagógico-didático e fez do seu autor um dos mais relevantes espíritos do Humanismo português.

João de Barros representou o movimento humanista em sua obra ao atrelar o uso do latim clássico ao português, sugerindo um paralelo histórico entre ambos. No *Diálogo em louvor da nossa lingvagem*, o autor enaltece o português, referenciando as conquistas do além-mar no diálogo entre pai e filho, além de mencionar a língua latina “que durará eternálmẽte”.

Quanto ao uso do til, em detrimento das consoantes nasais <m> e <n>, determina que seu uso deve ser realizado na ausência das consoantes <m> e <n> em final de sílaba, utilizando o diacrítico em seu lugar. Ao mencionar o uso do <m> em final de sílaba, afirma que

M. tem menos trabálho que as outras leteras, por que todas as syllabas cuia letera elle e final, serue em seu lugar til, a que podemos chamar soprimẽto delle e do, n, como nestas dições, mandár, razám, E da maneira que fica liquido quando leuamos ao plurár as dições que acabã nelle, nas formações do nome ô uimos. E em algũas dições onde elle e finál, e que diante sy tem letera uogál, nũca ô poremos, senam til, por nam fazer a páрте амфиболógica, como, cõ estas, e nam, com estas, ca parece que diz comestas. Em algũas dições se quer dobrádo: como, grammática, immortal: por que tem esta natureza, ante de sy nam consente, n, como p, e, b. [...] (BARROS, 1540, p. 47)

Suas orientações quanto ao uso do til compõem a quinta regra de sua gramática, como segue:

Quinta regra, todo nome que no singular acába em algũa syllaba destas, am, em, im, om um, no plurár (como uimos nas formações delles) em lugar, de, m, se porá tíl: o

¹² Além da *Grammatica*, Barros também foi autor das seguintes obras: *Crónica do Imperado Clarimundo* (1522), *Rhopicapneuma* (1532), *O Panegírico de D. João III* (1533), *Diálogo da Viçiosa Vergonha* (1540), *Grammatices Rudimenta* (1540), *Diálogo sobre Preceitos Morais* (1540), *Diálogo Evangélico sobre os artigos da fé* (1543), *Panegírico à muy alta, e esclarecida Princeza Infanta D. Maria nossa senhora* (1545), *Libro das antiguidades e cousas notauais de antre Douro e Minho, e de outas muitas de España e Portugal* (1549) e *Da Ásia, dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente* (1577).

quál liquesçena prolaçám do nome: como nestas dições. Pães, homens, ceitiis, bõos, atũus. (BARROS, 1540, p. 42)

Quanto ao uso de diacríticos para representar a tonicidade vocálica, Barros adota o agudo. Diferentemente de Oliveira, o historiador remete às oito vogais, mas as representa diferentemente como “a, pequeno, e, grande, e, pequeno. i. comũ, ó, grade, o, pequeno, u, comũ”. Assim, o autor inova utilizando os diacríticos para representar a altura vocálica, enquanto seu antecessor utilizou o alfabeto grego para referenciá-las.

O grafema <h> é apresentado como uma aspiração e não como letra, pois compõem sílabas aspiradas, assim como em latim. Ao descrever o grafema, Barros referencia os dígrafos e a interjeição como parte das funções de aspiração do <h>, remetendo ainda à morfologia ao mencionar palavras como <hómem> e <humanidade>.

Verifica-se em toda a obra de João de Barros, uma busca às origens latinas, com adoção de parâmetros próprios para o uso e aplicação na ortografia. A tentativa do autor, proposta no *Diálogo* era o de referenciar a língua portuguesa como idioma próximo e semelhante ao latim, em comparação aos outros idiomas latinos.

4.1.3 Gândavo e as Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da língua portuguesa, com hum Diálogo que a diante se segue em defensam da mesma língua, de 1574.

Pêro de Magalhães e Gândavo nasceu em Braga, exerceu a função de copista da Torre do Tombo e ensinou latim e português, em Entre Douro e Minho.¹³

O humanista inicia sua obra esclarecendo que as regras são destinadas “senão pera os que não são latinos. E por esta razão quis nelas vsar de algũs exêplos, pera que assi ficassem mais claras [...]” (1574, p. 03). A sua intenção, expressa nas primeiras páginas de suas Regras era fazer com que o povo português escrevesse da forma como a língua se apresentava, ou seja, conforme sua pronúncia. No capítulo *Das letras com que se escreue, & syllabas que se formão delas*, Gandâvo apresenta “vinte e três letras, ou vinte & hũa com este y grego, afora

¹³ Esteve por duas vezes no Brasil, o que foi retratado em sua obra *História da Província Sãcta Cruz à que vulgarmête chamamos Brasil*, de 1576. Além desse livro, Gândavo é autor de *Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da língua Portuguesa, com hum Dialogo que adiante se segue em defesam da mesma língua*, que será nosso foco de análise.

h, que lhe não chamão os Latinos letra, senão aspiração” (1574, p.12). Dentro desse quantitativo, seis letras são vogais – a, e, i, o, u, y.

No capítulo *Dos accentos qve se hão de vsar em algũas letras, ou vocabulos que teuerem duvidosa a significação*, o ortógrafo faz referência ao uso do diacrítico grave nas ocorrências em que houvesse a junção entre o artigo e a preposição, no singular, ou o uso do circunflexo, quando houvesse a junção no plural. Essa é uma das funções do grave atualmente, mas Gândavo foi o primeiro ortógrafo a sugerir esse uso. Embora citado por diversos gramáticos e ortógrafos posteriores, o uso do grave era desaconselhado. Em seu lugar os estudiosos optarão pelo uso do agudo.

Como regra, Gândavo defende:

Qvando este articulo a, ou as, se ajuntar a algũs nomes femeninos, a que se concede ou nega algũa cousa, terá hum accento em cima, aþicomo, à vossa geração se deue esta honra, ás cousas diuinas se ha de ter grande acatamento, &c. Enfim que aþi como dixeramos, ao, ou aos em nomes masculinos, aþi diremos à, ou às, com este accento em cima em nomes femininos: saluo quando se ajuntar a algũs nomes próprios [...]. (1574, p.33)

No mesmo capítulo, exemplifica outras finalidades para o emprego dos diacríticos como, por exemplo, a distinção dos tempos verbais, pois “há muitos verbos que não se sabe se falão do tempo passado, se o por vir”. Resolve a questão com a utilização do diacrítico na penúltima sílaba, para os casos em que o tempo verbal estiver no passado. Para os verbos no futuro, o diacrítico deverá ser apostado na última sílaba. Esse princípio de sistematização da utilização dos sinais gráficos é identificada inicialmente na obra de Gândavo, pois Oliveira e Barros não fazem menção a esses usos fora do campo fonológico.

E quando falarem do futuro que fezerem o acento na vltima, se escreuerão com ão, aþi como, alcançarão, louuarão, &c. Ou também se podem escrever com m, que falem do passado quer do por vir, distinguindo esta duuida com os mesmos acentos da maneira que acima digo. (1574, p.35)

Conclui, afirmando que

Alem destes há outros muitos vocábulos, em que he necessário vsarse deste & doutros acentos, pera que melhor se saibão pronunciar, & entender a significação deles. (1574, pp. 35)

Ainda que não faça referência ao diacrítico, deixa-o implícito ao mencionar o ditongo nasal *ão*, dando exemplos de verbos no tempo futuro. Com isso apresenta quando e como empregar o til no lugar do <m>, confirmando a necessidade do uso de diacríticos para auxiliar

a pronúncia. Embora não se aprofunde no tema, apresenta os sinais gráficos como parte da ortografia portuguesa, pois a finalidade de sua obra é “não serem necessários senão a estes que escassamente sabem que cousa he nome, & que cousa he verbo”.

No capítulo *Das partes a qve se há de ajuutar esta aspiração H*, o humanista apresenta as formas de uso dessa “aspiração” sob as funções etimológica, distintiva e diacrítica¹⁴. Inicialmente aborda o uso do grafema quando houver verbo, afirmando que “a esta letra a, se ajuntará h, quando for verbo, que signifcar aver [...]”. Complementa afirmando que o grafema também deverá ser utilizado “quando elle significar algũa exclamação” e finalmente apresenta <h> para diferenciar o verbo da conjunção, apresentando a opção de utilização do diacrítico agudo no lugar do grafema. A não adoção do diacrítico deve-se ao fato de não ser

muito pouco vsado, & muitas pessoas o auerão por novidade, ignorando pela ventura o que o tal acento denota, parece me que sera mais acertado & melhor escreuello com h, por ser pelo costume mais claro & fácil a todos. (1574, p.42)

Diante dessa explanação, identificamos que Gândavo, embora apresente o <h> como aspiração, defende seu uso com função de diacrítico.

4.1.4 Leão e a *Orthographia da lingoa portuguesa*, de 1576

Duarte Nunes do Leão nasceu em 1530 em Évora, filho de judeus, formou-se na Universidade de Coimbra e atuou como procurador e desembargador na Casa da Suplicação, falecendo no ano de 1608.¹⁵

A partir das abordagens contidas na *Orthographia da lingoa portuguesa*, faremos paralelos com as outras obras analisadas. Leão, conforme Buescu (1984, p. 154), apresenta a

¹⁴ Conforme aborda BUESCU, 1989, p. 124

¹⁵ Escreveu *Repertório dos cinco liuros das Ordenações* (1560), *Artigos das sizas* (1566), *Leis extrauagantes* (1569), *Annotações sobre as ordenações dos cinco liuros* (1569), *Genealogia verdadera de los reyes de Portugal: con sus elogios y summario desus vidas* (1569), *Regimento dos officios mecanicos* (1573), *Orthographia da lingoa portuguesa* (1576), *Determinações que se tomaram per Mandado d’El-Rei Nosso Senhor sobre as duvidas que avia entre os prelados e justiças eclesiásticas e seculares* (1578), *Ordenaçam da nova ordem* (1578), *Censurae in Libellum de Regum ortogalieae origine* (1585), *De vera regum portugaliae Genealogia Liber* (1585), *Genealogia verdadeira de los reyes de Portugal* (1590), *Primeira parte das chronicas dos reis de Portvgal* (1606), *Origem da lingoa portvgvesa* (1606), *Descripção do reino de Portugal* (1610), *Chronicas d’El-Rei D. João de gloriosa memória* (1643).

sua *Orthographia* nas seguintes partes: regras particulares para cada letra, estudo de algumas modificações, dos diphtongos, regras gerais da ortografia, os artigos, os acentos e o seu uso como sinal do tom, lista de correções e tratado dos pontos.

A novidade é a apresentação de um capítulo direcionado aos acentos, em que descreverá as formas de utilização dos diacríticos. O capítulo *Dos acentos, e quando os deuemos usar na escriptura* relaciona a diferença entre as dições e a sua representação com uso do agudo, grave e circunflexo.

Até então, Fernão de Oliveira (1536) havia abordado os tons da dição, Barros (1540) faz relação entre a qualidade vocálica e sua representação na forma de diacríticos e apenas Gandâvo (1574) havia reservado um capítulo para o uso dos diacríticos como sinais de diferenciação.

Duarte Nunes do Leão remete ao til como forma de abreviação, afirmando que o “Til não he letra, mas hũa linha & abbreviatura, que se põe sobre as dições, com que suprimos muitas letras”. (1576, p. 24). O autor também defende o seu uso como sinal para suprimir os grafemas <m> e <n>, embora mencione que o diacrítico pudesse suprimir muitas letras.

Para o ortógrafo, <m> é “letra semivogal, cuja propriedade he não ir ante outra algũa cõsoante. Porq sempre vsamos do .n. ainda q pareça q vai teer ao soido do .m; polo q não diremos, Amtonio, nẽ emtemdimento, senão, Antonio, entendimento.” (1576, p.12). Quanto à representação das letras, Leão faz referências semelhantes às de Fernão de Oliveira, ao mencionar vogais “grandes e pequenas”, mas utiliza os diacríticos para diferenciar a quantidade, conceito latino que se referia à duração da pronúncia das vogais, pois

as transformações ocorridas no emprego de timbre (no latim clássico, duração) das vogais remetem, ainda, a mudança de grafia dos vocábulos, pois, as vogais breves do latim clássico transformaram em abertas e as longas em fechadas. A mudança ocorrido era na quantidade (longas e breves, atreladas à duração) para a qualidade (abertas e fechadas, atreladas à tonicidade) (OLIVEIRA, 2010, p.78)

Ao explicar a letra “e” e descrever as formas de representação da vogal, Leão apresenta a diferença entre as formas de pronúncia e a sua representação gráfica, da seguinte forma:

E. he letra vogal simplez, & não de duas maneiras, como algũs cuidão, que fazem .e. pequeno como em besta por animal, & instrumẽto de tirar: o que não há. Porque na pronúncia dessa letra, nenhũa differença teemos dos Latinos. E a diferença, que vai desse e, que aos vulgares parece lõgo, ao outro, a que erradamẽte chamão breue, notamos com accẽto agudo ou circumflexo, ou graue (como teemos dicto do.a. & diremos a diante na letra. O) ou com dous .ee. (1576, p.06).

Ao diferenciar a quantidade vocálica não remete à qualidade, noção que foi abordada anos antes por Oliveira e Barros. Barros, ao explicitar as motivações para o uso dos diacríticos, refere-se à “prolação da vóz, com as latinas dobradas a este modo, aa, ee, oo, soprimos o lugar onde ellas seryẽ: como nestas dições. Maas, pees, poo, as quais deuemos escrever a este modo. Más, pês, pós” (p.43), ou seja, remete à língua latina fazendo um paralelo entre o latim e o português ao contrair a duplicidade vocálica, que representa, nestes casos, a qualidade. Leão apresenta outro ponto de análise ao uso dos diacríticos, referenciando o acento à quantidade e não à qualidade, como abordado por seus antecessores

E tirada aquella syllaba, e q sta o accêto predominante, as mais teem acento graue, que propriamente não he acento, senão quanto em respecto do agudo. E os acentos são três. Agudo, graue, circumflexo. Agudo he, o q leuâta mais a voz, & tõe esta figura, á; O graue he o q abaxa & he assi, à. Circumflexo he o que participa de ambos, & assi tõe figura, â. (p 66)

O ortógrafo complementa informando que a relevância do uso dos acentos devia-se à diferenciação das palavras, uma vez que palavras semelhantes deveriam ser diferenciadas de algum modo e os diacríticos exerciam essa função. Diante disso, a função dos sinais gráficos seria meramente diferencial.

Quanto à função do grafema <h>, o ortógrafo classifica-o como uma aspiração, defendendo que é necessário escrevê-la embora não seja pronunciada ou perceptível à fala, devido à necessidade de “guardar a orthographia dos nomes Latinos, & Gregos, para per ella se conheçera origem & etymologia dos vocábulos” (1576, p. 8).

Também reserva um capítulo específico para os apóstrofes, definindo-os como “hũa figura, que os Gregos contão entre seus acentos, sem ser accêto”. Referência a esse diacrítico havia sido realizada, até então por João de Barros, atribuindo-lhe o nome de Sinalepha.

4.1.5 Um panorama entre as gramáticas e o *corpus*

Os gramáticos apresentam distintas perspectivas acerca do emprego dos diacríticos. A partir da abordagem sobre as obras e suas partes elaboramos quadro com uma breve apresentação dos tópicos que julgamos interferir na adoção e definição dos sinais diacríticos. Esse resumo constará em todos os demais capítulos e contemplará o alfabeto adotado pelo autor, a quantidade de vogais e quais são, a função do <h> e qual o entendimento sobre sua existência, o título do capítulo em que consta essas informações, os diacríticos adotados e o capítulo que aborda o assunto.

Dedicamos uma parte ao <h> devido à função que esse grafema assume em documentos oitocentistas, e identificar seu percurso histórico-linguístico nos dará subsídios para identificar sua aplicação nas demais gramáticas. Nesse capítulo, essas informações estarão presentes no quadro 40.

Quanto às obras, as duas primeiras gramáticas assemelham-se na forma e na abordagem, principalmente no que tange à fonologia, pois enquanto Oliveira fez uso dos grafemas gregos, Barros adaptou-os, aplicando os diacríticos sobre as vogais, modelo não seguido por seus sucessores. Gândavo e Leão, que usaram igualmente a mesma classificação de vogais, não enfatizaram o caráter fonético.

A primeira menção aos diacríticos como forma de diferenciação na escrita partiu de Gândavo, que, embora não os nomeie apresenta-os sobre o grafema <a>. Leão também procura sistematizar o uso, apresentando a utilização, por regras e especificações pré-determinadas.

A função diacrítica do grafema <h> também foi abordada pelos gramáticos analisados. Desde Fernão de Oliveira, o grafema foi considerado uma aspiração, recebendo ressalvas quanto à sua função, importância e classificação dentro do abecedário. O grafema manteve-se na escrita dos vocábulos do século XVI, mantendo a tradição latina e a herança morfológica. Fazem menção a esse movimento Oliveira e Barros, que dão ao <h> uma função fonológica, reforçada por Gândavo em suas *Regras*.

O til, diferente dos outros diacríticos, faz-se presente desde os escritos da primeira gramática portuguesa. Apresentado por Oliveira como um sinal de abreviatura, o til tinha como função principal a supressão dos grafemas <m> e <n>. Até então, o uso dos grafemas para expressar nasalidade era uma herança da escrita latina, em muito buscada no classicismo, período em que a sociedade passa a enaltecer a literatura greco-romana e o racionalismo.

É comum encontrarmos o emprego do til em meio e final de palavra, mas é a partir da obra de Barros que o til é colocado como sinal abreviativo e diferenciador morfológico, ao ser utilizado para representar os tempos verbais no futuro, enquanto o <m> deveria ser empregado para os tempos verbais do tempo pretérito.

Quadro 40 - Partes das gramáticas

Autor	Fernão de Oliveira (1536)	João de Barros (1540)	Pero de Magalhães e Gândavo (1574)	Duarte Nunes do Leão (1576)
Alfabeto	32 letras, desconsiderando o til e o h “e cõ tudo a estas duas.til.e.h. não metemos em conta de letras perfeitas”	34 letras (assy q podemos dizer, termos vintatres leteras em pode & trinta e quatro em figura)	21 letras	22 letras (tirãdo, h, que não he letra, mas figura de aspiração, ou assopro, que formamos para pronunciação d'algũas letras)
Vogais	a, α, e, ε, i, o, ω, u,	a, á, e, ε, i, o, ó, u	a, e, i, o, u, y	a, e, i, o, u, y
H	-h. se e letra cõsoante [...]não lhe damos mais q hũ pouco de esprito; - [...]Mas antre nos eu não veio alghũa vogal aspirada se não e nestas interjeições vha e aha e nestoutras de riso ha ha he [...] -as letras consoantes aspiradas q são. ch. lh, nh, não tem própria figura ainda ate gora: os nomes delas são, che, lhe, nhe, os qes sabidos são sabidas as pronunciações	-Nam lhe chamam letera, mas aspiraçam. [...]tem mais outro ofício acerca de nós: que cõ cada hua das três leteras vogâes fáz tres syllabas [...] cha, lha, nha	-Posto que tambem costumão algũas pessoas por escusar este h, no tal verbo, escreuello somente com hum acento em cima desta maneira é. -[...]he necessário vsar [...]não porque seja necessário a pronunciação gostar dele, [...]vso desta [...]linguagem hum, hia, hi.	-não he letra, mais que na figura. Mas he hũa aspiração ou assopro. [...]porem ainda que pareça esta aspiração ociosa, pola não pronũciarmos, he porem necessária, para guardar a orthographia dos nomes Latinos, & Gregos, para per ella se conhecer a origem, & etymologia [...].
Capítulo sobre vogais e H	Capítulo VIII e XIX/ Capítulos XIV, XV e XVI	Da Orthographia	das letras com que se escreue, & syllabas que se formão dela	Das letras, & de sua diuisão & natureza.
Diacríticos	Ausente	Til	á, â, ão (não nomeia os diacríticos, mas os representa)	til (não he letra, mas hũa linha & abbreviatura
		Embora não faça menção ao agudo, aplica-o para designar as vogais abertas		"são tres.s.agudo, graue, circumflexo"
				Apostrofo (“hũa figura, que os Gregos contão entre seus acentos, sem ser accênto”).
Capítulo sobre os diacríticos	Ausente	Da Orthographia	Dos accentos qve se hão de vsar em algũas letras, ou vocabulos que tenerem duuidosa a significação	Dos accentos, e qvando os deuemos vsar na scriptura

Podemos, ainda, remeter esse processo ao início de regularização ou de tentativa de “uniformização” da escrita, movida por Gândavo ao contexto sócio-histórico, pois foi nessa época que Portugal passou ao jugo do reino de Castela e a busca pela identidade nacional voltou-se para a necessidade de diferenciar o espanhol e o português. Foi por isso que o uso do til seria um aliado a essa mudança, tendo em vista que o emprego dos grafemas <m> e <n> eram marcas presentes no espanhol.

Além disso, a ruptura com os formatos latinos de escrita seria uma forma de reposicionamento de Portugal e uma quebra com a tradição latina. Os *Diálogos* apresentados na obra de Barros (*Dialogo em lovvor da nossa lingvagem*) e de Gândavo (*Dialogo em defesa da língua portuguesa*) trazem à tona a necessidade de evidenciar e defender a língua portuguesa como importante ponto de coesão e identidade nacional.

Ainda que os autores apresentem diretrizes sobre determinadas formas de escrita é notória a substituição existente na época. Ao analisar a impressão, encontramos grafias diferentes para um mesmo vocábulo, contrariando, inclusive, as orientações quanto à forma como a ortografia devia ser realizada. Exemplos disso podem ser encontrados em Barros e Oliveira, como apresentam os trechos abaixo:

Figura 11: Trecho de Fernão de Oliveira; capítulo 14; p. 12; linha 15.

h. se e letra côsoante como alghũs quizerão: e o traz dío-
medes grãmatico há mester própria força e até ou não
ou se e bõa apronũciação que lhe dão alghũs latinos eles
o verão: nos portugueses não lhe damos mais q̃ hũ pou-

Figura 12: Trecho de Fernão de Oliveira; capítulo 16; p. 14; linha 6

As letras consoantes aspiradas q̃ são, ch, lh, nh. não
tem própria figura ainda ate gora: os nomes delas
são. che, lhe, nhe, os q̃es sabidos são sabidas as pronũcia-
ções: mas q̃ seria se disséssemos não auer antre nos aspi-

Figura 13: Trecho de João de Barros, da *syllaba*, p. 4, linha 7

Pósta de uogal e cōsoãte. Os latinos fazê às vezes hũa
Só syllaba com çinquo consoantes: como nestas dições,
Scrobs, stirps. A nóssa syllaba nam pássa de tres, co-

Figura 14: Trecho de João de Barros, da *syllaba*, p. 4, linha 2

mente fazê hũa só uóz. Digo hũa cōsoante, quando se
a iūtã desta maneira, li, & cō duas, uro. & com três.
uros, q̃ iūtamēte fazê este nome liuros. E por q̃ ás ue-

A mesma pluralidade ortográfica foi percebida na escrita dos documentos oficiais também, pois sob a feitura de um mesmo punho foram encontradas diversas formas de representar a nasalidade na escrita de <escrivam> e <escrivão>, por exemplo, encontrado no documento do ano de 1744.

No *corpus* também encontramos o <h> com função tônica, como em <ahi>, presente em documento de 1833. Essa função do <h> é abordada por Oliveira e Gândavo.

Ao verificarmos os aspectos etimológicos dos vocábulos analisados, podemos fazer algumas considerações a saber:

1. Naõ < non (XV) < nō < **non** (latim)
2. Escrivão < escriuam < escriuã (XIII) < scribanis (latim)
3. Resorreisaõ < rresureyçõ (XIV) < resurreioçom < resurrectionis (latim)

O uso de <aõ> ou <ão> no final de palavras que possuem origem latina em terminação <onis> e <anis> já foi amplamente debatida. Mattos e Silva (2006, p. 73) afirma que:

a norma que se estabelece no século XVI avalia negativamente <om/õ> e prestigia a variante <am/ão> [...]. É esta a realização de prestígio até hoje, enquanto ainda hoje a realização <om/õ> é marcada como popular, arcaizante e regional. Essa avaliação sociolinguística e provavelmente o fator fonético favorecedor ao ditongo e não à vogal nasal em posição final contribuíram para a seleção do ditongo nasal <ão/am>, como pronúncia de prestígio em detrimento da nasal final e do ditongo nasal <om/õ> que persiste em variantes regionais do norte de Portugal.

Duarte Nunes do Leão, em sua *Orthographia da lingoa portugueza* (p.29) atenta para as questões regionais que envolviam a pronúncia de vocábulos com terminação <om> ao mencionar que:

[...] A qual ainda agora guardão algũs homens d'entre Douro & Minho, & os Gallegos, que dizem fizerom, amarom, capitom, cidadom, taballiom, appelaçom. O qual respecto, & analogia, se guardão em muitas palavras, hũas lingoas a outras, como se vee nas lingoas, Latina, Thoscana, Castelhana, & Portuguesa [...].

4. Irmã < irmã < irmana < **germana** (latim)

Em <irmã>/<irmão> o diacrítico representa a queda no <n> intervocálico, resultado da crase das vogais dobradas em <irmãa>. Diante disso, além de uma marca de diferenciação do espanhol, o diacrítico apostro sobre a vogal é o resultado da queda do <n> intervocálico, que ocorreu “provalmente, no século XI, após ter nasalizado a vogal que o precedia. Resultou daí um grande número de hiatos (Teyssier, 2007, p. 34).

5. Uma (XVII) <**Huã** < ãa (XIII) < **una**(latim)

6. Um (XVII) <Hum (XIII) <**Hũ** < ùu < **unus** (latim)

Os casos 5 e 6 trazem duas questões distintas acerca do uso do diacrítico e da supressão da consoante nasal. Em ocorrências como <huã> e suas variações também encontradas nas análises documentais, as quais citamos <hũa>, <huá>, <húa>, temos a existência da consoante nasal <m>, que representa uma consoante plena em posição intervocálica. Já em <hum> e suas variações como <hũ>, a consoante nasal no final de palavra representa a nasalização vocálica também marcada pelo diacrítico apostro sobre a última vogal. O emprego do til no lugar da consoante foi maior evidenciada a partir do século XVI, em resposta à necessidade de reafirmar a língua portuguesa como idioma nacional e distanciá-la do castelhano. Em contrapartida, as correntes clássicas tinham como preceito o resgate ao latim e às origens da língua. Entre esses polos, nesse âmbito, prevaleceu o til.

Acreditamos que isso se deve à necessidade de fazer das ortografias objetos de esclarecimento e disseminação da língua portuguesa. Apesar da busca pela identidade nacional, o entrelaçamento do português e o latim são características presentes em todas as ortografias, embora utilizem diferentes discursos como valorização do idioma pátrio.

É notório que as anotações de Fernão de Oliveira são representadas na obra de Barros, principalmente, no que tange à abordagem fonético-fonológica. Silveira Bueno (1955, 243) afirma que a obra do historiador foi um plágio à gramática de Oliveira, tendo em vista que o segundo havia sido professor dos filhos do primeiro e, além disso, a abordagem de Oliveira acerca das ortografia é semelhante à abordagem de Barros. As obras de Gândavo e Leão já

dimensionam capítulos específicos, que explicitam o uso dos diacríticos, diferentemente dos antecessores. Acreditamos que isso se deve à necessidade de fazer das ortografias, objetos de esclarecimento e disseminação da língua portuguesa. Apesar da busca pela identidade nacional, o entrelaçamento do português e o latim são características presentes em todas as ortografias, embora utilizem diferentes discursos como valorização do idioma pátrio.

4.2 As obras do século XVII, seu lugar no contexto histórico e a relação com a escrita dos processos criminais

O século XVII foi palco de mudanças sociais que levaram à transformação da literatura e da arte. Do maneirismo, retratado em pinturas que “interpretavam valores contra-reformistas¹⁶”, à repressão da produção artística, receberam a reação da Igreja as criações julgadas não cristãs, pois Portugal ainda estava sob a influência do humanismo. As expansões ultramarinas impulsionavam a economia e colocavam em conflito as crenças humanas e o poder do clero, que mantinha sua influência sob o terror da Inquisição, firmando a legitimidade do catolicismo. A reforma e a contrarreforma trariam reflexos a Portugal, que, diferentemente dos demais países mantinha-se fiel a Roma, fazendo com que a identidade religiosa portuguesa sobrepujasse a identidade do reino português. Para Silva e Hespanha (1993, p.21)

no plano interno, o primado da catolicidade sobre a identidade reinícola conduzia à ideia de que a legitimidade do reino estaria dependente de sua fidelidade à Igreja e a identidade dos súbditos à sua adesão à fé do reino e dos seus maiores.

Essa fidelidade proporcionaria o sucesso às campanhas de evangelização aos povos nativos do Novo Mundo, promovendo a disseminação da religião cristã e da língua. Transmitida por gramáticas bilíngues, elaboradas pelos jesuítas, transformavam a cultura local e propagavam o idioma do colonizador.

A questão da língua foi vivenciada fortemente em Portugal sob o comando de Filipe II, de 1580 até o ano de 1640, pois os portugueses passariam a buscar uma identidade que os qualificasse como unidade, apartados do reino espanhol.

No entanto, a glória das descobertas não sobrepujava a inconstância social diante do jugo de um rei espanhol e a crise no governo português apresentaria seus reflexos nas produções literárias da época e inserido nesse cenário estava o Barroco, movimento literário que perdurou no período de 1580 a 1756. Na contextualização de Moises (1980, p.155) “constitui-se numa tentativa de fusão harmônica entre as duas linhas de força que orientavam a cultura renascentista (a medieval e a clássica, respectivamente teocêntrica e antropocêntrica)”.

A conversão de novas almas ao cristianismo trazia mais força à Igreja que, desde meados do século XV, perdia devotos para novas instituições fundadas em resposta aos

¹⁶ PEREIRA, Paulo. A conjuntura artística e a mudança de gostos in MATTOSO, Jose. História de Portugal. v. 3. p. 423-468.

interesses sócio-políticos da época, como a Igreja Luterana, fundada por Martinho Lutero, na Alemanha, ou a Anglicana, fundada por Henrique VIII.

E dentro desse contexto conflituoso que alguns estudiosos se debruçaram sobre a escrita da língua portuguesa, elaborando obras que ratificassem e solidificassem a ortografia nacional.

A partir disso verificaremos em Alvaro Ferreira de Vera em sua *Orthographia ou modo para escrever certo na língua portugueza* (1631); Bento Pereira em suas *Regras gerays, breves, e comprehensivas da melhor ortografia com que se podem evitar erros no escrever da Lingua latina e portuguesa, para se ajuntar â prosodia. ordenadas pelo author delas (...). Aprovadas per varoës pertíssimos em huma, & outra língua* (1666) e João Franco Barreto em sua *Orthographia da lingua portugueza* (1681) e os conceitos apresentados em suas ortografias e as descrições acerca da aplicação dos diacríticos, foco de nossa análise.

4.2.1 Vera e a *Orthographia ou modo para escrever certo na língua portugueza*, 1631

Alvaro Ferreira de Vera, de Lisboa, era escrivão da Torre do Tombo. De origem ilustre, estudou em colégios jesuítas e foi grande pesquisador, ficando conhecido em sua época pelos estudos genealógicos em Portugal e posteriormente em Madri.¹⁷

Centralizamos nossas atenções na análise de sua ortografia, que é composta por 34 partes, sendo dois capítulos iniciais dedicados à contextualização da ortografia e à divisão das letras. Remete aos preceitos abordados por Oliveira, em meados do século XVI, ao definir a pronúncia, suas vozes e a diferenciação entre a escrita e a fala. Enfatiza, ainda, que é necessário saber o correto uso das letras destinadas a cada palavra e o seu significado.

No capítulo 2, em que inicia a transcrição das letras do alfabeto, faz referência ao alfabeto hebraico, caldeu, sírio, fenício, grego e, finalmente, ao latino, esclarecendo ainda que o povo fazia uso diferente dos sacerdotes, ou seja, o uso popular das letras era diferente do

¹⁷ Apesar das poucas referências encontradas, Vera escreveu, além da Ortografia, os seguintes livros: *Origem da nobreza política, blazões de armas, apelidos, cargos, e títulos nobres*, de 1631; *Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro*, de 1640; *Vidas abreviadas del Conde don Enrique de Borgoña, del Rey D. Afonso Enriques el I. de Portugal, de d. Sancho el I. de D. Alonso el II. De D. Sancho el II, de D. Alonso III. Del Rey D. Diniz único em Portugal 6 em numero; de Alonso IV y D. Pedro I Çaragoza*, de 1643; *Informacion sobre el Titulo de Gijou, Madrid, de 1645; Informacion dela Origen de los Vasconcelos, Madrid, de 1646 e Genealogia dela casa de Contreras; Compendio de Vocabularios, ou Lexicon Lusitano Latino*, cujas impressões não ocorreram.

uso imperial e clerical. Com isso, remete à importância da unidade da escrita, função central da ortografia, que tem como motivação a uniformização linguística.

É perceptível a preocupação de Vera com a pronúncia das 23 letras anunciadas pelo alfabeto latino e que serão adotadas na língua portuguesa, pois consoantes aspiradas <ph>, <rh> e <th> tem som diverso da escrita. O cuidado do autor remete ao modelo de escrita embasado na literatura clássica, em que há uma busca pelas origens latinas, utilizando letras que não conferem a realidade dos sons conhecidos na língua. Entendimento semelhante havia feito Duarte Nunes do Leão em referência ao uso do <ph> e <th>, no capítulo *Da diffinição da Orthographia, & da Voz na Orthographia* (1576).

As correntes literárias e os acontecimentos sociais fazem com que Portugal busque, em sua raiz latina, o sustentáculo de suas origens, apoiando-se na escrita etimológica, mas que em nada referenciava o latim. A intenção real era manter o distanciamento entre os saberes, buscando o apoio na erudição, representada pelas letras compostas.

Ao fim desse capítulo, o autor faz referência explícita aos diacríticos, apresentando-os: “dos tres acentos chamado agudo, grauê, circunflexo usamos somente de dous: & outro sido chamado Apostropho: como se verá neste trattato. (p. 5)”.

Seguindo a periodização proposta por Coutinho (2005, p. 75) as premissas adotadas por estes ortógrafos, desde meados do século XVI, inserem-se no período pseudoetimológico, pois “respeitam, tanto quanto possível, as letras originárias da palavra, embora nenhum valor fonético representem”.

Quanto ao uso dos diacríticos, o ortógrafo dedica-lhes um capítulo: *Dos acentos, & viracentos, que usão os Gregos, & Latinos. & quando os devemos usar na escritura*.

Define “acento” como o “tom de cada syllaba”, mas em seguida nomeia-o com diferentes sinais diacríticos, fazendo referência aos “Latinos”. Complementa informando que os portugueses usam apenas o agudo e o circunflexo. Em seguida, apresenta como exemplos a aplicação dos sinais, relacionando seus usos à tonicidade aplicada nas palavras de mesma escrita. Além disso, atrela o uso do diacrítico à tonicidade e à forma como diferencia sua aplicação nas diferentes ocasiões, como realizado em palavras como <amára>, <leéra> e <ouvíra>, no pretérito e <amarâ>, <leerâ> e <ouvirâ>, no futuro do presente.

Com isso, o autor propõe a diferenciação da tonicidade atrelada à mudança de significado. Esse paralelo é perceptível ao diferenciar “bôlo, trôco, que pronunciamos com tom baixo, que significão jogar, bolar, trocar, a diferença de jogo, bolo, troco, que são nomes, que se escrevem com acento agudo, ou sem elle” (p. 42), ou seja, na concepção de Vera, os

diacríticos são utilizados não somente para diferenciar a tonicidade, mas também para apresentar a diferença de significado de ambas.

O <h> como mencionado pelos autores do século XVI também não é considerado letra para o ortógrafo, mas sim uma aspiração, que “[...] porem na pronunçiação a não sentimos porque tanto pronunciamos com aspiração, como sem ella: dizendo, Enrique Matematico, filosofo e pronunciando erdeiro, como herdeiro: onrado, como honrado” (p. 34).

Com isso, Vera demarca uma diferenciação no uso do diacrítico. Esse comportamento repetiu-se nos exemplos <amára> e <leéra>, em que assinala com agudo a penúltima sílaba mais forte, enquanto <amarâ> e <leerâ> apresenta tonicidade na última sílaba.

Analisando os parâmetros de Vera para usar os diacríticos, concluímos que o ortógrafo baseou-se na tendência fonológica de acentuação da penúltima sílaba, ou seja, embasou-se na pronunçiação para utilizar os diacríticos na escrita, com o intuito de transcrever os modos da fala, representando a altura vocálica e a consequente mudança verbal. Tal conclusão deve-se às tentativas que o ortógrafo apresenta de simplificar a escrita, possibilitando uma fácil compreensão da mesma, a partir das práticas de fala. É um dos primeiros indícios de um movimento que ganha força em meados do século XVIII: a disseminação da língua.

Esse é o primeiro caso em que há uma tentativa de delimitação e regramento para utilização dos diacríticos, pois o que se verá nos séculos seguintes é a adoção de um único acento para simplificação da escrita.

Essa interpretação prevalece, quando o ortógrafo recomenda que “nunqua escrevamos acento grave pelo agudo, ou circunflexo, porque sômente dele usão os Latinos em advérbios” (p. 42), no entanto no decorrer dos séculos é muito usual encontrar o agudo em substituição ao circunflexo e, até mesmo, ao til. O *corpus* estudado traz esses exemplos. No século XVIII, encontramos <maó> (1744, 1v, linha 28; 2r, linhas 19 e 30; 2v, linhas 06 e 36; 3r, linhas 5 e 29; 4r, linha. 35 e 5r, linhas 14 e 36), em que o agudo faz a função do til e no século XIX, <jâ> (1800, 2r, l. 04) em que o circunflexo faz a função do agudo. Não localizamos o diacrítico grave em nenhuma ocorrência, nem nos advérbios, mas encontramos o circunflexo com a função que o grave exerceria, conforme proposto pelo autor.

Ao apresentar as atribuições e usos do grafema <z>, o ortógrafo faz referência ao uso da consoante em conjunto ao grafema <e> “e, com accento nelle. Garoupêz, áxadreêz, treêz, feêz, vêz, pêz” (p. 23), mas complementa informando que “Estes são poucos: os mais se escrevem per s, ainda que tenham o acento na ultima: como Português, Inglês, Olandês, Marquês” (p. 23). No entanto, o autor continua sua explanação fazendo referência ao uso do <s> ou <z> em final de sílaba e o uso do acento, mas não utiliza o diacrítico para representar

essa abertura. São os casos de juiz, raiz, Entremos, arroz, Badajoz que verificamos nas próximas observações:

& os monosyllabos, s, de hũa sô syllaba; noz, voz tirando vós, nós, pronomes, que se escrevem cõ s; & não z. Os que tem, u, na ultima com acento nella: como Ormuz, cuscuz, arcabuz: & as dicções de hũa syllaba: cruz, luz, tirando a primeira pessoa do pretérito perfeito do verbo, Ponho, que he, pus, que se escreve com, s & não z. (1631, p. 24)

Diante disso, vislumbramos a apresentação de um novo conceito para o uso dos diacríticos. Ao mencionar o sinal gráfico < ^ > nas palavras terminadas em <ez> > e a ausência de diacrítico nas palavras terminadas em <iz>, <oz> e <uz>, Vera apresenta a possibilidade de uso do sinal gráfico para apresentar a tonicidade e a função diferencial entre palavras. Dessa forma, materializa o “tom da dicção” sob a forma de sinal gráfico. Como Duarte Nunes do Leão, Vera também faz referência ao apóstrofo e afirma que “alem destes três acentos usão os Gregos d’outro mais, a que chamão Apostropho, tendo entre os mais o mesmo nome: o que na realidade não he, porque sô de nota a vogal, que se tira do fim da dicção, pela figura chamada synalepha” (p. 42). A língua portuguesa faz uso desse diacrítico “quãdo se segue outra dicção, que outro si começa em vogal: como d’ouro, d’Evora” (p. 42). A descrição da necessidade de utilização do apóstrofo tem uma justificativa fonética, pois o “viraccento se faz de necessidade no verso, para se evitar ohiato, & abertura da bocca, que causa acabando hua dicção em vogal & começa também a seguinte em outro” (p.42)

Sobre o uso do til, o ortógrafo lisboeta dedica o capítulo XXVI, chamado *Sobre a Abreviação a que chamamos Til*, definindo:

Til não he letra, senão hum risco sobre vogal. O qual se escreve nas dicções de muitas letras suprimindo com poucas muitas: como se ê nessas palavras, Misericordia Sentença & nos nomes patronymicos, como Gonçalvez, Fernandez, Rodriguez & outros taes, em que escusamos com o til de escrever tantas letras como Mtã, deixamos de escrever, isericord & asi nos mais escrevendo somente Sñça, Frz, Clz, &c. (1631, p. 24)

Para além da abreviatura, o autor também referência o uso do diacrítico para supressão das consoantes nasais <m> e <n>, como também abordado pelos gramáticos e ortógrafos que o antecederam. Palavras com final <am> dariam lugar à formação <ão>.

Ao final desse capítulo, Vera resume o pensamento que o levou a seguir muitos parâmetros apresentados em sua obra, dentre eles, o uso do til e as constantes referências aos modelos greco-latinos.

que escrevemos assi, como os Latinos, polos não corrompermos, imitando sempre as escrituras dos homens doutos, regulandoas, pelo entendimento, & ouvido, que he a melhor regra, que se poder têm, & dar nesta matéria (1631, p.25)

Fazendo jus às palavras inseridas no prólogo da *Orthographia*, Vera remete à sabedoria e a boa escrita dos homens doutos, ou seja, àqueles que conheciam a escrita e sabiam fazê-la bem.

escrever, como se pronúcia, he com a pena imitar a língua, estampar com letras aquillo, que declaramos com palavras: (não acrescentando, bem diminuindo, pois não he necessário, antes fique sendo mais perfeito o modo de aquelle, que cõ esta arte imita a natureza) & quanta mais propriedade tiver nos pontos & acentos, tâta mais ventajem terá. Porque as letras se inventarão para dar noticia em presença das cousas, que se fizeram em ausência: o que não poderá fazer escrevendose confuso. (1631, p. 2)

O autor tem em mente que sábios são aqueles que conhecem o grego e o latim e que têm a habilidade de apresentar na forma bem escrita os fenômenos da pronúncia. Vera tinha uma grande preocupação com a escrita, defendida em sua obra: o escrever como se lê, é defendida em sua obra.

4.2.2 Barreto e a *Ortografia da Lingua Portugueza*, 1671

João Franco Barreto nasceu em Lisboa no ano de 1600 e atuou como pároco em Évora e Setúbal. Em 1624, partiu em expedição para o Brasil para expulsar os holandeses da costa brasileira. Estudou direito canônico na Universidade de Coimbra e atuou como preceptor. Viajou à França e retornando a Lisboa publicou a narração de sua viagem, tomando as ordens eclesiásticas.¹⁸

Sobre o uso dos diacríticos, o autor dedica o capítulo cinquenta e dois. Assim como Vera, João Barreto também se refere aos diacríticos como acentos, dando ênfase para a pronúncia e às suas particularidades. O ortógrafo ressalta que o uso do diacrítico para marcar o acento apresenta-se como uma diferenciação em relação aos demais idiomas. Entendemos como clara referência à manutenção de um purismo da língua, enaltecendo o idioma pátrio em comparação as demais ao afirmar que

¹⁸ Foram de sua autoria as seguintes obras: *Cyparisso*, de 1631; *História eclesiástica da cidade de Évora e Eneida portuguesa*, de 1666; *Biblioteca portuguesa e a Ortografia da lingua portugueza*, de 1670 e a tradução de *Flos sanctorum*, de 1674.

A matéria prezente he das mays dificeys da ortografia, como sentem todos os que dela escrevem & assi poucos tẽ acertado: mäs he tão importante, que uma das principaes causas, porque a pronunciaçã da língua se faça eterna, & mays, facilmente se conserve inviolada entre as barbaras nações: são os acentos como testemunhan as línguas Hebreä, & Grega; adonde seus acentos, cõ que se asinalam suas dições nã foram, ainda que soubéssemos pronunciar suas letras, contudo nã soubéramos profirir suas palavras (1671, p. 202)

Mais adiante, relaciona o uso do acento ao modo de pronunção e da “detença de tempo, ã que são pronunciadas da propriedade do idioma particular ã que se fala” (pp. 202). Ao definir os diacríticos agudo, grave e circunflexo como usuais remete à tonicidade silábica, pois a função do agudo é “levantar mays tã da silaba onde está o grave tẽ este nome, porque abayxa a silaba é que se situa & o circunflexo, assim como na figura participa de ambos, ã o mesmo tempo: ainda que esta pronunciaçã dizem se nã sabe ã nossos tempos, como ella fosse” (p.203).

Ao explicitar o uso dos acentos e definir como aplicá-los, Barreto remete à tonicidade silábica e ao ritmo, uma vez que os relaciona às pausas em um verso, ou seja, o acento está relacionado ao ritmo e à entonação também. Assim como Vera, Barreto esboça um regramento para a aplicação dos diacríticos.

Demaneira que do acento grave usam os Latinos, para distincão das palavras sómente, & do agudo, & circunflexo, na silaba, onde mays se levanta a voz. Destes acentos poys usaremos na maneyra seguinte. Se as palavras forem diversas, & se escreverem cõ as mesmas letras, como se ve na primeyra & terceyra pessoa do pretérito plusquam perfeyto, & na terceyra pessoa do futuro dos verbos amar, ouvir & c, para mostrarmos essa diversidade, escreveremos as pessoas do pretérito cõ acento agudo na penúltima, como amára, ouvíra, & a pessoa do futuro cõ mesmo acento é a ultima, como amará ouvirá: mäs se a palavra fôr de duas silabas somente, como lêra, fora, se escreverá cõ acento circunflexo, & se conhecerá bẽ esta diferença na segunda palavra destas duas, porque fora he primeyra & terceyra do pretérito plusquamperfeyto de verbo sou, & fôra cõ acento agudo, ã o he adverbio (1671, p.205)

Centralizando suas explicações no diacrítico agudo, o ortógrafo direciona a função de tonicidade como ponto principal de marcação de diferenciação entre os tempos verbais. A *Orthographia* de Vera apresenta esse percurso, centralizando esses diferenciais no emprego do circunflexo.

Para além dos verbos, o uso de diacríticos diferentes também teria como função a distinção semântica das palavras, como ocorre com <cor>, de coração, e <côr>, de colorir. Outra função é a representação da qualidade, como ocorre em avô/avós; olho/ólhos, povo/póvos. A esse tópico faz clara referência à Duarte Nunes do Leão ao diferenciar as

palavras pela quantidade e pelo significado e diferentemente de Vera, Barreto traça parâmetros para aplicar os diacríticos. Dessa forma, identificamos que ambos autores já lançam mão do uso dos diacríticos para demonstrar a diferenciação entre palavras.

No capítulo 53, denominado *Dos apóstrofos*, o ortógrafo indica quando e como usá-los, realizando breve introdução sobre as origens e sua função, Relata:

Ainda que cada vogal de sua natureza tenha sua figura cõ seu sô formalmente distincto da figura, & sô das outras; de maneyra que já mays o a, se torna i, nê o i, u, nê a, emquanto á figura, nê emquanto ao sô, cõ tudo uma vogal tira & impede a figura, & o sô da outra vogal ã nosso vulgar[...] (1671, p. 212)

Segundo Barreto, o diacrítico “denota a vogal, que se tira do fim da dicçã, quando se encontra cõ outra” (1671, p. 212). A representação que o autor sinaliza corresponde ao utilizado atualmente: “cujã figura he uma virgula ás avessas, nesta forma, & he muyto frequente cõ a proposição de, quando se lhe segue vogal” (1671, p. 212). A utilização do apóstrofo se dará quando duas palavras unem-se pela última vogal da palavra antecedente.

Quanto ao uso do <h> como diacrítico, Barreto defende que o grafema possui três funções: letra, aspiração e distinção. A primeira remete à definição de Bento Pereira (1666), a quem Barreto faz referência em sua *Ortografia*. Nessa obra, o autor afirma que, sem a letra, muitas palavras não seriam escritas, ainda que o grafema componha um dígrafo ou o início de palavra, configurando a aspiração, mencionada pelos demais autores e também abordada por Barreto.

Oliveira (1536) e Barros (1540) alegavam que <ch>, <lh>, <nh> eram consideradas letras e, por isso, o <h> era visto como parte do todo, auxiliando na formação dos sintagmas e dos sons. Barreto separa a letra das demais consoantes, não fazendo menção aos dígrafos como letras, mas também não ignora sua função nesses casos.

Porque sê h he impossível escrevermos muytos vocábulos, como chave, chapeo, achar, cheyrar, chiar, chover. Chuva. Chupar. Chouriço, machado, conselho. Engenho, senhor, senhora & milhares. (1671, p.132)

Quanto à aspiração, o ortógrafo afirma que o latinismo não era mantido no português, fazendo alusão à “herança etimológica” e aos usos latinos como apresentado em “Monarchia”, que daria lugar à “Monarquia”, “charta” em lugar de “carta”, “cholera” por “cólera”. A distinção seria semântica, mostrando a diferença entre o <he>, do verbo ser, e a conjunção <e>.

Com o título “Do til”, o pároco reserva o capítulo quarenta e quatro ao diacrítico e define-o da seguinte forma: “nã he letra senã uma risquinha, ou linha; como se as letras foram mays que linhas, & riscas, segũdo no principio dicemos” (1671, p. 178).

A função do til é a supressão das letras e redução das palavras, além de substituir o uso do <m> e do <n>, pois “a necessidade que do til temos, he nas dições, que acabamos per am, em, im, om, um porque quando nessas vogaes soa o acento, deyxaremos o m fora, & poremos o til, ãcima dessa tal vogal, como ã razã, vintẽ, jasmĩ” (1671, pp. 179).

Centralizamos nossa análise na função dos diacríticos, mas Barreto, diferentemente dos demais ortógrafos de sua época, é o autor que realiza referências claras aos autores em que se baseia. Suas abordagens fazem jus às leituras que realizou e aos preceitos defendidos e a uma tendência de escrever como se lê, de acordo com o princípio quintiliano (escrever como se fala) por ele defendido. (GONÇALVES, 2003, p. 874)

4.2.3 Bento Pereira e a *Regras Gerays, breves, e comprehensivas da melhor Orthografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina, e Portuguesa, para se ajuntar á Prosodia, 1666*

Bento Pereira nasceu na província do Alentejo no ano de 1605. Estudou em Coimbra e Évora e apoiamo-nos numa publicação da Universidade de Nazan, datada de 2005, que apresentam a visão do autor sobre a língua no século XVII.¹⁹

As *Regras Gerays* são divididas em três artes: a primeira refere-se às regras destinadas à língua latina e portuguesa; a segunda às regras da língua latina e a terceira remete às regras da língua portuguesa, esta última que será nosso foco. Nas primeiras linhas, o jesuíta afirma que “o bom Portuguez para ser totalmente verdadeyro, deve ter verdade no escrever, como o tem no falar” (p. 7).

Logo na Regra 2, menciona a tonicidade dos verbos no futuro e no pretérito. Em ambos os casos, a terminação nasal será constituída por <am> e a diferenciação entre os

¹⁹ Publicou a *Prosodia in vocabularium trilingue latinum et casteellanum digesta* (1634), *Thesouro da lingoa portuguesa* (1647), *Florilegio dos modos de fallar e adagios da lingua portugueza* (1655) e *Ars grammaticae pro lingua lusitana* (1672).

tempos verbais se fará pelo uso dos diacríticos circunflexo e agudo, que ocorrerão da seguinte forma: partîram (pretérito) ou partirám (futuro).

A regularidade no uso das palavras e aplicação dos diacríticos é mais presente na obra de Bento Pereira. A partir desse exemplo, remetemos à definição de Leão (1576) sobre o uso dos diacríticos e foi essa a aplicação dada por Pereira. A mudança do tempo verbal não alterou a representação gráfica, mas modificou a aplicação dos diacríticos, uma vez que para o pretérito, o gramático optou pelo circunflexo e para o futuro adotou o agudo. Interessante observar também que Vera, Barreto e Pereira demarcam as sílabas tônicas específicas para cada tempo verbal, embora utilizem diacríticos distintos. Dessa forma, a escrita apresentava a proeminência vocálica, com o uso de agudo ou circunflexo para a mesma função.

A regra 8 apresenta o uso do <h> na língua portuguesa como aspiração, que embora não seja representada em nossa língua “tem muyta valia na língua castelhana” (p. 12). Ressalta ainda que o uso da consoante na terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo ser – <he> – deve ser usada para estabelecer a distinção de <e> conjunção. Com isso, elimina o uso do diacrítico para representar o verbo, fornecendo ao <h> a função de diacrítico, marcador de altura vocálica. Assim como Oliveira (1534) e Gândavo (1575), Pereira também compreende o <h> como um marcador de acentoônico.

Finalmente, a regra 9 trata dos acentos e traz como título *Para conhecermos dos accentos, & viraccentos, & usarmos deles*. Menciona a existência de três acentos: agudo, grave e o circunflexo. Detalha cada um da seguinte forma: “Agudo he o que levanta mays a voz, & tem essa figura ´ grave he o q, & abaixa e se põem assim ` , circunflexo participa de ambos, & se põem nesta fôrma” (p. 13).

A regra 10 apresenta as considerações sobre o uso do til e define o diacrítico como “humã linha breve, ou abreviatura, que pomos sobre as dicções, com que suprimos algũas letras”. (p. 15). Faz observações ainda sobre as formas de escrita com <am> ou <ão>, se mostrando favorável às terminações em <am> como afirma

nam me atrevo a condenar o vulgar modo de escrever ão, usado de muytos; mas sou de parecer que usemos de am; porque além de ão demandar diversas pronuncias, por razam do ao junto com til, que tem forma de m, & fica soando aom. Se usarmos am, nos assemelharemos aos Latinos os quays assim nos nomes como nos verbos, põem, am (p. 15)

Identifica-se aqui uma tendência ao clássico, pois a preferência ao uso da nasal em lugar do til remetia a uma tendência etimológica e classicista, que dialoga com sua formação e com sua produção bibliográfica.

4.2.4 Algumas conclusões sobre as gramáticas e a escrita nos documentos do *corpus*

Diferentemente do século XVI, as abordagens sobre a língua portuguesa no século XVII tinham como objetivo validá-la como língua oficial e, para tanto, a escrita deveria ser conhecida por todos e as ortografias tinham essa função: tentativa de sistematizar a simplificação na transmissão de informação.

O quadro 41 resume a apresentação dos temas relacionados aos diacríticos nas três gramáticas analisadas, informando os principais aspectos de cada obra. Seu intuito é apresentar um resumo de como cada ortógrafo separou os assuntos relacionados à quantidade das letras, ao uso dos diacríticos. Também será verificado se foi reservado espaço para explanar sobre esses sinais, pois nas primeiras gramáticas essa divisão não era clara e solidificou-se a partir do final do século XVI.

Quadro 41 - Partes das Gramáticas

Autor	Alvaro Ferreira de Vera (1631)	João Barreto (1671)	Bento Pereira (1666)
Alfabeto	23 letras (“em que entra a letra H, de que diremos”)	26 letras (os modernos acrecentã três, ç, j, v, chama, ce, je, ve. Com as quaes incluem vinte & seys é nosso abc) pp.66	
Vogais	a, e, i, o, u, y	a, e, i, o, u, y	
H	-H não he letra, senão figura de aspiração. Alem destas temos outras em pronunciação, posto q em figura as não tenhamos em nosso alfabeto, & são estas ch. lh. nh. Poderemos usar em nomes Gregos & Latinos destas suas aspiradas, ph, rh, th dando-lhes a pronunciação de f. r. t. Porem da aspirada ch, por se encontrar com a nossa ch, a não usaremos[...]	-Em nossa língua (& na Castelhana) nã há duvida que tẽ três officios, porque realmente serve de letra, de aspiraça, & distincão (132)	H para com os gregos, & Latinos, nam he letra, mas he aspiração, que se junta às letras, para modificar, ou espertar a pronuncia (p.12)
Título do capítulo sobre vogais e H	Capítulo II/ Capítulo X	Capitulo XV /Capítulo XXX	Regra 9, terceira parte
Diacríticos	Accento he tom de cada syllaba. Os Latinos savão de três, a saber	Til	Til

	Agudó, grave, & circunflexo.	[...] é que são pronunciadas da propriedade do idioma particular é que fala, que tâbê nã he o mesmo ê todas as línguas, assi os acentos tẽ sua variedade; porque ù se diz agudo, outro grave, outro circunflexo.	Agudo, Grave e Circunflexo
Título do capítulo sobre os diacríticos	Dos acentos, & viracentos, que usão os Gregos, & Latinos. & quando os devemos usar na escritura	Cap. LII Dos Acentos, como, e quando se devem usar.	Regra 9 - Para conhecermos dos accentos, & viracentos, & usarmos deles.

A gramática de Gândavo foi a primeira a apresentar essas características e reservou um capítulo específico para tratar o uso dos sinais gráficos.

Há nas ortografias analisadas muitas similaridades com as ortografias do século XVI analisadas no capítulo 5, principalmente, Nunes do Leão, muito citado por Barreto e referenciado por Vera, que, apesar de não referenciar explicitamente o autor, apropria-se de muitos conceitos adotados por ele em sua *Ortografia*. Monteiro (1992, p. 79-94) traça um panorama comparando as ortografias de Vera (1631) e Leão (1576), apresentando as semelhanças entre as duas obras.

Como explanado por Barreto (1671), no início do capítulo que dedicou aos acentos, o uso dos diacríticos é “das mays dificeys da ortografia, como sentem todos os que dela escrevem. & assi poucos a tẽ acertado:màs he tã importante, que uma das principaes causas, porque a pronunciaça da lingua se faça eterna” (1671, p. 201).

É perceptível que os autores seguem os passos das obras do final do século XVI, com base principal em Duarte Nunes do Leão, quanto à tentativa de estabelecimento de parâmetros para o uso, definindo como, quando e porque utilizar os diacríticos. Também não há um consenso sobre quais dos sinais utilizar, tendo em vista que ora apresentam a mesma função e ora representam diferentes atribuições.

O quadro 42 apresenta resumidamente as definições dadas aos diacríticos por Gândavo (1574), Duarte (1576), Vera (1631), Barreto (1671) e Pereira (1661).

Exemplos retirados do *corpus* apresentam diacríticos diferentes utilizados para a mesma função: a nasalidade. Embora os ortógrafos seiscentistas apresentem, cada um a seu modo, uma sistematização dos usos, a prática dava-se de outra maneira. O escrivão responsável pela elaboração do documento 1, ano 1695, aplicou o agudo para expressar a contração da nasal <m> em <huá> 7v, linha 26.

Localizamos o agudo com função tônica nos verbos do futuro do presente como <dirá>, (1695, 4v, linha 9) e em <hordinário>, (1695, 1r, linha 20). O grave, embora citado por todos os autores até aqui analisados, conforme apresentado nos quadros 36 e 37, não foi encontrado na escrita dos documentos analisados entre os séculos XVII ao XX.

Barreto (1671), por sua vez, apresenta a distinção entre <e> e <he>, conjunção e verbo e que pôde ser identificada nos documentos transcritos. No documento 3, de 1761, localizamos <hera> (6r, linha 13). O verbo na 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito é iniciado com <h> que teria como função a distinção das palavras, nesse caso indicando o verbo <ser> no pretérito, como anteriormente apresentado por Barreto, quando apresenta a terceira função do <h>, e embora não tenhamos apresentado exemplos retirados do *corpus* era prática a escrita do verbo ser, na 3ª pessoa do singular, com <h> em detrimento do agudo.

Diante disso, os olhares dos autores quanto ao emprego e até mesmo necessidade de uso dos diacríticos são difusos, embora todos mencionem a existência de três sinais utilizados na língua portuguesa: o agudo, o grave e o circunflexo. De toda forma, apesar das similaridades, cada um apresenta, ao seu modo, ponderações que diferem ou complementam as conclusões de seus antecessores do século XVI.

A grande novidade em relação aos primeiros compêndios é a tentativa de estabelecer um regramento para defesa do uso de um ou outro diacrítico, com base em premissas fonológicas ou conceitos morfológicos.

Se realizarmos uma análise comparativa aos títulos dos capítulos reservados para os diacríticos, percebemos similaridade entre os quatro autores – Gândavo, Leão, Vera e Barreto – que introduziram o assunto, respectivamente, da seguinte forma:

-Dos accentos qve se hão de vsar em algũas letras, ou vocabulos que tenerem duuidosa a significação;

-Dos accentos, e qvando os deuemos vsar na scriptura;

-Dos acentos, & viraccentos, que usão os Gregos, & Latinos. & quando os devemos usar na escritura;

-Cap. LII. Dos Acentos, como, e quando se devem usar.

Quadro 42: Entendimentos sobre a acentuação e os diacríticos, comparando autores dos séculos XVI e XVII

Diacrítico \ Autor	Pero de Magalhaes e Gândavo (1574)	Duarte Nunes do Leão (1576)	Alvaro Ferreira de Vera (1631)	Bento Pereira (1666)	João Franco Barreto (1671)
Grave, Agudo e Circunflexo	<p>Quando este articulo a, ou as, se ajuntar a algũs nomes femeninos, a que se concede ou nega alga cousa, terá hum acento em cima, aßicomo, à vossa geração se deue esta honra, às cousas diuizas se há de ter grande acatamento, &c. Enfim que aßi como dixeramos, ao, ou aos em nomes masculinos, aßi diremos à, ou às, com este acento em cima em nomes femeninos: saluo quando se ajuntar a algũs nome próprios [...].(1574, pp.22)</p>	<p>E tirada aquella syllaba, e q sta o accêto predominante, as mais teem acento graue, que propriamente não he acento, senão quanto em respecto do agudo. E os acentos são três. Agudo, graue, circumflexo. Agudo he, o q leuãta mais a voz, & tõe esta figura, á; O graue he o q abaxa & he assi, à. Circumflexo he o que participa de ambos, & assi tõe figura, â. (1576, pp 66). [...] Assi Que onde o acc~eto faz mudãça de significação, o notaremos sempre, como nas terceiras pessoas do pretérito pfcto, do modo domōstratiuo de todalas cōjugações. Pordq concorrem cō as terceiras pessoas do futuroa do mesmo modo, & numero, em as memas syllabas, senão que diferem no accento. Qua as vozes do pretérito teem o accento agudo na penúltima, & as do futuro na vltima. Poloq para tirarmos a diferença dos modos, & tempos, de que falamos, quãdo for preteriro, diremos amára, leéra, ouvíra. E quãdo for futuro diremos, amarâ, leerâ, ouvirâ, com accento circumflexo. (p.67)</p>	<p>Accento he tom de cada syllaba. Os Latinos usavão de três, a saber agudo, grave, & circumflexo, que he composto de ambos. Do primeiro, & terceiro usamos os Portuguezes nas syllabas qye pronunciadas altas em dicções, que tem as mesmas letras, differença na significação de aquella, que teem a pronunciação baixa: como amára, léera, ouvíra, amarâ, ouvirâ, pretérito, ou fututo (pp. 41)</p>	<p>Accento val o mesmo que o tom, que damos às syllabas em cada dicçam levantando, abatendo ou pronunciando sem abater, & sem levantar. Pelo que os acentos sam três, a saber, agudo, grave, circumflexo. [...] Do accento agudo usaõ os latinos, em toda syllaba predominante de qualquer dicçam, que passe de duas syllabas; porque as dicções monossyllabas ou dissyllabas no Latim nunca tem accento agudo, e no Portuguez o tem. [...] v.g escreveremos com accento agudo na penúltima, a pessoa de pretérito plusquam perfeyto: amára, léra, ouvíra, & quando for futuro, lho poremos na ultima: amarâ, lerâ, ouvirâ.</p>	<p>Destes acentos poys usaremos na maneyra seguinte. Se as palavras forem diversas, & se escreverem cō as mesmas letras, como se ve na primeyra & terceyra pessoa do pretérito plusquam perfeyto, & na terceyra pessoa do futuro dos verbos amar, ouvir & c, para mostrarmos essa diversidade, escreveremos as pessoas do pretérito cō acento agudo na penúltima, como amára, ouvíra, & a pessoa do futuro cōo mesmo acento é a ultima, como amarâ ouvirâ: mãs se a palavra fôr de duas silabas somente, como lêra, fora, se escreverá cō acento circumflexo, & se conhecerá bẽ esta diferença na segunda palavra destas duas, porque fora he primeyra & terceyra do pretérito plusquamperfeyto de verbo sou, & fóra cō acento agudo, ã he adverbio. (p.205)</p>
Til	<p>E quando falarem do futuro que fezerem o acento na vltima, se escreuerão com ão, aßi como, alcançarão, louuarão, &c. Ou também se podem escrever com m, que falem do passado quer do por vir, distinguindo esta duuida com os mesmos acentos da maneira que acima digo. (1574, p .35)</p>	<p>Til não he letra, mas hũa linha & abbreviatura, que se põe sobre as dições, com que suprimos muitas letras. (1576, pp. 24).</p>	<p>Til não he letra, senão hum risco sobre vogal. O qual se escreve nas dicções de muitas letras suprimindo com poucas muitas: como se ê nessas palavras, Misericordia Sentença & nos nomes patronymicos, como Gonçalvez, Fernandez, Rodriguez & outros taes, em que escusamos com o til de escrever tantas letras como Mtã, deixamos de escrever, isericord & asi nos mais escrevendo somente Sñça, Frz, Clz, &c. (p. 24)</p>	<p>Til he huma linha breve, ou abreviatura, que pomos sobre as dicções, com que suprimos algũas letras”. (p. 15).</p>	<p>nã he letra senã uma risquinha, ou linha; como se as letras foram mays que linhas, & riscas, segũdo no principio dicemos. (p. 178).</p>

O conceito de acento foi inicialmente abordado por Oliveira (1536) e não se relaciona ao uso dos diacríticos. Bluteau (1712) no *Vocabulário Portuguez e Latino* apresenta significado similar ao do gramático quinhentista, mas será a partir da *Orthographia* (1576) de Leão é que o termo passa a ser relacionado ao sinal gráfico.

Figura 15: Definição de acento em Bluteau

ACCENTO. Geralmente fallando, he o tom da voz, ou a voz das syllabas na pronunçiação das palavras, porque por elle se entende bem a significação dellas. Tambem se pode tomar pello tonido, cõ que ferimos, ou levantamos mais hum.a syllaba, quando a pronunciamos, & nos detemos mais nella, que em qualquer das outras de hum meſmo vocabulo, como quando dizemos Agudo, Poeta, &c. ferimos o u, & o e, & os levantamos fobre todas as mais syllabas.

A significação apresentada no *Vocabulário* valida o entendimento quanto ao significado de acento.

Barreto (1671) divide a função dos diacríticos de acordo com a diferença na altura vocálica e do grau da tonicidade nas sílabas das palavras – para uso do agudo e do circunflexo. Na exemplificação apresentada, fica implícito que a aplicação do agudo está atrelada à tonicidade das sílabas e altura vocálica, pois ao diferenciar o diacrítico em fóra (verbo) e fôra (advérbio) faz a diferenciação de palavras homógrafas.

Vera (1631) realiza clara diferenciação entre a aplicação do agudo e do circunflexo, reservando ao primeiro o uso em sílabas tônicas em penúltima posição e o segundo em tônicas em última posição. Ambos mantêm a relação já estabelecida por Leão, no final do século XVI, com pequenas modificações e acréscimo de exemplos, como fez Barreto, ao mencionar <fora> verbo e <fora> advérbio. Quanto ao uso do grave, ambos mantêm as mesmas opiniões. O quadro 39 apresenta o detalhamento dos usos de cada autor.

Esse quadro permite-nos identificar a aplicabilidade dos diacríticos, cujo consenso foi o de que os sinais devem ser utilizados para marcar a diferença da pronúncia das sílabas. Diante disso, vemos uma preocupação em transcrever as diferenças da pronúncia para a escrita, de forma que o aprendiz e a clareza quanto à forma como se apresentava o português fossem perceptíveis ao leitor.

Quadro 43: Proposta de usos dos diacríticos, conforme ortógrafos

Alvaro Ferreira de Vera	
1. Agudo para marcar tonicidade nas fechadas.	1 e 2. Accento he tom de cadasyllaba. Os Latinos usavão de três, a saber Agudó, grave, & circunflexo, que he composto de ambos. <u>Do primeiro, & do terceiro usamos os Portuguezes nas syllabas que pronunciadas altas em dicções, que tem as mesmas letras e differença na significação de aquellas, que teem a pronunciação baixa</u> : como amára, leéra, ouvíra, amarâ, leerâ, ouvirâ pretérito, ou futuro.
2. Circunflexo para marcar a tonicidade nas abertas.	3. Assi que onde o acento faz mudança de significação, o notaremos sempre; como nas terceiras pessoas do pretérito perfeito de modo demonstrativo de todas as conjugações: porque concorrem com as terceiras pessoas do futuro do mesmo modo, & numero as mesmas syllabas: senão que diferem no accento. Pelo que para tirarmos a differença dos modos & tempos, de que falamos, quando for pretérito, diremos: Amârão, lerão, ouvírao. E quando for futuro diremos: Amaraõ, leeraõ, ouviraõ sem nenhum accento, porque se entende fazelo na ultima.
3. Circunflexo para marcar a tonicidade das tônicas pré-nasais.	4. O mesmo usaremos nos nomes, onde assi for necessário, encontrando-se na significação os verbos: como jogo, bôlo, trôco, que pronunciamos com tom baixo, que significão jogar, bolar, trocar,
4. Circunflexo nas sílabas tônicas abertas das formas verbais.	5. a differença de jogo, bolo, troco, que são nomes, que se escrevem com acento agudo, ou sem elle.
5. Agudo ou ausência dele nas sílabas tônicas fechadas das formas nominais.	
João Barreto	
1. Agudo na sílaba tônica dos tempos verbais do pretérito.	Demaneira que do acento grave usam os Latinos, <u>para distincã das palavras sómente, & do agudo, & circunflexo</u> , na silaba, onde mays se levanta a voz. Destes acentos poys usaremos na maneyra seguinte.
2. Agudo na sílaba tônica dos tempos verbais do futuro	1 e 2. Se as palavras forem diversas, & se escreverem cõ as mesmas letras, como se ve na primeyra & terceyra pessoa do pretérito plusquam perfeyto, & na terceyra pessoa do futuro dos verbos amar, ouvir & c, para mostrarmos essa diversidade, escreveremos as pessoas do pretérito cõ acento agudo na penúltima, como amára, ouvíra, & a pessoa do futuro cõ mesmo acento é a ultima, como amarâ ouvirâ:
3. Circunflexo na sílaba tônica dos verbos dissílabos do pretérito.	3 e 4. mãs se a palavra fôr de duas silabas somente, como lêra, fora, se escreverá cõ acento circunflexo, & se conhecerá bẽ esta differença na segunda palavra destas duas, porque fora he primeyra & terceyra do pretérito plusquanperfeyto de verbo sou, & fôra cõ acento agudo, ã o he adverbio.
4. Agudo nos advérbios	
Bento Pereira	
1. Acento para diferenciação lexical.	1. Vamos agora ao uso destes acentos na língua Portugueza: deles devemos usar nas palavras, que sendo diversas escrevem com as mesmas letras, para com eles significarmos haver diversidade. O mesmo [agudo] usaremos nos nomes onde for necessário distinguir, como nesta palavra cór, por vontade, a qual notaremos com accento agudo, para disticam de cor, id est, color.
2. Agudo na sílaba tônica dos tempos verbais do pretérito.	2. Escreveremos com accento agudo na penúltima, a pessoa de pretérito plusquam perfeyto: amára, léra, ouvíra
3. Agudo na sílaba tônica dos tempos verbais do futuro	3. Quando for futuro, lhor poremos na ultima: amarâ, lerâ, ouvirâ.

4.3 Os autores do século XVIII e seu lugar no contexto histórico

Ainda dentro do contexto do Barroco estão inseridas as obras do século XVIII. Os livros trazem os contrastes entre o divino e o humano, entre a adoção de um método de ensino e a sua quebra racional e foi nesse período que

a teorização e a prática política, atingindo os mais variados aspectos da vida no reino, a renovação das diversas formas culturais, implícita no programa das luzes, conduzirão a uma ilustração possível. Mas essa foi, mais que tudo, uma afirmação de contrastes do barroco, a aplicação da razão às atitudes de pensamento e de discurso, quantas vezes confundidas (GOUVEIA, 1993, p. 423)

Dando continuidade aos movimentos de expressão do século XVII, no século XVIII temos novas projeções às formas de pensar no âmbito linguístico, educacional e social. A educação jesuítica e, por consequência, sua filosofia foram reafirmadas a partir da Reforma Protestante e da necessidade de confirmação do poder católico. Propunha a adequação da lógica às discussões teológicas, transformando o ensino em algo acessível ao estudioso.²⁰

Essas discussões estavam contempladas na filosofia escolástica, que tinha como base os preceitos de São Tomás de Aquino. O tomismo, como era chamado, tinha as seguintes bases²¹:

1º A relação entre a fé consiste em confiar à razão a tarefa de demonstrar os preâmbulos da fé, de esclarecer e defender os dogmas indemonstráveis e de proceder de modo relativamente autônomo no domínio da física e da metafísica.

2ª Analogidade do ser, segundo a qual o termo ser, usado com referência à criatura, não tem significado idêntico, mas apenas semelhante ou correspondente, ao ser Deus.

3º Caráter abstrativo do conhecimento, que consistem em abstrair do objeto, em qualquer caso, a espécie sensível ou a espécie inteligível (que corresponde à essência da coisa)

4º A individuação depende da matéria assinalada.

5º A clássica explicação dos dois dogmas cristãos da Trindade e da Encarnação.

Foi a partir de 1770 que as mudanças no método educacional passariam a ser mais evidentes, em grande parte, auxiliadas pelas políticas do Marquês de Pombal, iniciadas em meados do século XVIII.

A ruptura do ensino escolástico apresentado pelos jesuítas e a inserção de uma nova metodologia, baseada em uma corrente cartesiana e racional promoveu diversas mudanças na forma como a transmissão dos saberes era pensada e realizada. O primeiro expoente dessa mudança é Verney (1746), seguido de Lobato (1770), cuja gramática passou a ser referência

²⁰ ATALLAH, Cristina. Verney e as reformas culturais *apud* SERRÃO, Joel (Org). Dicionário da História de Portugal. Lisboa: Iniciativa Editoriais, 1963.

²¹ ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007. P. 962. Entrada Tomismo

educacional em Portugal e no Brasil. Já Bacelar (1784), embora não tenha alcançado grande lume na área pedagógica, foi o primeiro expoente do modelo racionalista, influenciando obras de grande vulto no século XIX.

A importância dada à pronúncia e à escrita é encontrada em todas as obras: Figueiredo (1722, p. 01) apresenta isso no primeiro tratado de sua *Nova Escola*, antecipando seu método “da Instrucçam para ensinar a ler o idioma portuguez com brevidade, e suficiência para se escrever, assim como se pronuncia”. Madureira Feijó (1734, p. 09) reserva a terceira parte de sua *Orthographia* alegando que “só neste acharpas o como se escrevem, e como se pronunçião todos os vocábulos da nossa língua, que porderião causar duvida, ou nas letras, ou na prinunciação”. Verney (1746, p. 14) também representa esse cuidado, ao mencionar que “os portugueses devem pronunciar, como pronunciam os omens de melhor doutrina [...], devem escrever a sua língua, da-mesma sorte que a ponunciam”.

A obra de Verney (1746) foi predecessora desse movimento, uma vez que a base de seu *Método* é a razão, distanciando-se da metafísica, um dos pilares do tomismo. Por sua representação e pelas abordagens que traz, inserimos seus apontamos em nossas análises. A publicação de sua obra foi o pontapé necessário para que o Marquês de Pombal pudesse colocar em prática as mudanças educacionais e a alteração de todos os elementos pedagógicos conhecidos em Portugal e, desde o século XVI, inseridos pela Companhia de Jesus. Em 1759, promulga o Alvará Régio²² dando início às reformas na educação e, dentre as medidas principais, está a “proibição do uso do livro de Manuel Álvares ou de seus comentadores e da Prosódia de Bento Pereira”. Manuel Álvares foi o autor da *Grammatica Latina* e sua obra era referência oficial nas escolas da Companhia de Jesus. Seu livro foi o responsável pela educação dos alunos durante séculos. No parágrafo V, o documento recomenda “a Minerva de Francisco Sanches, para ella recorrerem, e por ella suprimirem na explicação aos Discipulos ou preceitos de que lhes tiver já huma Summaria idéa do Methodo abreviado porque devem aprender”. Complementa dando como opção a “Grammatica de Vossio, Scioppio, Port-Royal, e de todas as mais deste merecimento, para a sua instrucção particular, e não para agravar aos Discipulos”.

A *Minerva* de Francisco Sanchez de Las Brozas, conhecido como el Brocense, tem como objetivo “descobrir as estruturas lógicas (causae) bem como as regras internas e os primeiros princípios (rationis vera principia) da língua latina” (Fávero, 1996, p.89). Sua obra teve grande repercussão fora de seu país, a Espanha, influenciando na produção da

²² O alvará régio pesquisado faz parte do Anexo 1 do livro de FÁVERO, Leonor Lopes “As concepções linguísticas do século XVIII.

Grammaire de Port Royal, que é assim chamada por seus autores estarem ligados à Confraria dos Solitários de Port-Royal des Champs.²³

Ainda sob a análise de Fávero (1996, p.107) “há uma estreita ligação entre a *Grammaire* e a *Logique*: definições e explicações comuns à mesma fundamentação teórica”, ou seja, a aproximação da gramática descritiva aos conceitos lógicos.

Lobato (1770) traz alguns vestígios dessa escola e sua *Arte Grammatica da Lingua Portuguesa* foi obrigatória nas escolas, a partir da ordem régia. Como afirma Assunção (1997, p. 174):

trouxe fama a Pombal, um seu instrumento em gramática de tal modo se enrolava nas teorias, herdadas da Minerva de Sánchez, que o ensino, a nosso ver, não ficava muito distante do que outrora ministrara o jesuíta Padre Bento. As dezesseis cartas de Verney, no Verdadeiro Método de Estudar, não conseguiram apagar do espírito de Lobato as subtilezas escolásticas.

Lobato tenta inserir-se dentro do novo contexto, mas ainda é influenciado pelo formato medieval, pois apresenta divisões semelhantes ao modelo racionalista e como afirma Fávero (1996, p.195) “na divisão em quatro partes é herança da Idade Média. A etimologia é bastante desenvolvida num total de duzentas e cinquenta e uma páginas, centro e setenta e duas são a ela dedicadas, incluindo as quinze de prosódia”

Já Bacelar (1784), segundo Lupetti (p. 9) “atento seguidor de Port-Royal, vai além disto: confere aos sons uma função mais difícil, ou seja, “tonar concreto” o pensamento dos homens para transmiti-lo a quem o ouve”. Diferentemente dos gramáticos iluministas, esse autor parte da síntese para a análise do todo, do concreto para o abstrato, enfim, da unidade para o todo. É possível que Bacelar tenha tido contato com o *Traité des Systèmes*, que elogiavam Newton. Essa influência teria partido de Cenáculo, amigo do franciscano e pertencente à mesma ordem religiosa. A gramática filosófica e as demais que seguiram a mesma metodologia prezam a racionalidade da linguagem como expressão do pensamento, a essencialidade da linguagem como comunicação entre um “eu” psicologicamente reflexionado e o esforço interpretativo dedicado à explicação das exceções e um equilíbrio notável entre a *ratio* e o *usus* como estratégia para ou disposição da matéria gramatical.²⁴

E diante desse cenário optamos pela análise da *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar* (1722) de Manoel de Andrade Figueiredo, apresentando um manual de

²³ Ver FÁVERO, Leonor Lopes. **As concepções linguísticas do século XVIII**. Campinas: Unicamp, 1996. O Capítulo 3, pp. 87-105 traz informações sobre o assunto.

²⁴ TORRES, Amadeu traz estudo sobre o assunto em **O contributo conceptual das gramáticas filosóficas para a história da língua portuguesa**.

caligrafia e ensino das primeiras letras; na *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa* (1734) de João de Moraes Madureira Feijo, com a tendência dos séculos anteriores, quebrada a partir do século XVIII com as gramáticas filosóficas. A questão morfológica e a necessidade de resgate ao latim é da “origem” linguística acompanham as produções ortográficas no decorrer do XVIII até meados do XIX, no *Verdadeiro Método para estudar para ser útil à República e à Idade* (1746) de Luiz Antonio Verney; na *Arte da grammatica da lingua Portugueza* (1770) de Antonio José dos Reis Lobato e na *Grammatica philosophica e Orthographia racional da lingua portugueza* (1783) de Bernardo de Lima e Melo Bacelar.

4.3.1 Figueiredo e *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*, de 1722

Manoel de Andrade Figueiredo é o primeiro brasileiro, dentre os analisados. Nasceu no Espírito Santo, no ano de 1670, mas viveu em Lisboa, trabalhando como mestre.

A *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar* teve a primeira edição elaborada em 1722. No prólogo, o autor apresenta a principal função de sua obra:

mostrar as diversas fórmulas de letras e ensina o modo de as talhar, circunstancia que se não descobre em outros volumes. Proque nelles mostraõ huns a sua sabedoria, sem apontar os meos para se aprender, & outros os insinuaõ de sorte, que mais confundem com eles, do que ensinaõ (1722, p.13)

Diferentemente das gramáticas e ortografias apresentadas no decorrer dos séculos anteriores, a *Nova Escola* tem como objetivo apresentar a ortografia e a forma como realizá-la, ou seja, os mecanismos para utilizar a pena e realização da escrita. Em tom didático, toda a obra é voltada a apresentar aos estudantes como conduzir a pena, os tipos de instrumentos utilizados na escrita, como realizá-la e os meios para apresentar uma bela grafia, atrelando ao feitiço a agilidade da execução. Segundo Almada (2011, p. 176), a obra do brasileiro foi recomendada pelo governador da Capitania de São Paulo, no ano de 1768, pois, apesar da criação de escolas régias, a educação privada era orientada por preceptores e mestres e o método apresentado por Figueiredo seria de grande valia.

Ainda no século XVIII, localizamos outra obra com a mesma proposta. A *Nova arte de escrever, oferecida ao principe nosso senhor, para instrucção da mocidade composta por Antonio Jacintho de Araujo*, de 1794, setenta e dois anos depois ratifica a importância da escrita ainda sob o modelo humanista praticado durante todo o século XVII. Mesmo após a promulgação do aviso régio de Pombal, obras com essa característica ainda eram publicadas.

Dividida em 4 partes, a *Nova Escola* propõe no tratado primeiro "ensinar a ler o Idioma Portuguez com brevidade, e suficiência para se escrever, assim como se pronuncia" (1722, p.1), no tratado segundo "ensina a escrever todas as formas de letras, que ao presente se usaõ, e dos instrumẽtos para bem se escreverem, com as advertencias, e avisos necessários para se aprenderem com fundamento, e brevidade" (p. 27), no tratado terceiro trata "da Orthografia Portugueza" (1722, p. 57) e o tratado quarto "em que se ensinaõ as oito espécies de Arithmetica de inteiros, e quebrados, com algumas regras pertencentes às Escólas" (1722, p. 81).

O primeiro capítulo do primeiro tratado traz como título "da eleyção dos Mestres, que os pays devem fazer para os seus filhos", ou seja, a obra é um guia orientador para pais. Baseado em Aristóteles e na educação oferecida a Alexandre, Figueiredo remete aos clássicos, não deixando de realizar menção à doutrina cristã. Diante disso, verifica-se uma preocupação com o ensino da religião e da forma como realizá-la (1722, p. 43).

Ainda na primeira parte, o subcapítulo "Advertencias no ensino do escrever" (1722, p.47) apresenta as orientações de como proceder com a escrita, fornecendo material interessante para os estudos paleográficos e, consequentemente, filológicos, uma vez que ao mostrar o modo como se devia proceder com a escrita, também transcrevia as formas como a apresentação dos grafemas seria realizada e os métodos para a separação entre letras e diacríticos.

Quanto às letras do alfabeto, explica sua função por meio de capítulos que chama de *Cartas*. Para cada grupo há uma carta, totalizando cinco cartas e as vogais estão inseridas na primeira carta. O autor afirma serem cinco, delimitando-as em a, e, i, o e u, fornecendo-nos breve informação sobre a ausência do y. Conclui que “todas as mais se chamaõ consoantes; em cujo conhecimento bem certo os meninos, daraõ os Mestres principio ás regras das syllabas”. (1722, p. 19). Quanto à metodologia de ensino

Figueiredo recusava o método global, mesmo quando os alunos, utilizando-o, tivessem atingido resultados satisfatórios, e preconizava o método silábico. Na formação das sílabas consistiria o principal e o maior trabalho do menino. O autor atribuía à impreparação metodológica dos docentes o facto de os discípulos penarem longamente nas escolas sem aprenderem a ler (FERNANDES, 1992, p.40)

O *Tratado Terceyro* traz a Orthografia. Intitulado *Da Orthografia Portuguesa*, apresenta regras de como se deve escrever, quando e como utilizar letras maiúsculas e minúsculaa; sobre o uso da pontuação, dos acentos na ortografia, o uso do plural e, por último, as advertências para bem escrever. Apresenta a classificação das consoantes, reafirmando as considerações iniciais apresentadas no tratado primeiro, sobre a existência de 21 letras. Complementa “por evitar confusaõ aos principiantes com o k, e, y, e as que os modernos accrescentaõ” (1722, p. 58)

Como nosso principal interesse é verificar o uso dos diacríticos, centralizaremos nossos esforços na análise da regra segunda desse Tratado com título *Da pontuação das clausulas, notas, & accentos da Orthografia*. Figueiredo menciona a existência de três diacríticos, que ele denomina acentos: agudo, grave e o circunflexo, descrevendo seus usos com as mesmas funções apresentadas por ortógrafos no século XVII, mas faz uma ressalva

não encontrada nas outras obras analisadas até aqui, talvez, pela natureza e objetivo proposto por seu livro que é ensinar a ler, escrever e contar, utilizando recursos didáticos para facilitar a aprendizagem dos alunos. Um deles é recomendar o emprego de apenas um diacrítico, como proposto:

O agudo levanta mais a voz, o grave he o que abayxa, o circumflexo participa de ambos; porèm para meninos me parece acertado usarem sò do agudo, & muytos escritores na língua Portuguesa sò delle usaõ nas palavras. (1722, p. 64)

Esse procedimento utilizado para educar reflete alguns usos em documentos do *corpus*, principalmente no que tange ao uso do diacrítico para representar a tonicidade. A incidência de aparição do agudo para demarcar a tonicidade é bem superior ao uso do circumflexo, como se deu em <á> (doc 7, 1890, 4r, linha 08); <depóiz> (doc 7, 1890, 3r, linha 25); <é> (doc 6, 1890, 1r, linha 33)

No entanto, ressalta que se faz necessário diferenciar os vocábulo quando há a mesma significação. Para tanto exemplifica com o caso do verbo por:

O verbo Pôr, se acentua, mas não a proposição, por, & assim diremos; Foy-se pôr ao Sol, por causa do frio: este acentos no verbo pôr, há de ser precisamente circumflexo, porque o agudo levanta mais a voz. Tambem se acentua o verbo Esta, por sse distinguir do nome, esta, como: Esta regra está certa. Nesta fôrma se devem instruir os principiantes, dandolhe noticia de outras mais palavras, que se equivocão na escritura, & se conhecem pela diversidade da pronunciação, como também os futuros, que todos se accentuaõ na ultima vogal. (1722, p. 65)

Faz menção ao til também, esclarecendo que é usado para abreviar as palavras que apresentam as consoantes <m> e <n>. Ao dar o exemplo contrasta com a teoria apresentada, pois os exemplos daño e año trazem o diacrítico sobre <n>, reforçando a nasalidade da consoante e da vogal que a antecede.

Finaliza o capítulo dedicado à ortografia, ressaltando que as regras apresentadas por ele têm como intuito facilitar o aprendizado dos alunos e para que “não necessitem depois de feytos escritvães novo ensino para escreverem com propriedade”. (1722, p.80)

4.3.2 Madureira Feijó e *Orthographia*, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa, de 1734.

João de Moraes Madureira Feijó era natural de Trás os Montes e estudou na Universidade de Coimbra, formando-se bacharel em teologia. Ocupou o cargo de prior em Ançã e presbítero do hábito de São Pedro.²⁵

A obra do trasmontano foi a que alçou maior representatividade, importância essa citada por Bacelar ao referenciar a *Orthographia* como bem aceita. A grande quantidade de edições²⁶ é um termômetro de sua popularidade, além disso “com a sua Arte Explicativa, filia-se ao sistema alvarístico” (GONÇALVES, 1992, p.42).

No *Prolegomeno* da *Orthographia*, Madureira Feijó apresenta a divisão de sua obra, chamando a atenção a menção que faz aos diacríticos, inserida na segunda parte. O presbítero atrela sua aplicação ao bom uso dos

(...) acentos, porque mal póde aprender a escrever sem erro, quem primeiro não souber ler com acerto; e como o ler inclui a pronúnciação, ou seja vocal, ou mental, não póde haver pronúnciação recta, sem a intelligência, e uso dos acentos, que são os sons, ou tons, com que se pronunciaõ as palavras [...] (p.8)

Apesar disso, sua obra privilegia a etimologia, como base para resgatar a historicidade ortográfica portuguesa, recorrente nas obras do século XVI.

Na introdução, Feijó faz menção às dificuldades de escrever corretamente, usando acentos, pontuação, divisão e sobre tons da pronúnciação, lançando um questionamento que já fora abordado nos séculos anteriores, e que compôs os capítulos *Se devemos imitar na Orthografia das letras a pronúnciação das palavras?* e *Se na Orthografia nos devemos conformar com o uso da pronúnciação* em que traça reflexões acerca da ortografia das palavras, a escrita assertiva e se há padrões a serem seguidos.

Gonçalves (1992, p.104) afirma que

No capítulo dos diacríticos, sistema complementar do grafemático, verificámos que Madureira Feijó não avança grandes propostas. A sua descrição dos acentos é, de resto, de carácter híbrido, isto é, envolve factos prosódicos, fonéticos e estritamente

²⁵ Ao que se sabe, faleceu em 1741, aos 53 anos. Além da *Orthographia* escreveu *Arte explicada: 1ª Parte. Principios. Contem todos os Nominativos, linguagens, rudimentos, generos, pretéritos e declinaçoens dos latinos gregos com toda a explicação necessária para a perfeita intelligência dos principiantes, os methodos de perguntas em cada principio para se saberem em vreve, e com facilidade*, em 1724.

²⁶ Detalhado estudo é apresentado por GONÇALVES, Maria Filomena em **Madureira Feijó: ortografisa do século XVIII**. Para uma história da ortografia portuguesa (1992).

gráficos. Todavia, não é este o único aspecto em que o ortógrafo se revela pouco audacioso, pois, na verdade, a sua obra vale mais pela total aceitação e recuperação da matriz do que pelo espírito inovador ou vernaculizante, patenteado, por exemplo, nos textos dos primeiros gramáticos portugueses.

Mas será no capítulo *Explicação dos Tons, ou Accentos para o acerto da pronunciação* (p.12), que o autor mencionará os usos dos diacríticos. Inicialmente explicita o conceito de acento:

Accento, como aqui se escreve, he huma palavra derivada do verbo latino *Accino*, que significa cantar, ou entoar suavemente com outros, e *Accento* he aquelle tom que na pronunciação das palavras faz cada huma das vogaes junta com outras letras, a que chamamos *syllaba*. Porque em humas se levanta a voz ferindo com mais força o ar; em outras se deprime, ou abate; e em outras nem se deprime, nem se levanta totalmente; mas fica em meyo tom: e por isto os Tons, ou *Accentos* principaes da pronunciação são tres, *Accento Agudo*: *Accento Grave*: e *Accento Circumflexo*. (1734, p.13)

Madureira Feijó atem-se em descrever a pronúncia, traçando as linhas para uma norma ortoépica e isso pode ser verificado pela importância que o autor dá aos tons e acentos. (GONÇALVES, 1992, p. 60)

Mas ao referir-se ao tom da pronunciação remete ao entendimento latino de quantidade. Como observa Gonçalves (1992, p. 64) a referência do autor à noção de quantidade (longa/breve), confunde-se com intensidade (tónica/átona), de onde se depreende, mais uma vez, a forte influência do latim e da tradição gramatical latina na descrição da língua portuguesa.

E nos trechos seguintes, o ortógrafo associa os acentos aos sinais que os representam. Sobre o agudo, tece comentários no título *Que cousa he Accento Agudo?*, afirmando que “o sinal deste *accento* he huma risquinha, que sahe de cima da vogal inclinada para a mão direita, deste modo: á, é, í, ó, ú” (1734, p. 13)

Em seguida apresenta as características do grave e como ele é utilizado. Caracteriza o diacrítico como “huma risquinha, que sahe de cima da vogal inclinada para a mão esquerda, deste modo à, è, ì, ò, ù” (1734, p. 13). Como explana Gonçalves (1992, p. 66)

Da confusão entre longas e breves, isto é, entre tónicas e átonas, advêm os grandes erros da pronúncia e da ortografia. Por outro lado, o ortografista refere a noção de timbre, se bem que a propósito do emprego dos acentos gráficos. É nesse sentido que menciona a alternância vocálica entre [o] e [é], em formas do singular e respectivos plurais; daí decorre o emprego do acento circumflexo no primeiro caso e do acento agudo no segundo.

E quanto ao circumflexo, Feijó define-o como uma junção dos dois diacríticos mencionados, “com que parte se levanta, e parte se abaixa a voz na pronunciação de alguma

sillaba; de tal forma que não se levanta tanto o tom, que a vogal sôe como aguda; nem se abaixa tanto, que sôe como grave; mas fica em hum semitom, ou meyo tom” (1734, p.14).

Ao concluir os subcapítulos relativos aos acentos, apresenta título *Uso dos accentos para a lingua Portuguesa* (1734, p. 14) em que resume os usos dos sinais diacríticos, concluindo que sua principal função é a diferenciação das palavras, ratificando o posicionamento de todos os ortógrafos e gramáticos analisados até aqui.

Quanto ao uso destes Accentos, na nossa língua, so he fequente, e precisamente necessário naquelas palavras, que se equivocaõ humas com outras, e so pelos acentos se pode conhecer a sua diversidade; principalmente naquelas, que se escrevem com as mesmas letras, e tem diversa significação; v.g. nestas, e semelhantes palavras, ou linguagens Amara, Lera, Ouvira, Ensinara, Rogara, Puxara, Levara, usara &c. Que escriptas so assim, deixaõ a duvida, se fallaõ do preterito plusquam perfeito, ou do futuro imperfeito, porque saõ indifferêntes para significarem hum, ou outro tempo. E para tirarmos esta duvida, he preciso usarmos dos sinaes dos acentos sobre as vogaes; porque, quando saõ linguagens do preterito, devem ter acentos na penúltima, ou seja agudo nas que predominãõ, como nestas: elle Amára, Ouvíra, Ensinára, Rogára, Puxára, Levára &c. Ou seja circumflexo nas que nem levantaõ, nem deprimem, como: elle Lêra, Morrêra, Amanhecêra, Soccorrêra &c.

E quando as dictas linguagens fallaõ do futuro, devem escreverse com accento agudo na ultima, deste modo: elle Amará, Lerá, Ensinará, Ouvirá &c. A mesma diferença se fará nas linguagens do pretérito, e do futuro, que acabaõ em am; porque nas do pretérito diremos: eles Amáram, Ensináram, Rogáram, Puxáram, Lêraõ, Morrêraõ &c. Levantando o tom na penúltima, e não na ultima. Nas do futuro diremos: Elles Amarám, Lerám, Ouviráram, Regaráram &c. Levantando o tom na ultima syllaba, que he am. E advirtase, que todas estas, e semelhantes linguagens, melhor se escrevem com am, do que com aõ, para terem lugar os acentos sobre as vogaes, como diremos na letra m.

Como já apontado no capítulo referente ao século XVII, a representação do uso dos diacríticos para diferenciar a função das palavras tem sido recorrente, inclusive com a demonstração de exemplo fazendo uso dos tempos verbais no futuro e no pretérito. Vera (1631, p. 41) apresenta o uso do agudo na penúltima sílaba dos verbos no pretérito e do circumflexo na última sílaba nos verbos no futuro. Barreto (1671, p. 205) apresenta o uso do agudo nos dois casos, tanto no pretérito quanto no futuro, seguindo as posições silábicas já mencionadas por Vera, ou seja, a penúltima sílaba no pretérito e a última no futuro.

Localizamos no *corpus* representações desse tipo de aplicação. Palavras com mesma grafia com diacríticos para reforçar a diferenciação foram encontrados em <côr> (doc 7, 1890, 1v, linha 14) cujo circumflexo diferencia o vocábulo de cór (memorização); <está> (doc 7, 1890, 3r, linha 1) em que o emprego do agudo diferencia o verbo estar do pronome demonstrativo <esta>; <virá> (doc. 7, 1890, 3v, linha 10) em que o agudo diferencia o verbo

ir no futuro do presente com o ver no pretérito mais que perfeito e <fôra> (doc. 8, 1914, 1v, linha 17) em que o circunflexo diferencia o verbo ir do advérbio <fora>.

Para o uso do til, o ortógrafo dedicou a lição XXV, do capítulo *Orthographia*. Feijó define til como “mero suplemento de algumas letras inventado para as abreviaturas de muitas palavras, nas quaes suppre o til aquella letra, que por brevidade deixamos; e sempre se põem como ápice sobre a palavra no lugar correspondente á letra, que suppre”. (1734, p.114). Nos subcapítulos seguintes estabelece as regras para explicar quais as letras seriam suprimidas pelo diacrítico.

O presbítero complementa, afirmando que o til substitui as consoantes nasais <m> e <n>, tecendo considerações acerca da terminação em ditongo, acompanhando o til, bem como sobre a terminação com a consoante ao final da palavra, esboçando argumentos fonéticos acerca desse fenômeno. Ele conclui “he ridículo dizer, que se desfizemos o dithongo, ficará Joam, quando o O, não sôa antes, mas depois do M.” (1734, p.14)

Segundo Madureira Feijó, só as 3^{as} pessoas do plural do futuro do indicativo germinarão em -am, enquanto os substantivos, por seu lado só poderão acabar em -ão. O nosso ortografista adapta uma solução que, mesmo assim, nos parece mais racional do que a encontrada por Caetano de Lima (uso do acento agudo na última ou na penúltima sílaba). (GONÇALVES, 1992, p. 71)

A discussão sobre quando utilizar til não foi exclusiva na *Orthographia*, mas a observação apontada pelo autor remete aos usos da época e amplamente encontrada nos documentos analisados, principalmente na escrita dos escribas do documento 01, elaborado em 1694, parte de nosso *corpus*. A *Advertencia* (1734, p. 115) chama à atenção quando e como utilizar o til. A supressão das consoantes nasais <m> e <n> e sua substituição pelo til gerava grandes dúvidas e não era difícil encontrar ocorrências em que os grafemas eram eliminados em meio de palavra como em <alguma>, <uma>, <nenhuma>. A essas ocorrências Feijó pontua

Advirtase porem, que o til, ainda que póde suprir o M antes de outras consoantes, não tem esse uso; porque ninguém costuma escrever Contêplar, Contêporisar, Cõbinar &c. mas Contemplar, Contemporisar, Combinar. Advirtase mais, que o til nunca supre o M, que fere alguma vogal seguinte v.g. Roma, não se pode escrever Rõa, Manoel não se pode escreve ãnoel. Amaro, não se pode escrever ãaro &c. E daqui se segue hum argumento sem repostas, que nestas palavras Huma, Alguma, o M não fere a vogal seguinte; porque se a ferira, não se pudera escrever Hũa, Algũa, como escrevem homens doutíssimo.

Nesse trecho, Madureira Feijó (1734) questiona os usos do diacrítico til em lugar de <m> em posição intervocálica, como encontrado em <húa> (1833), <huá> (1800), <huã>

(1695) no decorrer da análise documental. Apesar de não recomendar a substituição da consoante nasal nestes casos, localizamos em pleno século XIX ocorrências com essa característica. Paul Teyssier (2007, p. 54) afirma que “Permanecerão ainda na língua algumas sequências de vogais em hiato que serão eliminadas posteriormente: ãa (escrito em geral hũa) feminino de um, passará a uma, forma que se generaliza nas grafias do século XVIII”, ou seja, as considerações de Feijó retratam a uniformização da escrita. No entanto, a existência de grafias distintas – hũa e huma – ainda são presentes na escrita e em documentos do século XIX, ano de 1800, localizamos as duas formas presentes em um mesmo manuscrito.

O autor também classifica o Viraccento como acento, definindo-o como “huma risquinha como huma virgula virada para cima, da qual se usa, quando depois das preposições, que acabaõ em vogal, principia algum nome também por vogal” (p.17). A esse diacrítico reserva poucas linhas.

4.3.3 Verney e o *Verdadeiro Método para estudar para ser útil à Republica e à Idade*, de 1746.

Luis Antonio Verney nasceu em Lisboa em 1713. Estudou filosofia na Congregação do Oratório de Lisboa e após encerrar o ensino fundamental foi para Évora, graduando-se em artes e teologia. Era membro da Companhia de Jesus e passou boa parte de sua vida na Arcádia Romana.

Responsável pela disseminação de um novo olhar sobre os processos pedagógicos portugueses com a ruptura do modelo jesuíta, Verney explica os motivos de sua escolha, validando a importância que a Companhia representa ao seu aprendizado (1746, p. 02-04).

O Verdadeiro método de estudar não traz seu nome, mas sim um pseudônimo – R. P. Barbadinho – e foi elaborado em dois tomos, divididos em cartas. O primeiro tomo apresenta oito cartas que abordam as Humanidades. A carta primeira traz a gramática portuguesa, apresentando a ortografia e baseia-se no *Vocabulario* de Bluteau, sugerindo reformas. A carta segunda apresenta o ensino da gramática latina, apresentando nova ideia sobre o tema. A carta terceira menciona a metodologia de ensino da gramática latina, sugerindo a integração de outras áreas de humanas para a compreensão dos livros. A carta quarta resgata a utilidade de conhecer as línguas modernas dando mostras de um conhecimento linguístico amplo, trazendo o grego e o hebraico. As cartas quinta e sexta abordam a necessidade da retórica. A carta sétima propõe estudos de poesia e a carta oitava apresenta a filosofia.²⁷

Devido aos pontos de gramática, centralizamos a análise na primeira carta. Referente ao uso dos diacríticos, Verney apresenta a utilidade dos sinais, informando que “Onde sendo os Acentos, o que tiram a cofuzam à pronuncia, e ensinam, como se devem distinguir as partes do discurso; valem infinito preso, e devem praticar-se com cuidado”. (1746, p. 35). Essa recomendação apresenta mais uma vez a simplificação do uso, abordada na *Nova escola para aprender a ler e escrever* de Figueiredo.

Apresenta como acentos existentes o circunflexo, o agudo e o grave, recomendando o uso do agudo (´) e do grave (`), pois “nem os mesmos Romanos se-serviam muito do circumflexo, que com o tempo perderam”. (1746, p. 35).

Apoiando-se em Bluteau, faz as primeiras incursões acerca da definição do til: é uma letra ou um risco. O padre defendia que o sinal era “risco, e nam letra”. (1746, p. 25), no

²⁷ O segundo tomo apresenta oito cartas que versam sobre exatas e outros estudos. A carta nona **traz** estudos de metafísica, a carta décima **apresenta** física, a carta décima primeira **estuda** ética, a carta décima segunda **propõe estudos de** medicina e a relação com a física, a carta décima terceira traz a origem da jurisprudência romana e a forma como é tratada em Portugal, a carta décima quarta discorre sobre teologia, a carta décima quinta **estuda** direito canônico e a carta décima sexta apresenta um apanhado sobre todos os estudos apresentados no método.

entanto afirma que o til supre a consoante <n>. A essa definição Verney tece críticas, afirmando que as terminações <ão> e <am> são similares, fazendo alusão às questões de fala e escrita, pois “em qualquer disam Portuguesa, que se-ache a terminasam am, todos a-pronunciam como aõ: e Portuguezes mui doutos servem-se indiferentemenre de ambas: e cuida que com muita razam; fe è que a segunda se-deva tolerar” (1746, p.26).

Aproximando a fala da escrita, Verney apresenta nova visão acerca da prática dos escribas, respondendo a grande parte dos usos de ditongo nasais e <m> em final palavras encontrados nos processos, principalmente, nos manuscritos do século XVIII, documento 2, de 1744, <cidadão/cidadam>, <mam/maó>, <escrivão/escrivam>, e século XIX, documento 4, de 1800, que apresenta a ocorrência <tabelião/tabeliam>. Dessa forma, faz menção ao processo de ditongação, que segundo Mattos e Silva (2006, p. 71)

precede, historicamente, à ditongação o hiato, decorrente da queda do -n- que pôs em contato vogais que estavam em sílabas diferentes e de faixas de altura diferentes. Esses hiatos nasais desfazem-se pela semivocalização da vogal que será a margem do ditongo. Esses, como outros hiatos já mencionados, desfazem-se no período arcaico; a métrica dos Cancioneiros fornece pistas para isso. Pode-se assim dizer que já no português arcaico havia os ditongos nasis -ão, ãe, -ãe.

Defende o uso do <h> apenas para diferenciação entre palavras, validando a aplicação do diacrítico quando se tratar de identificação verbal, como é o caso do verbo ser na 3ª pessoa do singular do presente <he> muito encontrado em documentos em muitas ocorrências no *corpus*.

O Barbadinho também traça relação entre uso da duplicidade vocálica e o uso de diacríticos. Diferentemente de Leão (1576), a quem Verney faz referência nas páginas iniciais (p. 16) da Carta Primeira, o autor do *Método* recomenda a adoção de uma forma – diacrítico – pela outra – duplicidade vocálica.

Costumam muitos Portuguezes dobrar os ee finais em muitas vozes, especialmente em Fée, Séé &c. e alguns dobram-nos em muitas outras palavras, inclinando-se, segundo dizem, a uma antiga pronuncia. Mas ou seja antiga, ou seja de novo inventada, deve-se fugir esta introduzam, pola mesma razam que disemos, de ser contraria à pronuncia. Concorda o Bluteau dizendo, que em algumas palavras se-supre, com um acento sobre o é. Mas eu digo, que nam sò em algumas, mas em todas se-deve escrever um só e. e quanto ao acento agudo, digo, que se-lhe-deve pôr, nam para mostrar, que falta um e; mas para mostrar que se-deve carregar a vogal; porque assim ensina a pronuncia. (1746, p. 19)

Verney também menciona sobre o uso das apóstrofes e define-as da seguinte forma:

Creio que será mui justo, introduzir na língua Portuguesa, os Apostrofes: que sam umas virgulas, que se-escrevem no-alto de uma consoante antes da-vogal seguinte; para mostrar, que falta uma vogal, e que a consoante se-deve unir na pronuncia, com a vogal da-seguinte disam. (1746, p.37)

4.3.4 Lobato e *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa*, de 1770

Encontramos poucas referências sobre o local e ano de nascimento do autor, mas como ponto pacífico entre as referências a data de sua morte – o ano de 1804 – e ao que se sabe estudou Canônes em Lisboa, tendo nascido em Lisboa em 1752. Assunção (1997, p. 167) afirma que Antonio José dos Reis Lobato é o pseudônimo de Antonio Pereira de Figueiredo, conclusão que chegou após “confronto textual do texto de Lobato e do texto de António Pereira de Figueiredo, mais o acervo documental [...], podemos afirmar que António José dos Reis Lobato é um pseudónimo de António Pereira de Figueiredo”. (ASSUNÇÃO, 1997, p. 167)²⁸

Se considerarmos isso, então Reis Lobato nasceu em 1725, na vila de Mação, comarca de Tomar e faleceu em 1797. Frequentou a Congregação do oratório de Lisboa, quando escreveu o *Novo método da gramática latina*.

“Finalmente António José dos Reis Lobato chegou a ser o primeiro gramático, cuja obra fosse declarada como gramática obrigatório do ensino primário em Portugal e Colónias” (KEMMLER, 2013, p.153) e com a *Arte gramatica* Pombal solidificaria sua posição e iniciaria o processo de substituição do legado jesuíta na educação.

O gramático cita importantes nomes para a constituição dos estudos portugueses sobre a língua, dentre eles Fernão de Oliveira, João de Barros, Amaro de Roboredo, Padre Bento Pereira e Jeronimo Contador de Argote. Prossegue enfatizando a necessidade de conhecer a língua e utiliza como argumento a facilitação do comércio entre as nações. Essa também foi uma questão apresentada em meados do século XVI, quando a língua portuguesa passou a expandir-se com as grandes navegações.

O bacharel afirma:

E vira-se a facilitar mais o commercio entre as Nações, e a descobrir muitas propriedades da língua estranha, fazendo da materna quase regra comum, como por exemplo, quem souber per Arte a Portuguesa, ou Castelhana, discorrendo na Latina per semelhança, irá descobrindo hum concerto, propriedade, e metáfora racional, e

²⁸ Assunção apresenta um estudo, baseado em análises comparativas entre as edições da obra de Lobato e a partir de pesquisas em fontes primárias portuguesas.

ainda as irregularidades, e particulares modos de falar, que o ignorante vulgo introduzio, os quaes são certas quebras de arte. (1770, p. XI)

Para isso, defendia a existência de escolas que ensinassem a língua portuguesa, fortalecendo sua própria posição diante do Marquês de Pombal e usando sua produção – *Arte Grammatica* – como ferramenta de apoio à nova política governamental, citando inclusive a proibição do uso da *Grammatica Latina* do Padre Manoel Álvares nas escolas.

Ao fim da Introdução, Lobato ressalva a importância da ortografia, que julga merecer estudo específico e apartado, mas “por quanto me conformo com o costume dos Grammaticos, que nas Artes não tratão da Ortografia, sem embargo de ser uma das partes, de que consta a Grammatica”. (p. XLVIII)

A *Arte Grammatica* apresenta-se como indispensável para “primeiro, se falar sem erros: segunda [razão], para se saberem os fundamentos da língua, que se fala usualmente”. Como preconizam os ideários de Port Royal, citados pelo bacharel na introdução da obra, o racionalismo é uma das prerrogativas que Lobato discorre, mas ainda de forma superficial. Apesar da defesa do uso e da prática a estruturação da Arte afasta-a do racionalismo proposto pelos iluministas da época.²⁹

Reis Lobato divide sua *Grammatica* em quatro partes: a ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe, reservando aos diacríticos pequena parte centralizada na prosódia.

No capítulo denominado *Proemio* apresenta as letras que estão inseridas no alfabeto português, fazendo menção ao Y Grego como supérfluo “por fazer o mesmo som que o I Latino” (1770, p.5). Das obras analisadas é a primeira vez que se constata essa observação, o que nos mostra indícios de uma simplificação do alfabeto a partir do século XVIII.

Sobre os diacríticos, o autor reserva o Livro VI *Da Prosodia* para falar sobre o acento. Inicia o capítulo afirmando que “Prosodia he huma parte da Grammatica, que ensina a pronuncia as syllabas com o seu devido accentto”. (1770, p. 175).

Lobato também traça a relação entre a quantidade silábica e o uso do acento, relatando que:

Ás vezes sobre a vogal da syllaba longa se põem o seguinte final, (´) a que chamão accentto agudo; ou este, (^) a que chamão accentto circumflexo. O primeiro serve para denotar, que se deve pronunciar a vogal, fazendo hum som aberto, como se vê na vogal o da primeira syllaba do verbo Gósto. O segundo denota, que se deve pronunciar a vogal, fazendo hum som fechado, como se vê na vogal o da primeira syllaba do nome Gôsto. (1770, p. 176)

²⁹ Sobre o assunto ver ASSUNÇÃO, Carlos. Uma leitura da introdução da Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa de Reis Lobato (1770), p.180

Assim como seus antecessores, Lobato propõe o uso dos diacríticos para diferenciar palavras.

Sobre o til, Lobato cita-o na Lição IV – *Da Figura Syncope*, do Livro III, que trata a síncope, relacionando à abreviatura. Como exemplo cita a “contracção na palavra *Santo*, tirando-se-lhe a penúltima letra *t*, e mudando-se pela figura Antithese, de que ao diante falaremos, o *n* em *m*, o qual costumamos denotar com este final (~) chamado til”. (1770, p. 249).

4.3.5 Bernardo de Lima e Melo Bacelar e a *Grammatica Philosophica e Orthographia Racional da Lingua Portugueza* de 1783.

Bernardo de Lima Melo Bacelar foi monge franciscano e presume-se que tenha nascido em Chavez, no ano de 1736. Exerceu o sacerdócio numa vila do Alentejo e ficou preso durante 8 anos, após ter compactuado com o movimento reformista em Jacobeia. Saindo do cárcere em 1777 tornou-se amigo do Frei Manuel do Cenáculo, reformador da Ordem, referente ao “Plano de Estudos”, atraiu-o para as correntes iluministas.

Em 1783, além da *Grammatica Philosophica* publicou o *Diccionario da lingua Portugueza*. No mesmo ano também publica a *Arte e Diccionario do commercio e economia portugueza*. Posteriormente emigra para a França, sabendo-se que em 1786 trabalhava na Biblioteca Real de Paris, na tradução de um manuscrito da *Crónica de Idácio*.

A obra analisada é composta por uma gramática – *Grammatica philosophica* – e ortografia – *Orthographia philosophica*. No prólogo, afirma que seu intuito é “colocar a cada huma daquelas nos seus respectivos logares, e chegar esta ao fim com a sua devida proporção” (1783, p.3).

A *Grammatica philosophica* é dividida em três partes: a primeira destina-se ao *nome*, ou *Agente*, a segunda ao verbo, ou *Acção* e a terceira ao objeto, ou *Accionado* e o som é o conceito central que compõe as partes. Será na *Grammatica* que o autor reservará espaço aos diacríticos.

A *Orthographia philosophica* trata dos caracteres que envolvem a escrita. Dentre eles os sinais de pontuação e o apóstrofo. O til está inserido na primeira parte como letra, mas os sinais diacríticos não são mencionados nessa parte do livro.

No decorrer da obra cita diversos ortógrafos contemporâneos à escrita de sua gramática, como Madureira Feijó e Argote. Dos quinhentistas cita Oliveira, Barros, Leão e Roboredo. Não deixa de remeter aos gregos e latinos, mencionando com frequência Quintiliano, inspirações e referências para a escrita de sua ortografia e gramática. No capítulo IV sua definição para acento é canto e menciona que “(a) pois Quintiliano citando a Cicero [...]acha in oratione cantum osbcuriorem...esti accentus minus suaves habemus” (1783, p.36) e mantendo o conceito latino remete ao entendimento de quantidade ao citar as breves e longas, mas traduz sua compreensão ao relacionar a quantidade (breves e longas, presentes no latim) à qualidade, informando “(b) o levantamento da voz em hum’a, e decadência em a mesma ou na seguinte”. (1783, p.36)

Sobre os diacríticos, o autor tecerá suas considerações no capítulo IV, *Primeira Parte – Da Grammatica Philosophica, ou do Agente Grammatica, que he o Nominativo* (p.36). O capítulo define o acento como

hum a espécie de canto; pois algum’as vezes constão aquelles de articulação, tempo, aspiração, e paixão. Ainda que só se trate da vogal breve ` , e da longa circumflexa ^ , e da longuíssima, ou aguda ´ , é esta a matéria qye afugenta os Grammaticos [...].(p. 36)

Quanto ao uso do til, Bacelar remete às práticas gregas em detrimentos dos latinos, citando-as em nota de rodapé. A explicação utilizada pelo gramático refere-se à sonoridade aplicada aos vocábulos que apresentam terminação em til. (1783, p. 40). Ele defende ainda que o til é parte do alfabeto, inserindo-o dentro do abecedário e acrescentando-o como letra. Com isso o diacrítico til passa a consoante. Nas regras que estabelece sobre a boa escrita observa que o sinal substituirá o <n> e deverá ser apostado sobre a primeira vogal e exemplifica com os vocábulos Irmãa e João. Referencia que essa escrita é a mais aproximada da forma como se lê, ou seja, a intenção de Bacelar é a de aproximar a forma escrita da fala.

Em uma tentativa de diferenciar as formas do ditongo nos tempos futuro e passado, descreve o que considera como um som agudo e nasal para determinar o futuro – partirão – e diferenciá-lo do pretérito - partiram – que se apresenta como breve. Além disso, o gramático cria regras para representar a nasalidade sem fazer o uso do til.

Quando entre o Ao final parecer que soa hum u, v.g. em pão, devemos escrever com accentto agudo; para que fazendo o ú dois tons, o segundo seja d’u, e conservando o característico, tenha-mos em pão, cáo &c. o som de pau’o, cau’o, assim como o tinham os Gregos, e Latinos. (1783, p. 124)

Esse uso do agudo como representação da nasalidade aplica-se aos documentos do corpus analisado, uma vez que o auto de devassa de 1744 traz essas características, apresentando parte das nasais acentuadas com o til e outra parte com o agudo, e como exemplos citamos <maó> (doc. 2, 1744, 3v, linha 13); <maõ> (doc 2, 1744, 4r, l. 23).

Bacelar considera o <h> consoante e a insere dentro do abecedário, mas para a aprendizagem e pronúncia o grafema assume função de vogal. Compara o som da vogal <e> ao <h> ao detalhar os sons das letras no que chama “alfabeto razoado e proveitoso” e sua principal atribuição era fazer “não só se livrarão de confusões os meninos, mas ainda os adultos, e hum lição valerá por cem das antigas” (1783, p.19).

Na *Orthographia*, nas regras destinadas ao uso das letras, o autor reforça a necessidade de utilizar o acento agudo no lugar da consoante <h> e apresenta como exemplo ía em lugar de hia, defendendo e afirmando que “os gregos nunca tiveram H, e os Latinos só depois da éra”. Dessa forma tenta demitificar a escrita tribuída aos conceitos etimológicos abordados por Madureira Feijó, ortógrafo citado no prólogo de sua obra.

Embora apresente como consoante <ph> e <th>, heranças de um conceito morfológico polêmico, orienta ao uso das consoantes <f> e <t> em lugar das consoantes duplas.

4.3.6 Algumas considerações sobre o século XVIII

A *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar* (1722) norteia em muitos aspectos a pesquisa realizada até o presente momento, e por se tratar de um manual escolar escrito no início do XVIII será nosso ponto inicial e norteador do quesito didático perante as obras posteriores que possuam esse direcionamento.

Ao apresentar uma alternativa para o uso dos diacríticos, evidencia uma prática aparentemente comum: o uso de apenas um tipo de diacrítico quando da necessidade de apresentar a tonicidade vocálica, ou até mesmo, a nasalidade. Para o autor, o agudo seria o sinal gráfico que a mocidade deveria optar nos anos iniciais para que soubessem o mínimo, e pudessem se expressar com assertividade ao informar que “para meninos me parece acertado usarem sò do agudo, & muytos escritores na língua Portuguesa sò delle usaõ nas palavras. (1722, p. 64).

O uso do agudo para determinar tonicidade parece realmente uma prática comum à escrita na época. O *corpus* é permeado de ocorrências similares à apresentada pelo autor quanto ao uso do agudo, inclusive com uso desse diacrítico para representar a supressão das consoantes nasais <m> e <n> São alguns exemplos:

1. <huá> - 01, 1695, 7v, linha 26
2. <alguá> - 02, 1744, 6r, linha 03

A alternância entre exemplos em que o agudo é usual e as ocorrências em que o diacrítico está no lugar do til foram propositais. Apresentamos as duas formas para afirmar que o agudo apresentava as duas funções: representar a altura nas vogais orais e exercer a mesma função do til, o que nomeamos agudo com função nasal, representado no gráfico 2.

Os exemplos também representam a sequência de vogais iguais, ocupando ou não sílaba acentuada (MATTOS e SILVA, 2006, P. 64) como apresentado no percurso etimológico de fé e só.

fé < fee (doc. 3, 1761, 1v, linha 5)

só<ssoo<solo<soo (doc 3, 1761, 4v, linha 35)

Estes são exemplos da redução das duplicidade vocálica, com o uso do diacrítico para representação da tonicidade, com a crase por meio de diacrítico. No *corpus* foram localizadas estas contrações representadas com o agudo.

3. <fé> - 03, 1761, 1v, linha 05
4. <Jozé> - 04, 1800, 6v, linha 03
5. <foraó> - 04, 1800, 6r, linha 38
6. <bahú> - 07, 1890, 4r, linh 03

A representação da nasalidade pela supressão de consoantes também foi identificada na *Orthographia* de Madureira Feijó. A substituição da consoante pelo til ou pelo agudo com função nasal em palavras como <hua> e <algua> deve-se à mudança de altura das vogais que acompanhavam a consoante e favoreciam a sua inibição entre vogais, sendo plausível a sua substituição pelo sinal diacrítico. Como as gramáticas são representações do uso e da razão, principalmente as elaboradas no século XVII, o modelo adotado por muitos escribas não será mantido.

Outro fator é o resgate dos modelos latinos que está presente nos argumentos apresentados pelo autor e faz parte do resgate em bases etimológicas na definição de uma boa escrita.

Sobre a queda do <n> intervocálico e da representação gráfica do til sobre os ditongos nasais, Mattos e Silva (2006, p. 72) apresenta um estudo com base em documentos do século XIII e traça parâmetros a partir do português arcaico. Segundo a autora:

(...) Admite-se que a convergência no dialeto padrão já existiria desde a segunda metade do século XV, já que no Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende (coletânea de poemas do século XV para XVI) rimam, em várias poesias, indiferentemente, palavras provenientes dessas três origens, enquanto no Cancioneiro Medieval galego - português ocorre, excepcionalmente, e a rima -am (lat. ane) com -ão (lat. anu), na Cantiga de Santa Maria. Esses dados sugerem os limites cronológicos dessa mudança que levou à convergência em ditongo nasal, vogais nasais distintas.

Partindo dessa observação e das análises etimológicas dos vocábulos com essas características pode-se traçar alguns paralelos entre a herança latina dessas palavras e o uso do <m> ao final de palavra ou do <ão>, ditongo nasal. Se no século XVIII as pronúncias de <am> e <ão>/<aõ> não implicam diferenciação na execução da fala, como menciona Verney (1746, p. 14), explica-se o uso de <am> e <ão>/<aõ> na escrita de um mesmo vocábulo, pois o processo de ditongação nasal já estava concluído.

Sobre duplicidade vocálica e suas formas de representação, Verney (1746), diferentemente de Feijó (1734), aborda a simplificação da escrita pela contração vocálica e uso do sinal diacrítico (fée, sóo).

Um dos tópicos também abordados por Verney refere-se às formas de apresentação de alguns hiatos e de verbos. O uso do <h> para representar a terceira pessoa do singular do verbo ser - <he> - e sua substituição pelo agudo <é> reforça a queda de seu uso ao diferenciar os tipos verbais por diacríticos (p. 13). Diante disso palavras como <ahi> (doc. 6, 1868, 1r, linha 12 e 05; 1833, 1r, linha 13); <Jundiahi>, (5, 1833, 1r, linha 5); <sahio>, (doc.6, 1868, 1v, linha 6) e <bahu> (doc.7, 1890, 4r, linha 3), encontrados nos autos analisados teriam uma escrita diferente a partir das propostas do *Método*

O é quando é Verbo, muito bem se distingue do-e Conjunsam, pondo-lhe emsima um acento. Nem eu poso intender porque razam e Verbo, deva escrever-se com h, e era, eram &c. que sam inflexoens do-mesmo Verbo, sem ele. [...] Tambem o ás, á, Verbos que significam ter, mui bem se-distinguem de às, à Particulas, com a diversidade do-acento grave. Tudo isso assim distinguem os nossos Italianos, que participam mais que ninguém da língua Latina, e que sam mui advertidos nestas pronuncias. Onde é erro dizer, Huma, Humilde &c. mas deve-se escrever, Uma, Umilde &c. Nem é obscura a razam: basta olhar para a pronuncia, para saber, que é erro, pòr o h. Antigamente o h era final de uma forte aspirasam (1734, p.13).

E a obra que passou a ser referência no ensino da gramática do português durante o governo de Pombal – *a Arte da grammatica da lingua portugueza* – já não compartilha dos mesmos conceitos e é possível encontrar em toda a gramática o verbo <é> grafado com <h>. Quanto ao uso do til e das terminações em <ão> e <am>, reservando a *Lição III – Das palavras acabadas em M, e N, aponta:*

As palavras acabadas conforme huns em am, e conforme outros o ditongo ão tem a ultima longa, assim como nos nomes Lição, Occasião, Tostão; e na terceira pessoa do plural do futuro imperfeito do indicativo dos verbos, como v.g. Amarão, Defenderão, Definirão. (1770, p.180)

Ao mencionar “conforme hum em am, e conforme outros o ditongo ão” a divisão de opiniões acerca do uso, embasado no modelo latino – final am – e o uso moderno – final ão, o último defendido por Feijó, mas Verney (1746), por seu turno, acreditava que “introduzir a primeira [aõ] escritura, seria mais dificultoso; porque estes amigos nam querem reformas utis; e assim será melhor, preferir a segunda am, que já está recebida em Portugal” (p.27).

E Bacelar (1783), diferentemente dos demais gramáticos do XVIII analisados, categoriza o til como letra, diante da função que o diacrítico exerce na contração das

consoantes nasais <m> e <n>, pois como expõe Torres (1994, p.463), a *Grammatica* de Bacelar é

híbrida e o outro lado também esta desde a leitura razoada do alfabeto, inspirada nitidamente em Arnauld e Lancelot. E assim, logo ao aflorar a questão do idioma primogénio, Melo Bacelar aceita, como aliás a generalidade até então, a velha tese patrística do hebreu, mas curiosamente explica, a partir de um inatismo de sons, sinais e acenos de que os homens inventaram e derivaram outros, a génese de "huma perfeita língua de comunicação, quase pelas mesmas palavras de Condilacc na sua Grammaire (1775)"

O Quadro 44 apresenta um resumo de todas as gramáticas e ortografias, traçando a similaridade entre os livros e a localização dos capítulos, desenhando um mapa sobre da construção das gramáticas no decorrer do século. A quantificação das vogais e das consoantes é diferente em cada obra, assim como a abordagem sobre o <h> e o uso dos diacríticos.

Quadro 44: Partes das gramáticas

Autor	Manoel Figueiredo (1722)	João de Moraes Madureyra Feijo (1734)	Verney (1746)	Antonio Jose dos Reis Lobato (1770)	Bacellar (1786)
Alfabeto	22 letras (pois não classifica o y em suas descrições)	23 letras		24 letras	24 letras (o til é considerado uma letra)
Vogais	a, e, i, o, u	a, e, i, o, u, y		a, e, i, o, u, y	a, e, i, o, u, w
H	- A letra H é inserida dentro do quadro de consoantes. A Carta Primeira apresenta essa inserção.	“O H para com os Latinos não he letra, mashum sinal de aspiração nas letras, a que se ajunta” (p.20)	Defende o uso do <h> como marcador de diferencial. “[...] digo, que nam devem escrever h senam, quando cauza diferente pronuncia, como em Minha, Diz-lhe &c” (p.24)	-A letra H é considerada letra e inserida no abecedário como consoante semivogal (p. 06)	- “O [som] do H he o mesmo [e], que o do accento agudo, que os Latinos tomarão dos Gregos, e lhe chamarão letra; pois os Gregos escrevião Antetr’ino, e Plinio escreveo Anterrhino” (p. 26)
Capítulo sobre vogais e H	Capítulo III da primeira parte	Das letras, com que se ham de escrever as palavras	Carta I	Proemio –	Capítulo III
Diacríticos	Til	Til	Til	Til	Til (que considera como letra)
	Agudo, grave e circunflexo.	Agudo, grave e circunflexo	Agudo, grave e circunflexo	Agudo e circunflexo	Breve, circunflexo e agudo
		Viraccento	Apostrofe	Sinalepha	Apostrofe
Capítulo sobre os diacríticos	Da pontuação das clausulas, notas, & accentos da Ortografia. (p. 184)	Orthografia, Liçam XXV Ortografia (p. 12)	Carta I (p.35)	Livro VI – Da prosódia. (p. 175)	Primeira Parte- Capítulo IV – Dos Acentos dos Agentes ou Nominativos & (p.36)

4.3 Os autores do século XIX e seu lugar no contexto histórico

Será a partir do século XIX que teremos maior número de representantes brasileiros na bibliografia ortográfica, motivo que nos faz iniciar pelo contexto brasileiro. O século XIX no Brasil foi marcado pelo crescimento econômico, cultural e literário. A vinda da família real e sua instalação em solo brasileiro traça novos rumos à nação, com a criação e estrutura educacional, cultural que elevará a outros patamares a economia nacional que passará a ter estreitas relações com a Inglaterra. Os laços com o governo britânico estendem-se desde meados do século XVIII, com a eclosão da Guerra dos Sete Anos e o reforço armamentista promovido pelos ingleses, bem como os estreitos negócios estabelecidos entre o Brasil e a Grã-Bretanha na venda de manufaturas. Foi nesse período também que a independência norte americana ocorreu e passou a influenciar movimentos locais na colônia portuguesa. A Inconfidência Mineira, a Balaiada, a Sabinada, as Revoluções Farroupilha Pernambucana retratam a necessidade de revisão das políticas sociais e econômicas na colônia. Estes movimentos demonstraram o descontentamento com as políticas econômico-financeiras de Portugal, envolvendo a tributação, o comércio, as condições sociais e a escravatura.

O romantismo inicia-se no Brasil nos primeiros anos do século XIX e traz consigo a necessidade de reafirmação nacional e a busca por identidade própria. Didivido em fases, exalta do nacionalismo às questões político-sociais, como a escravidão, teve como principais expoentes Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias, em sua primeira fase; Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Junqueira Freire, na segunda fase; Castro Alves, na terceira geração.

Os gramáticos escolhidos para análise das obras estavam inseridos nos movimentos sociais que reverberavam na época, e a primeira e, principalmente, a terceira fase romântica influenciaram suas criações. Garret, expoente da primeira fase do romantismo português, foi base para a escrita de Julio Ribeiro, autor brasileiro da *Grammatica Portugueza* e um dos representantes do naturalismo no Brasil.

Será com base nas movimentações políticas que o nacionalismo brasileiro virá à tona em forma de literatura. A busca por uma identidade que apresente o brasileiro e o Brasil como parte dissociada de Portugal será um alvo buscado nas letras, na arquitetura, nas representações e na língua. Nesse sentido terão início as discussões sobre uma língua própria, diferente do português da metrópole e com suas especificidades.

Foi a partir de 1822, com a declaração da independência brasileira, que a busca por uma identidade nacional se intensificou e com ela a busca por um idioma nacional. Obras

como a *Língua nacional* de João Ribeiro enaltecem o nacionalismo ao resgatar as influências das línguas indígena e africana no português brasileiro.

Sinto ainda a necessidade de novamente escrever acerca do que podíamos chamar “Língua Nacional” dos brasileiros.
 Não era a defesa nem a apologia intencional de solecismos, de barbaridades e defeitos indesculpáveis.
 Era muito mais erguido e levantado o meu propósito
 Tratava-se da independência do nosso pensamento e de sua imediata expressão.
 (RIBEIRO, 1979, p.55)

Um dos movimentos novecentistas, nascido na França, e que influenciou o governo brasileiro e, principalmente, os republicanos na concepção do novo regime político foi o Positivismo. Liderado por Miguel Lemos e Teixeira Mendes, trazia os preceitos de Auguste Comte à realidade brasileira, auxiliando nas mudanças linguísticas com a publicação da *Ortografia Pozitiva* (1884). Como afirma Fávero e Aguiar (2009, 138)

Nos acontecimentos que envolveram a proclamação da República, os autores citados [Lemos e Teixeira Leite] não tiveram participação direta, já que o positivismo presente nesses acontecimentos era exclusivamente o de Constant, poucos dias antes da proclamação, para oferecer seus conselhos à nova República e foram aceitos como os apóstolos do positivismo religioso.

Miguel Lemos e José Ventura Boscoli também defendem o idioma pátrio, sobretudo as diferenças entre as pronúncias brasileira e portuguesa. Não nos aprofundaremos nas defesas de cada autor nesse momento, mas suas propostas tinham como objetivo único a solidificação do português brasileiro, se baseando nas questões ortográficas. No âmbito linguístico, essa busca por representação nacional foi realizada ~~buscada~~ por “aqueles com diferentes ênfases, reivindicavam autonomia para o português do Brasil em relação ao português europeu e empreendiam as primeiras descrições particularizadas, exclusivas, da “língua de cá”. (COELHO, 2009, p. 116).

Com o objetivo de solidificar as bases nacionais ortográficas, a *Ortografia Pozitiva*, assim como a *Orthographia Portugueza*, de José Feliciano de Castilho, o *Idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil*, de Paranhos da Silva, *Orthographia*, de Jose Ventura Boscoli, a partir de diferentes embasamentos propunham a diferenciação do idioma brasileiro, a partir das representações fônicas e textuais produzidos na colônia.

Embora tenham sido relevantes para a época não farão parte da análise das obras relacionadas nesse capítulo, por questões metodológicas.

4.4.1 Moraes Silva e o *Epitome da Grammatica Portugueza*, de 1806

Antonio de Moraes Silva é o segundo gramático brasileiro analisado desde o século XVI. Escreveu o primeiro dicionário brasileiro, o *Diccionario da língua portugueza* (1789); a *História de Portugal* (1788); *Epitome da grammatica da língua portugueza* (1806) e a *Grammatica da língua Portugueza* (1824). A penúltima obra será o foco de nosso estudo, nesse trabalho. A edição analisada para o presente capítulo é a primeira, publicada em 1806. O autor nasceu no Rio de Janeiro em 1757 e faleceu em Pernambuco, em 1824, estudou direito em Coimbra, mas não se titulou, partindo para a França e depois para a Inglaterra, devido à perseguição do Tribunal do Santo Ofício. Em 1785 retornou a Portugal, quando se casou com Narcisa Pereira da Silva, acompanhando o sogro que fora encaminhado a Pernambuco para prestação de serviço militar e no Brasil foi nomeado juiz de fora no estado da Bahia. Posteriormente muda-se para Pernambuco, quando começa a dedicar-se à vida rural, adquirindo um engenho de cana de açúcar.

Apesar de exaltado pela compilação do *Diccionario*, centralizaremos nossas análises no *Epitome*, cujo “o acréscimo à 2ª edição (do *Diccionario*) nos permite pensar que o lexicógrafo buscou apresentar suas reflexões sobre a gramática da língua portuguesa aliada ao seu *Diccionario* com a finalidade de estabelecer uma relação entre léxico e gramática”. (Murakawa, 2006, p.59)

Influenciado pelas correntes iluministas, o lexicógrafo afirma no prólogo do *Diccionario* (1831, p. XI) ser partidário da ortografia filosófica ao afirmar

Quanto á Orthografia que segui, declaro altamente, e de bom som, que a mayor parte a sigo contra o meu parecer, e porque assim o querem. Eu sou pola Orthografia Filosofica, a qual fundada na analise dos sons próprios, ou vogaes, e na de suas modificações polos consoantes, pede que a cada um se dê um só sinal, ou letra privativa, distincta, e que não represente nenhum outro som, ou consoante.

Antes de iniciar os capítulos, o lexicógrafo apresenta em sua introdução uma breve conceituação do *Epitome*. E quanto aos sinais gráficos, cuja explanação virá na segunda parte de sua obra, referencia-os como “sinâes dos accentos, ou tons mais, ou menos fortes, com que proferimos as vogaes” (p. 12). Diante disso, apresenta-nos uma diferenciação entre a prosódia e a escrita, em plena interrelação com seu Dicionário, que nas entradas traz a forma gráfica e a pronúncia, representada pelo uso dos sinais diacríticos.³⁰

³⁰ A obra é dividida em dois livros: o livro I que traz *Das palavras por si são as partes da Sentença*, contém 9 capítulos e o livro II tem 4 capítulos e traz *Da composição das partes da Sentença entre si, ou Syntaxe*. O

Neste capítulo faz referência a dois tipos de acentos: aos acentos prosódicos e aos acentos oratórios. Os primeiros são “sinâes ortográficos dos tons das vogáes em cada palavra” (p.119) e os segundos são “tons da voz, com que se proferem as sentenças” (p.120).

Introduz os diacríticos informando que “Temos mais alguns sinâes ortográficos dos tons das vogáes em cada palavra, que já aponteí no principio d’esta Grammatica; chamão-lhes acentos prosodicos (´) grave; (˘) agudo”. (1806, p. 119-120). Em forma de nota de rodapé faz uma observação referente ao circunflexo:

O accento circumflexo dos Antigos era sinal de levantar o tom da vogal, e logo abaixá-lo; nós não temos semelhantes vogáes, e o accento circumflexo nos é desnecessário; os nossos Grammaticos accentuão com elle vogáes graves: v. g. véo, féo, por vé-yo, fé-yo, &c. (p.120)

Chama de sinalefa o diacrítico utilizado para supressão de vogais e explica que “3. Quando se suprime uma vogal usamos de (´) v. g. d’o, d’as, ’no, ’nas, e não n’o, n’a; porque o que se suprime é a preposição em, e onde falta a vogal, aí deve ir o sinal: v. g. c’o home, por como; chama se a isso (´) *sinalefa*.” (p. 120)

A referência ao uso das vogais nasais se dá na introdução do *Epitome*. Ao referenciar o uso das nasais sugere o uso da braquia, como segue “9. Quando pronunciamos alguns sons vogáes sóltase também o som pelos narizes, e estas vogaes se dizem nasaes, v. g. ã, ã, ã, im, õ, ã (*).” (p. 10)

Em nota de rodapé explica:

[*]Que as nasáes são vogáes se prova: 1º porque a voz trina sobre ellas, ouvindo-se distinctamente, v. g. sobre o an de amante, ou sobre o õ de corações; que se o til, ou m, ou n, representassem como consoantes, se ouvirião, como quando se trina sobre bar-ba-ro, porque os rr só se ouvem, quando a voz cessa da vogal trinada, e passa á outra sillaba. 2º Os Poetas sempre fazem elisão das nasaes com as vogaes seguintes, v. g. “A ti se devem os altos fundamentos,,” “Parece que enverdece’ali, mais cores” “Floreçiam entre tanto novas flores”: O mesmo é no Latim. Note se que em floreciam a elisão é do o final florecião, que é como se deve escrever, mas este exemplo prova o que digo, ainda nos casos de má ortografia. (p. XV)

Ainda sobre o uso do til nos ditongos nasais, Moraes remete à supressão das vogais duplicadas substituindo-as pelo til, como afirma:

Os nossos mayores usárão alguns, que já não usamos; antes os reduzimos a sons nasaes simples: nós não pronunciamos v.g. Lã-a, mas Lã: eles dicerão, e escreverão bõe, que nós ainda dizemos, posto que escrevemos bem, e impropriamente; dicerão a

fi-i, que dizemos a fim, dicirão bõ-o, hũ-o, que hoje dizemos bom, hum (a). São pois os ditongos nasaes, de que hoje usamos, exemplificados nas palavras seguintes Mãe, ou Mãi, São, Bêe, Vêi, Rezões, Põis, ãa; e Mũito, que ninguém pronuncia com u puro, como os de fui, Tui &c. (p.12)

Em nota de rodapé, o dicionarista detalha os motivos para utilização do til em detrimento da consoante nasal ou da duplicidade vocálica:

Os nossos mayores assim o escreverão, e cido, que assim os pronunciavão, se já não era ostentação de etimologias escrever Lãa de Lana, Bêe de Bene, Bõo, de Bono, Afii de Affinis, Hũo de Uno, Lũa de Luna. Commummente forão mais exactos escrevendo o til (~) sinal do som nasal, sobre a vogal, que o é, e não na outra vogal, de que se forma o ditongo, v.g. Joaõ, Naõ, Maẽ, &c. o que é erro. (p.12)

Menciona a *Orthographia* de Duarte Nunes do Leão para basear suas considerações acerca das nasais e do uso do circunflexo, ou seja, apesar de ser favorável ao modelo filosófico, também faz uso das ideias quinhentistas sobre ortografia, baseando-se em outros gramáticos da época, dentre eles João de Barros, menciona no prólogo de seu *Dicionário*.

Sobre o uso h, Moraes afirma ser um “sinal de aspiração, desconhecida em Portuguez” (p.13). Em nota de rodapé atribui a uma herança vulgar o uso do verbo ser na terceira pessoa do singular sob a forma <he> e não acompanhada do diacrítico como em <é>.

4.4.2 Soares Barbosa e a *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou princípios da grammatica geral applicados a nossa linguagem*, de 1862

Jeronimo Soares Barbosa nasceu na vila de Ancião, em Coimbra, no ano de 1737 e aprendeu as primeiras letras no seminário episcopal, quando se ordenou presbítero, no ano de 1762. Atuou como professor de retórica e eloquência no colégio das Artes da Universidade de Coimbra e formou-se em cânones pela mesma universidade, em 1768.

Análises de Kemmler (2012, p. 110) apontam que a data de nascimento não pode ser confirmada devido à ausência de data nos assentos.³¹

Dedicado à vida pedagógica, Soares Barbosa propõe na *Grammatica Philosophica* a representação de um importante papel em sua época, uma vez que sua obra dialogava com as vertentes ideológicas iluministas. Sobre isso Lopes (1986, p. 40) afirma que:

O requisito da inserção do projeto gramática de SB no espaço dos projetos pedagógicos da época deve ser complemento, a seguir, por meio da reinserção desses dois programas educacionais no quadro mais amplo dos projetos políticos e

³¹ Escreveu *Oratio auspicalis, habitae Conimbricae in Gymnasio Maximo* (1766), *Oratio in gratiarum actionem Josepho I Lusitanorum Regi Fidellimo, habita conimbricae in Gynasio publico, et coram frequenti Academia V. Non. Octobres*, (1767), *Instituições oratórias de Marco Fabio Quintiliano, escolhidas dos seus XII livros, traduzidas em linguagem, e ilustradas com notas criticas históricas e rhetoricas, para uso dos que aprendem. Ajuntam-se no fim as peças originaes de eloquência, citadas por Quintiliano no corpo d'estas instituições* (1791), *Poetica de Horacio, traduzida e explicada methodicamente para uso dos que aprendem* (1781), *Institutiones oratória M. F. Quintil. Ad. Usum scholarum* (1786), *Eschola popular das primeiras letras, dividida em quatro partes* (1796), *Do coração de Jesus, ou explicação da abertura do lado de Jesu-Christo, segundo o Evangelho de S. João* (1802), *Epitome Universae Historiae* (1805), *As duas línguas, ou grammatica philosophica da língua portugueza, comparada com a latina, para ambas se aprenderem ao mesmo tempo* (1807), *Orationes XV, habitae in Acad. Conimbricensi, et Epistolae Nuncupatoriae XX* (??), *Grammatica philosophica da língua portugueza, ou princípios da grammatica geral, applicados á nossa linguagem* (1822), *Mundo allegorico, ou plano da religiã christã, representado ou plano do universo. Obra póstuma, dedicada ao Clero da nação portugueza, e publicado sob a proteção do em. ^{mo} sr. Cardeal Patriarcha, e dos ex. ^{mo} srs. Arcebispos e Bispos* (1857), *Analyse dos Lusíadas de Luis de Camões, dividida por seus contos, com observações criticas sobre cada um deles. Obra posthuma, dedicada a el-rei, o senhor D. Pedro V* (1859), *Excellencias da Eloquencia popular, compostas na língua italiana por Luis Antonio Muratorim e traduzidas na portugueza* (1859). Com base nas informações do *Diccionario bibliographico portuguez* (1858) o conibrecense ainda existiam algumas obras sem publicação, a saber: *Observações grammaticaes sobre os principaes clássicos da língua portugueza*; *Tentativa sobre a inscripção incógnita do Valle de Nogueiras, Philippicas de Demosthenes. Traduzidas do grego em portuguez e ilustradas com notas criticas, históricas, geográficas e biographicas*, *Discurso sobre a necessidade da eloquência no uso da vida*, *Discurso sobre Phedro*, *Dissertação sobre o sentido d'esta passagem de Horacio: "Aut famam sequere, aut sibi conenientia finge"*, *Dissertações sobre os costumes poéticos*, *Regras da poesia pastoral*, *Apontamentos sobre as regras da poesia bucólica, mostradas nas Eclogas de Virgilio*, *Observações poeticas e rhetoricas ao quatro primeiros livros da Eneida de Virgilio*, *Analyse e observações rhetoricas ao discurso de Cicero a favor do poeta Archias*, *Prelecção sobre a definição de rhetorica*, *Arte breve de latinidade*, *Memorias da língua portugueza*, *Memorias sobre os estudos philologicos da universidade de Coimbra, desde a sua fundação no anno de 1290, até a sua trasladação para Coimbra em 1537*, *Exposição do decreto do concilio Tridentino sobre as indulgencias*.

ideológicos que em Portugal se digladiavam, então; pois não se trata aqui tão-só de uma disputa preciosa entre pedantes; trata-se, antes de uma luta política, um conflito entre ideologias mutuamente excludentes, realizado localmente sob a forma de um embate entre pedagogias contrapostas.

Aquelas duas gramáticas, a normativa e a filosófica, contrastam, de fato, entre si, como expressões de duas práticas educativas inspiradas em ideologias contrárias, uma das quais, a jesuítica, baseada na Escolástica, vê na educação uma prática de domesticação do educando, ao passo que a outra, a pedagogia racional do Iluminismo, vê nela o exercício de uma prática de libertação.

Seguindo a mesma compreensão pedagógica que Verney havia apresentado em meados do século XVIII, Soares Barbosa sucede Bernardo de Lima Melo e Bacelar (1786) na proposta e apresentação de uma gramática filosófica e supera o frei na apresentação de suas ideias e disposição de seus argumentos.

Torres (2004, p. 397) apresenta a novidade de Bacelar em relação a Soares Barbosa quanto à definição da gramática tradicional, uma vez que a obra setecentista define-se como “huma coleção de leis com que arrazoadamente fabricamos e dispomos os sons que comunicação aos outros os nossos conceitos”.

Seguindo em tudo e por tudo o seu modelo da *Gammairre générale et raisonnée* de Port Royal, a *Grammatica Philosophica* de SB erige-se, na verdade como um sistema de análise lógica dedicado à busca das correspondências que o Iluminismo, instruído por um racionalismo que não se queria quadrar com ilogismos, afirmava existir entre o entendimento, de um lado, e as línguas naturais, do outro. Desse modo, o que ocupa a maior parte do trabalho de SB é o jogo de representações ativado por essa busca de um paralelismo intuído como associação do juízo, enquanto entendimento representado, e a proposição atributiva, enquanto representação discursiva do juízo. (LOPES, 1986, p.48)

Analisamos a terceira edição da *Grammatica philosophica*, publicada no ano de 1862. Soares Barbosa apresenta a divisão proposta para a obra: divisão em ortoepia, ortografia, etimologia e sintaxe.

Quanto aos diacríticos, diferentemente de outras gramáticas, a de cunho filosófico traz dois momentos, como define seu autor “[...]um para indicar a qualidade de voz, e outro para mostrar que é aguda, ou circunflexa. No primeiro são Accentos Vogaes, no segundo Accentos Prosodicos”. (p.32) Essa definição parte das diferentes funções que os diacríticos possuem para representar os fenômenos prosódicos e ortográficos em língua portuguesa e segundo o autor

Como não temos tantas vogaes como são as vozes portuguesas, servimo-nos dos Accentos para com as mesmas vogaes, diversamente accentuadas distinguirmos as vozes grandes das pequenas; daquellas, notando as que são abertas com Accento Agudo, e as que são fechadas com Accento Circumflexo; e estas sem nenhum. (p.31)

O primeiro demarca a tonicidade e o segundo delimita a abertura vocálica, marcada pelos diacríticos. O autor ainda menciona a aspiração, classificando-a como um acento e somando-a aos outros dois apresentados.

Além destes três Accentos há outro de Aspiração, que os Gregos notavam ao principio com dois E virados um para o outro, ou unicods deste modo H, e depois com a figura de uma virgula ás avessas, lançada por cima da vogal; e os Romanos com o primitivo H dos Gregos, posto na mesma linha antes da vogal aspirada. Este Accento de Aspiração é a maior affluencia e volume de ar, que o pulmão faz sair com ímpeto pela Glottis, quando esta fórma o som, que depois se converte em voz. A Lingua Portugueza differença-se muito nesta parte da Lingua Castelhana, que é abundantissima de aspirações, e por isso se faz algum tanto áspera e fatigante. A nossa não usa delas se não nas Interjeições, em que são mui próprias para exprimirem o desafogo das paixões, pronunciando com ellas, e escrevendo ás vezes ah! oh! hui! etc. (p. 32)

Sobre o <h> o autor atribui também o uso da consoante à diferença lexical como em <há> e <a>, ou entre <hum> e <um>, remetendo seu uso da consoante às situações em que há o resgate etimológico. Seu uso seria “para preservar as etymologias Gregas e Latinas, como Hypothese, Homem” (p.32).

Entretanto Soares Barbosa, assim como seus antecessores, também remete ao uso de determinados diacríticos de forma didática, como fez Manoel Figueiredo no século XVIII, pois afirma que

Como pois o Accento Aspiration tem pouco uso entre nós, e o Grave se entende em todas as Syllabas depois da Aguda: tractaremos só dos Accentos Agudo, e Circunflexo, pondo primeiro os geraes, sobre que se fundão as Regras dos nossos Accentos, e depois as Regras mesmas. (p. 33)

O ansianense apresenta ainda um parágrafo, dentro do mesmo capítulo VII chamado *Regras dos Accentos*. A regra I tece considerações sobre o uso da acentuação nas palavras que possuem a última sílaba tônica, apresentando quando e como utilizar os diacríticos agudo, circunflexo e til.

Tem Accento Agudo na ultima Syllaba todas as Palavras, quer sejam Nomes, quer Verbos, quer Particulas, que acabarem, ou em alguma das nossas cinco vozes grandes á, é, ê, ó, ô, ou nas duas comuns i, u; ou em alguma das quatro Nasaes claras, ã, ãi, õ, õi, quer se escrevão assim, quer com m deste modo am, im, om, um; ou em alsom dos Diphthongos Oraes ái, áo, éi, êi, éo, êo, ío, ói, ôi, úi, ou dos Nasaes ãi, ão, ãi, õi, õi, quer se escrevão assim, quer de qualquer outro modo; e bem assim tem a ultima aguda todas as palavras, ou sejam nomes ou verbos, que acabarem no numero Singular por alguma das nossas três Liquidas L, R, S, ou esta ultima se escreva assim, ou com Z, como o uso introduzio.

A Regra II discorre sobre a acentuação nos polissílabos ao afirmar que “todas as palavras esdruxulas, isto é, de três ou mais Syllabas com a última, e penúltima breves, tem o accento agudo na antepenúltima” (p. 36)

E a Regra III trata das palavras que não se encaixam nas regras anteriores, fazendo referência aos vocábulos que possuem tonicidade na penúltima sílaba. “Todas as mais palavras a fora as das duas Regras antecedentes, ou sejam dissyllabas, ou trissyllabas, ou polyssyllabas, tem Accento Agudo na penúltima sem exceção alguma” (p. 37).

Sobre o uso do til, o autor dedica a Regra VII do capítulo um da *Orthographia, ou boa escriptura da língua portugueza* que afirma

Todos concordão em que as nossas cinco vozes Nasaes claras se podem escrever ou simplesmente com o til por cima deste modo: ã, ê, ĩ, õ, ũ; ou com M ou N adiante: com a diferença porêem que sendo finaes, ou ficando antes de B, P, M, sempre se devem escrever com M, e em todos os mais casos com N, com Sã, ou São, Santo, Campa, Tenro, Tempo, Si ou Sim, Sinto, Simples, Sõ ou Som, Sonda, Zombo, Û ou Um, Atum, Tunda, Tumba. (p.49)

Antecedendo à sua gramática, Soares Barbosa escreveu a *Eschola popular das primeiras letras* (1796) que já trazia informações sobre ortografia e escrita voltadas ao público das primeiras letras. Kemmler (2012, p. 304) aponta as semelhanças e diferenças apresentadas entre as duas produções

Observam-se as principais alterações naquilo que era a segunda parte do segundo parágrafo em Barbosa (1796c: 57). Trata-se da introdução do conceito da 'ortographia usual' que Barbosa (1822: 57) introduz com as seguintes palavras no âmbito de um parágrafo novo:

Repetimos esta citação, por crermos tratar-se efetivamente da primeira vez que o termo 'ortografia usual' se encontra referido explicitamente numa obra metalinguística portuguesa,¹⁹ chegando até a ser considerado o sistema ortográfico oficial do ensino público português por virtude da Portaria de 1 de setembro de 1897.²⁰

Se, na sua obra de 1796, Soares Barbosa ainda tinha considerado a 'Orthographia da Pronunciação' como o sistema mais adequado às capacidades do vulgo, Barbosa (1822: 57) passa, em consequência da introdução do sistema usual, a divergir muito da lição original de Barbosa (1796c: 57 – o trecho novo não é marcado, sendo o texto original marcado por negritos)

Na *Eschola* (1796), no capítulo *Dos Acentos*, o autor traça a seguinte relação

Os Acentos tõe na nósã Ortografia ôtro uso que não tinhão entre os Gregos e Romanos. Eles não sêrvêe só para marcar o acento predominante de qualquer palavra, para se elevar mais ou abaixar a vós; mas também para notar cõ uma mesma vogal duas vózes diferentes segundo sêo Acento. Do acento gráve (`) não se uza, porque sempre se entende êe todas as silabas, que não são agudas nêe çircumflecças. O Acento agudo (´) serve para distinguir as nósas vózes abertas cõmo é, ó, e o çircumflecso as fechadas como ê, ô. (1796, p. 88)

Como já abordado por Manoel de Andrade Figueiredo, em sua *Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar* a temática utilizada por Barbosa Soares na *Eschola* é semelhante. A simplificação do uso dos diacríticos tem como objetivo apresentar de maneira concisa e simples aos alunos quando e como utilizar os sinais gráficos. No *Epitome*, capítulo VII, o autor insere o grave ao contexto da elevação das vozes, diferentemente do apontado na *Eschola* em que apresenta o grave como um acento neutro e, por isso, pouco utilizado, em comparação ao agudo e o circunflexo.

Quanto ao uso da nasalidade, a *Eschola* (1796, p.60) afirma que

As cinco vozes Nazaes Portuguezas tem os seus caracteres próprios, que são as mesmas vogaes oraes com o til por cima para sinal da nazallidade, desde modo ã, ê, ï, ô, û. Como porem na nossa Orthographia este til se substitue muitas vezes com N, e M adiante da vogal: quem quizer vai a Escripturam que pode fazer, escrevendo sempre as vogaes nazaes finaes ou com o til ou com o M, e as que ocorrerem, no principio ou meio da palavra com N, menos vindo a nazal antes de B, P, M, que então se porá M por serem articulações do mesmo Orgão. Pelo que posso escrever deste modo, Avelão, Irmã, Malsã, sô, Atũ, Cãto, Sêpre, Tĩta (...)

As recomendações são semelhantes às apresentadas na *Grammatica*, enfatizando a necessidade de escrever as vogais nasais com til.

4.4.3 João de Deus e a *Cartilha maternal ou arte de leitura*, de 1878.

João de Deus nasceu em Algarve, no ano de 1830. Formou-se em Direito e após ter se formado mudou-se para Beja e lá passou a escrever artigos para o jornal O Bejense. Escreveu um compilado de poesias *Campo de flores* (1868) e anos depois *Folhas caídas* (1876), ano em que também escreve sua *Cartilha maternal* que dedicou ao *Excellentissimo senhor Joaquim Teixeira de Castro*, fundador da primeira escola onde sua cartilha foi adotada. Na lição vigésima primeira, o autor traz as vozes “puras” ou “nasaladas” e apresenta o seguinte:

As puras dividem-se em agudas, fechadas, aberta e grave.

As agudas são os nomes das respectivas letras, que por isso, e outras razões, convem chamar-lhes *nominaes*. A essas letras ás vezes se applica, e muitas mais, incomparavelmente, se deixa de applicar aquelle traço obliquo descendo para a esquerda, chamado *accento agudo*: á, é, í, ó, ú.

Abaixo, por assim dizerem um ponto em clareza estão as vozes *fechadas* (â, ê, ô)

O signal destas é o chamado *impropria* e *latinadamente* circunflexo, que a máxima parte das vezes se omite, mas algumas se emprega onde era necessário, como em dê;

onde convinha, como em rogo; onde era desnecessário, como em flôr (porque or final vale geralmente ôr, e portanto bastava acentuar as excepções como maior, peór) [...]. (p. 80)

Nasaladas são as que se dizem, não asperamente fanhosas, como se tivéssemos o nariz tapado, e as fizéssemos ecoar nas fossas nasaes; mas com uns ares disso. Em bom portuguez não se admite o timbre fanhoso.

Nesse trecho encontramos apontamentos que remetem à escrita encontrada nos manuscritos estudados. João de Deus faz uso do didatismo para transmitir à escrita os eventos da fala, quando usa o circunflexo para as vozes fechadas e cita <flôr> como um dos exemplos em que o emprego do diacrítico era desnecessário. Embora nossa hipótese seja de que o diacrítico marque a tonicidade em <flôres>, doc. 7, 1890, 1v, linha 15, as ponderações do autor são relevantes para a análise de <côr>, doc. 7, 1890, 1v, linha 14, reforçando o uso dos diacríticos como forma de diferenciação lexical.

O autor desaconselha o uso de outro diacrítico no lugar do til, representante de nasal, complementando as orientações, de quando e onde utilizar o circunflexo:

O signal de voz nominal. O accentto agudo, é impropriamente applicado a vogaes de valor nasal, como em *contém*; vido também a ser signal de voz forte, ou syllaba dominante. O signal de voz fechada, o circunflexo, só se deve applica a e, o; porque para o a significar o mais baixo dos seus valores (que é â) escusa signal. A voz aberta, como já dissemos, não tem signal. As nasaladas indicam-se com ~ *m n*. (p. 81)

Interessante é o alerta aos alunos sobre o uso do diacrítico correto em palavras nasalizadas, ou seja, vocábulos que terminam em consoante nasal, mas que não devem receber o til como diacrítico, como é o caso de *convém*, por exemplo.

Quanto à grafia e a aposição do til, o professor tece as seguintes considerações e didaticamente apresenta em qual posição o diacrítico deve ser inserido, fornecendo como exemplo a literatura popular:

Por economia de espaço, e por conveniências typographicas, talvez mais que põe espirito reformador duma orthographia incoerente, acha-se o til empregado nas edições antigas, frequentissimamente, em logar de m ou n.

Mas os antigos que escreviam, mais conforme a pronúncia, por exemplo, amárão; querendo diferenciar o ão forte, do fraco, á falta de signaes convenientes, escreviam amarão, desvirtuando assim ao mesmo tempo os dois signaes; pois nem a tem valor nominal; nem o, nasalado. Daqui, e provavelmente ainda mais da costumeira de soletrar á ó til ão, parecendo ao principiante (e talvez ao mestre) que o til pertence ao o, resulta vermos, até na capital, grandes letreiros: Salaõ, etc. A mesa estátua de José Estevão lá tem: Magalhaës. (p. 84)

Na lição vigésima quarta, o autor trata sobre a função do <h> e sobre o agudo. Inicia explicando que no grego as aspirações eram representadas por “virgulinhas sobrepostas á vogal ou invogal”, antecipando as invogaes, classificando-as em certas, incertas e compostas; as invogaes certas e incertas pelas nossas atuais consoantes, com exceção do <h>, cuja explicação será dada no decorrer da lição. A partir disso, o autor explica a função do <h> na língua portuguesa, bem como sua origem.

Os latinos, em lugar dessas virgulinhas, tinham h caracter improprio e indevidamente admitido na categoria das letras, mas que empregavam onde realmente indicava aspiração.

E como o portuguez é filho do latim na opinião de muitos, apesar de não termos aspiração, cá temos também h em palavras do latim, do grego e até em palavras de origem ou orthographia nossa, *como sahir, cahir, chegar, fechar*; servindo-nos o h de *accento*.

A dizes a verdade não há diferença essencial entre aspiração e acentuação: ambas envolvem força; mas há a diferença sobeja para não confundir nem os nomes nem os signaes. (p. 97)

Diante disso, João de Deus emprega a consoante como sinal diacrítico ao utilizá-la junto às vogais tônicas como é o caso de <sahir> e <cahir>.

4.4.4 Julio Ribeiro e a *Grammatica Portugueza*, de 1885

A presente análise foi embasada na segunda edição da *Grammatica Portugueza*, obra escrita por Julio Cezar Ribeiro. O escritor é brasileiro, nasceu em Sabará, Minas Gerais no ano de 1845. Dedicou-se ao magistério, dando aulas de latim no curso anexo à Faculdade de Direito de São Paulo. Foi autor da *Grammatica portuguesa* (1881), *Cartas Sertanejas* (1885), *Os phenícios no Brasil* (1885), *Nova grammatica da língua latina* (1896), *Traços geraes de linguística* (1880), *Holmer brasileiro ou grammatica da puerícia* (1887), *Assassinatos na rua Morgue* (sem data), *O padre Belchior de Pontes* (1876), *A carne* (1888) e atuou como redator em jornais, dentre eles O Sorocabano (1870-1872), Gazeta do Povo (1880), O Debate (sem data).

O livro foi dividido em duas partes: a primeira dedicada à lexeologia e a segunda à sintaxe. Dedicaremos nossas atenções à primeira parte, pois a ortografia e prosódia estão nela inseridas e consequentemente as definições acerca do uso dos diacríticos.

Será na seção dedicada à *Ortografia* (RIBEIRO, 1885, p.30) que o autor fará alusão aos acentos, definindo-os da seguinte forma:

51. *Accentos* são notações orthographicas com que se compõem letras para exprimir a natureza, a predominância, a contracção, a supressão de vozes livres.
 52. Ha em Portuguez quatro acentos: o agudo (´), o circumflexo (^), o nasal ou til (~), e o supressor ou apostropho (').
 Alguns lexicógrafos usam do accentto grave (`), para marcar os sons fechados (1): tal accentto, extranho ao Portuguez, acha-se banido do uso geral (2).

Identifica-se duas notações na última frase, sob as identificações (1) e (2), que Ribeiro dedica à Moraes e à Garret, respectivamente.

Quanto ao uso de cada diacrítico, o autor define “1) o accentto agudo coloca-se sobre a inicial para indicar contracção de vozes semelhantes, ex.: “á” por “aa”, “áquelle” por “a aquelle” e 3) sobrea a, e, o na terminação dos vocábulos. (p. 30).

No item seguinte traz o uso do circumflexo e afirma que “colloca-se 1) sobre e, o no corpo e no fim dos vocábulos para indicar tonicidade da syllaba, notando conjunctamente o fechamento da voz, ex.: “aquêdo – côvo – mercê – avô”. (p. 31)

A partir das informações apresentadas no prólogo da obra, identificamos que Ribeiro apoiou-se em linguistas portuguesas, inglesas, francesas e alemãs para concepção de sua obra, destacando-a como uma das primeiras referências brasileiras na gramatização do português como língua nacional do Brasil (AQUINO, 2012, p.74)

A *Grammatica portugueza* é considerada como um divisor de águas entre as gramáticas do final do século XIX. Aquino (2012, p. 91) menciona que:

ao voltarmos nossos olhos para a gramática de Júlio Ribeiro, percebemos que, na maior parte das menções a formas específicas do português do Brasil, o que parece estar em jogo é a construção das sentenças, a sintaxe da língua, sem contar as menções relativas às formas da língua no plano fonético. Isso pode nos levar a repensar no papel da fonética e da sintaxe na gramatização no Brasil (...)

Apesar de trazer para sua obra as ideias já praticadas pelos gramáticos e ortógrafos portugueses e brasileiros que o antecederam, Júlio Ribeiro apresenta classificações que qualificam os usos dos diacríticos, de acordo com as sílabas em que os sinais gráficos serão inseridos.

Sobre o til, Ribeiro recomenda utilizá-lo “sobre a no final dos vocábulos para indicar a tonicidade da syllaba, notando conjunctamente a nasalidade da voz, ex.: “galã – manhã”. (p. 31). O autor remete a escrita antiga em que o til era sinal de abreviatura de “m” e “n”.

Quanto ao apóstrofo, o autor afirma que “coloca-se no lugar de uma vogal suppressa, ex.: “d’este – p’ra” em vez de “de este – para”.

Em observação, o gramático afirma que seu uso tem sido pouco aplicado, pois a diferenciação da escrita tem sido realizada pelo acento agudo.

Considerando como enfoque o plano sintático, a abordagem do gramático acerca dos sinais diacríticos está atrelada à tendência histórico-comparativa das gramáticas brasileiras no final do século XIX. Como afirma Silva (2006, p. 6)

Antes, porém, de os estudos linguísticos adquirirem estatuto plenamente científico, proporcionaram a eclosão de uma série de gramáticas que, no Brasil, tiveram no método histórico-comparativo decimonônico sua principal referência teórica e fonte de inspiração. (...). É assim que, em 1881, Julio Ribeiro publica sua *Grammatica Portuguesa*, que, por ser de extração positivista, consolida no Brasil uma concepção da linguagem como um conjunto de regras científicas, positivas, que devem ser seguidas como normas prescritivas invariáveis.

A inspiração positivista de Ribeiro terá vindo de Adolfo Coelho, que, segundo Bechara (1995, p.66), foi responsável pela introdução do método histórico-comparativo em Portugal e, por extensão, no Brasil. O gramático afirma ainda que

A “ideologia positivista” na linguística dessa época está assentada em quadro princípios, ora explicitamente indicados, ora só implícitos em todas as disciplinas específicas, cultivadas nessa época: o princípio do indivíduo ou “atomismo” científico, o princípio da substância, o princípio do evolucionismo e o princípio do naturalismo. O princípio do indivíduo privilegia cada fato de fala, cada som ou cada acepção de tal ou qual forma em vários textos; o princípio da substância se caracteriza por não se considerarem os fatos nas suas relações funcionais, mas, sim, pelo que são na fala, pela sua substância material, se se trata de aspectos materiais da linguagem; o princípio do evolucionismo se manifesta na predileção absoluta da “história” em vez da descrição; finalmente o princípio do naturalismo se denuncia ao se considerarem as línguas como objetos ou organismos naturais dotados de “evolução” própria.

Dentre as prerrogativas do ideário positivista a educação, por meio da ciência e em detrimento de uma filosofia católica, tinha como objetivo a educação laica. A valorização da família, do trabalho e do progresso eram as bases da Igreja Positivista e estavam em consonância com a metodologia apresentada na obra de Ribeiro. A sistematização ortográfica e o rompimento com os modelos anteriores, como o de Soares Barbosa, por exemplo, introduzem dentre as gramáticas um modelo metalinguístico junto às bases da gramaticalização brasileira, incluindo os agentes linguísticos nacionais.

4.4.5 João Ribeiro e a *Grammatica Portugueza*, de 1889.

João Ribeiro nasceu em Laranjeiras, no estado de Sergipe, em 1860. Em 1881 mudou-se para o Rio de Janeiro e dedicou-se à vida acadêmica como lente do colégio Almeida Martins. Graduou-se em Ciências Sociais na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, sempre se dedicando ao ofício de mestre.³²

Analisaremos a 3ª edição da *Grammatica Portugueza*. A primeira edição foi originalmente lançada no ano de 1887. O exemplar é voltado para o ensino de língua portuguesa do terceiro ano do ensino médio.³³

Inicia sua *Grammatica* definindo-a e descrevendo suas divisões:

Grammatica geral é a que expõe os princípios lógicos comuns a todas as línguas.
Grammatica particular é a que expõe os princípios e as particularidades especiaes de um idioma.
Grammatica histórica é a que estuda os factos de uma língua, em seus diversos períodos, desde a origem e formação até a época presente.
Grammatica comparativa é a que estuda os factos comuns ou diferentes, em um grupo de línguas que têm a mesma origem.
Grammatica descriptiva ou expositiva, ou pratica, é a arte que ensina a falar e a escrever correctamente uma língua. (p. 4)

Em seguida descreve as partes em que se divide a *Grammatica portugueza* e dentro da *Phonologia*, “estudo do vocábulo, considerado como um composto de sons” insere os sinais diacríticos, que são classificados como “Notações Lexicas”, enfatizando os mais importantes:

O til (~) que indica o som nasal: irmã, coração etc. O til póde ser substituido pelo m ou n, em alguns casos; irman. Em portuguez, o til só se emprega para indicar a nasalidade das letras a, o e nas abreviaturas.
O accentto agudo (´) serve para indicar os sons intensos: rapé mó. O accentto agudo muitas vezes serve para distinguir categorias grammaticaes de vocábulos: bota (subst..) e bóta (verbo).
O accentto circumflexo (^) serve para indicar os sons graves: dôr, mercê. (p. 6)

³² Foi autor de *Dicionario gramatical* (1889), *Versos* (1890), *Estudos filológicos* (1902), *Páginas de Estética* (1905), *Frases feitas* (1908), *Compêndio de história da literatura brasileira* (1909), *O fabordão* (1910), *Colmeia* (1923), *Cartas devolvidas* (1926), *Curiosidades verbais* (1927), *Floresta de exemplos* (1931), *Goethe* (1932), *A língua nacional* (1933) e *Crítica*, org. Múcio Leão, 9 vols., (1952-1961), *A instrucção publica* (1890), *Cartas devolvidas* (1960), *História do Brasil* (1964), *Dias de sol* (1884), *Cuore* (1891), *Historia antiga* (1892), *Ensino cívico* (sem data).

³³ Além desse volume o professor publicou outros conjugados a esse, que são *Grammatica portugueza elementar*. Curso médio, 2ª ano (1888); *Grammatica portugueza da infância*. Curso primário, 1º ano (1888); *Diccionario gramatical, contendo em resumo as matérias que se referem ao estudo histórico-comparativo da língua portuguesa* (1889); *Estudos philologicos* (1884); *Morphologia e collocação dos pronomes* (1885).

Na *Lição II – Da accentuação e da quantidade* (p.15), o autor resgata o entendimento sobre quantidade e a intensidade dos sons. Diferentemente dos autores anteriormente analisados dos séculos que precederam o XIX, João Ribeiro apresenta uma classificação das palavras de acordo com a sílaba tônica, da forma como conhecemos atualmente, mas simplifica a definição de acento, direcionando ao uso de apenas um diacrítico: o agudo. Isso remete a alguns métodos e manuais utilizados no século XVIII que pregam o uso desse diacrítico para determinar a tonicidade vocálica. Ribeiro, assim o interpreta

A vogal, e por extensão a syllaba mais intensa, diz-se tonica, acentuada ou syllaba predominante. As vogaes e syllabas menos intensas ou graves dizem-se atonas. Usualmente a palavra *accento* designa o *accento agudo*, relativo á syllaba predominante. (p. 15)

Alguns regramentos são estabelecidos por Ribeiro, dentre eles, quando e como utilizar os diacríticos. Na *Lição III – Vogaes e Consoantes* (p. 65) define

A vogal i e também a vogal u não possuem os tons graves, ordinariamente indicados pelo *accento circumflexo*. A produção physiologia destes sons dá-lhes pouca variabilidade; e as mesmas distincções do som agudo e breve são ahi pouco apreciáveis e, em parte, devidas á duração, á quantidade.

Quanto ao til, Ribeiro afirma que o diacrítico é “antes um signal de abreviatura do que *accento*. Nos antigos documentos o til substituíra letras e syllabas inteiras. [...]” O officio principal do til era a substituição do m ou n, especialmente da primeira letra: hũa, lũa (p. 65)

4.4.6 Considerações finais sobre as gramáticas do século XIX

De Moraes Silva a João Ribeiro identificamos posicionamentos semelhantes quanto ao uso dos diacríticos. O assunto, sempre referenciado nos capítulos destinados à ortografia, como demonstra o quadro 40, está inserido, em grande maioria das vezes, na ortografia e prosódia. Exceção ocorre a partir da gramática de Júlio Ribeiro, que apresenta o assunto inserido dentro da fonética.

Antonio de Moraes Silva, favorável à corrente filosófica, apresenta em seu *Diccionario* (1789), no *Epitome* (1806) e na *Grammatica* (1824) suas posições. Ainda que apoiado nas correntes iluministas, buscou nos quinhentistas apoio aos seus argumentos acerca dos usos das nasais e sobre o circunflexo apoiou-se em Barros e Leão.

E quanto aos diacríticos, ou melhor, os acentos prosódicos, como assim denominou os sinais gráficos, apresenta a diferença entre a fala e a escrita, atribuindo aos diacríticos a função de sinal diferencial entre os sons abertos, representados pelo agudo e fechados, representados pelo grave. Diferentemente de outros gramáticos, exclui o circunflexo, enfatizando o uso do grave.

Commümente não usamos de acentos prosódicos, se não é para distinguir palavras homônimas, ou da mesma escritura, e diversos sons e sentidos: v. g. ésta a cada de Pedro; está a casa de Pedro; azèdas adject. de azédas verbos; ímpio de impío com licença poética; tõrno nome, de tõrno verbo; saúda dividindo o a do u, ditongando em lauda, e pauta, &c. sem o accento, ou ápices: v. g. saüde, graüda, müda. (p. 120)

O pensamento filosófico conjuga a escrita de seu *Epitome* às abordagens do *Diccionario*, que embora não tenha sido o foco de nossa análise traz os princípios defendidos e representados pelo lexicógrafo.

Quadro 45: Partes das gramáticas

Autor	Antonio de Moraes Silva (1806)	Jeronimo Soares Barbosa (3ª ed. - 1862)	João de Deus (1876)	Julio Ribeiro (1885)	João Ribeiro (1889)
Alfabeto ⁶	20 letras	23 letras	23 letras	25 letras	23 letras
Vogais	a, e, i, o, u	a, e, i, o, u	a, e, i, o, u	a, e, i, o, u	a, e, i, o, u
H	H (hagá) é sinal de aspiração, desconhecida em Portuguez.	E o H, que, ainda sendo signal de aspiração, não	O agá em portuguez não vale aspiração; umas vezes é accento, outraz vezes é signal etymologico, outras vezes é	Como já ficou dito o h em Portuguez a nenhuma modificação de voz corresponde; verdadeiramente não é lettra: é	O H como symbolo sensival de aspiração apenas aparece nas interjeições, nos grupos th, ch, rh de proveniência

		deve ter lugar entre as consoantes	ambas as coisas	antes uma notação etymologica e orthographica.	grega, não produz aspiração e resta como um simples signal etymologico
Capítulo sobre vogais e H	Introdução	Capítulo VII - Das modificações prosódicas p. 31	Vigésima quarta lição	Seção Terceira - Orthographia p.41	Lição 5 Observações relativas á orthographia e á prosodia p. 65
Diacríticos	Til	Til	Til	Til ou nasal	Til
	Agudo, grave	Agudo, grave e circunflexo	Agudo, grave e circunflexo	Agudo e o circunflexo	Agudo e circunflexo
		Viraccento		Apostropho	Viraccento
Capítulo sobre os diacríticos	Capítulo IV do Livro II Dos sinâes ortográficos e da pontuação	Capítulo VII - Das modificações prosódicas p. 31	Vigésima primeira lição. p.80	Seção Terceira - Orthographia p.30	Lição 1 Cap. 3 Pholonogia p. 4

O posicionamento de Moraes Silva reflete-se também no *corpus* analisado. O documento de 1800 mescla o uso da nasal ao final de palavra e do til para representar a nasalidade. Em verificação à incidência de aparições das variações das palavras tabeliam/tabelião e mam/maõ, identificamos que o uso da consoante nasal ao final de palavra em detrimento do ditongo nasal representa 86% do uso, enquanto que em mam/maõ essa proporção foi de 88%.

Esse documento foi elaborado por um único escriba, ou seja, a alternância de uso entre as formas de escrita não está atrelada aos autores da escrita, mas aos usos e às correntes linguísticas do fim do século XVIII, como abordado no capítulo 4.3. A busca pelas origens latinas confunde-se com a corrente nacionalista, marca do romantismo português, pois “se alguma tradição está atrás dos românticos portugueses, é a tradição pombalina, reformadora, anti-jesuítica e modernizadora”. (SARAIVA, 1965, 114).

O mesmo preceito foi percebido no auto elaborado em 1868 em que reencontramos as nasais em fim de palavra, em substituição ao ditongo nasal. Neste documento encontramos as duas variações para a escrita de palavras com a última sílaba nasal, como é o caso de <escrivam> e <profiçam>. Encontramos palavras iguais com escrita diferente, como aponta o quadro 41, em que constam os percentuais de incidência de existência de consoante nasal ou til em fim de palavra.

Quadro 46: Comparativo entre usos

Vocábulo	Incidência
86%
14%
88%
12%

O manuscrito de 1833 já não carrega tais características e a uniformização da escrita ocorre, pois há eliminação da consoante nasal em fim de palavra, e o uso do ditongo nasal, para representação da nasalidade.

O auto de devassa de 1890 reflete as teorias gramaticais quanto à adoção de determinados sinais diacríticos, inclusive, em termos didáticos, pois há a existência da crase entre <a> artigo e <a> preposição, sendo representado pelo agudo, ao invés do grave. Na análise realizada nos gramáticos do final do XIX identificamos que o grave não era um sinal gráfico adotado, logo, seu uso não era realizado e em seu lugar era aplicado o agudo. O <á> está presente nos fólios 2r, linha 24; 3r, linha 16; 3v, linha 01; 4r, linha 08.

Anos depois, Soares Barbosa concentra a definição dos diacríticos na ortoépica, que trará as definições sobre seus usos e o contexto prosódico.

No *capítulo VII – Das modificações prosódicas, accrescentadas aos vocabulos, e 2º das que nascem do accentto*, o gramático define a função do acento e nomeia os sinais diacríticos que o representam. Deixa claro que os sinais gráficos possuem diferentes funções da quantidade, entendimento este muitas vezes comprometido por alguns ortógrafos e gramáticos, como Duarte Nunes do Leão, por exemplo. Continua definindo que:

Os Accentos simples são dois, Agudo e Grave. O Agudo é aquelle, com que levantamos o tom da voz sobre qualquer Syllaba e apoiamos com mais força [...]. O Accentto grave pelo contrario é aquelle, com que depois de levantar o tom da voz, o abaxamos em uma, ou mais Syllabas, pronunciando-as com menos força e intensidade. [...] Destes dois Accentos é composto o Accentto Circumflexo que é aquelle, com sobre a mesa Syllaba em diferentes tempos levantamos, e abaxamos sucessivamente o tom da voz. (p.31)

Ressaltamos que embora a versão analisada seja a terceira edição, a primeira foi publicada em 1822. Conforme comunicação pessoal com o professor doutor Marcelo Módolo, que realizou o cotejo das obras, não há alterações na terceira edição. Em 1862 não houve atualizações acerca das considerações apresentadas inicialmente, o que acreditamos que seja um indício de que até meados do século XIX não houve sistematização sobre as formas de acentuar, com classificação específica aos tipos de acentuação por sílaba, como encontrado em Julio Ribeiro, em 1881. Diante disso e das análises realizadas entre as obras verificadas, Soares Barbosa foi um dos precursores na tentativa de regramento ou sistematização da aplicação dos diacríticos. Os capítulos reservados às Regras I, II e III fazem considerações a esse uso, atrelando os diacríticos à tonicidade vocálica.

Diferente dessa abordagem, na *Eschola popular das primeiras letras* (1796) o gramático atrela às regras de boa escrita, presentes no capítulo *Da Caligraphia e ortografia e ou arte de escrever bem e certo a Língua Portuguesa*, a necessidade de uso dos acentos para se marcar “vozes diferentes, segundo seo Acento”, fazendo uso do agudo e circunflexo para essa função. Embora esteja inserida dentre as obras didáticas do período, não aprofundamos sua análise por entendermos que a época em que foi publicada esteja fora do período analisado, não renegando sua importância dentre os livros apresentados por Soares Barbosa. A comparação entre a *Grammatica Philosophica* e a *Eschola* apresentou parâmetros de abordagem acerca dos diacríticos, que nos permitiram realizar algumas comparações entre os métodos utilizados nos dois livros.

Ainda em análise às obras didáticas do século XIX, João de Deus faz em sua *Cartilha Maternal* abordagem semelhante à da *Eschola Popular*. Ao limitar o uso dos diacríticos ao agudo e circunflexo, apresenta o método didático na transmissão dos conceitos, remetendo à abordagem da *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar* (1722) de Manoel de Andrade Figueiredo.

Ao final do século temos as obras de Júlio e João Ribeiro. Apesar do contexto político e social, ambos apresentam abordagens e análises distintas acerca do uso dos diacríticos, mas mantendo a classificação e tentativas de estabelecimento de regras propostas por Soares Barbosa no início do século.

Júlio Ribeiro remete a Garret e Moraes Silva para definir o uso dos diacríticos. O assunto é abordado no capítulo dedicado à ortografia e elimina o uso do grave, dentre os diacríticos utilizados no uso geral. Em observância às referências apresentadas pelo autor, verificou-se no *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Moraes, as considerações sobre seu uso. O autor cita a sétima edição, mas verificamos na segunda edição informações sobre

“accento grave”. O lexicógrafo afirma que a função do grave é marcar os sons fechados, não fazendo uso do circunflexo para essa finalidade e para essa afirmação faz referência à *Origem e Orthographia da Lingoa Portuguesa* de Leão (f. 188, 1784). Ao verificar a obra de Leão identificamos duas informações que se contradizem, pois o ortógrafo questiona a real aplicação do circunflexo e quando deve ser utilizado, uma vez que a mudança de forma de pronúncia não estabelece claramente a abertura ou fechamento da vogal para utilização do grave ou do circunflexo:

A qual pronúnciação de accento circunflexo (se o este he) parecem que somente sentimos, em as dições de duas syllabas, que em ambas teem. O. & não em outras vogaes. Porque agora nestes tempos, não há noticia alguma deste accentos, nem se sabe, em que porporção stá do agudo, ou graue: nem há orelha tam delicada, que possa compreender a diferença, que há entre terra do caso nominativo, que teem acerca dos Latinos, accento circunflexo, de terra do ablatiuo, que o teem agudo. Qua se perdeo isto, como se perdeo a pronúnciação de muitas letras, & como se perdeo o processo da musica antiga, que hauendo três gêneros dela s. diatonioco, chromatico, & enharmonico. (1784, p. 188)

No entanto, na página 194 da mesma *Ortographia*, o autor afirma que

Deue-nos por tanto ficar por regra, que pois a diferença consiste no accentto, & não na scriptura, que não teemos mais que hum .o. & que não se deue screuer com .o. dobrado, nenhua dição, tirando na vltima syllaba, os nomes contractos, de que a diante faremos menção. Nem he necessário notar as palavras com accentto, para fazer differença, quando he agudo, de quando he graue, ou circunflexo, por não trazermos aa nossa lingoa o trabalho da lingoa Grega.

E remata

Mas baste para a pronúnciação, saber as regras acima dictas. Soamente devemos acentuar as dições, em que pode hauer diferença de significação, quando teem diferente acentto, como: côr, por color, que screueremos com accentto circunflexo, & côr por vontade com agudo. E pôde, quando he pretérito, screueremos com circunflexo, & póde do presente com agudo, & assi outros desta qualidade. (p. 195)

Quanto à referência que faz à Garret e à sua obra *Da Educação*, de 1829, o autor defende a escrita etimológica e resgata os conteúdos de Parnaso Lusitano, em defesa da etimologia e da adoção dos diacríticos apenas em situações e de diferenciação lexical. Aconselha o uso do agudo e do circunflexo, apenas, pois “são os únicos portugueses”.

Em relação à tonicidade dos acentos, Ribeiro classifica os vocábulos em oxítonos e barítonos, relatando que:

São *oxytonos* os que têm o accentto tonico na ultima syllaba, ex.: “vapor – canhão”; são *barytonos* os que não têm o accentto tonico na ultima syllaba. Subdividem-se os *barytonos* em *paroxytonos* e *proparotytonos*: são *paroxytonos* os que têm o accentto

tonico na penúltima syllaba, ex: “*cidáde*”; são *proparoxytonos* os que o têm na antepenúltima, ex.: “*cámara*”.
Os vocábulos oxytonos são também chamados *agudos*; os paroxytonos, *graves*; os proparoxytonos, *esdrúxulos* ou *dactylos*. (p.14)

João Ribeiro traz a mesma abordagem apresentada por Soares Barbosa (1796) e João de Deus (1876), atrelando aos sinais diacríticos um teor didático. Sua *Grammatica Portugueza* apresenta os sinais como “Notações Léxicas” e são abordados no capítulo destinado à *Phonologia*. Esse capítulo também engloba as questões ortográficas e prosódicas, ou seja, novamente vemos a acentuação gráfica centralizada no âmbito da ortografia. Semelhante à abordagem de Julio Ribeiro, na lição 2, o autor parte para as classificações das palavras de acordo com a sílaba em que há a tonicidade, separando-as em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

4.5 Gonçalves Viana e a reformulação da ortografia: a *Ortografia Nacional*

Será a partir do início do século XX que a ortografia portuguesa passará a ter novas perspectivas. Com a proposta de uniformização da escrita, um novo olhar foi lançado sobre as correntes filosóficas e etimológicas, que dominaram os últimos séculos. Essa mudança ocorreu a partir da publicação da *Ortografia Nacional*, obra de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana. Nasceu em Lisboa em 1840 e atuou como funcionário público da Alfândega de Consumo, trabalhando desde os 18 anos para sustentar a família, após a morte de seu pai e de seu irmão. Devido ao trabalho retoma as atividades científicas aos 29 anos, quando inicia os estudos de grego e sânscrito.

Gonçalves Viana foi autor de diversos trabalhos e conforme Vasconcelos *apud* Gonçalves Viana (1973, p. 21), suas atividades científicas podem ser divididas em três espécies de trabalhos: os que embasaram as bases da fonologia portuguesa, trabalhos relacionados à ortografia, história da língua e trabalhos de cunho lexicográfico.³⁴

A *Ortografia nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*, de 1904, foi o divisor de águas para a ortografia da língua portuguesa. O autor parte de estudos linguístico-históricos e fonéticos para apresentar as propostas para uniformização da ortografia portuguesa. Argumenta:

A base para regularização da ortografia portuguesa tem de se a história da língua no tempo e no espaço; convém saber, o exame detido e científico dos seus monumentos escritos, desde os primeiros tempos, e o conhecimento metódico dos seus vários dialectos actuais. As línguas estranhas cujo conhecimento se torna necessário para ficsar, e sobretudo para aplicar essa ortografia, são a latina e a castelhana, estas duas mesmas somente como aussílio para resolver os casos duvidosos; e em muito menor grau algumas das outras línguas românicas, o asturiano, o italiano, o provençal, pois que o romeno, o francês e os dialectos réticos, ou gálio-italicos fraco subsídio ministrarão ao estudo do português. Para a aplicação da ortografia, o próprio estudo do latim, ou do castelhao, poderá ser sumaríssimo, porque os casos duvidosos se reduzem a pequenas séries de vocábulos, que podem ser ensinadas dogmaticamente. (GONÇALVES VIANA, 1904, p. 8)

Apesar de não considerar o português falado e escrito nos demais países de língua portuguesa – Brasil, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe,

³⁴ Suas obras foram o *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883), artigos publicado na revista *O Positivismo* (1882), *Exposição da pronúncia normal portuguesa* (1892); *Ortografia nacional* (1904), *Vocabulário ortográfico e ortoépico da língua portuguesa* (1909), *Vocabulário ortográfico e remissivo da língua portuguesa* (1912), *Apostilas aos dicionários portugueses* (1906), *Palestras filológicas* (1910), *Bases para a unificação da ortografia que deve ser adoptada nas escolas e publicações oficiais* (1911).

Timor Leste – uma vez que se baseia no português de Portugal para realizar suas análises, não levando em consideração os dialetos e idioletos das colônias, Gonçalves Viana baseou-se nos estudos e análises das perspectivas linguísticas do século XIX, período em que a língua passou por uma fase de retorno aos modelos latinos, como menciona o foneticista :

Pode-se dizer que o renascimento literário efectuado no primeiro quartel do século passado, continuado com a maior eficácia no segundo e já em decadência no terceiro, período glorioso para as letras portuguesas, e que se denominou Romantismo, em vez de prosseguir nos esforços por acomodar a ortografia ao que fora antes a da Arcádia, ao contrário introduziu nela inovações de procedência principalmente francesa conquanto aparentemente latinas; e neste ponto foi a sua acção prejudicial ao ensino da língua, pois desconheceu ou menosprezou o estudo histórico desta, único que pode servir de base á ortografia nacional. (GONÇALVES VIANA, 1904, p.5)

Embasou-se também nos gramáticos latinos, como o brasileiro Miguel Lemos, autor da *Ortografia positiva*, além de ter acompanhado os processos de reforma ortográfica em outros países como Itália, França, Espanha, Chile e Venezuela. (GONÇALVES, 2010, p.7)

O propósito da obra foi apresentado nas primeiras páginas e antecipa as análises realizadas pelo autor, ratificando as abordagens realizada nas *Bases da ortografia portuguesa* (1885) mencionadas na *Ortografia* (1904, p. 17) que são:

- I. Proscrição absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimologia grega, th, ph, ch (=k), rh e y
- II. Redução das consoantes dobradas a singelas, com exceção do rr e ss mediais, que teem valores peculiares
- III. Eliminação de consoantes nulas, quando não influam na pronúncia da vogal que as preceda.
- IV. Regularização da acentuação gráfica

Será no quarto item que nos ateremos, dando continuidade aos estudos referentes ao emprego dos diacríticos. O capítulo 5 - *Sinais Ortográficos* - trata dos acentos tônicos. Em sua descrição vemos novamente a classificação vocabular de acordo com a sílaba acentuada e, complementando as obras brasileiras do século XIX, anteriormente analisadas, Gonçalves Viana define:

I – Os vocábulos portugueses são ou monossílabos, ou dissílabos, ou polissílabos, e com relação á sua sílaba predominante ou tônica, são:- 1º átonos, os que se encostam ao vocábulo seguinte e se denominam proclíticos, ex: a caça, ou ao vocábulo antecedente e se denominam enclíticos, ex: dá-o; 2º AGUDOS ou OCSÍTONOS os que teem predominante a última sílaba, *alvará*; 3º PAROCSÍTONOS, enteiros ou graves, os que teem predominante a penúltima sílaba, ex.: *caçada* 4º EXDRUXULOS ou PROPAROCSÍTONOS, aqueles em que a sílaba predominante é a antepenúltima.(...)

Referente ao emprego dos diferentes diacríticos ratifica os métodos apresentados por Figueiredo (1722), Soares Barbosa (1796), Julio Ribeiro (1881), Verney (1786), ou seja, a simplificação do ensino da acentuação centralizando o uso em um único sinal gráfico – o agudo. O filólogo afirma que “o sinal por excelência da sílaba predominante de um vocábulo é ao cento (´) denominado agudo, que se coloca sobre a vogal dessa sílaba se esta contém uma só, ou sobre a dominante se contém mais de uma.” (1904, p. 157)

III – Como as letras e, o, podem quando representam vogais orais tónica, ser ou abertas ou fechadas, é uso marcar estas últimas com o acento (^) chamado curcunfleco: *mercê, avô*, para se diferenciarem das abertas, que se marcam com o agudo: *maré, avó*.

Diferentemente das últimas gramáticas analisadas, Gonçalves Viana (1904, p.194) retoma a importância e o uso do grave. Ele afirma que

E de muita utilidade a adopção do acento grave, para denotar o valor alfabético das vogais, isto é, o valor do nome que teem, independentemente de serem, ou não, tónicas por isso que estas últimas são marcadas com o acento agudo. Dêste modo à, è, ì, ò, ù, designarão o valor de vogais abertas, como no alfabeto: á, é, í, ó, ú, êsse valor quando pertencerem á sílaba predominante e que seja de regra marcar esta.

Ou seja, o acento grave é utilizado para diferenciar a altura vocálica em homônimos, como é o caso de àquele e aquele. E complementa:

A aplicação do acento grave em vez do agudo é tanto mais conveniente, quanto é certo que este último pode induzir a erro alguma pessoa menos sabedora. Já houve quem defendesse a pronúncia, como esdrúxula, da palavra pegada, como pégada, em vez de pègáda, enganado pelo emprego dúbio do acento agudo (cf. Pégaso).

Sobre as nasais, Viana tece as seguintes considerações:

IV – A língua portuguesa, além de vogais orais, tem também vogais nasais, que, quando são as tónicas de ditongos, costumam marcar-se com outro sinal, denominado til (~): pão, pães, barões, e antes, igualmente bõe, bões, lãa, lãas. Este sinal, não havendo outro no vocábulo, designa a vogal predominante: maçã, carvão, louvardo, barões, a par de órfão, órfã.

Quanto ao Apóstrofo, assim como nas demais gramáticas, o foneticista também adota o uso do diacrítico.

Sobre o uso do H, Viana (1904, p.65) simplifica seus usos, desfazendo os usos considerados etimológicos aplicados por muitos autores como o <bh>, <dh> e <gh>. Desconstrói também a função do h como tónica ao mencionar que se trata de “mero erro de

interpretação, como quando é final, em Sarah por exemplo, que, em virtude dêsse h inutilmente acrescentado, passa a ser erroneamente lido Sará, em vez da acentuação correcta Sára” . Enfatiza que os usos de <h> em língua português não são explicáveis pela etimologia das palavras que os recebem e ainda que sigam os preceitos adotados em outros idiomas em nada se relacionam com a língua portuguesa. Muitas formas localizadas nos manuscritos foram reavaliadas ou, ainda, ratificadas pelo autor, a saber:

1º á imitação do provençal, para, acompanhando outras letras, representar os sosnpalatais, lh, nh e ch; 2º para desunir vogais, como sahir; 3º, inicial, para dar mais corpo a vários monossílabos, como **ho (o), hũu (um)**, ou diferença-los de outros, por exemplo **he (é)**; e neste queria Constâncio que se mantivesse, por uma razão de veras extraordinário: porque em persa se escrevia **h** inicial da palavra que significava existência! (1904, p. 57)

Em todos os casos o <h> foi apresentado para marcar a tonicidade silábica, mas além disso, <h> também foi utilizado para apresentar a desunião vocálica como em <bahú> (1890, 4r, linha 3), <ahi> (1868, 1r, linha 12) e <sahio> (1868, 1v, linha 6). Em <hera> (1695, linhas 9 e 22; 1761, 6r, linha 13; 1800, 1v, linha 18; 1r, linha 32; 7r, linha 15) foi utilizado para o representar verbo ser na terceira pessoa do singular hera (era).

Os casos em que há monossílabos representados como <h> inicial são os mais comuns e foram localizados na escrita dos documentos do século XVII e no século XIX, e como exemplo citamos <huá> (1695, 7v, linha 26) e <hum> (1800, 8r, linha 42).

A reforma e as considerações apresentadas por Gonçalves Viana foram implementadas, mas outras reformas foram realizadas/idealizadas no Brasil e em Portugal nos anos seguintes. Em 1907, a Academia Brasileira de Letras lança propostas para uma reforma ortográfica, tendo em vista a diferença apresentada entre os falares e sua reprodução. A medida também continha um cunho nacionalista, pois desde o início do século XIX os discursos nacionalistas advogaram em favor de uma ortografia que representasse a língua e que as características nacionais fossem defendidas e mantidas.

4.6 Algumas conclusões a partir dos dados do *corpus*

Esse capítulo traz levantamento e apresentação de todos os dados do *corpus*. O objetivo é estruturar e apresentar uma análise comparativa entre os dados presentes na literatura dos séculos XVI ao XX e os usos dos escribas na escolha dos diacríticos.

Mantemos a estruturação inicialmente adotada no capítulo 2.1 “Análise Paleográfica” e apresentamos dois quadros: um com os diacríticos que representam a nasalidade e outro para os diacríticos que representam a tonicidade ou a diferenciação lexical. Partindo dessa separação, buscamos nos apontamentos das gramáticas as propostas para utilização dos diacríticos.

O quadro 47 apresenta resumidamente a incidência de uso dos diacríticos que representam a nasalidade em todos os documentos analisados, que apresenta todas as ocorrências em que a nasalidade é representada.

Quadro 47 - Marcas da representação da nasalidade em todo o *corpus*

Diacrítico/ Consoante	1695 Processo	1744 Devassa	1761 Devassa	1800 Devassa	1833 Devassa	1868 Inquérito	1890 Inquérito	1915 Inquérito
<m>		25		45	1	11		
Aõ	63	20	36	98			12	10
Ão	2		49		42	1	4	
Aó		11	2					
Â	4							
á	1	1			2			
Û	1			3				
Ã	1							1
Es						3		1

Apesar da incidência de uso do <m> como representação da nasalidade, o til prevaleceu no *corpus*. Grande parte dos usos implicam na inserção do diacrítico sobre a segunda vogal do ditongo nasal e tal uso foi mais recorrente no final do século XVIII e início do XIX, especificamente, em 1800. A partir disso, o uso do diacrítico sobre a primeira vogal passou a ser mais empregado, seguindo os usos já abordados nas gramáticas dessa época, que na figura de Soares Barbosa tem seu representante maior.

É perceptível que o <m> perde espaço como marca da representação da nasalidade a partir de 1800. Em 1890 já não se encontra mais uso dessa marca na documentação analisada. Ressaltamos que, nesse período, o Brasil tornava-se uma república e o estabelecimento de

modelos próprios e a busca por autonomia também são refletidas na valorização da língua portuguesa do Brasil. Além disso, os manuscritos que compõem o *corpus*, a partir de 1868, são inquéritos policiais e há diferenças entre os dois modelos – devassas e inquéritos – tanto na forma como é realizada a captação do depoimento, como na escrita documental. Carvalho (2007, p. 84-85) menciona as diferenças na formação de magistrados e delegados de polícia, respectivamente, responsável pela tomada dos depoimentos das devassas e dos inquéritos. Os primeiros, formados em Coimbra recebiam educação clássica, logo, voltada à tradicionalidade do rito jurídico e da escrita. Já os delegados de polícia recebiam sua formação no Brasil e tinham contato estreito com os pensamentos iluministas e reformadores, o que reforçava a existência de uma escrita menos clássica. Tais movimentos são perceptíveis na escrita documental da época.

O quadro 48 apresenta as marcas de tonicidade em todo o *corpus*.

Quadro 48 - Marcas da tonicidade em todo o *corpus*

Diacrítico/ Consoante	1695	1744	1761	1800	1833	1868	1890	1914
Agudo	2	-	2	3	10	2	13	4
Grave	-	-	-	-	-	-	-	-
Circunflexo	-	-	-	1	-	-	5	1
H	-	-	-	1	3	2	1	-

Verifica-se que o agudo e circunflexo foram pouco utilizados no final do século XVII até início do século XIX. O grave não aparece no *corpus*. As tentativas de sistematização do uso dos sinais gráficos, com estelecimento de meios e métodos para uso dos diacríticos é um fator que contribuiu para essa representatividade. As obras de Soares Barbosa, que traziam abordagem diferente sobre tema, auxiliaram na consolidação e inicialização de um processo de sistematização na aplicação dos diacríticos, pois o autor não apresenta os sinais gráficos apenas para uso diferencial em palavras homógrafas, relacionando-os à marcação da tonicidade.

No quadro 49 vemos que os usos propostos pelas gramáticas e ortografias do XVI versam, principalmente, para a diferenciação de tempos verbais, a marcação de tonicidade e o uso do diacrítico para reduzir o uso de vogais repetidas, também consideradas uma marca de tonicidade.

Um dos usos do agudo no documento de 1695 foi a demarcação do tempo futuro no verbo <dirá> (4v, linha 9) e a tonicidade em <hordinário> (1r, linha 21). Os dois casos o diacrítico foi utilizado para marcar a tonicidade.

Quadro 49 - Gramáticos e ortógrafos do século XVI

			GRAMÁTICOS E ORTÓGRAFOS			
	Diacrítico/ Consoante	Quantidade	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Leão (1576)
Nasalidade	<M>	Singular	-	Utilização no singular. Ex. Razam	Verbos no tempo passado	-
		Plural	-	-	-	-
	Til	Singular	Utilização em final de palavra.	1. Uso antes de vogal. Ex. Cõ estas	Verbos no Futuro	-
		Plural	Utilização em final de palavra.	2. Marcar o plural. Ex. bõos, atũs	-	-
Tonicidade	Agudo	Singular	-	-	Crise de artigo e preposição no singular. Ex: á	Crise de vogais duplicadas. Ex: pee, maas por pé, más
		Plural	-	-	-	-
	Circunflexo	Singular	-	-	Crise de artigo e preposição no plural. Ex: â	-
		Plural	-	-	-	-

No documento de 1761 o agudo foi utilizado em <só> (4v, linha 36) e <fé> (1v, linha 6) e tal uso seguiu os preceitos de Leão (1576), uma vez que a crase das vogais com a representação do diacrítico era um uso recomendado para marcar a contração vocálica e tonicidade.

Gândavo foi o primeiro gramático a fazer referência clara ao uso dos diacríticos para representar a tonicidade, dando-lhes aplicação diferencial, no caso mencionado, entre singular e plural. Seu apontamento é reforçado no século XIX, pois no *corpus* encontramos no inquérito policial de 1890 (2r, linha 24; 3r, linha 16; 3v, linha 1; 4r, linha 8) a contração de artigo e preposição <á> com o uso do agudo para representá-lo.

O quadro 50 traz os gramáticos do século XVII, que de forma geral, revisitaram seus antecessores seiscentistas.

Quadro 50 - Gramáticos e ortógrafos do XVII

	Diacrítico	Vera (1631)	Barreto (1671)	Bento Pereira (1666)
Nasalidade	<M>	-		-uso de <m> em detrimento ao til
	Til	Abreviaturas Amaraõ -futuro Amâraõ – pretérito	Til no lugar de <m>	-
Tonicidade	Agudo	Amára x amarâ Léera x leerâ Ouvíra x ouvirâ -	Amára x amarâ Ouvíra x ouvirá -	
	Circunflexo	Bôlo x bolo Trôco x troco	Côr x cor Avô x avó Povo x póvos Olho x olhos	Partîram x partirám

O uso dos diacríticos como diferencial é a principal função. A realização de <m> em final de palavra é sugerida por Bento Pereira, evidenciando que o til, embora reconhecido como representação da nasalidade, não era unanimidade dentre os gramáticos. O *corpus* também apresenta essa correspondência na grafia do documento de 1744, em que localizamos a alternância do uso da consoante e do til para representar a nasalidade. O manuscrito não apresenta uso de diacríticos que marcam a tonicidade, mas por sua vez apresentam vocábulos iguais com escritas distintas, alternando entre <aõ> e <am> a terminação da palavra. São exemplos cidadam/cidadaõ (3r, linha 1/ 3v, linha 9); escrevam/escravaõ (4r, linha 29/3r, linha 23) em que o escriba alterna o uso das terminações nasais. Neste documento não constam verbos nas mesmas condições.

Vera coloca como marcador diferencial para os tempos verbais pretérito e futuro a localização do til no ditongo nasal. No entanto o *corpus* de 1695 traz verbos no pretérito com o til sobreposto na segunda vogal do ditongo. Em todos os documentos não localizamos tempos verbais diferenciados pela terminação <m> ou ainda pela sobreposição do diacrítico em vogal específica do ditongo nasal.

Quadro 51 - Gramáticos e ortógrafos do XVIII

Gramáticos e Ortógrafos						
	Diacrítico	Figueiredo (1722)	Madureira Feijó (1734)	Vernney (1746)	Lobato (1770)	Bacellar (1783)
Nasalidade	<M>	-	-terminações verbais – am no futuro	Am		Partirão (futuro) x partirão (pretérito)
	Til	Abreviaturas	Til no lugar de <m>; Teminações de substantivos – ão ; - M como consoante plena	ão		
Tonicidade	Agudo		Penúltima – Pret. amára, ouvíra Ultima – amará, lerá	Fée; sée	Gósto x gôsto	
	Circunflexo	Pôr x por	Lêra, morrêra			

Verifica-se que a partir do século XVIII as gramáticas apresentam fortemente o uso dos sinais diacríticos como forma de distinguir palavras com uma mesma grafia ou ainda para determinar as diferenças entre os tempos verbais. Para tanto, cada autor faz uso de critérios próprios, mas relacionados aos apontamentos realizados em gramáticas e ortografias antecessoras.

Madureira Feijó (1734) adota a terminação <am> em detrimento de <ão> para indicação dos tempos verbais no futuro, recorrendo herança latina de uso do <m> em detrimento do til, assim como fez Bento Pereira (1666).

Para Verney (1746) o uso do til e da nasal <m> em final de palavra confunde-se e Verney sugere o uso das duas formas, diante da semelhança com a pronúncia. Ainda assim, o *corpus* manterá como marca privilegiada o til. Apesar das gramáticas fazerem referência ao uso do <m> e <ão>/<aõ> para diferenciar tempos verbais, o *corpus* não trouxe essa característica e todas as ocorrências verbais localizadas nos documentos são grafadas com ditongo nasal. Como exemplo citamos mataraõ (1695, 2r, linha 2); forão (1761; 2r, linha 9); acharaõ (1800, 5v, linha 2); virão (1800, 6r, linha 32) e fugirão (1833, 3r, linha 25).

O quadro 52 apresenta os gramáticos do século XIX e já se pode identificar o início da sistematização na aplicação dos diacríticos.

Quadro 52 - Gramáticos e ortógrafos do XIX

Gramáticos e ortógrafos do século XIX					
	Diacrítico	Moraes Silva (1806)	Soares Barbosa (1862)	João de Deus (1878)	João Ribeiro (1889)
Nasalidade	<M>	-	-	-	-
	Til	Ão – uso correto em detrimento de aõ	Uso do til	Nasais devem ser representadas por ão	Abreviaturas; Usado apenas em <a> e <o>
Tonicidade	Agudo	-	Início de processo de sistematização, com estabelecimento de definições para palavras agudas e forma de escrita	-	Indicar “sons intensos”; Palavras homógrafas como bóta x bota
	Circunflexo	Rejeita o uso do circunflexo.		Circunflexo para fechadas – a, e, o.	Usado de indicar sons graves

No início do século XIX identificamos o uso de circunflexo <jâ> (1800, 2r, linha 5) reforçando a aplicação dos diacríticos para marcar a tonicidade das palavras. O agudo em <José> (5v, linha 39) apresenta a altura vocálica da última sílaba. A consoante <h> foi utilizada em palavras como <Jundiahi> (1r, linha 6) e ahi (1r, linha 14 e 26)

Em 1868 o uso dos agudo correu em <é> (1r, linha 33) que já no início do século XIX era representado como <he>, ou seja, o <h> tinha a função de representar a abertura vocálica e tonicidade nesse caso. Apesar de não termos essa exemplificação no *corpus*, localizamos ocorrências que resgatam a altura vocálica, como em <hera> (1800, 1r, linha 30). <Ahi> (1r, linha 13) e <Sahio> (1v, linha 6) são ocorrência no mesmo documento. No caso apresentado a abertura é representada pelo diacrítico agudo, no lugar da consoante <h>.

O manuscrito de 1890 apresenta o circunflexo com função de *accento diferencial* em <côr> (1v, linha 15) e <está> (35, linha 2). Nos dois casos o diacrítico foi empregado para apresentar a diferença entre cor (colorir) x cor (coração) e está (verbo estar na 3ª pessoa do sing. do presente do indicativo) x esta (pronome demonstrativo).

O mesmo uso diferencial foi encontrado em <fôra> (1890, 1v, linha 18). Conjugação do verbo ir na 3ª pessoa do singular do pretérito mais que perfeito, o diacrítico diferencia o verbo do advérbio, delimitando a aplicação da palavra.

Ainda no final do século XIX a incidência do uso de outros diacríticos, além do til e do agudo, começa a aparecer e os documentos passam a apresentar o circunflexo para marcar a distinção entre palavra homógrafas.

Os documentos desse período confirmam os movimentos gramaticais e os primeiros passos da sistematização, como pode ser observado nos usos propostos por Soares Barbosa, João de Deus e Júlio Ribeiro.

No início do século XX, essa aplicação – diacríticos como forma de diferenciação – será mantida com a sistematização do uso dos sinais, além da marcação da tonicidade, assim como a terminação distinção entre tempos verbais no pretérito e futuro. O último documento do *corpus*, elaborado em 1914, reforça os apontamentos realizados no manuscrito de 1890, com a existência de palavras, cujo uso do circunflexo é realizado para marcar distinção lexical. O estabelecimento de normativas de uso ortográficos e estabelecimento de parâmetros e métodos para aplicação dos diacríticos ocorrerá se consolidará com a obra de Gonçalves Viana.

Considerações Finais

Os documentos analisados possibilitam avaliar as formas e modos de uso dos sinais diacríticos. Os manuscritos jurídicos tinham estrutura pré-definida e as fórmulas e estruturas dos processos criminais possibilitaram um diagnóstico prévio quanto aos níveis de conhecimento de escrita dos escrivães e tabeliães responsáveis pela escritura dos autos. A estrutura judicial proporcionava a formalidade e a captação de testemunhos era realizada por juízes e transcrita por escrivães ou tabeliães. A formalidade e a arquitetura documental possibilitaram a análise rigorosa dos termos, pois os vocábulos se repetiam no mesmo documento diversas vezes fornecendo-nos material consistente para a pesquisa.

A existência de fac-símiles do século XVII ao XXI possibilitou verificar a evolução e mudança dos usos dos diacríticos, bem como traçar um perfil de utilização no decorrer dos séculos.

Com a transcrição e análise semidiplomática, foi possível identificar os diacríticos empregados e averiguar as similaridades existentes no emprego de muitos sinais, como o til e o circunflexo em <irmâ>, por exemplo, localizado no século XVI.

A coexistência de diferentes formas de grafia em um mesmo documento, como apresentado no auto de devassa de 1744, apresenta as múltiplas abordagens da ortografia, fato que se repete também nas obras gramaticais publicadas na época, ou seja, a regularidade e uso de uma escrita não era uma praxe.

Diante dos diversos usos localizados e das diferentes épocas verificadas, buscamos nas ortografias e gramáticas dos séculos XVI ao XXI os pensamentos sociais e os empregos ditados nestes exemplares.

Identificamos inicialmente que as obras escritas a partir do século XVI tem grande influência dos primeiros gramáticos portugueses, em especial, Fernão de Oliveira e João de Barros, ou ainda, apenas Fernão de Oliveira, pois Coseriu (1991) apresenta indícios de que Barros apoiou-se na obra de Oliveira para escrever sua gramática. Gândavo será o primeiro gramático a identificar os diacríticos como parte da ortografia usual, dedicando um capítulo específico para os sinais.

Foi a partir de meados do XVIII, com o *Método de Estudar* de Verney e atrelado às influências iluministas na política e educação que se apresenta uma tentativa de uniformização. E em referência à simplificação, os livros voltados à educação das crianças já traziam esse conceito, como é o caso da obra de Figueiredo, *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar, escrita*, no início do século XVIII, bem como de outros livros que possuem a mesma abordagem, dentre eles a *Eschola popular das primeiras letras* (1796), de Soares Barbosa.

Esses exemplares e a similaridade nas escritas documentais encontradas entre a época em que foram produzidas e os manuscritos levam-nos a inferir que, apesar da pequena amplitude de divulgação das obras gramaticais, a amplitude destes preceitos era acessada pelos escribas. Salientamos que até meados do século XIX, os autos de devassa, bem como os testemunhos que os compunham eram captados em tribunais, ambiente e estrutura em que a formalidade era plenamente seguida.

Será a partir de meados do século XIX, que os testemunhos passam a ser dados na Delegacia de Polícia e o inquiridor será o delegado de polícia ou um escrivão e não mais o juiz, o que possibilita entrever pessoas com menor letramento refletindo na escrita e na forma como o depoimento é colhido.

O percurso histórico-ortográfico do uso dos diacríticos não pode ser dissociado dos fenômenos políticos e sociais nas diferentes épocas em que os documentos foram produzidos, bem como não há como desconsiderar a origem de sua escritura, não desprezando assim o ambiente em que foram elaborados. À medida que identificamos os padrões de emprego dos sinais nas gramáticas e ortografias, foi possível traçar paralelos com os documentos e todos os apontamentos apresentados nas obras puderam ser localizados no *corpus*.

Verifica-se ainda nos manuscritos uma flutuação entre o uso da nasal em fim de palavra em detrimento do ditongo nasal. Observou-se esse fenômeno nos documentos do século XIX, período em que a sociedade brasileira passava por um período nacionalista e a busca por uma identidade nacional, com resgate aos clássicos que era um meio de encontro da identidade. Essa pode ter sido a motivação para estas características na escrita, ou seja, os meios sociais e políticos influenciaram diretamente a escrita documental.

O emprego dos sinais gráficos, em especial o agudo e circunflexo, tinha como objetivo principal nas gramáticas estudadas dissociar palavras idênticas, que seriam diferenciadas com a representação do diacrítico. Nos séculos XVII e XVIII seu uso passou a representar as diferentes realidades diatópicas, com o emprego dos diacríticos ou consoante nasal para representar a nasalidade. <hum>/<hũ>, <Mam>/<maõ>, <tabeliam>/<tabelião>,

<escrivam>/<escrivão>, presentes em documentos nos anos de 1695 e 1744, são exemplos dessa representação, e a partir do século XIX identificamos as primeiras classificações da acentuação por palavras, como foi apresentado por Júlio Ribeiro (1881 -1885) e simplificação, ao excluir o grave como acento gráfico. Anos antes Moraes Silva havia tomado medida semelhante, excluindo o circunflexo de suas análises.

Não se pode desconsiderar que os sinais gráficos sempre existiram em nossa língua, com diferentes funções. A mudança de suas aplicações ocorreu à medida que houve a necessidade de diferenciar e detalhar os usos atribuídos à escrita. Esse percurso caminhou junto às evoluções da sociedade e a necessidade de perpetuar ou, ainda, diferenciar a escrita corrente e os fenômenos da fala. O movimento nacionalista, que surgiu em Portugal e no Brasil, no início do século XIX, é um dos acontecimentos que influenciou na linguagem e isso é perceptível na escrita documental a partir de 1868.

Espera-se que o percurso evolutivo aqui apresentado seja útil às áreas de filologia e historiografia linguística, tendo em vista não termos localizado obras em que o enfoque central fosse o uso dos sinais gráficos em manuscritos do XVI ao XXI, objeto desta tese.

APÊNDICE

Normas para transcrição dos documentos

A transcrição dos manuscritos obedecerá aos critérios apresentados no Segundo Seminário para a História do Português do Brasil realizado, em Campos do Jordão, no período de 10 a 16 de maio de 1998, elaborado pela Comissão de elaboração de normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil. A mesma foi base para a edição dos manuscritos de *Por Minha Letra e Sinal*, organizada por Heitor Megale e Silvio de Almeida Toledo. Adaptações das normas foram realizadas para que a presente transcrição se adequasse a lição, a saber:

1. A transcrição será conservadora;
2. As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo ao seguinte critério:
3. respeitará, sempre que possível, a grafia do manuscrito, como no caso da ocorrência “*Senhor*”, que leva a abreviatura “S.”; *testemunha*” desenvolvimento de “test^a”
4. no caso de variação, a opção será para a forma atual, seguindo o apresentado pelo manuscrito.
5. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: osSantos; noautodadevasa;
6. A pontuação original será mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba, será marcado [espaço].
7. A acentuação original será mantida, não se permitindo qualquer alteração. Exemplos: húa; depôente;
8. Em ocorrências em que o diacrítico localizar-se entre vogais, será considerada a acentuação utilizada no restante do documento. Caso não haja parâmetros, o diacrítico será posto sobre a primeira vogal. Exemplo: não; cidadão;
9. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultantes de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução. Como exemplos temos aCudio.

10. Inserções do copista ou do escriba na entrelinha ou nas margens superior, laterais ou inferior entram na edição entre sinais < >, na localização indicada.
11. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos.
12. Intervenções de terceiros no documento original, devem aparecer no final do documento informando-se a localização. Caso haja mais de uma linha a mudança de linhas será representada por uma vertical.
13. Intervenções do editor serão raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem devem vir entre colchetes;
14. Letra ou palavra não legível por deterioração justificam intervenção do editor na forma do item anterior, com a indicação entre colchetes [ilegível];
15. Trecho de maior extensão não legível por deterioração receberá a indicação [corroídas + ou – 5 linhas]. Se for o caso de trecho riscado ou inteiramente anulado por borrão ou papel colado em cima, será registrada a informação pertinente entre colchetes e sublinhada
16. A divisão das linhas dos documentos original será preservada e não receberá indicação, sendo justalinear. A mudança de fôlio receberá a marcação com o respectivo número na sequência de duas barras verticais: ||1r.|| ||1v.|| ||2r.|| ||2v||;
17. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira continua por fôlio, iniciando nova contagem a partir de cada fôlio iniciado;
18. As assinaturas simples ou as rubricas do punho de quem assinam serão sublinhadas. Exemplos: assinatura simples: ManoelCardosodeVargas
19. Marcas oficiais, como timbres, logotipos e carimbos serão mencionados como nota de rodapé.

Edição Semidiplomática

Processo Criminal de 1695 - Villa de Santa Cruz de Ubatuba

s'us d'ordres. *Qui* En un
 May d'après, un autre, arme
 de deux mousquetons, les
 par un mousqueton, les
 d'ordres d'ordres. N. 64
 1695.

[illegible][illegible]

Acção Crime

5 Auto quemandou o Juis hordinario
Miguel Pires [corroído] devassar [corroído]ente
de huamorteque se fez o defunto Amaro
pires morador que foy nesta Villa de Santa Crus
dosalvad or deubatuba <N 64>

10 1695

Anno Donascimento denosso *Senhor*Jhesus Christo da
erademileseis sentos enoventa esinco Anos em
aparas [ilegível] deItagoa distrito e a Rebaldes destaVilla
15 deSantaCruz enos Sinco dias domes deabril do
ditoAnno, vejo oJuiz hordinario Miguel Pires
commigo escrivão abaixo nomeado com o Alcai
de dadita Villa dos Dias eahynadita que
achamos aodefunto AmaroPires mos faz
20 endo restaria eu escrivão lhe achamos sinco es
tocadas ehũa que opasou departe aparte, portodo
Corpo abaixo dosobaço easy mais huã corda pela
boca ehūs [ilegível] aLongo doCorpo morto epreguntado
oJuiz hordinário asima nomeado amolherdo dito
25 defunto dequemsequer dava perante min escri
vão Respondeo quesequeixava doseus pecados deque
mandou odito Juis fazer ditoAuto emque asinou
eu Manoel Cardosodevargas queoescrevy

MiguelPires

30 36
Elogo enomesmo dia mes eAnno seofensouoJuis hor
dinario MiguelPires commigo escrivão abaixo nome
ado em meza para Inquirir a *testemunha* que solhe fora pre
zentados dequefizestetermo deosentada eaMa
35 noelCardozodevargas tabeliam queoescrevy.
37

40

||1r||

³⁵ Anotação de terceiros o ano de 1695

³⁶ Anotação de terceiros <Começo de um livro|1 a 7 - 14>

³⁷ Carimbo do Arquivo do Estado de São Paulo

Love you?
D. M.

Thos. G. Sanders
Dines

1892

Lazaro [corroído] nesta Villa [corroído]
 de l[dade] *que* dise [corroído] senta e tres Annos poco mais o
 menos *testemunha* Jurada os Santos evangelhos aquemo Juiz
 hordinario Miguel Pires deu *juramento* em que por sua
 5 mão direita em hu Livro delei *e que* prometeo dizer ver [dade]
 dade do que soubese e preguntado lhe fosse yyy e preguntado
 a elle *testemunha* pello Conteudo no auto da devasa *que* totalhe
 foi lida e declarada pelo dito Juiz dise elle *testemunha* *que* na
 10 Sabia nada e alnaõ dise do costumes nada e asinou
 o dito juiz e eu Manoel Cardoso de Vargas *tabeliam* *que* o escrevi.

Lazaro

Pires

Manoel Pereira Cardoso morador nesta Villa de Santa
 Cruz do Salvador de idade *que* disser de setenta Annos
 15 poco mais o menos *testemunha* jurada aos Santos *evangelhos*
 aquemo Juiz hordinario Miguel Pires deu *juramento*
que Prometeo dizer ver *do que* Soubese e preguntado
 lhe fosse yyy e preguntado a elle *testemunha* pello Conteudo no auto
 da devasa *que* todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juiz
 20 dise elle *testemunha* *que* [ilegível] a Maria de Alvarenga *que*
 adita adizer a outras mulheres, que Joseph Roiz dito
 a huã Irmã sua *que* elle tinha culpa *que* o defunto
 Amaro Pires dise em sua mulher porque não queria elle di
 ta mossa irmã de Joseph Roiz *que* a mulher do defunto
 25 fosse avilla e que elle Joseph Roiz viera *pella* fa e que
 tambem ouvira dizer o [ilegível] [ilegível] *que* Joseph Roiz
 não ovira missa na noite da Resurreiçãõ naõ di
 to do costume orada e asinou com o dito Juiz Mano
 el Cardoso de Vargas *tabeliam* *que* o escrevey

Manoel Pires Cardoso

Pires

Maria de Alvarenga moradora nesta villa de Santo Cruz
 do Salvador de trinta e nove Annos poco mais o mesmo *testemunha*
 Jurada aos Santos evangelhos aquemo o Juiz hordinario
 35 Miguel Pires Roiz [corroído] do que prometeo [dizer aver] dade
 [sou] bes [se] lhe fosse yyy e preguntado

elle *testemunha para* cente no auto dadevasa lhe foi
 lida edeclarada pello dito Juiz [corroído] e llate *testemunha* em
 Juizadiz [ilegível] Joseph Roiz equesabe [corroído] que foi certo
 que Joseph Roiz não [ilegível]
 5 não dessas comodito Juiz [ilegível]
 Manoel CardosodeVargas [ilegível]
 também sabe oquedizem todos que Joseh Roiz
 andava amansabado com amolher dodefunto e por
 estesaber escrever Rogou amim es [ilegível] *que* porelle
 10 seasinase assim aRogo demarca dealvarenga e aSigno
 Rogo Manoel Cardoso devargas eeu *tabeliam*
que oescrevy
 Pires
 Evilaza *Fonseca* moradora nesta *Villa* deSanta Cruz de
 15 Ubatuba que diseser detrinta Annos poco mais omenos
testemunha jurada aossantos evangelhos aquem oJuiz hordi
 nario MiguelPeres deuJuramento doquesoubes epregun
 tadolhefosse yyy e preguntado aelletestemunha pellocon
 teudo no auto dadevasa *que* todo lhefoi lida edecla
 20 rada pello dito juiz dise elle *testemunha que* anoite seguintede
 poiz da Resorreisaõ diga a huâIrmã deJoseph Roiz por
 nomeJoanaRoiz *que* oquetinha Referido heraverdade
 equesenaõ lhepreguntamporserparte equesabe
 que Joseph Roiz anda amansebado com amolher dode
 25 funtoAmaroPires ealnão dise adecostume
 aSignoucomodito Juiz epor não saber escrever Rogou
 amentabelliam *que* porelleasinado assim aRogo diante
 easinoaRogo Manoel CardosodeVargas
 Pires
 30 *Domingos* [Veloso] morador nesta *Villade* Santa Cruz doSalvador
 deIdadeque dise ser devinte etres Annos poco maes
 omenos *testemunha* Jurada aosSantos [evan]gelhos oqueo
 [corroído]

35

40

45

50

prometeo dizer averdade deque soubesse e preguntado lhe
 fosse yyy e preguntado a elle testemunha pello contheudo no
 [corroído] do lhe foi dito adeclarada pelo
 [corroído] juiz que anote seguinte da Resorreição
 5 que foraõ [ilegível] em tres em Caza defunto
 to a Joseph Roiz disse elle testemunha que anda amance
 bada com amolher do defunto e que sabe elle testemunha que
 coando semetan [ilegível] que ella estava sem
 do [ilegível] e alnaõ disse e advertiu nomenada ea Sinou car
 10 o dito juis e eu Manoel Cardoso de Vargas tabeliam que o escrevy

Domingos velozo

Pires

Manoel Coelho morador nesta Villa de Santa Cruz do
 Salvador de Idade que dise ser de vinte e cinco Annos
 15 poco mais o menos testemunha jurada aos Santos e van
 gelhos aquem o Juiz hordinario Migal Pires deu
 Juramento do que prometeo dizer verdade do que Soube
 se e preguntado lhe fosse yyy e preguntado
 a elle testemunha pelo conteudo no auto da devasa que todo
 20 lhe foi lida e declarado pello dito juiz dise elle testemunha
 que o morador atodo que andava Joseph Roiz amanse
 bado com amolher do dito defunto e que o ouvira adizer
 que anoite da Resorreição viera o ara Itaggoa e que os
 peita que o dito Joseph Roiz matara o dito defunto
 25 e alnaõ dise a costume nada ea Sinou como dito juis
 eu Manoel Cardoso de Vargas Tabeliam que o escrevy

Manoel Cuelho

Pires

Dias era [ilegível] nestas Villa de Santa Cruz de Salvador
 30 de Ubatura de Idade que disese de vinte Annos poco
 mais o menos testemunha jurada aos Santos e evangelhos aquem
 o Juiz hordinario Miguel Pires deu Juramento do que prome
 teo dizer verdade do que soubese e preguntado lhe fora
 e preguntado a elle testemunha que do que digo pellos San
 35 tos Evangelhos [ilegível] for lida

40

45

[illegible]

pello dito juiz disse aelle *testemunha* que [ilegível] adevasa *quema*
 taraõ ealnaõ dise adecostume nada

Juis e eu Manoel Cardoso de Vargas tabeliam que oescrevy
Pires

5 [ilegível] Dias morador nestavilla de Santa Cruz de Salvador
 deidade *quedise* ser de trinta e quatro Annos poco mais
 o menos *testemunha* jurada aos Santos evangelhos aquemo Juiz
 hordinario Miguel Perez deu Juramento do *que* prometeo
 dizer verdade do *que* soubese e perguntado lhe fosse
 10 yyy perguntado aelle *testemunha* pello conteudo no auto de
 devassa que todalhe foilida e declarado pelo
 dade eelle *testemunha* que quando foi daquella davila de Salvador
 afonso *que* falou com Joseh Roiz em Itaghoa ealnaõ
 dise e adecostume nada e assignou comodito Juis e eu Manoel
 15 Cardoso de Vargas Tabeliam que oescrevy

Crus de [rubrica] + Dias

Pires

Adrião Vas Rangel morador nesta villa de Santa Cruz do
 Salvador de Idade *quedise* ser de sincoenta Annos poco
 20 mais o menos *testemunha* jurada aos santos evangelhos o *que*
 o Juiz hordinario Miguel Pires deu Juramento dito pro
 meteo dizer verdade do *que* soubese e perguntado [ilegível]
 yyy e perguntado aelle *testemunha* pello conteudo [ilegível] verdade
 soubesse *que* toda lhe fo y dito e declarado pello dito juiz
 25 dise elle *testemunha* *que* do *que* perguntado lhe era *que* não sabia
 nada ealnaõ dise adecostume nada e assignou comodito Juis
 eu Manoel Cardoso de Vargas tabeliam *que* oescrevy.

Adrião Vas Rangel

Pires

30

35

40

45

- BenthoLimeiradaSilva morador nestaVilla deSantaCruz doSalvador quediz ter alidade *que* dise ser detrinta Annos mais o menos *testemunha* Jurada nos Santos Evangelhos aquemo oJuiz hordinario Miguel Pires de *juramento*
- 5 do*que* prometeo Dizer verdadedoque soubeseepreguntadolhefoi yyy apreguntado aelletestemunha pelo conteudo noauto dadevasa *que* lhefoy aelleddeclarada pelo *dito* juis diseelle *testemunha* per omurador todos queomatarão emsuacaza os
- 10 outros no [ilegível], ealnão disse edecostume oude assinou como odito juis eu Manoel Cardoso deVargas *tabeliam que* o escrevy
- BenthoLimeiradaSilva
Pires
- 15 Antonio deCandia morador nestaVilla deSantaCruzdeSalva[dor] deIdade que dise ser devinteseis Annos poco mais ome nos *Testemunha* jurada aosSantos evangelhos aquemoJuiz hordinario Miguel Perez de*Juramento* doqueprometeo di zerverdade doque soubese epreguntado lhefosse yy
- 20 epreguntado aelletestemunha *pello* conteudo noauto dadevasa que todo lhefoi lidoedclarado *pell*odito Juiz dis elle *testemunha* que sabia forasabbado dealeluya noite para Ita goa, oque [ilegível] lhedisera *que* Joseph Roíz mataraode funtoAmaro Perez noseo porto, e que por emgano arrom
- 25 dadesua casa eomatara napraia eoutrosym diseelle *testemunha* que o muradores emolher dodito defunto Am aroPires *que* andava amancebada comJoseph Roíz aque aseumando alnão dise e do costumenadaeasim com odito juis ManoelCardosodeVargas *tabeliam que* oescrevy
- 30 Crus deAntonio + deCandia
Pires

35

12
 13
 14
 15
 16
 17
 18
 19
 20
 21
 22
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33
 34
 35
 36
 37
 38
 39
 40
 41
 42
 43
 44
 45
 46
 47
 48
 49
 50
 51
 52
 53
 54
 55
 56
 57
 58
 59
 60
 61
 62
 63
 64
 65
 66
 67
 68
 69
 70
 71
 72
 73
 74
 75
 76
 77
 78
 79
 80
 81
 82
 83
 84
 85
 86
 87
 88
 89
 90
 91
 92
 93
 94
 95
 96
 97
 98
 99
 100
 101
 102
 103
 104
 105
 106
 107
 108
 109
 110
 111
 112
 113
 114
 115
 116
 117
 118
 119
 120
 121
 122
 123
 124
 125
 126
 127
 128
 129
 130
 131
 132
 133
 134
 135
 136
 137
 138
 139
 140
 141
 142
 143
 144
 145
 146
 147
 148
 149
 150
 151
 152
 153
 154
 155
 156
 157
 158
 159
 160
 161
 162
 163
 164
 165
 166
 167
 168
 169
 170
 171
 172
 173
 174
 175
 176
 177
 178
 179
 180
 181
 182
 183
 184
 185
 186
 187
 188
 189
 190
 191
 192
 193
 194
 195
 196
 197
 198
 199
 200
 201
 202
 203
 204
 205
 206
 207
 208
 209
 210
 211
 212
 213
 214
 215
 216
 217
 218
 219
 220
 221
 222
 223
 224
 225
 226
 227
 228
 229
 230
 231
 232
 233
 234
 235
 236
 237
 238
 239
 240
 241
 242
 243
 244
 245
 246
 247
 248
 249
 250
 251
 252
 253
 254
 255
 256
 257
 258
 259
 260
 261
 262
 263
 264
 265
 266
 267
 268
 269
 270
 271
 272
 273
 274
 275
 276
 277
 278
 279
 280
 281
 282
 283
 284
 285
 286
 287
 288
 289
 290
 291
 292
 293
 294
 295
 296
 297
 298
 299
 300
 301
 302
 303
 304
 305
 306
 307
 308
 309
 310
 311
 312
 313
 314
 315
 316
 317
 318
 319
 320
 321
 322
 323
 324
 325
 326
 327
 328
 329
 330
 331
 332
 333
 334
 335
 336
 337
 338
 339
 340
 341
 342
 343
 344
 345
 346
 347
 348
 349
 350
 351
 352
 353
 354
 355
 356
 357
 358
 359
 360
 361
 362
 363
 364
 365
 366
 367
 368
 369
 370
 371
 372
 373
 374
 375
 376
 377
 378
 379
 380
 381
 382
 383
 384
 385
 386
 387
 388
 389
 390
 391
 392
 393
 394
 395
 396
 397
 398
 399
 400
 401
 402
 403
 404
 405
 406
 407
 408
 409
 410
 411
 412
 413
 414
 415
 416
 417
 418
 419
 420
 421
 422
 423
 424
 425
 426
 427
 428
 429
 430
 431
 432
 433
 434
 435
 436
 437
 438
 439
 440
 441
 442
 443
 444
 445
 446
 447
 448
 449
 450
 451
 452
 453
 454
 455
 456
 457
 458
 459
 460
 461
 462
 463
 464
 465
 466
 467
 468
 469
 470
 471
 472
 473
 474
 475
 476
 477
 478
 479
 480
 481
 482
 483
 484
 485
 486
 487
 488
 489
 490
 491
 492
 493
 494
 495
 496
 497
 498
 499
 500
 501
 502
 503
 504
 505
 506
 507
 508
 509
 510
 511
 512
 513
 514
 515
 516
 517
 518
 519
 520
 521
 522
 523
 524
 525
 526
 527
 528
 529
 530
 531
 532
 533
 534

My darling + love
Daddy

[illegible]

My dear friend
Lily

[illegible]

Luiz foi morador nesta Villa de Santa Cruz de Salvador
 de Idade que dise ser de trinta dois Annos poco [corroído]
 o menos *testemunha* jurada aos Santos Evangelhos o que
 o Juis hordinario Miguel Pires deu *juramento* do que pro
 5 meteo dizer verdade do que soubese e preguntado
 lhe fosse yyy e preguntado elle *testemunha* pello conteudo
 do auto da devasa que todo lhe foi lido e declarado
 pelo dito juis dise elle *testemunha* que do que preguntado lhe
 era disse elle *testemunha* que hera verdade que mandara que Jo
 10 seph Roiz matare o dito defunto e que naosabia [ilegível]
 que [ilegível] não se lembrava quem lhe tinha dito
 e a não dise de costume nada e assim com o dito juis
 ae Manoel Cardoso de Vargas *Tabeliam* que o escrevy
 Cruz da Luiz +
 15 Pires
 Jozede Candia morador nesta Villa de Santa Cruz de Salvador de Idade,
 que disese de corenta e cinco Annos poco mais o menos data
 Jurada aos santos evangelhos e que mo juis hordinario Mi
 gel Pires deu *Juramento* do que prometeo dizer verdade do que
 20 soubese e preguntado lhe fosse yyy e preguntado a elle *testemunha*
 pelo conteudo no auto da devasa que toda lhe foi lida e decla
 rada pello dito juis disse elle *testemunha* que do que preguntado lhe
 era que não sabia nada e a não dise de costume nada e si
 nou com o dito juiz eu Manoel Cardoso de Vargas *tabeliam* que
 25 o escrevy Cruz de Jo + zeda Candia
 Pires
 Doutor Afonso morador nesta Villa de Santa Cruz do Salvador de
 Ubatuba de Idade que dise ser de corenta e cinco Annos poco
 mais o menos todo jurado aos Santos evangelhos a quem
 30 o Juis hordinario Miguel Pires deu *juramento* do que prometeo
 [corroído]

35 ||4r||

40

Any letter to ~~the~~
Pine

J. A. Hubert

Quesada

[corroído]para elletestemunha pello[ilegível] no auto dadevasa
 [corroído] foi Cazada pello Juis dise
 [corroído] testemunhaque doque preguntada lheera que elle
 [corroído] arroba[corroído]aleluia [corroído] mise queherão
 5 doRetirada para Itaggoa, [corroído]era a Joseph Roiz
 naterra [corroído] equeonegro [ilegível] por nome
 Sebastião lhedera hũ [ilegível] defogo quedahy foraõ en
 [corroído]eraCaza de Joseph Roiz esabe [corroído]taraõ [corroído]
 hũ emsualhe [corroído] , eque sabeellequeJosephRoiz que
 10 anoite d'Resorreisaõ naõ viera amesa dirá mais da
 dita testemunha que lhedera a JozephRoiz que não amanhesera na
 vila porque fazer que quiriaõ [ilegível] devassa por
 fazer dofensas que tivera comos filhos deLazaro faz
 ealnaõ dereadores dise nada easignou com odito juis [eeu] Ma
 15 noelCardoso devargas tabeliam que oescrevy

Crus dedos + [corroído]

Pires

Doutor Ribeiro morador nestaVilla deSantaCrus doSalvador
 deIdadeque dise serdecorenta esinco Annos testemunha Ju
 20 rada aosSantos evangelhos aque oJuis hordinarioMiguel
 Pires deujuramento doque prometeo dizer verdade doque
 Soubese epreguntado lhefosse yyy epreguntado
 aelletestemunha pello Conteudo do auto dadevasa que toda
 lhefoi Lida adeclaradapello dito dito juis dise elletestemunha
 25 quedoque preguntado lhe era, dise quepreguntando
 pello defunto quelhediseraõ quetenha lido fiar huás Broas
 ealnaõdise digo Parapagar oordenado ealnaõ dise edo
 Costume nada easignoucomoditoJuis euManoelCardoso
 deVargastabeliam queoescrevy

30 Doutor Ribeiro

Pires

Manoel Gonçalves morador nestaVilla deSantaCrus deSalvador deUbatuba
 deque diseser desecenta eseis Annos testemunha jurada aosSantos
 evangelhos aquem oJuis hordinario Miguel Pires deve
 35 juramento doqueprometeo dizer verdade doquesoubese epre
 guntadolhefosse yyy epreguntado aelletestemunha pelo
 conteudo [no auto da devassa] que todalhe[foi lida e]de
 [corroído]

40

daSoubese *que* não [ilegível] Jozeph Roiz navilla [corroído]
 [ilegível]porsenaõ falarem não vera ealnão [corroído]
 minada easinou comodito Juis eeuManoelCardozo de Var
 gas *tabeliam* que oescrevy,

5 Cruz + ManoelGonçalves

Pires

Doutor daSilva morador nestaVilla deSanta Cruz doSalvador
 deIdade *que* diseser desesenta Annos poco mais o
 testemunha jurada aosSantosevangelhos aquem oJuis hordi
 10 nario MigelPires deJuramento doque prometeo Dizer
 verdadedoque soubese epreguntado lhefosse yyy epre
 guntado aelle testemunha pelloconteudo no auto dadevasa *que*
 todolhefoi lida edeclarada peloditoJuiz dis aelletestemunha
 disse elle *testemunha* quesabe he queaodomingo daRe
 15 sorreisaõ *que* seachou falso odefunto Amaropires
 epreguntado aeletestemunha asua molher lheRespondeo *que*
 [corroído]sabia nada delle eque Jozeph Roiz assistira navilla
 nanoitedesabado dealeluya, eque nadaResorreisaõ
 nãodesaparesera ealnão dise edocostume nada easinou co
 20 odito Juis euManoelCardoso devargas *tabeliam* queoescrevy

Doutor daSilva

Pires

Joaõ dearaujo morador nestaVilla deSantaCruz doSalvador deuba
 25 tuba deIdade *que* disse ser desinco enta eoitto Annos poco
 mais omenos *testemunha*jurada aos santos evangelhos aquem
 oJuiz hordinario Miguel Pires dejuramento doque prometeo di
 zer verdade doque soubese, epreguntado lhefosse yyy epre
 guntado aeletestemunha pelloConteudo do auto dadevasa que toda lhefoi
 30 lido edeclarado pellodito juis dise elletestemunha *que* ouviradizer *que*
 estava odefunto AmaroPires mora napraIa epregun
 tado oJuiz sevir a Joseph Roiz nanoite daResorreisaõ
 dise elletestemunha que vira naIgreja o*que* nãosabia seouvirana
 missa ealnão dise docostume nada easinou com oditoJuis
 35 eu ManoelCardoso deVargas *Tabeliam que*[corroído]
 [corroído]

40

45

[corroído] dor nesta Villa de Santa Crus do Salvador
 de Idade que diseser de [coar]enta Annos poco mais omenos sendo
 Jurada aos santos evangelhos porquem Juis [hordi]nario Migel
 Pires deu Juramento do que prometeo dizer verdade do que sou
 5 bese e preguntado lhe fosse yyy e preguntado a elle testemunha
 pello conteudo no auto da devasa que todo lhe foi lida e declarar
 adapello dito Juis hordinario testemunha que do que preguntado lhe
 era dise que disenaõ que estava o defunto Amaro Pires mor
 to na praça consinho estocadas e huã corda amarrada pella
 10 Boca em Camiza e sem Calsaõ nem gibaõ que tambem amara
 dizer a João de Araújo que [ilegível] Resorreião que hum
 na Igreja, e que tambem ouvira dizer a Domingos ofensa que
 não ouvera missa e alnaõ dise a decostume nada e asinou
 comodito Juiz eu Manoel Cardoso de Vargas tabeliam que o escreveu
 15 Manoel Cardozo de Moraes
Pires
 Silvestre Moreira morador nesta Villa de Santa Crus do Salvador
 de Idade que diseser Sincoenta e seis Annos poco mais o me
 nostestemunha jurada aos Santos evangelhos a quem Juis hordi
 20 nario Migel Pires deu Juramento do que prometeo Dizerver
 dade do que soubese e preguntado lhe fosse yyy e preguntado
 a elle testemunha pello conteudo no auto da devasa que todo lhe foi
 lida e declarada pello dito Juis dise e elle testemunha que não sabia
 nada e alnaõ dise a decostume nada e a sinou comodito
 25 Juis eu Manoel Cardoso de Vargas tabeliam que o escreveu
Silvestre Moreira
Pires
 O Cappitam João Peres morador nesta Villa de Santa Crus do Salvador
 de Idade que diseser de Sincoenta e oito Annos poco mais
 30 omenos testemunha Jurada aos santos evangelhos a quem o Juiz hor
 dinario Miguel Pires deu juramento de que prometeo dizer ver
 dade do que soubese e preguntado lhe fosse yyy e preguntado
 a elle testemunha pello [conteudo no auto] da devasa que todo lhe
 foi lida [e declarada] pello dito Juis [corroído]
 35 [corroído]

40

45 ||5v||

9 de Mayo de un año de la era gregoriana en el mes de mayo
de mil ochocientos y noventa y tres años en la villa de Madrid
Yo el infrascripto don Juan de Dios de los Angeles
cabeza de familia de esta villa de Madrid por donde se
tiene que pagar el dicho impuesto de alcabala de las cosas
vendidas en esta villa de Madrid con sus barrios y
mandado de su señoría para que se pague.

Joseph
Ling

[illegible][illegible]

ms. "Cruz deluzi" + "D. Pedro"

que doque preguntado lhe[disse] que não soubese dig[ilegível]
odefunto AmaroPires morto na praia e que
sabia e[por]naõsaber [corroído] Jozeph Roiz
ealnaõ dise e[ilegível] tun [ilegível] ada easinou com odito Juis eu
5 Manoel Cardoso devargas *tabeliam que* oescrevy

Joaõ Peres

Pires

Cappitam oJozeph Rodrigues de Oliveira morador nestaVilladeSanta
10 Cruz deSalvador deIdade dise ser desetentaAnnos
poco mais omenos *testemunha* Jurada aossantos evangelhos
aqueoJuiz hordinario Migel Pires deuJuramento
queprometeo dizer verdade doque soubesse epregunta
do lhefosse epreguntado aelletestemunha que doque pregunt
15 adofuera *que* estava amaro Pires morto e*que* não sa
bia quem omatara ealnaõ dise edocostume nada
asinou com odito Juis eu ManoelCardoso devargas
Tabeliam que oescrevy

JozephR Rodrigues

Pires

Diogo deCandia morador nestaVilla deSanta Cruz dosvalvador
deIdade que diseser devinte Annos poco mais omenos
testemunha jurada aosSantos evangelhos aquem Juís hordi
25 nario MigelPires deu juramento doque prometeo Dizer ver
dade doque soubese epreguntado lhe fosse yyy epre
guntado aelletestemunha pello conteudo noauto dade
vasa *que* toda lhefoi lida edeclarada pello dito juiz
dise elle *testemunha que* não asabia nada ealnaõ disse
30 uma nada assinou com odito juis euManoelCardoso
devargas *Tabeliam que*oescrevy

Cruz deDiogo + DeCandia

Pires

[corroído] assistente nesta *Villade* Santa Cruz do Salva
 dorde Ubatuba de Idade que diser de vinte Annos po
 co mais o menos *testemunha* jurada aos Santos evangelhos
 aquem Juiz hordinario Migel Pires deu juramento Diz
 5 *que* prometeo dizer a verdade do que soubese e preguntado
 lhe fosse yyy e preguntado a elle *testemunha* que conteudo dadi
 tadevasa que todalhe foilida e declarada da *pello dito* Juis
 dise elle *testemunha* que do que preguntado lhe era que não sabia
 nada e al não dise e do costume nada asinou com dito
 10 juiz eu Manoel Cardoso de Vargas *tabeliam que* o escreveu
Jozeph de Almeida

Pires

Sebastião Pires gallo morador nesta *Villa* de Santa Crus
 do Salvador de Idade *que* diser de vinte Annos poco
 15 mais o menos *testemunha* jurada aos Santos evangelhos aque
 o Juis hordinario Migel Pires deu Juramento do que
 prometeo dizer verdade do que soubese e preguntado
 lhe fosse e preguntado lhe fosse yyy e preguntado a eles
testemunha *pello* conteudo no auto no auto da devasa *que* todo lhe
 20 foi lida e declarada *pello dito* Juis dise elle *testemunha*
 Do que preguntado lhe era disse elle *testemunha que* não sa
 bia nada e al não dise e do costume nada e asinou com
 o dito Juis eu Manoel Cardoso de Vargas *tabeliam que* o escreveu
Sebastião Pires Gallo

Pires

Antonio Rodriguez de abreu omo [ilegível] de Idade que diser de
 vinte e dous Annos poco mais o mesno *testemunha* jurada
 aos Santos evangelhos aquem o Juis hordinario Mi
 gel Pires deu Jurto do que prometeo dizer verdade
 30 do que soubese e preguntado lhe fosse yyy e preguntado
 lhe fosse, yyy e preguntado a elle *testemunha* pelo conteudo
 no auto [ilegível] [corroído] lida e declarada
 [corroído]

35

iro Preguntado n[ilegível]
 Al não dise edecostume easinou [corroído]
 Manoel Cardoso devargas *tabeliam queoescrevy*

Cruz Antonio+ Rodriguez
Pires

Luis dealmada visitante nestavilla desanta Cruz de sal
 vador deIdade *quedise* ser deCorenta Annos poco mais ome
 nos testeunhaJurada aosSantos evangelhos aquem oJuiz hor
 dinario Migel Pires deuJuramento Doqueprometeo *dizer*
 verdadedoque soubese epreguntado lhefosse yyy epre
 guntado elletestemunha peloconteudo noauto dadevasa *que*
 todo lhe foi Lida edeclarada pelo dito Juis dise
 elletestemunha *que* doquepreguntado lheera *que* ouvera
 dizer ahũ menino demenor Idade pornome
 [ilegível] Doria *que* ouviradizer as Irmas deJozeph
 Roiz *que*odefunto comJozeph Roiz andavaõ aRisca
 dos por pello odefunto AmaroPires tenhaCothado
 eaSua mulher com Jozeph Roiz ealnaõ dise edocos
 tume nada easinou com odito Juis euManoel Car
 doso deVargas *tabeliam queoescrevy*

Luis dealmadamonteiro
Pires

Joaõ Deabreu morador nestavilla desantaCruz deSalvador
 deIdadequedise ser desincoenta esinco Annos poco mais
 omenos testemunha Jurada aos Santos evangelhos oque oJuiz hor
 dinario Migel Pires DeuJuramento doque prometeodi
 zer verdade doque soubese epreguntado lhefosse yyy epre
 guntado aelletestemunha peloConteudo [corroído] dadevasa *que*
 totalhefoi Lida edeclarada pelo dito Juis dise elletestemunha
que pello que preguntado [ilegível]
 [corroído]

[ilegível] [corroído] Jozeph Roiz [ilegível] a Resorreisaõ nestas [ilegível]
 [ilegível] o dito Juiz eu Manoel Cardoso de Vargas
 que oescrevy.

João de abreu
Pires

5
 Salvador Correa nesta Villa de Santa Cruz de Salvador de Idade *que* dise ser
 de um vinte e seis Annos *testemunha* jurada a o santos evangelhos aqui
 10 o Juis hordinario Migel Pires deu *Juramento* do *que* [corroído]
 dizer verdade do *que* soubese e preguntado lhe fosse yyy e pre
 guntado a elle *testemunha* pello conteudo no auto de devassa *que* todo
 lhe foi lida e declarada pello dito Juis dise elle *testemunha* que sa
 be que mataraõ defunto a Maro Pires equinaõ sabe
 quem o matara e alnaõ dise edo costume nada e asinou com
 15 o dito Juis e eu Manoel Cardoso de Vargas *tabeliam que* oescrevy.

Salvador Correa
Pires

Manoel Moreira morador nesta Villa de Santa Cruz de Salvador
 de Idade que disse ser sessenta e sete Annos *testemunha* Jurada
 20 a o santos evangelhos a quem o Juis hordinario Migel
 Pires deu *Juramento* do *que* prometeo Dizer verdade do *que*
 soubese, e preguntado lhe fosse yyy e preguntado a elle
 desta pello conteudo no auto da devassa que toda lhe foi li
 da e declarada pello dito Juis dise elle *testemunha* *quedo*
 25 *que* preguntado lhe fosse dise elle *testemunha que* o ouviradiser
que o defunto Amaro Pires estava morto na praça [ilegível]
 do com huá corda pela sintura e outra pela Boca e que o uvi
 radizer *que* Jozeph Roiz estava na Resorreisaõ o *que* ao depo
 iz se fora com o Banquetado Ofertorio e alnaõ dise edo costume
 30 nada e asinou com o dito Juis e a Manoel Cardoso de Vargas
tabeliam que oescrevy

Manoel Moreira
Pires

Aos setedias do mes de abril era de mil e seis Sentos e no
 venta e cinco Annos nesta Villa de Santa Cruz dise [[ilegível]
 35 foi estes autos concluzos ao Juis hordinario Migel
 Pires Para sentesa o que lhe parecer de Jurada de *que*
 foi atestemunha de [ilegível] e eu Manoel Cardoso de Var
 gas *tabeliam que* oescrevy

40

Termo de a Sentada

Aos vinte e hum dias do mes de Novembro do dito Anno nesta villa de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba em as cazas da Camarada [ilegível] Concelho della com overeador mais velho o Capitam Luis Castanhoda Moraes, e onde eu vereador eleito foi vindo para effeito de setirar [ilegível] soborno para se proceder a eleição dos votos da nova eleição cujos nomes cognomez jdaes e costumes são os que aodicesse Seguem e da Miguel de Souza de Silva Escrivão eleito que escrevê.

Antonio Pedrozo Abreu homem Cidadam emorador desta villa de idade que disse ser de quarenta e seis annos pouco mais ou menos testemunha [jurada] aos santos e vangelhos em que pos sua mam direita e prometeu dizer a verdade do que souber e elle fosse perguntado
E perguntado elle testemunha pello contheudono auto da devassa disse que hera verdade não saber de cousa alguma e do scostume disse nada e eu escrivão eleito oez crevy esignava como dito juis eleito eadi tatestemunha e eu Miguel de Souza da Silva a que o escrevê //

Moreira [rubrica]

Antonio Pedrozo de Abreu

Luis Monteiro de Souza homem Cidadam emorador desta villa de idade que disse ser de sincoenta annos pouco mais ou menos testemunhas jurada aos santos e vangelhos em que poz sua mam direita e prometeo

- Eparameu [ilegível]averdade soubese
 epreguntado lheefosse
 Epreguntado elle testemunha pello con
 theudo [ilegível] dadevasa dissenada edo
 5 Costume [ilegível] da [ilegível]
 juis elejto e[ilegível]
 escrevaõeleito que o escrevÿ
Moraes[rubrica] Luis MonteiroSilva[rubrica]
- 10 Lourenço CastanhodeAbreu homemci
 dadam emorador destavilla deidadeque
 disse ser dequarenta edous annos poco
 com [ilegível] testemunhas juradaaos
 Santosevangelhos emqueposSuamam
 15 dise inepresente dizer verdadequesou
 beseepreguntado lhefosse
 Epreguntado elatestemunha pelloconthe
 udonoauto dadevaca disse nada edocostu
 me nada emqueriu heassignou com oditojuis
 20 EuMigueldeSouzada[ilegível] dito
 queoescrevÿ.
Moraes[rubrica]
LorençoCastanho de Moraes[rubrica]
 Ocapitamjoão [ilegível] [ilegível] homem
 25 cidadam eRepublicano morador desta vil
 lla dejdade quedisseserdequarentaeoi
 toannos poucomais omenos etestemunha
 jurada aossantos evangelhos emquepos
 suamaó direita e jurou dizer verdade
 30 doqueSoubese epreguntadolhefosse
 Epreguntado elletestemunha pello con
 theudo noauto dadevaca disse nada edo
 costume edise adevasaassignou comodito juis
 eEu MigueldeSouzadaSilva escrevaõ e
 35 queoescrevÿ
Moraes[rubrica]
Joao [ilegível][rubrica]

40

45

||1v||

- Joze Enrique Rodrigues Penteado
homem cidadão Republicano e mo-
rador desta villa de idade que disseser <5>
de trinta e nos poucos e mais ou menos tes-
5 temunha jurada aos Santos e vange-
lhos em que por sua mãe direita o prome-
teu dizer verdade do que soube e pre-
guntado lhe fosse.
E perguntado elle testemunha nelle con-
10 theudo no auto da devassa dissenada e do
costume lida e assignou como o dito juiz e eu
Miguel de Souza da Silva escrevaõ elejto que
o escreveu
15 Moraes [rubrica] Jozeph Roiz Penteado [rubrica]
Joze Loureiro da Silva homem cidadão
e morador desta villa testemunha hajura
dados Santos e evangelhos em que possu- <6>
a o direito e prometeo dizer a verdade do que
20 soube e perguntado lhe fosse
E perguntado elle testemunha pello con-
theudo no auto da devacadi se ser do costume
nada e assignou como o dito juiz [corroído] Miguel
de Sousa da Silva que o escreveu.
25 Moraes [rubrica]
Jose Loureyro da Sylva [rubrica]
O capitão Paulo de Anhaia Leme homem
Cidadão Republicano morador desta Vi- <7>
30 lla testemunha jurada aos Sanctos e van-
gelhos em que pos sua mãe direita e prome-
teu dizer a verdade do que soubesse e pre-
guntado lhe fosse
E perguntado elle testemunha pello con-
35 theudo no auto da devacadi dissenada e do
costume dissenada e assignou como o dito juiz e eu
Miguel de Souza da Silva escrevaõ que o es-
crevy Moraes [rubrica]
40 Paulo de Anhaia Lima [rubrica]

8

May 18th 1864

Horace. Fin. no candor

10

- [ilegível]Tobias de Aguiar
 homem [casado] emoradordestavilla
 dejdadeque dise ser devinteesinco an
 <8> nos pocomaisoumesmo testemunhajur
 5 da aossantos evangelhos emque pos sua
 maó direjta eprometeodizeraverdade
 doquesoubese epreguntado lhefosse
 Epreguntado elletestemunhapelloCon
 theudo doautodadevaca dise nada a
 10 costume disenada easignou modijudici
 EuMigueldeSouzadaSilva euEscrivamque
 oescrevÿ
Moraes [rubrica] RafaelTobiasdeAguiar
- 15 Antonio daSilvadeAndradeCidadaõ
 emorador dejdadequedisseser
 <9> detrinta Annos pouco mais ou menos
 testemunha jurada aossantos evangelhos
 emque pos mam direjta ejuroudi
 20 zer verdadequesoubesse epreguntado
 lhefosse
 Epreguntado testemunha pellocom
 theudo devasa nada eao
 costume [ilegível]easignou comoditojuiz eu
 25 Miguel deSouza daSilva escrevaõ os
 crevÿ
Moraes [rubrica] Antonio daSilvadeAndrade [rubrica]
- 30 <10> Francisco Pais deAlmeida homemcidadam
 emorador destavilla dejdade quediseser
 devinteeseis annos poco mais ou menos
 testemunha jurada aossantos evangelhos
 emquepos sua maó direita eprometeo dize
 verdadedoquesoubese epreguntadoellefosse
 35 Epreguntado elletestemunha pello con
 theudo oauto dadevacadicenada edo
 costume easignou comoditojuiz eEu Mi
 guel deSouzadaSilva escrevaõ queoescrevÿ
 40 Moraes [rubrica] Francisco PaisAlmeida

4
76

Mr. James A. Anderson

12°

Al ray P. Lamy D. Polak

3

Provação da

Representante de Juan Rodriguez

- Antonio Leme deAnhaya cidadam conser-
vador de [ilegível] deidade quedisse ser
de vinteequatro annos pocomaisme
nos testemunhajuradaaos sanctos evan
5 gelhos emquepozsuamaó direitaepro-
meteo dizerverdade doquesoubesse epre
guntado lhefosse
Epreguntado elletestemunha pellocon
theudo noautodadevaca dissenadado Coz
10 tumeeassignou comoditojuis eEuMiguel
deSouzadaSilva escrivão queoescrevÿ
Moraes [rubrica]
Antonio Leme deAnhaya
- 15 PedroLeme deCosta cidadam emorador des
tavilla deidadequedisse ser devinte tres
annos pouco mais oumenos testemunhajurada
aos sanctos evangelhos emquepos suamam
direita eprometeo dizerverdadedoqueSou
20 besse epreguntado lhefosse
Epreguntado elletestemunha pello con
theudoautodadevaca disenada edo-
costume easignou comoditojuiz eeuMi
gueldeSouza daSilva escrivão queoescrevÿ
25 Moraes [rubrica] Pedro Leme deCosta
- JoamdeAlmeida deAbreu cidadam emo-
rador destavilla deidadequedissesser de
trintaetrezannos poucomais ou menos teste
30 munhajurada aosSantos evangelhos em
quepozSua maó direjta eprometeo dizer
verdade doquesoubeseepreguntado lhe
fosse
Epreguntado elletestemunha pello conthe
35 udo noauto disenadaeoscostumes easignou
com ditosjuiz eEuMigueldeSouzadaSilva
escrivão que oescrevÿ
Moraes [rubrica] JoãodeAlmeidaAbreu
- 40 OCapitamFranciscoXavier Rodrigues
[corroído]

- DeIdadequediserser pocomaisome
 nosdetrintaannos testemunha jurada aos santosEvan
 gelhos [ilegível]prome
 teodizeraverdadedoquesoubese
 5 Epreguntado [ilegível]peloconthe
 udonoautodadevacade [ilegível]disenada edoCos
 tume easignou comoditojuiz eEuMi
 [ilegível] escrevaõ
 Moraes[rubrica] Francisco Xavier[rubrica]
- 10 Antonio Rodrigues de [ilegível] Cidadão
 emoradornestavilla deIdade quediseser
 detrinta e hum annos poco mais oumenoz
 testemunha juradaaossanctosevange
 15 lhos eprometeo dizerquesoubeseepregunta
 do lhefosse
 Epreguntadoelletestemunhapellocon
 theudodoautodadevacade [ilegível]jedo
 costume ema [ilegível]EuMi
 20 gueldaSilvaSouza que oescrevÿ.
 Moraes [rubrica] Antonio Rodriguez
- SilveiraRodrigues [ilegível] Cidadam
 emoradordestavilla eIdadequediserser
 25 de trintanoos pocomais oumenos Testemu
 nha juradaaossanctosevangelhos equapor
 Sua mam direita eprometeo dizerverdade
 doqueSoubesseepreguntadolhefosse
 Epreguntado elletestemunhapeloConthe
 30 udonoautodadevacade [ilegível]jedecostume
 Eassignou comoditojuiz EuMiguelSou
 zadaSilva escrevaõqueoescrevÿ
 Moraes[rubrica] Silveira Rodriguez deSanchez
- 35 CastanhoPaes comerciante cidadam emorador
 destavilladeIdadequediserserdepocomaisomenos
 [ilegível]
- 40

- Evangelhos[ilegível]suamamdireyta
 prometeodizeraverdadedoquesoubesseepre
 guntadolhefosse
 Epreguntadoelletestemunhavelloconthe
 5 udo [ilegível] dissenadaedoco
 [ilegível] Eu comoditojuiz eEuMiguel
 deSouzadaSilva escrevaõ que oescrevỹ
 Moraes[rubrica] Luis [ilegível] Paes
- 10 ManoeldeAllencarPerejra homem dadi
 emoradordestavilla deIdadequedise ser
 dequarenta eseis annos pouco maisoumenos
 testemunhajurada aosSanctos evangelhos
 emqueprometeo dizerverdadedoqueSou
 15 becem [ilegível] delhefosse
 Epreguntadoelletestemunha pelloconthe
 udonoautodadevaca dianteedocostu
 me osignou comoditojuiz eEuMigueldeSou
 za escrevaõ queoescrevỹ
 20 Moraes[rubrica] ManueldeAllencar Perejra [ilegível]

- Jozeph [ilegível] Barrozmoradordestavilla
 quevive desualavoura deIdade quediseser
 devinteecincoannos testemunhajurada
 25 aosSanctosevangelhos [iegível] suamaõ
 direitaeprometeo dizeraverdadedequeSou
 besseepreguntado lhefosse
 Epreguntado elletestemunhapellocontheudo
 nadita devaca juradaedoCostume
 30 [ilegível] juiz eeuMigueldeSouza
 daSilva escrevam queoescrevỹ
 Moraes[rubrica] Jozeph Martins Barroz

- GoncalloLeite deSampaio Cidadam emo
 35 rador desta villa deIdadequedise ser de
 vinte edois annos pocomais oumenos testemu
 nhajuradaaosSanctos evangelhos emquepor
 suamaó direita eprometo dizeraverdade
 doquesoubesseepreguntado lhe fosse
 40 epreguntado elletestemunha pelloconthe
 udonoautodadevaca disenada edocostume
 easignou diantedoditojuiz eEuMigueldeSouza
 Silva que oescrevỹ
 [corroído]
 45

Domingos Soares Antunes homem Cidadão
 Emorador destavilla etestemunhajurada
 eos Sanctosevangelhos emque pos Sua Mãe
 <21> direita eprometeodizer averdadedoqueSou
 5 besseepreguntado lhe fosse
 Epreguntado elletestemunhapeloconthe
 udonoautodadevacadisenada edo Costume
 Eassignou termoditojuiz eEu MigueldeSou
 10 zadaSilva escrevamqueoescrevým
 Moraes[rubrica]
Domingos Soares Antonio[rubrica]
 AntoniodeMadurejraCalheiroz Cidadam
 Emorado destavillatestemunhajuradaaos
 <22> Sanctosevangelhos emque pos suamamdireita
 15 Eprometeodizerverdade doqueseoubesseepre
 guntadolhefosse
 Epreguntado elletestemunha pelloConthe
 udonoautodadevacadissenada edoCos
 20 tume easignou comoditojuiz eueMiguel
 deSouzadaSilva escrevam queoescrevým
 c [rubrica] AntonioMadureiraCalleyro [rubrica]

Salvador LeonardodeMoura cidadam
 <23> eAlmirante elejto [ilegível]dousmezes deIdade
 25 quedissesserdedezoitannos testemunha
 juradaoas Sanctos evangelhos emquepos sua
 mãe direitaeprometeodizer verdadedoque
 soubesse epreguntadolhe fosse
 Epreguntadoelle testemunha pello contheudo
 30 noautodadevacadisse nada eacostume
 assignou comoditojuiz eeumigueldeSouza
 daSilva escrevaõ queoescrevým
Moraes [rubrica] Salvador Leonardo deMoura

JozeAntonio Joze Antonio Pontes [ilegível]
 [ilegível] [ilegível] ecidadão deIdade quedisse
 <24> ser detrintaetres annos pocomaisoumenos tes
 35 temunhajurada aosSactos evangelhos emquepor
 suamam direitaeprometeo dizer verdadedoque
 40 soubese epreguntado lhefosse
 Epreguntado elletestemunha pello contheudo
 noautodadevasadisenadaedocostume easignou
 comoditojuiz eeumigueldeSouza escrevaõ queoescrevým
 45 Moraes [rubrica] Joze Antonio Pontes

- Francisco Dias Ribeiro Cidadam emorador
destavillade Idade quediseser detrinta
eseis annos Testemunhajurada aos Santos
evangelhos e quepos Suamam direitaepro-
5 meteodizer a verdade do que soubesse e pergun-
tado lhe fosse
E perguntado elle testemunha pellocontheudo
No autoda devasada senada edo costume
E assignou e eu escrevi que oescrevy
10 Moraes [rubrica] Francisco Dias Ribeiro [rubrica]
- [ilegível] Felipe Fogassade Almejda
cidadam de idade quediseser de quarenta
e hum Annos testemunhajurada aos Santos
15 evangelhos e quepos Suamaó direitaepro-
meteodizer a verdade do que soubesse e pergun-
tado lhe fosse
E perguntado elle testemunha pelloconthe-
udo da devaca disenada edo costume
20 e assignou com dito juiz e eu Miguel de Sou-
zada Silva que oescrevy
Moraes [rubrica] Felipe Fogassade Almejda [rubrica]
- Gabriel Ponçede Leon morador destavilla
25 que vive de seu Comercio ede Idade quediseser
de quarenta annos pouco mais ou menos teste-
munhajurada por Santos evangelhos em que
pos Suamam direita e prometeo dizer verdade
do que sobesse do que perguntado lhe fosse
30 e perguntado elle testemunha pellocontheudo
pellocontheudo ao autoda devaca disse nada e
Custam e assignou [ilegível] dito juiz eu Miguel
de Souza Silva que oescrevy
Moraes [rubrica] Gabriel Ponçede Leon
35
- Diogo [ilegível] Loureiro murador destavilla
E que [ilegível] sua Lavoura de Idade quediseser
de Setenta e sete testemunhajurado aos Santos
evangelhos em que ponhamaó direita e prometeo
40 dizer verdade do que soubesse e perguntado lhe fosse
E perguntado elle testemunha pellocontheudo no
Autoda devasa disenada edo costume assignou com
O dito juiz e eu Miguel de Souza da Silva que oescrevy
Moraes [rubrica] Diogo Lourenço
45

29

Alvarez

30

Howard

For Mendy. Rayne

31

Private

2000

[illegible]

Bento Paes de Almeida moradordestavilla
 quevivededeSuaLavoura deidadequedisese
 de vinteedouzAnnos testemunhajurada
 aos Santos evangelhos emqueposSuamamdi
 5 reitameprometeo dizerverdadedoquesoube
 ssepreguntado lhefosse
 Epreguntadoelletestemunhapellocontheudo
 noautodadevaca disenadaedocoztume easig
 noucomoditojuis eeuMigueldeSouzadaSil
 10 va escrevamqueoescrevÿ.
Moraes [rubrica]

Bento Paes de Almeyda

Joaó Mendes Raposo moradordestavillaque
 Vivedesuamlavoura deidadequedisese de
 15 Dezanouveannos poucos mais oumenos testemu
 nhajuradaaos Santos evangelhos emquepos
 sua maódireita eprometeo dizerverdadeodqueSou
 besseepreguntadolhefosse
 Epreguntado elletestemunha pellocontheudo
 20 noautodadevaca dajurada edocostumea
 signou comoditojuiz eeuMigueldeSouzada
 Silva escrevaõ queoescrevÿ
Moraes [rubrica]

JoaoMendesRaposo

25 PedroGonsalves moradordestavillaque
 vivedesia Lavoura deidadequedisese de
 vintequatro annos testemunhajurada aos
 sanctoze evangelhos emquepor Sua mamdi
 reita eprometeo dizer verdadedoqueSoubesse
 30 Epreguntadolefosse
 Epreguntadoelletestemunha pellocontheudo
 noautodadevaca disenada edocostumea
 signou comoditojuiz eEuMiguel deSouza da
 Silvaescrivaõqueoescrevÿ
 35 Moraes [rubrica]

Pedro Gonsalves

Elogoenoditodia mes eannos destadeclarado
 Fiz esteautodedevaca comcluzos aojuiz
 Presidente porSuamerceede[ilegível] doque
 40 Fossejusticadequefiz estetermodeCom
 cluzaõeeuMigueldeSouzadaSilva queoescrevÿ.

Visto e ouvido de vossa, e
 dos Vossos Juizes nas precedentes
 e alguma reforma indigentes de
 vossa V. de J. de J. de J.

Manoel Moraes Navarrete

visto estez autoz dedevassa e
tos Testemunhas julgo não proceder acau
ta alguá naforma essedereyto So
rocaba 21 deSetembro de 1744.

5 ManoeldeMoraes Navarro

10

15

20

25

30

35

||6r||

5

³⁸1761

Auto dedevassa que [man]dou
fazer oJuis ordinario Felipe
FogacadeALmeyda para deva
5 ssa dehua morte feita nos cam
pos deCuritiba paragem cha
mada Rio verde

10 Anno doNascimento denosso Senhor
Jesus Christo demil eSetecentos eSe
centa ehum aosdoze dias domes deJaney
ro dodito anno nesta villadeSoroCa
ba emcazas demorada doJuis ordi
nario FelipeFogaca deAlmeyda on
15 de eu Tabelliaõ abaixo nomeado
emSendochamado eSendo ahy pa
lhe vier onotificaque noscampos de
Curitiba achava feito hua morte
dehum negro escravo queSeachava
20 nafazenda doRio verde da [ilegível]
Francisco Pinto doRego esem saber
odelinquente epara melhor conhe
cimentodaverdade e averiguacaõ do
cazo paraasim seroagressor para um
25 [corroído]o pella Justissa emandoudodito Ju
is Lavrar esteauto para porelle pre
guntar Testemunhas em queo[corroído]
tou eeuvicentados Santos Cha
ves Tabelliaõque oescrevy [corroído]
30 Fogaça[rubrica]

35

||1r||

40

³⁸ Número 001 aposto no canto superior esquerdo da página

Сторожило

Wm. B. Ewing

³⁹[corroído] Santos [escrevy] Tabelliaõ
[corroído]dia[ilegível] denotas nesta villa
de [Sorocaba] eseutermo são

Sertefico e por

5 to por féJudicial que não sofre corpo
de delito prezuntivo para Separar e[ilegível]
comesta devasae por não haver[corroído]
deu dizer ou contar as feridas que f[corroído]
[corroído]que no corpo de funto de que trata a
10 [corroído]ser atal paragem onde se fez [corroído]
te nos campos de Curitiba [corroído]gou[corroído]
de [corroído]am Rio verde doze [corroído]devia
gemdesta villa de que para constar
pessoas aprezente Sertidam pormim os [corroído]
15 tae assignada nestadita villa aos
do anno de 1761.

Vicente dos Santos Chaves[rubrica]

20

25

30 ||1v||

35

³⁹ Número 002 aposto no canto superior esquerdo da página

40[Aos] dozedias domes deJaneyro de
mil eSete Sentos e Sesenta ehum
annos nesta villa deSorocaba emca
5 zas demorada dos Juis ordinário Fe
lipe Fogaca deAlmeydaondeeu
Tabelliaõ abayxo nomeado vindo
endo ahu por elle dito Juis foram in
queridas as Testemunhas osqueparaes
10 ta devassa forão pormim notificadas
que Seos nomes ditos costumes ehida
dedafoi que Sesequemdeque fiseste
Termo euVicente dosSantosChaves
Tabelliaõ queoescrevy

15 Simão Bino daCruz homem cazado
natural dacidade da Bayade morada
[n]esta villa que tratedaSua [L]avoura
dehidade quadice ser deSecenta e
20 tres annos pouco mais oumenos Testa
munha Juradanos Santos evangelhos
emque pos sua mão direitaeprometeu
dizer averdadedoquesoubeceeper
guntadolhefoce

25 Eperguntado elle
testemunha pello conteúdo nesta de
vassa que toda lhefoy lida edecla
rada pello dito Juis Dice nadaSa
bia enem docustume esido oSeu
30 Juramento aSignou com odito Juis
euvicentedos Santos chavesTa
belliaõ que oescrevy.
Fogaça[rubrica]

35 Simão Bino daCruz

[corroído]da [corroído] Ferreira [corroído]
[corroído] [corroído]dade [corroído]

40

||2r||

45

⁴⁰ Número 03 aposto no canto superior esquerdo da página

- [corroído] [corroído]dade [corroído]mais
 41^{Testemunhas Juradas aos Santos e}
 vangelhos em que pos sua mão di
 reyta e prometeu dizer verdadedo
 5 que soube e e perguntado lhe foce
 E perguntado elle Testemunha
 pello conteudo no auto desta devassa
 que lida lhe foy lida e declarada
 pello dito Juis dice que nada Sa
 10 bia o lido e sendo Juramentado a Signou
 com o dito Juis e eu Vicente dos
 santos Chaves Tabelliaõ que o escrevy
Fogaca [rubrica] [ilegível]
- 15 Pedro de Alcantra Correa cazado na
 [ilegível] villa desta e morada de hum
 villa que nesta e vive de Suamestra
 em da Capella de hidade que dice
 ser de trinta e nove annos pouco
 20 mais ou menos Testemunha jurada
 aos Santos e vangelhos em que e possua
 mão direita e prometeu dizer verda
 dedos que soube e e perguntado lhe
 foce
 25 E perguntado elle Testemunha
 pello conteudo no auto desta devassa
 que tolalhe foy Lida e declarada
 pello dito Juis Dice que ena da sa
 bia e Lido o Seu Juramento a Signou
 30 [corroído] o dito Juis e eu Vicente dos San
 tos [corroído] Tabelliaõ que o escrevi.
Fogaca [rubrica]
- 35 Pedro de Alcantara Correa [rubrica]

||2v||

⁴¹ Número 04 aposto no canto superior esquerdo da página

5

⁴²[corroído]

⁴³[corroído]clarada desta que [corroído]

[corroído]eSuaLavoura dehidade que[ilegível]

[corroído] Sincoenta annos pouco ma⁴⁴

5 isoumenos Testemunha Jurada aos
Santos evangelhos emquepos sua
mão direyta eprometeodizer averda
de doque soubeceeperguntadolhe
foce.

10 Eperguntado elleTestemunha
pello conteudo noautodestadevassa
que todalhefoy Lidaedeclarada
pello dito Juis Dice quenadaSa
biaelido o seu Juramento ASig
15 nou comodito juis eeuVicente
dosSantos Chaves Tabelliaõque oes
crevy

Fogaca[rubrica]

Sebastião Nunes Cabas

20 JoaquimPaulo Seabra cazado na
turaldacidadedeLisboa emorado
nestaVilla quevivedesias Lavou
ra deIdadequediceserdeSinco
entaedois annos pouco mais ume
25 nos etestemunha JuradaaosSantps
evangelhos emquepos Sua mão di
reita eprometeidizer verdadedo
queSoubeceepertintadolhe
fosse

30 Eperguntado elleTestemunha
pello conteudo noauto desta devassa
quetoda lhefoy lida edeclarada
pello dito Juis Diceque nadaSa
bia elido oSeuJuramento oSignou
35 com odito Juis eeuVicdentedosSantos
Chaves Tabelliaõ queoescrevy.

Fogaca[rubrica]

Joaquim Paulo Seabra

40

||3r||

45

⁴² Número 05 aposto no canto superior esquerdo da página

⁴³ Menção de terceiros. Número 05 aposto no canto superior esquerdo da página.

⁴⁴ Inserção de terceiros. Número 03 aposto no canto direito da página.

E por tanto yo el suscripto
 declaro que la presente es una
 copia verdadera y exacta de
 lo que en el original se contiene
 y que no he hecho ni hecho
 hacer ningun cambio ni
 alteracion alguna en el texto
 original. En fe de lo qual
 doy fe en esta ciudad de
 Mexico a diez y siete dias
 del mes de Mayo de mil y
 seiscientos y noventa y
 tres años. Yo el suscripto
 Juan de la Cruz.

[The handwriting is extremely faded and illegible.]

45[corroído] ada [corroído] tareler
 dice [corroído] suasLvaouras dehidade que
 diceserde trinta etres anos pou
 co mais ou menos Testemunha Jura
 5 daaos Santos evangelhos emque pos
 sua mão direita eprometeudizer
 verdadedoque soubecepergunta
 dolhefoce

Eperguntadopelocon
 10 teudodoauto desta devassa que toda
 lhe foilida edeclarada pello dito
 <Dito>Juis dice que nadadabia elido
 oseu Juramento a Signou
 odito Juiz euVicentedos Santos
 15 chaves Tabelliaõ que oescrevi
Fogaça Harten E Leme do

Baltazar Garcia daSilva homem ca
 zado natural emorada desta villa
 20 que trata desuasLavouras dehidada
 quedice ser de trinta eseis an
 nos pouco mais oumenos Testemu
 nha Jurada aos Santos evangelhos
 enoquepos sua mão direita epro
 25 meteu dizer verdadedoque Sou
 ce eperguntadolhefoce

Epergunta
 do elleTestemunha pello conteu
 donoauto desta devassa que toda
 30 lhefoy lida edeclaradapello
 <Dito>dito Juis dice quenada Sabiae
 lidooseuJuramento oSignou e
 [corroido] Juiseeu VicentedosSantos
 Chaves Tabelliaõ que oescrevy.
 35 Fogaça Balthazar [corroído]Silva

40 ||3v||

⁴⁵ Número 06 canto superior esquerdo

07

...e por não se poder dar a dita villa
 ...e por não se poder dar a dita villa
 ...e por não se poder dar a dita villa
 ...e por não se poder dar a dita villa
 ...e por não se poder dar a dita villa
 ...e por não se poder dar a dita villa

E por quanto o elle
 ...e por quanto o elle
 ...e por quanto o elle
 ...e por quanto o elle
 ...e por quanto o elle
 ...e por quanto o elle

Fogaraça

Joã de Liur.

...e por não se poder dar a dita villa
 ...e por não se poder dar a dita villa
 ...e por não se poder dar a dita villa
 ...e por não se poder dar a dita villa
 ...e por não se poder dar a dita villa
 ...e por não se poder dar a dita villa

E por quanto o elle
 ...e por quanto o elle
 ...e por quanto o elle
 ...e por quanto o elle
 ...e por quanto o elle
 ...e por quanto o elle

Fogaraça

Joã de Liur.

⁴⁶[corroído]emorador estavilla
 quevivedebayxodopatriopoder dehida
 dequediceser dedezoitto annos poucoma
 is oumenos Testemunha JuradaaosSantos
 5 evangelhosmeuqepors suamão direytae
 prometeudizer verdade doqueSoubece
 eperguntadolhefoce.

Eperguntadoelles

Testemunhapello conteudo enoauto des
 10 ta devassa quetoda lhefoy lida edecla
 radapellodito Juiz Dice Sabia porser
 assim voutgar nestavilla que haviam
 feyto hua mortenafazenda doRio eon
 demais não sabia quem afizerda e
 15 mais não dice nem docustumeolido
 eSeu Juramento aSignou comodito
 Juis eeuVicente dos Santos Chaves Ta
 belliaõ queoescrevy

Fogaca[rubrica]

Joã deOliveira

20 Joze deOlivera Leme homem solteiro na
 tural emoradodesta villa que vive de
 bayxodoPatrio poder dehidade que
 dice ser dedezeceteannos poucoma
 25 is ou menos Testemunha Jurada aos
 Santos evangelhos emquepos Sua
 mão direyta eprometeu dizer verda
 dedoque Soubeceeperguntadolhe
 fosse.

30 Eperguntalho elle Testemunha
 pello conteudo no auto destadevassa[corroído]
 toda lhefoy lidaedecarada pello di
 to Juis Dice Sabia poraSim ouvir di
 zer Sefizera atalmortaemais não Sabia
 35 quem omais não diceolido eoSeu Jura
 mento aSignou com odito Juis eeuVi
 centedosSantos Chaves Tabelliaõ que
 oescrevy.

Fogaca[rubrica]

Joze deOliveiraLeme[corroído]

40

||4r||

45

⁴⁶ Número 07 aposto no canto superior esquerdo

⁴⁷Jeronimo [ilegível] do
 moradodestaVilla que trata Sua
 lavouradehidadequedice ser
 trinta eSeis annos pouco mais oumenos
 5 testemunha Jurada aosSantos evange
 lhos emquepos sai maõ direyta epro
 meteudedizer verdadedoque Soubece
 Eperguntadolhefoce
 Eperguntado elle
 10 Testemunha pello conteudo noauto des
 ta noautoque toda lhefoy lida edecla
 <Dito> rada pello dito Juis dicequenada
 sabia olido oseuJuramento aSig
 nou como dito Juis eeu Vicentedos
 15 Santos Chaves Tabelliaõ que oescrevy
Fogaca[rubrica] Jeronimo Cubas Franca

⁴⁸Domingos Joze Vieyra homem cazado
 natural dacidade deLixboa emora
 20 do destavilla que trata deSua Lavo
 ura dehidade quedice ser deTrinta
 eSinco annospouco mais oumenos
 Testemunha Jurada aos Santos evange
 lhos emquepos Sua maõ direuta epro
 25 meteu dadizerverdadedoqueSoube
 ce eperguntadolhefoce
 Eperguntado
 elleditoTestemunha pello conteudo
 no auto destadevassa quetoda lhe
 30 foy lidaedeclaradapello dito Juis
 dice Sabia porasimouvir dizer quan
 do viera deTapetininga oalgwas pe
 ssoas doSeubayrro que haviaõ morto
 hum negro nafazendadeRio verde
 35 emais que não perguntara quem fizera
 equesó sim lhecontaram nadita pa
 sagem deTapetininga ser oditomorto
 [corroído]coronel Francisco

40
 ||4v||

⁴⁷ Número 08 aposto no canto superior esquerdo da página, tardiamente.

⁴⁸ Número 16 na margem esquerda

⁴⁹Domiciano Leme [ilegível]

[corroído] natural emorador desta villa
que vive de bayxode Patrio poder de
hidade que diceser devinte edous⁵⁰

5 annos pouco mais ou menos Testemu
nha Jurada aos Santos evangelhos
em que pos Sua mão direyta e prome
teu dizer verdadedo que Soubece
e perguntado lhe foce

10 E perguntado
elle Testemunha pello contheudono
auto da devassa que toda lhe foy li
da declarada pello dito Juis Dice

<Dito>

15 quenada Sabia elido oseu Jura
mento a Signou com o dito Juiz eeu
Vicente dos Santos Chavez Tabelliaõ
Fogaca [rubrica]

Domiciano Leme da Silva

Termo de Assentada

20 Aos catorze dias domes de Janeyroda
mile Sete Sentoe Secenta e hum
annos nesta villade Sorocaba em
caza demoradas do Juis ordinário
25 Felipe Fogaca d'Almeyda onde
eu Tabelliaõ abayxo nomeado
e Sendo ahy por elle Juis foraõ
inqueridas as Testemunhas que pa
ra esta devassa forão por mim note
30 ficadas que Seos nomes costumes
ditos e herdadas Soudosque Salquem
de que fis este Termo eeu Vicente
dos Santos Chaves Tabelliaõ que
o escrevy.

35

40

45

||5r||

⁴⁹ Número 09 aposto no canto superior esquerdo da página

⁵⁰ Número 05 aposto no canto superior direito. Informação de terceiros.

- ⁵¹ [ilegível] cazadoemo
 davilla [ilegível]emoradordesta
 que tradeSuas Lavouras dahi
 dadequediceser dequarenta eou
 5 toannos poco mais oumenos Tes
 temunha Jurada aosSantos evan
 gelhos emqueposSua maò direita
 eprometeudizerverdade deque
 soubeceperguntado ellefoce
 10 Eperguntado elleTeste
 munhapello conteudo doautodes
 ta devassaquetoda lhefoy Lida
 Edeclaradapello dito Juis Dito
 sabiaper ouvir dizer avarias pe
 15 soas noRibeyraõ Juntodeondeelle
 testemunhavia Se havia morto ahum
 negro damesma fazenda doRio verde
 emais lhe não diceram quendenem elle
 perguntara emais não dicenem do
 20 custume elidooseuJuramento a
 signou com o dito Juis eeuVicente
 dos Santos Chaves Tabelliaõ queoes
 crevy Fogacca[rubrica] Lourenço Correa
 25 JorgeRibeyroPreto homem cazado
 naturaldas minas gerais emorador
 destavilla quetratadeSua Lavou
 ra dehidadequediceser detrinta
 eoit annospoucomais oumenos Tes
 30 temunhaJurada aos Santos evange
 lhos emquepos Sua mão direita epro
 meteudizer verdadedoqueSoube
 ce eperguntado lhefoce
 Eperguntado
 35 elleTestemunha pello conteúdo [ilegível]

40

||5v||

⁵¹ Número 10 aposto no canto superior esquerdo.

51

55

2 to

Mr. P. T. Zetser

12

⁵²Do auto dadevassa quemandou [ilegível]
 dae declarada pello dito Juis dice
 Saber por ouvir dizer alguas pessoas nes
 ta villa *que* naparagem declarada
 5 noauto sefizer amortedoquesera
 ta emais não dise nem docustume
 elido seuJuramento aSignoucom
 Odito Juis eeuVicentedosSantos
 Chaves Tabelliaõ queoescrevy
 10 Fogaca [rubrica] Jorge Ribeiro Porto

<Dito>

Manoel Pinto deCarvalho homem sol
 teyro naturaldaFreguezia deSanto
 Amaro daComarca deSam Paulo ehe
 15 ra nesta villa quetrata doSeunego
 cio de hidadequediceSer detrinta
 etres annos pouco mais oumenos Teste
 munha JuradaaosSantos evangelhos
 Semquepos Sua maõ direyta eprome
 20 teu dizer verdade doquesoubece
 Epreguntadolhefoce
 Eperguntado e
 lleTestemunha pello conteudo no au
 to dadevassa que toda lhe foylida
 25 edeclarada pello dito Juiz dice Sabia <Dito>
 porlhahaveram contado nafazendadeSam
 Pedro pondohavia passadoquehavam mor
 to ahum negro emais não quem fizeraatal
 Morte emais não dice nem docustume ehi
 30 dooSeu Juramento aSignou comodito
 Juiz eeuVicentedosSantos Chaves Tabe
 lliaõ queoescrevy
Fogaca [rubrica] Manoel Pinto Carvalho[rubrica]

35 Angello deolivera gaya homem cazado na
 tual davilla deMogydasCruzes emorador
 destavilla que tratadaSua Lavoura ehi
 dade quediceser dequarenta annos
 pouco mais oumenos Testemunha Jurada
 40

||6r||

45

⁵² Número 11 aposto no canto superior esquerdo

⁵³Jurada aos Santos e evangelhos em que pos
Sua mão direyta e prometeu dedito
[corroído] do que Soube e perguntado lhe
fosse

- 5 E perguntado elle Testemunha
pello conteudo no auto desta devassa
que todalhe foy lida e declarada pe
llo dito Juis Dice Sabiaporouvir
<Dito> dizer n[ilegível] atodos nesta villa
10 que so havia morto a hum negro do
[corroído] ral Francisco Pinto do Rego na
paragem chamada Rioverde e onde
odito tem sua fazenda e mais não
sabia e emouvir a dizer quem fa
15 zera a tal morte e mais não dicce
nem do costume e idoo Seu Jura
mento a Signou com o dito Juis e eu
Vicente dos Santos Chaves Tabelliaõ
que o escreveu
20 Fogaca [rubrica] Angello de Oliveira Gaya [rubrica]

Termo de Assentada

- Aos dezacetes dias do mes de Janeyro de
25 Mil e Sete Sentos e Secenta e hum
nnos nesta villa de Sorocaba em ca
zas demoradas do Juis ordinario Felipe
Fogaca de Almeyda onde eu Tabelli
aõ abayxo nomeado ofuyvindo e Sen
30 do ahy porelledito Juis foram inque
ridas as Testemunhas que para estade
vassa foram por mim Tabelliaõ note
ficadas que se os no mes dito custu
mes e hidades naturalidades Sam
35 Os que se coguem do que tudo fises
te o termo e eu Vicente dos Santos
Chaves Tabelliaõ que o escreveu

[ilegível]

- 40 ||6v||

⁵³ Número 12 aposto no canto superior esquerdo

⁵⁴ [corroído]

[corroído] emais no [corroído] daCruz

elido oSeuJuramento aSygnou

com odito Juiz eeu VicentedosSan

5 tosChaves Tabelliaõ queoescrevy

Fogaca[rubrica] Domingo Joze Pereira

JozeRodrigues homem cazado natu

raldavilla deguimaraes emorador

10 dessa villa quetratadaSuaLavoura

dehidadequediceSer detrinta eSin

co annos pouco mais ou menos Testemu

nha Jurada eosSantos evangelhos emque

pos Sua mão direita eprometeudizer

15 aerdadedoqueSoubeceeperguntado

lhefoce

Eperguntado elleTestemu

nha pello conteudo noauto destadeva

ssa que todalhefoy Lida edeclarada

20 pello dito Juis DicequenadaSabia <Dito>

do eSeuJuramentoaSignou

Com odito Juis eeuVicentedosSan

tos Chaves Tabelliaõ queoescrevy

Fogaca[rubrica]

25 Joze Rodrigues

ManoeldaSilva Leal Solteyro na

tural dePortugal doFreguezia daFre

30 gezia darancharia nesta villa que

trata deSeu negocio dahidadeque

dice ser dequarenta etres annos pou

co mais oumenos Testemunha Jurada

da aos Santos evangelhos emquepos

sua mão direitaeprometeudizer

35 verdadedoqueSoubece epregunta

dolhefoce

E perguntado

40 ||7r||

45

⁵⁴ Inserção do número 13 no canto superior esquerdo da página.

29

J. to

h

1. *Quod dicitur in Platone de natura*
Frugum in eorum Eubolide Barro
Ex Termino defummaray en e rade de gta
nilla que trata de eum ney de diti
de ad eum dicitur et de eum dicitur
in eum dicitur in eum dicitur
de eum dicitur in eum dicitur
de eum dicitur in eum dicitur

⁵⁵[corroído] lida [corroído] dapello dito
 [corroído] nada Sabiao Lido Se
 <Dito> Juramento a Signou com o dito Juis
 eeu Vicent dos Santos Chaves Tabe

5 llião queo escrevy
Fogaca[rubrica] Manoel da Silva Leal

<19> Manoel da Silva de Andrade Cazado
 natural da Freguezia de Pinheroda
 10 bem posta Bispadoda Cuimbra emora
 dor desta villa natrata da Sua La
 voura de hidade que dice ser desse
 venta etres annos pouco mais ou me
 nos Testemunha Jurada aos Santos
 15 evangelhos em queois Sua mão di
 reita e prometeu dizer verdadedo
 que Soube e e perguntado lhefoce
 E perguntado elle Testemunha
 pello conteudo no auto desta devassa
 20 juntodalhefoy Lida e declarada
 <Dito> pello dito Juis Dice quenada Sabia
 e Lido o Seu Juramento a Signou
 com o dito Juis eeu Vicent dos San
 tos Chaves Tabe llião queo escrevy
 25 Fogaca[rubrica] Manoel da Silva de Andrade

Joaõ da Silva Cazado natural da
 Freguezia de Santa Eulalia de Barra
 do Turvo de Guimaraes emorador desta
 30 villa que trta de Seu negocio dehi
 dade que dice Ser de trinta e oito
 annos pouco mais ou menos Testemu
 nha Jurada aos Santos evangelhos
 [corroído] pos sua mão direita [corroído]
 35

||7v||

40

45

⁵⁵ Inserção do número 14 no canto superior esquerdo. Anotação de terceiros

243

06

Regala

Handwritten signature: *Handwritten signature*

25

11. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100. 101. 102. 103. 104. 105. 106. 107. 108. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124. 125. 126. 127. 128. 129. 130. 131. 132. 133. 134. 135. 136. 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143. 144. 145. 146. 147. 148. 149. 150. 151. 152. 153. 154. 155. 156. 157. 158. 159. 160. 161. 162. 163. 164. 165. 166. 167. 168. 169. 170. 171. 172. 173. 174. 175. 176. 177. 178. 179. 180. 181. 182. 183. 184. 185. 186. 187. 188. 189. 190. 191. 192. 193. 194. 195. 196. 197. 198. 199. 200. 201. 202. 203. 204. 205. 206. 207. 208. 209. 210. 211. 212. 213. 214. 215. 216. 217. 218. 219. 220. 221. 222. 223. 224. 225. 226. 227. 228. 229. 230. 231. 232. 233. 234. 235. 236. 237. 238. 239. 240. 241. 242. 243. 244. 245. 246. 247. 248. 249. 250. 251. 252. 253. 254. 255. 256. 257. 258. 259. 260. 261. 262. 263. 264. 265. 266. 267. 268. 269. 270. 271. 272. 273. 274. 275. 276. 277. 278. 279. 280. 281. 282. 283. 284. 285. 286. 287. 288. 289. 290. 291. 292. 293. 294. 295. 296. 297. 298. 299. 300. 301. 302. 303. 304. 305. 306. 307. 308. 309. 310. 311. 312. 313. 314. 315. 316. 317. 318. 319. 320. 321. 322. 323. 324. 325. 326. 327. 328. 329. 330. 331. 332. 333. 334. 335. 336. 337. 338. 339. 340. 341. 342. 343. 344. 345. 346. 347. 348. 349. 350. 351. 352. 353. 354. 355. 356. 357. 358. 359. 360. 361. 362. 363. 364. 365. 366. 367. 368. 369. 370. 371. 372. 373. 374. 375. 376. 377. 378. 379. 380. 381. 382. 383. 384. 385. 386. 387. 388. 389. 390. 391. 392. 393. 394. 395. 396. 397. 398. 399. 400. 401. 402. 403. 404. 405. 406. 407. 408. 409. 410. 411. 412. 413. 414. 415. 416. 417. 418. 419. 420. 421. 422. 423. 424. 425. 426. 427. 428. 429. 430. 431. 432. 433. 434. 435. 436. 437. 438. 439. 440. 441. 442. 443. 444. 445. 446. 447. 448. 449. 450. 451. 452. 453. 454. 455. 456. 457. 458. 459. 460. 461. 462. 463. 464. 465. 466. 467. 468. 469. 470. 471. 472. 473. 474. 475. 476. 477. 478. 479. 480. 481. 482. 483. 484. 485. 486. 487. 488. 489. 490. 491. 492. 493. 494. 495. 496. 497. 498. 499. 500. 501. 502. 503. 504. 505. 506. 507. 508. 509. 510. 511. 512. 513. 514. 515. 516. 517. 518. 519. 520. 521. 522. 523. 524. 525. 526. 527. 528. 529. 530. 531. 532. 533. 534. 535. 536. 537. 538. 539. 540. 541. 542. 543. 544. 545. 546. 547. 548. 549. 550. 551. 552. 553. 554. 555. 556. 557. 558. 559. 560. 561. 562. 563. 564. 565. 566. 567. 568. 569. 570. 571. 572. 573. 574. 575. 576. 577. 578. 579. 580. 581. 582. 583. 584. 585. 586. 587. 588. 589. 590. 591. 592. 593. 594. 595. 596. 597. 598. 599. 600. 601. 602. 603. 604. 605. 606. 607. 608. 609. 610. 611. 612. 613. 614. 615. 616. 617. 618. 619. 620. 621. 622. 623. 624. 625. 626. 627. 628. 629. 630. 631. 632. 633. 634. 635. 636. 637. 638. 639. 640. 641. 642. 643. 644. 645. 646. 647. 648. 649. 650. 651. 652. 653. 654. 655. 656. 657. 658. 659. 660. 661. 662. 663. 664. 665. 666. 667. 668. 669. 670. 671. 672. 673. 674. 675. 676. 677. 678. 679. 680. 681. 682. 683. 684. 685. 686. 687. 688. 689. 690. 691. 692. 693. 694. 695. 696. 697. 698. 699. 700. 701. 702. 703. 704. 705. 706. 707. 708. 709. 710. 711. 712. 713. 714. 715. 716. 717. 718. 719. 720. 721. 722. 723. 724. 725. 726. 727. 728. 729. 730. 731. 732. 733. 734. 735. 736. 737. 738. 739. 740. 741. 742. 743. 744. 745. 746. 747. 748. 749. 750. 751. 752. 753. 754. 755. 756. 757. 758. 759. 760. 761. 762. 763. 764. 765. 766. 767. 768. 769. 770. 771. 772. 773. 774. 775. 776. 777. 778. 779. 780. 781. 782. 783. 784. 785. 786. 787. 788. 789. 790. 791. 792. 793. 794. 795. 796. 797. 798. 799. 800. 801. 802. 803. 804. 805. 806. 807. 808. 809. 810. 811. 812. 813. 814. 815. 816. 817. 818. 819. 820. 821. 822. 823. 824. 825. 826. 827. 828. 829. 830. 831. 832. 833. 834. 835. 836. 837. 838. 839. 840. 841. 84

D. 6

Regate Sr. D. uva l'ent'edical

Termo differente

[illegible]

56[corroído]

sendo elle perguntado [corroído]

Eperguntado

elle Testemunha pello conteudono

5 auto da devassa que toda lhe foyLi

da edeclarada pellodito juis. Dice

<Dito:

que nada sabia eLido oSeuJura

mento aSignou comodito Juis eeu

VicentedosSantos Chaves Tabelliaõ

10 queoescrevy

Fogaça[rubrica]

João da SilvaVaz[rubrica]

Joze Valente Vidigal cazado natural

Emorado desta villa quetrata deSua

15 Lavouradehidade quediceSer de

Trinta annos pouco mais ou menos Tes

temunhaJurada aos Santos evange

lhosemquepos Sua mão diretia epro

meteudizer verdadedoqueSoubece

20 eperguntadoellefoce

Eperguntado e

lleTestemunha pello conteudo nes

tadevassaquyetodalhefoyLida ede

claradapello dito Juis Dice quena

<Dito>

25 da [ilegível]de Lido oSeu Juramento

aSignou com oditoJuis eeuVicen

te dosSantos Chaves Tabelliaõque

oescrevy

Fogaca[rubrica]

Joze Valente Vidigal

30

TermodaAssentada

Aosvintedias domes deJaneyro deml

eSeteSentos eSecenta ehum annos

desta villa doSorocaba em Cazos da

35 morada do Juis ordinario Felipe

Fogaça[corroído]

||8r||

40

⁵⁶ Inserção do número 15 no canto superior esquerdo da página.

16

En el año de mil y seiscientos y noventa y tres
 el día de San Juan Bautista de la presente
 en la villa de San Juan de los Rios de
 Guayaquil de la provincia de Guayaquil
 y de la Real Audiencia de Santo Domingo
 de la villa de San Juan de los Rios de
 Guayaquil de la provincia de Guayaquil

27

Dijo el Sr. Fiscal de la Real Audiencia de Santo Domingo
 que en la villa de San Juan de los Rios de
 Guayaquil de la provincia de Guayaquil
 y de la Real Audiencia de Santo Domingo
 en el año de mil y seiscientos y noventa y tres
 el día de San Juan Bautista de la presente
 en la villa de San Juan de los Rios de
 Guayaquil de la provincia de Guayaquil

En el año de mil y seiscientos y noventa y tres
 el día de San Juan Bautista de la presente
 en la villa de San Juan de los Rios de
 Guayaquil de la provincia de Guayaquil
 y de la Real Audiencia de Santo Domingo
 en el año de mil y seiscientos y noventa y tres
 el día de San Juan Bautista de la presente
 en la villa de San Juan de los Rios de
 Guayaquil de la provincia de Guayaquil

Regala
 Dijo el Sr. Fiscal de la Real Audiencia de Santo Domingo

23

Dijo el Sr. Fiscal de la Real Audiencia de Santo Domingo
 que en la villa de San Juan de los Rios de
 Guayaquil de la provincia de Guayaquil
 y de la Real Audiencia de Santo Domingo
 en el año de mil y seiscientos y noventa y tres
 el día de San Juan Bautista de la presente
 en la villa de San Juan de los Rios de
 Guayaquil de la provincia de Guayaquil

⁵⁷[corroído]

Elle Testemunhaque para[ilegível] de
vassa forão nesta dasqueSe[ilegível]
nomesCustumes ditos hidades são

5 os queSeceguem doquetudo for
esteTermo eeuVicentedos Santos
Chaves Tabelliaõque oescrevy

<22> Xisto Pais Maciel Solteyronatural

Emorador desta villaquetrata deSeo

10 Negocio dehidade quedice ser de
trinta edous annos pouco mais oumenos
nos Testemunha Jurada aosSantos

Evangelhos emqueposSua mãodi

reyta eprometeu dizer verdadedo

15 queSoubeceeperguntadolhefoce

Eperguntado elleTestemunha pe

llo conteudo no auto da devassa que to

dolhefoyLida edeclarada pello di

<Dito> to Juis Dice que [nada] Sabia

20 do oSeu Juramento eaSignou com

odito Juis eeuVicente dosSantos

Chaves Tabelliaõ queoescrevy

Fogaca[rubrica]

Xisto Paiz Maciel[rubrica]

25 Joaquim Bautista Solteyro natural
Emorador desta villa que tratadeSua

L [ilegível] dahidadequediceSer de

vinteannos pouco mais oumenos

Testemunha Juradaaos Santos e

30 vangelhos emqueposSua mãodi

reyta eprometeudizerverdade

doqueSoubece eperguntadolhe

fosse

Eperguntado elleTestemunha

35 Jurada aos Santos evangelhos

||8v||

40

45

⁵⁷ Aposição do número 16 no canto superior esquerdo.

[illegible]

⁵⁸[corroído]

Evangelhos doquedeclardaopello

[corroído] Sabia [corroído]

oSeu Juramento aSignou comdito

5 Juiz eeuVicente dos Santos Chaves

Fogaca [rubrica]

Joaquim Bautista

Manoel Jorge Porto cazadonatural

davilla deMogydasCruzes emorador

10 desta quetrata daSua Lavouras ede

hidadequedice Ser de Sincoenta e

seis annos pouco mais oumenos Tes

temunha Jurada aosSantos evange

lhos emqueposSua mão direita epro

15 meteudizer verdadedoque Soube

ceeperguntadolhefoce

Epergunta

doelleTestemunha pello conteudo nes

ta devassa quetodalhefoyLida edecla

20 rada pello ditoJuis Dicequenada

Sabia elidoSeu Juramento esseeSignou

com oditoJuis eeuVicente dos Santos

Chaves Tabelliaõ queoescrevy

Fogaca[rubrica]

Manoel Jorge Porto

25

Felipe Peres homembranco natural da

Cidade deSam Paulo emorador dessa vi

lla que trata daSuaLavoura dehidade

quediceSer deoitenta annos pouco

30 mais ou menos Testemunha Jurada

aosSantos evangelhos em que possua

mão direita eprometeudizer verda

dedoqueSoubeceeperguntadolhe

fosse.

35 Eperguntado pello conteudona

[corroído] devassa que tudo lhefoyLida

[corroído]

||9r||

40

45

⁵⁸ Número 17 aposto no canto superior esquerdo da página

Судьба *felix*

[illegible][illegible]

[Faint handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page.]

⁵⁹[corroído]
[corroído] aSignou [corroído]
VicentedosSantos Chaves Tabelliaõ queo
escrevy

5 Fogaca [rubrica] Felipeperes

<26> Luis quaresma Solteyro natural emora
dor desta villa quetrata deSeu officio
do Alfayata dehidadequediceSer
10 dedezanoveannos pouco mais ouse
nos Testemunha Jurada aosSantos
Evangelhos emqueposSua maõ direy
ta eprometeodizerverdade doque
souvece eperguntadolhefoce

15 Eper
guntado pello conteudo enoauto dade
vassa quetudolhefoyLida edeclara
<Dito> dapello dito Juis Dice queouvera
dizer avarias que [] hum

20 negro noLargar declarada noauto
e mais não quemforaemais não di
ce elido oSeu Juramento aSig
nou com oditoJuis eeuVicente
dosSantosChaves Tabelliaõ queoes

25 crevy
Fogaca[rubrica] Luis Quaresma

<27> Salvador SantosLisboa Solteyro na
tural emorador desta villa que vive
30 abayxodePatriopuder dehidade
quediceSer dedezoito annos pouco
mais ousemenosTestemunha Jurada
aosSantos evangelhos emquepos Sua
mão direita eprometeudizerverda
35 dedoqueSoubeceeperguntadolhe
fosse

EperguntadoelleTestemunha

40 ||9v||

45

⁵⁹ Número 18 aposto no canto superior esquerdo da página.

⁶⁰[corroído]
 da pello [corroído]
 quetoda ellalhefoyLidaedeclarada
 [corroído] ditoJuis Dice eprometeu perante<Dito>
 5 [corroído] villaquehaviammorto ahum
 Negro doCoronel Francisco Pinto do
 Rego nafazenda doRioverde emais
 que não Sabiaquem fizera otal
 morto porque comolhenão emporta
 10 eonão perguntara emais não dice
 enemdecustume eLidooSeuJura
 Mento aSignou comodito Juis e
 euVicentedosSantos Chaves Tabe
 llião queoescrevy
 15 Fogaca[rubrica] Salvador Gomez Lisboa[rubrica]

Termo de Assentada
 Aosvintetres dias domes deJaneyrode
 mil eSeteSentos eSecenta ehuma
 20 nnos nestavilla deSorocaba emca
 zas demoradas doJuis ordinarioFeli
 peFogacadeAlmeyda ondeeuTa
 belliaõ abayxo nomeado vim eSen
 do ahy porelledito Juis foram inque
 25 ridas asTestemunha queparaesta de
 vassa foram pormim notificadas que
 seos nomes Custumes ehidadesSão os
 queSeceguem deque tudo fis este Ter
 mo eeuvicentedos Santos Chaves Ta
 30 belliaõ queoescrevy

Joaõ Morera Martins homem cazado
 natural emoradordestavillaquetra
 ta deSuaLavouradeidadequedice
 35 ser de trinta annos pouco mais oume
 nos Testemunha Jurada aosSantos e
 vangelhos emqueposSua mão direy
 ta [corroído] dizer verdade doqueSoubece
 [corroído] eperguntadolhefoce
 40

||10r||

45

⁶⁰ Inserção do número 19 no canto superior esquerdo da página.

Fugate ~~has~~ Jack Mor. & Mid

Fogues ~~HB~~ Mathias do Lino, u.s.

Ergonomics

[illegible]

⁶¹[corroído]

[corroído]

[corroído] dito Juis [corroído]

nada Sabia e Lido o Seu Juramento

5 a Signou com o dito Juis eeu Vicente
dos Santos Chaves Tabelliaõ que o escre-
vy Fogaca [rubrica] Joaõ Morera Martins

<9> Mathias de Olivera cazado natural da Ci-

10 dade de Sam Paulo e morador desta villa
que trata de Sua Lavoura de hidade
que dice Ser de trinta e quatro annos
pouco mais ou menos Testemunha Jura
da aos Santos evangelhos em que por
15 sua mão direyta e prometeu dizer ver-
dade do que Soube e e perguntado lhe
fosse

E perguntado elle Testemunha e [corroído]

llo conteudo nesta devassa que todalhe

20 <Dito> foy Lida e declarada pello dito Juis []
ce quemada Sabia e Lida o Seu Jura-
mento a Signou com o dito Juis eeu Vi-
cent dos Santos Chaves Tabelliaõ que
o escrevy.

25 Fogaca [rubrica] Mathias dOliveira

<30> Manoel de Almeyda Morais Solteyro

natural e morador desta villa que vive

de bayxo e de Patrio poder da hidade que

30 dicese de Dezanove annos pouco mais
ou menos Testemunha Jurada aos San-
tos evangelhos em que pos Sua mão direy-
ta e prometeu dizer verdade do que Sou-
be e e perguntado lhe foy.

35 E perguntado
elle Testemunha pello conteudo no auto
da devassa que tudo lhe foy Lida e de
<Dito> clarado pello dito Juis Dice que na
da Sabia e Lido o seu Juramento a Si
40 gnou com o dito Juis eeu Vicente dos
Santos Chaves Tabelliaõ que o escrevy.
[corroído]

45

||10v||

⁶¹ Número 20 aposto no canto superior esquerdo da página.

⁶² Termo de Assentada

5 Aos vinte e quatro dias do mes de Janeiro
 de mil e Sete e Setenta e hum
 annos nesta villa de Sorocaba em
 casa demoradas do Juis ordinario Felipe
 Fogaca de Almeyda onde eu Tabelli
 aõ abayxo nomeado [ilegível] e Sendo o
 Ehy porade haver findo com as Testemu
 10 nhas desta devassa afis concluzas a elle
 dito Juis para nella prever o que lhe
 parecer Justissa de que tudo ofes neste Ter
 mo eu Vicente dos Santos Chaves Ta
 belliaõ queo escrevy
 15 Concluzos em 28 de Janeiro de
 1761

20 Não obriga esta devassa Segundo o que
 depõem as Testemunhas a pessoa alguma
 Epoussa razãõ lhe não dou providencia
 [corroído] de Sorocaba 26 de Fevereiro
 de 1761

25 Jeronymo Soares de Araujo [rubrica]
 Termo de forma
 Aos vinte e seis dias do mes de Fevereiro
 de mil e Sete e Setenta e hum
 annos nesta villa de Sorocaba em
 30 cazas demoradas do Juis ordinario
 Jeronimo Soares de Araujo onde eu
 Tabelliaõ abaixo nomeado [vim]
 e Sendo ahy por elledito Juis me foy
 tornada esta devassa com Suapermanen
 35 cia Re [corroído] quemandou Secumpria
 equandose como nella Se [continha]
 [corroído] todo [corroído] eu Vicente
 [corroído] dos Santos Chaves Tabelliaõ [queo escrevy].
 [corroído]
 40

45 ||11r||

⁶² Número 21 aposto no canto superior esquerdo da página.

⁶³Acentada

Aos tres dias domes deDezembro de
 mil oito Sentos nesta villa deNossa
 senhora daPonte deSorocaba emCazas
 5 demurada do Juis or dinario Jose Manuel
 deOliveira *Francisco* aondeeu Escrivam do
 seuCargo aodiante nomeado fui vendo
 para efeito deSerem inqueridas as Tes
 temunhas Devaça mente sobre amorte
 10 feita naPessoa deIgnacio Vas de Oli
 veira oferimento feito emSeu filho
 Joze Joaquim deOliveira [ilegível]
 testemunha depois deSerem juramentadas
 pello dito Juis Sam inqueridas por seu
 15 nomes Cognomes sobre nomes natu
 ralidades moradas ofícios idades feitos Cus
 tumes atodos sam osque aodiante Se
 seguem deque paraConstar fiz este
 termo eu Antonio Ferreira deFaria
 20 tabeliam oescrevÿ
 Testemunha 1^a
 Reginaldo Antonio deOliveira ho ⁶⁴
 mem branco cazado natural da Fre
 guezia deSanto Amaro e morador nes
 25 ta modesta villa deSorocaba quevivo de
 huaslavouras idade que diçeSer vinte
 edous annos mais oumennos Testemu
 nha jurada aosSantos evangelhos em
 humLivro delley emque posa Sua maó <Dito>
 30 direita sob Cargo doqual dice que
 heraCerta verdade queseachara em odia
 quinta Feira anoute vinteSette de No
 vembro seachara emCaza de MiguelLeme
 em hum ajuntamento quefizeraó defiar
 35 algodam o falecido Ignacio Vas tivera huas
 duvidas com Joaó Cardozo Sobre a
 feitura daPonte doRio dePirapora eque
 nestas duvidas dera odito Joaó Cardozo
 hua facada e Ignácio Vas daquel Logo
 40 morrera eque tambem vindo aCudir
 hum filho de nome Joze Joaquim este
 tambem o dito Joaõ Cardozo lhe dera
 hua facada abaixo daboca doestomago
 eque logo fugira odito Joaõ Cardozo
 45 [ilegível] etendo hum e deixar ooutro

||1r||

⁶³ Aposição de terceiros. Número 05 aposto no canto superior esquerdo.⁶⁴ Carimbo do Arquivo do Estado

⁶⁵eoutro faquiado emais naó dice nem ao
 Custume sendo lhe lido oseu jura
 mento pello oachar conforme oavia
 deposto eaSignou comodito eeu
 Antonio Ferreira deMario Tabeliam
 oescrevy Francisco[rubrica]
Reginaldo Antonio deOliveira

Testemunha 2ª

Joze Gomes deOliveira homem
 branco cazado natural daFreguezia
 deCubataõ emurador notermo desta Villa
 deSorocaba quevive de suas Lavouras
 idade que diçeSer desinCuenta hum
 anno mais oumenos Testemunha jurada
 aosSantos Evangelhos emhum livro de
 lley em que posa Sua mam direita sob
 <Dito> cargo dequal diçe que heracerto aver
 dade que ofaleçido Ignacio vas andava
 sempre dis afiando as falece digo a
 diando a Joaó Cardozo apor variáz vezes
 elle Testemunha eoutros os aviem apostado
 apor nanoite dequinta feira vinte eSette
 do presente mes Seajuntoaram emCza
 deMiguel Leme aondefaziã hum
⁶⁶ajutorio de fiar algodom eSope que chegou
 José Fernandes por outro nome Joaó Cardo
 zo emtrou oFaleçido Ignacio Vas eSeos
 Filhos Joze Joaquim, e Joaõ Joze deO
 liveira Seaprocurarem oCaziaõ de que
 o dito Joaõ Cardozo ouFernandes Sea
 aparaseu comelles evendo eles *que* este
 estava com prudência emtraraõ aCha
 falhar dizendo que anoute estava boa
 eoterreno bom para aVas mulha deSangue
 vendo que odito Joaó Cardozo des far
 cava foi o falecido aSeus docesFilhos em
 vestiraõ as bordoadas nodito Cardozo este
 ja depois deter levado huás poucas puxou
 por hua faca paraSede fender enesta
 com flito naó Sabe elle Teste munha
 Seacha deraCom afaca ouSeo faleçi
 do mes mo Suspetara nelle em Razaõ
 deandar logo aquerer dar bordoadas eaos
 filhos homes mafi[ilegível] tendo que o
 falecido caiio ainda os dous filhos Joze
 Joaquim Joaõ Vas ainda atrope[ilegível]

||1v||

⁶⁵ Número 06 aposto no canto superior esquerdo. Marcação de terceiros.

⁶⁶ Carimbo do Arquivo do Estado de São Paulo

⁶⁷ao dito Cardozo edepois deferido oJoze
 Joaquim ainda o Joaó perçegueo dooutro
 pur mais deLigência que faz elle Testemunha⁶⁸
 eoutros para apartarem já mais queirão Seder
 5 tanto ofalecido ComoSeos filhos aque
 esto Sabia por ver perzençiar aCudir
 mais naó dice aoCustume dice Ser
 cunhado doFalecido eTiio deSeus fi
 10 filhos emais naó dice eSendolhe lido oSeu
 juramento epello oachar conforme
 oavia deposto eaSignou Comodito Juiz
 Comhuá Crus por naó Saber ler nem
 escrever eu Antonio Ferreira deFaria
 Tabeliam oescrevy
 15 José ManueldeOliveira Francisco [rubrica]
 SignalCrus de + Joze Gomes de Oliveira

Testemunha 3ª

20 Manuel Antonio Fernandes
 homembranco Cazado natural
 emorador desta Villa deSorocaba que
 vive deSuas Lavouras idade quedice
 ser trinta annos mais o umenos elle tes
 temunha jurada aosSantos Evangelhos
 25 emhumlivro delley emque pors aSua
 mam direita sobcargoe doqual
 lhe foi inCarregado quebem fiel
 dito sobcargoe doqual dice que vira
 quevira eper zençiaava esta ofalecido
 30 Ignacio Vas com Rezains com Joze
 Gomes sobre afutura daponte do
 rio depirapura eque depois diçera
 hum filho do falecido Ignácio Vas
 ou Pais denome Joze Joaquim que
 35 estava aLuaboa para brincarem afa
 zerem aVermelhar a RuadeSangue
 enesto emvisteraõ a Joaó Cardozo as
 bor doadas eque este puxara por huma
 faca paraSedefender edara afaca
 40 da nodito falecido eque Joaõ Vas e ou
 tro Irmaõ Joze Joaquim ainda foraõ
 comtinuando adar no dito Joaõ Car
 dozo, éque ehij tambemficara Joze

<Dito>

45

||2r||

⁶⁷ Numero 07 aposto no canto superior esquerdo

⁶⁸ Número 05, aposto no canto direito da página. Informação tardia de terceiros.

Joze Joaquim faqueado e[ilegível] Joaõ
 Vas ainda Comtinuara adar no
 Joaõ Cardozo eque depois fugira
 vendo afrente quelhe fazia Joaõ
 5 Cardozo epor aCudiram Varios
 emais naó dice nem aoCustume
 eSendolhelido oSeu juramento
 epelo oachar com forme oavia
 deposto oaSignavaComhumCrus
 10 Com dito Juiz eu Antonio Fe
 rreira de Faria Tabeliam oescrevy
Joze Manoel deOliveiraFrancisco [rubrica]
 Signal Crus de + Manoel Antonio Faria
 Testemunha 4ª

Joze Francisco homem branco cazado
 natural da Villa deFaxena emorador
 notermo desta Villa deSorocaba que
 vive deSuas lavoiras idade que disse
 20 ser vinte sete annos mais oumenos
 Testemunha jurada aosSantos Evan
 gelhos emhum livro delley emque
 pos aSua mam direita sobCargo
 <Dito> doqual dice que achandoçe em
 25 Caza deMiguel Leme emhun
 ajutorio dofiar algodam anoute eque
 quando elle Testemunha chegou ja
 estavam em Rezoins o falecido com
 Joaó Cardozo de Fernandes aque
 30 quando Socedeu oSuceço estava e
 lle Testemunha dentro daCaza
 equandoSahio parafora ja estava
 Joaó digo estava ja Ignácio Vas ferido
 eque hia entrando para dentro dizen
 35 do murria comologo morreu, ede
 puislogo ofilho Joze Joaquin
 enaó vira ecomo avia socedido o
 mais naó dice nem aoCustume
 eSendo lhe lido oSeu juramento
 40 pello oachar com forma ovia
 deposto eaSignou Comodito Juiz
 comhumCruspor naó saber ler
 nem escrever eu Antonio Ferreira
 deFaria Tabeliam oescrevy
 45 Jozé Manoel deOliveira Francisco[rubrica]
 Signal Crusde + Joze Francisco

⁶⁹Testemunha 5ª

Francisco dePaula Cazado natural
 emurador desta Villa deSorocaba que
 vive deSuas Lavouras idade que dice
 5 ser trinta annos mais oumenos Tes
 temunha jurada aosSantos Evange
 emhum livro deles emque posaSua
 mam direita sob cargo doquel dice <Dito>
 que ouvira dizer aos que Seacharaõ nao
 10 Caziaam emCaza deMiguel Leme
 que ofalecido Ignacio Vas Levara humas
 duvidas com Joaõ Cardozo Respeito
 e factura da ponte doRio deperapora
 e que nestas Rezoins emvestira Ignácio
 15 Vas ComSeos filhos Joaõ Vas eJoze
 Joaquim para darem como aviam da
 dohumas bordoadas em Joaõ Cardozo
 que este o faqueada com huma faca
 da doqual morrera equetambem
 20 dera outro emofilho Joze Joaquim
 e que esto sabia com aja avia dito aos
 mes mos que la seacharaõ e mais não disse
 nem aos Custumes Sendolhe lido
 o Seu juramento e pello o acha com
 25 firma o avia de posto e a Signou Com
 o dito Juiz em Antonio digo com
 o dito Juiz com huma Crus por não saber
 ler nem escreve em Antonio Fe
 rreira de Faria Tabeliam o escrey
 30 Jozé Manoel de Oliveira Francisco [rubrica]
 Signal da Crus Francisco de Paula

Testemunha 6ª

Joaõ Monteiro homem pardo Cazado
 35 natural das Minas de Parnampanema
 emurador no termo desta villa de Soroca
 ba que vive deSuas Lavouras idade que
 dice Ser quarenta annos mais oumenos
 Testemunha jurada aos Santos Evangelhos
 40 emhum livro delley sob Cargo doqual
 dice que não o Sintio nao Caziaõ da morte
 feita na pessoa de Ignácio Vas por em Sa
 bia que Joaõ Cardozo ou Fernandes avia
 dado huma facada no dito falecido doqual
 45 murrera, equetambem sabia que o mes
 mo dito Cardozo avia dado huma
 facada em Joze Joaquim filho
 ||3r||

<Dito>

⁶⁹ Número 09 aposto no canto superior esquerdo da página

⁷⁰ Filho do dito falecido e que esto sabia
 que lhe comtarem quando veyo ajudar
 a Carregar o Corpo do dito falecido e mais
 não dice nem ao Costume Sendolhe
 lido o Seu juramento pello o achar com
 forme o avia deposto e a Signou como
 dito Juis e eu An, digo Juiz Comhum a Crus
 pur não saber ler nem escrever eu An
 tonio Ferreira de Faria Tabeliam oes
 crevy

Joze Manoel de Oliveira Francisco [rubrica]
 Signal Crus João

Testemunha 7ª

Domingos Joze de Souza homem bran
 co Solteiro natural da Freguezia de Ara
 ritaguaba emurador no termo desta Villa de
 Sorocaba que vive de Suas Lavouras idade
 que dice Ser dez oito annos mais ou menos
 Testemunha jurada aos Santos Evangelhos
 <Dito> em hum livro delley em que pos a Sua
 mam direita sob Cargo do qual dice
 que ouvira dizer que João Cardozo dera
 hum facada em Ignacio Vas de qual murre
 ra e que o dito João Cardozo dera hum fa
 cada em Joze Joaquim e que isto sabia por
 ouvir dizer a varias pessoas e mais não dice
 nem ao costume e Sendolhe lido o seu
 juramento pello o achar Comforme
 e Eu Antonio Ferreira de Faria Tabeliam
 oes crevy

Francisco [rubrica]

Domingos Joze de Souza

Testemunha 8ª

Joaquim Joze Ribeiro homem branco ca
 zado natural da Freguezia de Araritagua
 ba emorador no termo desta Villa de Soroca
 ba que vive de Suas Lavouras idade que
 dice Ser vinte oito annos mais ou menos
 Testemunha jurada aos Santos Evange
 lhos em hum livro delley em que pos Sua
 Doutor mam direita sob cargo do qual dice
 <Dito> ouvira a varias pessoas que João Cardozo
 fora o que matara a Ignacio Vas com huma
 fa Cada que lhe dera e que tambem o mes
 mo João Cardozo dera hum fa Cada
 em hum filho domes mo Ignacio Vas de
 nome Joze Joaquim e por visto Sabia Como
 ja avia dito pur ou Vir a varias Pessoas
 e mais não dice nem ao Costume

⁷⁰ Número 10 aposto no canto superior esquerdo da página

as Certezas e sendo-lhe lido o seu
juramento que lo vate? Com for me
veria de quito e ali non Com o do
juiz e do Ant. rto. Perreira de Silva Pa
uliam de Costa

Joag Toze Ribt.

Perkins

[illegible]

Geo. H. [Signature]

Mr. J. J. May 18

Test 10

[illegible]

⁷¹aoCustume eSendolhe lido oSeu
juramento pello oachar Conforme
oavia deposto eaSignou Com odito
juis eu Antonio Ferreira deFaria Ta
beliam oescrevii

Franscisco[rubrica]

Joaquim Jose Ribeiro

Testemunha 9ª

Miguel Machado homem oriundo
daterra Cazado natural daFreguezia
deCutia emurador notermo desta Villa
deSorocaba que vive deSuas Lavouras
idade quediceser Sincoenta eSette annos
mais oumenos Testemunha jurada aos
Santos Evangelhos emhum livro delley no
qual pos aSuamam direita sobCargo <Dito>
doqual dice que ouviradizer avarias
pessoas daquele bairro que joaó Cardo
zo ouFernandes matara a Ignácio Vas
Comhua faCadaque lhe dera eque
mesmo João Cardozo dera aoutra facada
emhum filho do falecido Ignacio Vaz
comhum digo Vas [ilegível] Joze Joaquim
emais não dice nem aoCustume eSendo
lhe lido oSeu juramento epello oachar
Com firma oavia deposto eoSignou
Com odito Juis Eu Antonio Ferrei
ra deFaria Tabeliam oescrevy

Francisco[rubrica]

Miguel Machado

Testemunha 10

Antonio Leite homem oriundo da
terra natural daFreguezia deSam Ro
que cazado emurador notermo destaVi
lla que vive deSuas Lavouras idade que
diceSer Sincoenta annos mais oume
nos Testemunha jurada aosSantos Evan
gelhos emhum livro delley emque pos
aSua mam direita sobCargo doqual

||4r||

⁷¹ Número 11 aposto no canto superior esquerdo da página

⁷²<Dito> doqual dice que ouvera dizer nobai
 rro doCampo Largo avarias pessoas que
 Joaó Cardozo dera hum facada em
 Ignácio Vas doqual murrera eque o mesmo
 5 Joaó Cardozo dera outra facada names
 maoCaziaõ emhum filho do mes mo fa
 lecido Ignácio Vas denome Joze Joaquim
 mais não diçe nem aoCustume eSendo
 lhelido o seu juramento pello oachar
 10 com forme oavia deposto eoSignou
 Comhum Crus por não saber ler nem
 Escrever eu Antonio Ferreira deFaria
 Tabeliam oescrevy
Joze Manoel deOliveira Francisco[rubrica]
 15 Signal daCrus de + Antonio Leite
 Testemunha 11
 Vicente Dias homem branco Cazado
 natural e murador desta Villa deSoroca
 bada que vive daSuas Lavouras idade que
 20 dice ser quarenta annos mais oumenos
 teste munha jurada aosSantos Evange
 lhos emhum livro delley sob cargo
 <Dito>doqual dice que era publico no bairro
 doCampoLargo dePirapora que quem
 25 avia matado a Ignácio Vas fora Joaó
 Cardozo ouFernandes Comhua faca
 da que lhedera eque o mesmo Joaó
 Cardozo faqueara hum filho do
 mesmo Ignácio Vas de nome Joze
 30 Joaquim namesma oCaziaõ que
 fizera a morte eque ofizera porRi
 xas antigas que tinha omais não di
 ce nem aoCustume eSendo lhe
 lido oseu juramento epello oachar
 35 Com forme oavia a posto oaSig
 nouComhum crus por não Saber
 lernem escrever eu Antonio Fe
 rreira deFaria Tabeliam oescrevy
Jozé Manoel deOliveira Francisco[rubrica]
 40 Signal Crus de + Vicente Dias
 Acentada
 Aos nove dias domes deDezem
 bro demil oito Sentos nesta nesta Villa de
 NossaSenhoradaPonte deSorocaba
 45

||4v||

⁷² Número 12 aposto no canto superior esquerdo da página

⁷³deSorocaba emCazas demurada⁷⁴
do Juis ordinario Joze Manuel de
Oliveira Ferreira [rubrica] o eonde euEscrivam
doSeuCargo oadiante nomeado fui
5 vendo para efeito deSeComtinuar
Comesta Devaca editos deTestemunhas
as quais depois deSerem juramentadas
pello dito Juis Sem enqueridas por Seos
nomes Sobre nomes Cogonomes natu
10 ralidades muradas officios idade ditos
custumes todos sem asque aodiante
seSeguem deque paraConstar fizeste
Termo eu Antonio Ferreira deFa
ria Tabeliam oescrevii
15 *Testemunha 12*
Joaó Antunes Vidigal homem bran
coCazado natural e murador desta
villa deSorocaba que vive deSuas La
voiras idade que diceSer vinte annos
20 mais oumenos Teste munha jurada
aosSanttos evangelhos emhum livro
delley em que posa Sua mam direita
sobCargo doquel dice que ouvera <Dito>
dizer avarias pessoas dobairro doCampo
25 po Largo dePirapora que Joaó Cardozo
a via dado hua facada em Ignácio
Vas daqual murrera eque omesmo Joaó
Cardozo dera outra facada em Joze
Joaquim filho dodito falecido eque
30 esta dizer dem ja emoutro tem po a
via o dito falecido tido rixas com odi
to Joaó Cardozo eque sempre elleeseu
filho Joaó Vas acada passo proCura
vão oCaziaõ deter duvidas com o dito
35 Cardozo eque nanoute do dia vin
ete Sette deNovembro em hum aju
torio que faziaõ defiar achavam ja
naCaza o dito falecido seos filhos
Joaó Joze eSua mulher equeSo pro
40 Curavam ter duvidas com odito Car
dozo emvarias Resoinz quetiveraõ
dice ofilho Joaõ Vas quiboa estava
anoute eoterreno para aver melhor
deSangue emvestiram aser no dito
45 Cardozo este Sedefendera e de
[ilegível] facadas tanto em hum como
|| 5r||

⁷³ Numero 13 aposto no canto superior esquerdo da página

⁷⁴ Número 08 aposto no canto superior direito da página

⁷⁵outro eque este ouvira avarios
 queSeacharaó names ma oCaziaõ
 emais naó dice nem aoCustume e
 sendo lhe lido oSeu juramento epe
 llo oachar com forme oavia depos
 to oaSignou Comodito Juis eu
 Antonio Ferreira deFaria Tabelaõ
 oescrevy

Francisco[rubrica]

Joaó Antunes Vidigal

Testemunha 13

Joaó Correia deOliveira home Caza
 do natural emurador desta Villa deSoro
 caba que vive deSuaslavoiras idade que
 diceSer trinta eSinco annos mais ou
 menos Testemunha jurada aosSanttos
 Evangelhos emhum livro delley emque
 pos aSua mam direita SobCargo doqual

<Dito> dice que ouvira dizer avarias pessoas
 que Joaó Cadozo dera hua facada
 em Ignácio Vas doqual murrera eque
 names ma oCaziam dera outra emhum
 filho denome Joze Joaquim eque tam
 bem ouvira dizer avarios que omesmo
 falecido eodito seu filho Joze Joaquim
 eoutro denome Joaõ Vas atem pos anda
 vam de Rixa Comodito Cardozo por
 cauza dehuma mulher deno me Iza
 bel Maria eque jurasse motivo hiaó
 adar humas pancadas nodito Car do
 zoe mais naó dice nem aoCusume
 sendo lhe lido oSeu juramentoepe
 llo oachar com forme oavia deposto
 oaSignouComodito juis Comhua
 Cruz por naó Saber ler nem escrever
 euAntonio Ferreira deFaria Tabe
 liam oescrevy

Jozé Manoel deOliveira Francisco[rubrica]

Signal Crus de + Joaõ Correia deOliveira

Testemunha 14

Salvador daSilva homem branco
 Cazado cazado natural emurador
 desta Villa deSorocaba que vice deSuas
 lavoiras idade que diceser vinte edous
 annos mais oumenos Testemunha ju
 rada aosSanttos Evangelhos emhum
 livro delley emque posa Sua maó

||5v||

⁷⁵ Número 14 aposto no cano superior esquerdo da página

15

[illegible]

Signal Group of Liberator 20

1872

[illegible]

⁷⁶mandar esta sobcarga doqual dice <Dito>

ouvira dizer avarias pessoas que emhum
ajutorio de fiar que fez Miguel Leme
onde Seachavam varias pessoas eComo
ja [ilegível] diante andavam [ilegível] ofa
lecido Ignácio Vas eSeos filhos Joze Joa
aquim e João Vas estes foram a dar oude
ram em João Cardozo eeste puxa
ram que hu faca paraofalecido Sedefendera de
ra húa facada nofilhodeIgnácio vaz
da qual logo morrera Joaó

Joze Joaquim filho domesmo emais
naó dice nem aoCustume eSendo
lhe lido oSeu juramento epello oachar
com forme oavia deposto oaSignou
com odito Juis Com huma Joze
Por naó saber ler nem escrever eu
Antonio Ferreira deFaria Tabelaão
escrevii

JoséManoeldeOliveira Francisco [rubrica]

Signal Crus + Salvador de Sa

Testemunha 15

Francisco Correia homem pardo Caza
do natural daFreguezia deCotia emo
rador notermo desta Villa que vive de
suas Lavouras idade que diceSer quaren
ta equatro annos mais oumenos Teste
munha jurada aos Santtos Evangelhos
emhumlivro delley sob cargodoque <Dito>

dice que ouvera dizer aTestemunha
JozeGomes que o falecido Ignacio
Vas eSeos filhos Joze Joaquim e Joaó
Vas assim queviraõ a Joaó Cardozo
emCaza deMiguel Leme aonde
aviam feito hú ajutorio de fiar, logo
emtraram adizer que boa Lua [ilegível]
terreno para aver molhar deSangue
e quelogo foraó adar nodito João
Cardozo estepuxara dehuma faca
dera huma facada nodito Ignácio Vas
daqual murrera aoutra em hum fi
lho denome Joze Joaquim emais naó dice
nem aoCustume sendolhe lido o
seu juramento epello oachar com for
me oavia deposto oaSignou com o dito
juiz comhumaCrus pur naó saber
ler nem escrever Eu Antonio

||6r||

⁷⁶ Número 15 aposto no canto superior esquerdo da página

⁷⁷ Antonio Ferreira de Faria Tabe
 liam oescrevy
Jozé Manoel de Oliveira Francisco [rubrica]
 Signal da Crus de + Francisco Correia

5 Testemunha 16
 João de Almeida homem branco ca
 zado natural devilla deParnahyba emora
 dor notermo desta villa deSorocaba que
 vive deSuas Lavouras idade que dice
 10 ser quarenta equatro annos mais ou
 menos Teste munha jurada aosSan
 tos Evangelhos emhum livro delley em
 que pos aSua mam direita sobCar
 go doqual dice que ouvira dizer que
 15 João Cardozo derahuma facada em
 Ignácio Vas daqual morrera eoutra em
 hum filho de nome Joze Joaquim
 easCauzas aos motivos dice não sabia
 mais não dice nem aoCustume
 20 eSendo lhe lido oSeu juramento pello
 oachar Com forme oavia deposto oaSig
 nouCom odito Juis eu Anto nio
 Ferreira deFaria Tabeliam oescrevy
Francisco[rubrica]
 25 Joao Almeida
 Testemunha 17
 Antonio Pais Correia homem branco
 Cazado natural deParnahyba emurador
 nesta Villa deSorocaba que vive deSuas
 30 lavouras idade que dice ser Sinco enta
 edous annos mais ou menos Testemunha
 jurada aos Santos Evangelhos emhumli
 vro delley em que pos aSuamam direita
 <Digo> Sobcargodoqual dice que ouviradizer
 35 avarias pessoas daquelle bairro que hindo
 o falecido Ignácio Vas com Seos filhos
 Jose Joaquim e Joáo Vas pur cauza de ri
 chas antigas adar humas bordoadas eJoaoCar
 dozo este depoisdeapanhar alguma pu
 40 chou por humafaca edeu hũa facada
 em o dito Ignácio Vas daqual murrera edera
 outra emofilho Joze Joaquim emais
 não dice nem aoCustume Sendo
 45 lhe lido oSeu juramento epello oachar
 Comforme oavia deposto oaSignou
 ||6v||

⁷⁷ Número 16 aposto no canto superior esquerdo da página

⁷⁸Comodito juis Comhumacruz por
 não Saber ler nem escrever eu Anto
 nio Ferreira deFaria Tabeliam oescrevy
Joze Manoel deOliveira Francisco [rubrica]

Signal Crus + deAntonio Pais Correa

Testemunha 18

Joaõ Dias daSilva homem brancoCazado
 natural daVilla deParnahiba emurador no
 termo desta Villa deSorocaba que vive de
 suasLavoiras idade que diceser Secenta
 annos mais oumenos Teste munha ju
 rada aosSantos Evangelhos emhumlivro
 delley emque pos aSua mam direita sob <Dito>
 Cargo doqual dice que heraVizinhade
 MiguelLeme equeeste fizera hum ajunto
 rio defiar aonde seajuntaram muita gente
 eque entroestes fira o falecido Jozénacio digo
 ofalecido Ignácio Vas com seos filhos Joaó Vas
 e Jose Joaquim eamulher dodito falecido
 equetam bem fora Joaó Cardozo pore
 m este quando chegou ja os outros LaSea
 chamavam eLogo comporaõ equiser Joaõ
 Cardozo Com palavras respeito afacto
 radaPonte do Rio de Pirapura tudo o Joaõ
 Cardozo eComo dava pore
 m vendo elles que elle não estava Com animo de
 brigar entrou hum filho do dito faleci
 do denome Joze Joaquim adizer que
 estava bom oterreno eaLua para brincar
 aver avermelhar Sangue comistoes
 te outro Irmaõ denome Joaõ Vas Cairaõ
 asbordoadas nodito Joaõ Cardozo aCu
 sando oPaý tambem adar Joaõ Cardozo
 puxara dehumaface edera huã facada
 em o dito Ignácio Vas doque murrera ede
 ra e outra emofilho Joze eComisto
 aCudio agente apartaram equeisto
 sabia em Razaõ de ouvia atos dos quantos
 Seachavam emodito ajuntamento omais
 não dice nem oachar todas esendo
 lhelido oSeu juramento pello oachar
 com forme oache deposto oaSignou
 comodito [Juis] eeuAntonio Ferreira
 deFaria Tabeliam oescrevy.
Joze Manuel deOliveira Francisco[rubrica]
 Signal da Cruz +Joaõ Dias

⁷⁸ Número 17 aponsto no canto superior esquerdo.

14

Feb 19

[illegible]

Signalung de t. *Handwritten signature*

Page 2

[illegible]

⁷⁹Testemunha 19

Antonio Ribeiro homem branco
 Cazado natural emurador desta villa
 deSorocaba que vive deSuas Lavoiras
 5 idade que dice ser trinta eoitto annos
 mais oumenos Testemunha jurada
 aosSantos Evangelhos emhum livro
 delley em que pos aSua mam direita
 <Dito> sobcarga doqual deu que aera
 10 publica naquelle bairro que Miguel
 Leme avia feito hum ajutorio defiar
 ou ropas eque neste ajutorio fora ofa
 lecido Ignacio Vas comSua mulher edous
 filhos hum denome Joze Joaquim
 15 eoutro denome Joaõ Vas e que ja
 tambem chegara Joaõ Cardozo eComo
 o falecido Joaõ Vas digo o falecido Ignacio
 Vas principio alterar vozes com Joaõ
 Cardozosobre afeitura daponte esto
 20 meio ecomodado ounesta mesma du
 vida dera a Joze Joquim huma bordo
 ada no Joaõ Cardozo elogo acodira
 oPay eoutro Irmaõ tambem adar que
 mando Joaõ Cardozo dehuma faca
 25 paraSedefender dera humafacada
 em Ignacio Vas daquallogo murrera
 edera outra no filho Joze e[ilegível]
 ouvira avarias dos queLa Seacharam
 emais não dice nem aoCustume
 30 sendo lhe lido oSeu [ilegível]
 pello oachar com forme oavia de
 posto oaSignou Com odito Juiz com
 humaCruz por não saber ler nem
 escrever eu Antonio Ferreira de
 35 Faria Tabeliam oescrevy
Jozé Manoel deOliveira Francisco[rubrica]
 Signal Crus de + Antonio Ribeiro
 Testemunha 20
 Joze Pais Antunes Maciel ho
 40 mem branco cazado natural e
 murador desta villa deSorocaba que
 vive deSuas Lavoiras idade que
 diceser Setenta tres annos mais
 oumenos Testemunha jurada aos
 45 Santos Evangelhos emhum livro de
 <Dito> lley emque pos aSuamam direita
 sobcarga doqual dice ouvera
 dizer que Joaó Cardozo derahuma

⁷⁹ Número 18 no canto superior esquerdo da página

80 falecera digo faleceu e que o mesmo
 João Cardozo dera huma facada em
 hum filho do dito falecido nome Joze Jo
 aquim emais não dice [ilegível] nem
 5 aoCustume eSendolhe lido oSeu
 juramento epello oachar com for
 me oavia deposto eaSignouCom o
 dito Juis euAntonio Ferreira deFa
 ria Tabeliam oescrevy
 10 Francisco[rubrica]
Joze Pais Antunes Masiel
Testemunha 21
 Francisco dePaula homem Oriundo
 daterra cazado natural emurador des
 15 ta villa deSorocaba que vive deSuas
 lavoiras idade que diceter Vinteehum
 annos mais oumenos Testemunha
 jurada aosSantos Evangelhos emhum
 livro delley emque pos aSua mão
 20 direita sobcarga doqual dice <Dito>
 que ouvira dizer que João Cardo
 zo derahuma facada em Ignácio
 Vas daqual murrera equetambem
 [ilegível] Cardozo dera outrafacada em
 25 Joze Joaquim Filho dodito Ignácio
 Vas emais não dice nada aCustu
 me eSendolhelido oSeu juramento
 pello [ilegível]oavia depos
 to oaSignou ocontheudo dito Juiz Com
 30 huma Crus por não Saber ler nem es
 crever euAntonioFerreira deFaria
 Tabeliam oescreveu
Jozé Manoel de Oliveira Francisco [rubrica]
 Signal Crus + Francisco Paula
 35 Testemunha 22
 Manuel Joaquim Lima homem
 pardoSolteiro natural emurador des
 ta vivilla digo desta villa deSorocaba que
 vive deSuaslavouras idade quedice
 40 ser vinte etres annos mais oumenos as
 testemunha jurada aosSantos Evan
 gelhos emhum livrodelley em que
 pos aSua mam direita sobcarga <Dito>
 doqual dice que ouveradizer avarios
 45

||8r||

⁸⁰ Número 19 aposto no canto superior esquerdo da página

John M. McKim. Esq.

Signal Officer *W. H. [unclear]*
W. H. [unclear]
 23

110
 111
 112
 113
 114
 115
 116
 117
 118
 119
 120
 121
 122
 123
 124
 125
 126
 127
 128
 129
 130
 131
 132
 133
 134
 135
 136
 137
 138
 139
 140
 141
 142
 143
 144
 145
 146
 147
 148
 149
 150
 151
 152
 153
 154
 155
 156
 157
 158
 159
 160
 161
 162
 163
 164
 165
 166
 167
 168
 169
 170
 171
 172
 173
 174
 175
 176
 177
 178
 179
 180
 181
 182
 183
 184
 185
 186
 187
 188
 189
 190
 191
 192
 193
 194
 195
 196
 197
 198
 199
 200
 201
 202
 203
 204
 205
 206
 207
 208
 209
 210
 211
 212
 213
 214
 215
 216
 217
 218
 219
 220
 221
 222
 223
 224
 225
 226
 227
 228
 229
 230
 231
 232
 233
 234
 235
 236
 237
 238
 239
 240
 241
 242
 243
 244
 245
 246
 247
 248
 249
 250
 251
 252
 253
 254
 255
 256
 257
 258
 259
 260
 261
 262
 263
 264
 265
 266
 267
 268
 269
 270
 271
 272
 273
 274
 275
 276
 277
 278
 279
 280
 281
 282
 283
 284
 285
 286
 287
 288
 289
 290
 291
 292
 293
 294
 295
 296
 297
 298
 299
 300
 301
 302
 303
 304
 305
 306
 307
 308
 309
 310
 311
 312
 313
 314
 315
 316
 317
 318
 319
 320
 321
 322
 323
 324
 325
 326
 327
 328
 329
 330
 331
 332
 333
 334
 335
 336
 337
 338
 339
 340
 341
 342
 343
 344
 345
 346
 347
 348
 349
 350
 351
 352
 353
 354
 355
 356
 357
 358
 359
 360
 361
 362
 363
 364
 365
 366
 367
 368
 369
 370
 371
 372
 373
 374
 375
 376
 377
 378
 379
 380
 381
 382
 383
 384
 385
 386
 387
 388
 389
 390
 391
 392
 393
 394
 395
 396
 397
 398
 399
 400
 401
 402
 403
 404
 405
 406
 407
 408
 409
 410
 411
 412
 413
 414
 415
 416
 417
 418
 419
 420
 421
 422
 423
 424
 425
 426
 427
 428
 429
 430
 431
 432
 433
 434
 435
 436
 437
 438
 439
 440
 441
 442
 443
 444
 445
 446
 447
 448
 449
 450
 451
 452
 453
 454
 455
 456
 457
 458
 459
 460
 461
 462
 463
 464
 465
 466
 467
 468
 469
 470
 471
 472
 473
 474
 475
 476
 477
 478
 479
 480
 481
 482
 483
 484
 485
 486
 487
 488
 489
 490
 491
 492
 493
 494
 495
 496
 497
 498
 499
 500
 501
 502
 503
 504
 505
 506
 507
 508
 509
 510
 511
 512
 513
 514
 515
 516
 517
 518
 519
 520
 521
 522
 523
 524
 525
 526
 527
 528
 529
 530
 531
 532
 533
 534
 535
 536
 537
 538
 539
 540
 541
 542
 543
 544
 545
 546
 547
 548
 549
 550
 551
 552
 553
 554
 555
 556
 557
 558
 559
 560
 561
 562
 563
 564
 565
 566
 567
 568
 569
 570
 571
 572
 573
 574
 575
 576
 577
 578
 579
 580
 581
 582
 583
 584
 585
 586
 587
 588
 589
 590
 591
 592
 593
 594
 595
 596
 597
 598
 599
 600
 601
 602
 603
 604
 605
 606
 607
 608
 609
 610
 611
 612
 613
 614
 615
 616
 617
 618
 619
 620
 621

Emilio de Alvarado

Post 24
Francisco Luis de Alva Irujo
a Clara natural de Sigüenza (Bata)

⁸¹a Varios que Joao Cardozo derahuma
 facada em Ignacio Vaz daqual morre
 ra aquetambem odito Cardozo de
 raoutra facada em Joze Joaquim filho
 do dito Ignacio Vaz emoq nos dice nem
 aoCustume Sendolhelido oSeu
 juramento pello oachar com feriu
 oavia deposto oaSignou comhuma
 Crus por não saber ler nem escrever
 euAntonio Ferreria deFaria Tabe
 liam oescrevy
Joze Manoel deOliveira Francisco[rubrica]
 Signal Crus de + Manoel Joaquim Leme

⁸² Testemunha 23
 Thimoteo deAlmeidaLara ho
 mem branco cazado natural e
 murador desta Vila deSorocaba que
 vive deSuas Lavoiras idade que di
 ce ser secenta equatro annos mais
 oumenos Testemunha jurada
 aosSantos Evangelhos emhum livro
 delley em que pos aSua mam direita

<Dito>sobCargo doqual dice que ouvi
 ra dizer emvos que emhum aju
 torio que fes Miguel Leme Sea jun
 taraó varios [ilegível] Ignacio Vas
 comsua mulher edois filhos
 hum denome joão Vas eoutro aJo
 ze de [ilegível] estes foraõ adar
 humas bordoadas em Joaõ Cardozo
 eCodindo tambem oPai adar odi
 dito Joaõ Cardozo lhederahua faca
 da daqual Logo murrera ederaou
 tra no dito filho Joze Ignacio
 dice nem aoCustume eSendo
 lhe lido oSeu juramento pello o
 achar Com forme oavia deposto
 aSignou Comodito Juiz eEu
 Antonio Ferreira deFaria Tabeliaõ
 oescrevy

Francisco[rubrica]

Thimoteo deAlmeida Lara

Testemunha 24

Francisco Leme daSilva homembran
 co Cazado natural daFreguezia deCutia

||8v||

⁸¹ Número 20 aposto no canto superior direito da página

⁸² Carimbo do Arquivo do Estado de São Paulo

⁸³deCutia emurador nesta Villa deSorocaba
 que vive deSuasLavoiras idade que dice
 ser vinte oito annos mais oumenos Teste
 munha jurada aosSantos Evangelhos em
 humtermo delley emque pos aSua mam
 5 direita sobcarga doqual dice que acham <Dito>
 doce emcaza de Miguel Leme emhum
 ajutorio vio eprezençou os filhos do faleci
 do Ignácio Vas hum de nome Joze Joaquim
 10 eoutro denome João Vas ade oficiaram aJoão
 Cadozo este não fizera Cazo o que lhe
 deziam que estava oterreno em para aver
 melhar sangue eoutras palavras porem em
 trando João Cardozo paradentro quando
 15 sahio [ilegível] lhe foram dando bordoadas os dous
 filhos do dito Ignácio Vas e o Paÿ tambem
 veio adar edefendeu diçe a Joaó Cardozo
 comhumafaca edera humafacada em
 Ignacio Vas daqual murrera edera outra
 20 no filho Joze Joaquim ao João ainda
 o foraSeguindo deulhe aindahumas bor
 dadas porem oCardozo ainda oatropela
 ra depois os apostaraõ omais não dice eao
 costume diceSer parente afinidade
 25 de Joaó Cardozo emSegundo grao
 mais não dice [ilegível] dice eSendo
 lhelido oSeu juramento epello oachar com
 forme oavia deposto oaSignou comodito
 Juiz eu Antonio Ferreira de FariaTabe
 30 liam oescrevii Francisco[rubrica]
Francisco Leme daSilva
 Testemunha 25
 Antonio Alves Rodrigues homembran
 cocazado natural emorador desta villa
 35 deSorocaba quevive deSuaslavoiras idade
 quedice ser trinta edois annos mais
 oumenos Testemunha jurada aosSan
 tos Evangelhos emhumlivro delley emque
 pos aSua mam direita sobCargo <Dito>
 40 doqual dice ouvira dizer nobairro que
 Joaó Cardozo dera hua facada em Ig
 nação Vas daqual murreraLogo equetam
 bem omesmoCardozo seja outra em [ilegível]
 da emhum filho do falecido denome
 45 Joze que o falecido Ignácio Vaz eSeos
 Filhos Joze e Joaó Vaz foraõ adar nodito
 Joaó Cardozo humas bordoadas e o

||9r||

⁸³ Número 21 aposto no canto superior esquerdo

Sydney, 26 Feb 1876

Force M. du Lat. Suff.

Signal day of Requiem Mass
 José Antonio Domínguez Curato

⁸⁴eoPaii que ja aviam vendo deCazo pen
sado as juras eque o dito Cardozo em
sua defeza dera as ditas facadas emais
não dice eoCustume diceSer parente
emSegundo grao emSanguinidade com
Joaõ Cardozo emais não dice eSendolhe
lido oSeu juramento epello oachar com
forme avia deposto oaSignou comodi
to Juiz Comhumacrus por não saber
ler nem escrever euAntonio Ferreira
deFaria Tabeliam oescrevy
Jozé ManoeldeOliveira Francisco[rubrica]
Signal daCrus de + Antonio Alves da Silva
Testemunha 26

JoaquimLeme homem branco Cazado
natural dacidade deSamPaulo emurador
notermo nesta villa deSorocaba que vivem
deSuaslavouras idade quediceser secenta
annos mais oudenos Testemunha jurada
aosSantos Evangelhos emhum livro delley
emque pos aSua mam direita sobCar
<Dito> go doqual diçe que hera publico naque
bairro que ofalecido Ignácio Vas eSeos fi
lhos Joaõ Vaz e Joze Joaquim aviam hido
deCazo pensado aos pares a Joaõ Cardozo
emCaza deMiguel Leme emhum
ajutorio que este fez eque os ditos foraõ adar
humas bordoadas em Joaõ Cardozo
emCaza deMiguel Leme emhum
ajutorio, que este fez eque os ditos foraõ adar
humas bordoadas em Joaõ Cardozo como
deraõ este sidefendera comhumafaca
ederahumafacada no dito Ignácio Vaz da
quelmurrera edera outra enoutro filho
denome Joze eaoCustume diceSer
parente de Joaõ Cardozo por afinidade
em Razaõ deste estar cazado comhúa
sua netta emais não dice eSendo lhe lido
oSeu juramento epello ouvir comfor
me ouvia deposto oaSignou comodito Juis
comhuacrus por não saber ler nem
escrever eu Antonio Ferreira deFaria
Tabeliam oescrevy
Joze Manoel deOliveira Ferreira[rubrica]
Signal Crus de + Joaquim Leme
Testemunha 27
Joze Antonio homem branco cazado

||9v||

⁸⁴ Número 22 aposto no canto superior esquerdo da página.

⁸⁵ Cazado natural emurador desta desta vi
 lla deSorocaba que vive deSuas Lavoiras
 idade quedice Ser trinta edous annos mais
 oumenos Testemunha jurada aosSantos E
 5 vangelhos emhum livro delley sobCargo <Dito>
 doquel dice que ouvira dizer atodos os
 queSeachavam emCaza deMiguel Le
 me que Ignácio Vaz eSeos filhos João Vaz
 aJoze daquela aviam ido deCazo pensa
 10 do es perar a João Cardozo por Rixas antigas
 que tinham por Cauza dehuma mulher cha
 mada Izabel Maria logo que chegou
 João Cardozo emtraraõ aprocurar [ilegível]
 Debrigarem eVendo que este des farçava ou
 15 [ilegível] adizer oterreno estava bom paraver
 me lhar deSangue eaMais destes dizer que
 es peravam nesta [ilegível] cercam asbordoadas
 nodito Cardozo [ilegível] dera por hũa faca
 para Sidefender edera hua facada em Igna
 20 cio Vas doqual murrera edera outra ao fi
 lho Joze Joaquim emais não dice aoCostu
 me dice Ser sogro de João Cardozo e
 mais não dice eSendolhe lido oaSignou jura
 mento epello oachar Comforme oavia
 25 deposto oaSignou comodito Juiz Com
 humacruz eu Antonio Ferreira deFa
 ria Tabeliam oescrevy
Jozé Manoel deOliveira Francisco[rubrica]
 Signal Crus de + Joze Antonio
 30
 Testemunha 28
 Joaquim Antunes homem branco
 Solteiro natural emurador desta villa
 deSorocaba que vive deSuas lavoiras ida
 35 de que diceser des eseis annos mais ou
 menos Testemunha jurada aos Santtos E
 vangelhos emhum livro delley emque
 posa Sua mam direita sobcargodoqual <Dito>
 dice que ouvira dizer naquele bairro que
 40 emcaza deMiguel Leme dera hũa
 facada Joaó Cardozo em Ignácio Vaz da
 qualmorrera que omesmoCardozo de
 ra outra em hum filho denome Joze
 Joaquim emais não dice nem aos Custu
 45 mes eSendolhe lido oSeu juramento

||10r||

⁸⁵ Número 23 aposto no canto superior esquerdo da página

⁸⁶juramento oaSignou ConhuaCrus
que não saber ler nem escrever euAn
tonio Ferreira deFaria Tabeliam oescre
vy Jozé ManoeldeOliveiraFrancisco[rubrica]

5

SignalCrus de +Joaquim Antunes

Testemunha 29

10

Lourenço Justo homem oriundo da
TerraCazado natural emorador desta
Villa deSorocaba quevive daSuasLa
voiras idade que diceser Sincoenta
annos mais oumenos Testemunhaju
rada aosSantos Evangelhos emhumlivro
delley emque posa Suamam direita

15

<Dito> sobcarga doqualdice que averadizer
que aviam feito huma morte nocam
poLargo dePirapura oqueaviam fa
quiado aoutro jovem oComo foi aquem
20 fez não sabia mais não dice nem
aoCustume oSenhor lido oSeu ju
ramento pello oachar conforme
oavia deposto oaSignou comodito
juiz ComhumaCrus por não Saber
25 Ler nem escrever eEuAntonio
Ferreira deFaria Tabeliam oescre
vy

25

Jozé Manoel deOliveira Ferreira[rubrica]

SignalCrus de + Lourenço Justo

30

Testemunha 30

Joze Lourenço deOliveira homem
branco Cazado natural emorador de
ta villa deSorocaba que vive deSuas
35 lavoiras idade que diceser sinco enta
annos mais oumenos Teste munhaju
rada aosSantos Evangelhos emhum
<Dito> livro delley emque posa Sua mam di
reita Sobcarga doqual dice nada
40 nem aoCustume esendolhelido
oSeu juramento epello oaver com
firmado oavia deposto oSignoucom
odito Juiz Eu Antonio Ferreira de
Faria Tabeliam oescrevy

40

45

||10v||

⁸⁶ Número 24 aposto no canto superior esquerdo da página

Com sua pr. mencia de qua lman
 e de sua pr. mencia de qua lman
 e de sua pr. mencia de qua lman
 e de sua pr. mencia de qua lman
 e de sua pr. mencia de qua lman
 e de sua pr. mencia de qua lman

Sta. Cam. de 1806. Dia 3 Juiz
 um hum so. Ant. de Corpo de Delitos in-
 cluir o costumeiro. e a saber os Crimes. 4. q.
 hum 5. Agreuer, e humas. Deuaua. Cause
 e de seguinte para os beris do Pro. e q.
 manda se. Proueda, apensando-se. a Deuaua, o
 q. tambem o Juiz logo deura juratuar.

Amida

⁸⁷com sua pronuncia a qualman
da Se Cumora eguarde Como nella
Se com etem e declara deque para
constar fiz este Termo eu Antonio
Ferreira de Farias Tabeliam
o escrevy

Testemunha Corrente de 1801 Devia o Juiz
em hum só Autto de Corpo de Delicto in-
cluir o conhecimento de ambos os Crimes visto que
hum o Agravos, e hum a Devaça. Passe
o dito de sequesto para os ben's do Reo, aque
mando se Proceda, apençando-se á Devaça, o
que tambem o Juiz logo devera praticar.
Almeida[rubrica]

||11r||

⁸⁷ Número 25 no canto superior esquerdo da página

06

Apontado

4
4

Nos cinco dias do mes de Fe-
 vereiro de mil oitocentos
 trinta e tres annos nesta
 Villa de Jundiahy Comarca
 da Imperial Cidade
 de San Paulo em casa
 de morada do Juiz Ordi-
 nario pelo seu Officio
 Joao Pereira de Almeida
 onde em surtidas ao diante
 nomeado me achava deson-
 do ahi para effeito de sur-
 timentadas e inquiridas
 e por que tanto os testemu-
 nhos pelo dito Juiz aquies-
 foram notificados pelo cor-
 rimento cartorio e de de-
 da, e em dictos e em to por
 mim e os meus e os seus nomes
 legimos e lamos natural-
 Bades officios e idades ditos e
 e costumes tudo he o que ao di-
 ante se requer e em flamen-
 te termo em Joao Chaves e
 o seu

Desta se

Joaquim Francisco de Go-
 mez homem branco solte-
 ro natural amador de
 ta villa, vive de uso officio
 de efficiate idade quaren-
 ta e cinco annos testemu-
 nha jurada aos Santos e
 Evangelhos em hum livro
 e llos em que por viram
 deante do cargo do qual
 Me foi em comegado a digu-
 ben efficiate e declara-
 u a verdade do que se con-
 ta do que se perguntou Me
 fosse imutavel por elle adito
 juramento a fim de pro me

⁸⁸Assentada

Aos cinco dias domes de Fe
 vereiro demil oito centos
 etrinta etres annos nesta
 5 villa de Jundiahi Comar
 ca da Imperial Cidade
 de Sam Paulo em cazas
 demorada do Juis ordi
 nario pela Lei o Capitão
 10 José Pereira de Queiros
 onde eu Escrivão ao diante
 nomeado me achava e Sen
 do ahi para efeito deserem
 juramentadas inqueridas
 15 e p regun tadas as testemu-
 nhas pelo dito Juis as quais
 forão notificadas pelo [ilegível]
 [ilegível] Caetano Jose de Lacer
 da, esem destes escritos por
 20 mim as mes mas seus nomes
 Cognomes estado naturali-
 dades officios idades ditos e
 costumes tudo he o que ao di
 ante se seguede que facoes
 25 te termo eu José Adriano o
 escrevy

Testemunha 1^a

30 Joaquim Francisco de Go-
 doy homem branco soltei-
 ro natural emorador de-
 ta villa, vive de seo officio
 de Alfaiate idade quaren-
 ta e cinco annos testemu-
 35 nha jurada aos San tos E
 vangelhos em hum livro
 dellei em que pos sua mão
 direita sob cargo do qual
 lhe foi in carregado de q ue
 40 bem efie l mente declara-
 se a ver dade do que sou des-
 sa do que preguntada lhe
 fosse incubido por elle o dito
 45 jur amento afim pro me

||1r||

⁸⁸ Aposição de terceiros do número 06 no canto superior direito da página

07/

L

prometteram de umgeirado, com-
do the purgun tado puto eta-
to de the Sumario qum tu-
do the foi declarado. Dize
sabe por vir o buraco que
as penas furerão na ca-
da, e por onde se evade-
ras enjos buracos. Foi etu-
torio de churedo, e tu torio
Joagim, e churedo perito es-
cravo que tas bnd se acha
perro, este e dito churedo se
achava na comante, com
tudo fugirao, isto aron tu-
em achos de chavando de ar-
no proos pafado, cujo
arrembar. into foi feito so-
pulos ditor perros, mas tu-
rao adutorio de foras defe-
mais elle testemunha que
onvio de Joagim Canhu-
ro que estando nta de guar-
da na cadeia em Chica
voute adito churedo que se
achava priro quis dar the
munte aguarden tralado
e que flexasse apanella e pre-
duo mnd que nta tinha pe-
rige, e logo chugando nta en-
marda de guarda de nina
Foi dital, e pcurar-se de-
gitante por que nta de
os perros com intentos de
fugerim. mais nta de fer
elendo de juramento por
achad com forma de a fignon
com elle pois em foi et
diario de Chiviro Suri.
vao asservi

Luiz roym Joaõ de S. e D. Godai

⁸⁹prometeu de[ilegível] eom-
do lhe perguntado pelo Au-
to des te Sumario quetu
5 <Dito> do lhe foi declarado. Dice
sabe porver o buraco que
os prezos fizerão na Ca-
deia, epor onde se evadi-
rão cujos herão José Na-
10 tonio de Azevedo, eAntonio
Joaquim, ehum preto es-
cravo que tão bem se acha
prezo, este eo dito Azevedo se
acharão na corrente, com
15 tudo fugirão, eisto acontece
em annos deNovembro do an-
no proximo passado, cujo
arrombamento foi feito so-
pelos ditos prezos enão tive-
20 rão adjutorio defora, disse
mais elle testemunha que
anviso de Joaquim Pinhei-
ro que estando este deguar-
da na cadeira em húa
25 noite odito Azevedo que se
achava prezo quis darlhe
menta aguardenteabeber
eque fixasse ajanella efosse
dormir que não tinha pe-
30 rigo, elogo chegan outro ca-
marada da guarda de nome
José detal, epuzerão-se vi-
gilante por que estavam
os prezos com intuito ea
35 fugirem emais não disse
etendo seu juramento por
achar conforme seaSignou
com elle Juis eu José A-
drianno deOliveira Escri-
vão oescrevi
40
Queiros[rubrica] Joaquim Francisco deGodoi
||1v||

⁸⁹ Aposição de terceiros. Número 07 aposto no canto superior esquerdo

⁹⁰Testemunha 2^a

Antonio Joaquim de Godoi
 homem branco, cazado, na
 tural de João João de Atiba
 ia emurador na Freguezia
 do Bellem, vive de negocios
 idade trinta equatro annos
 testemunha quem o dito
 Juiz defferio o juramento
 dos Santos Evangelhos em
 hum livro dellei em que pos
 sua mão direita sob cargo
 do qual lhe foi encarregado
 de que bem e fielmente de
 clarasse a verdade do que
 soubesse do que pergunta-
 do lhe fosse incumbido por elle
 o dito juramento assim pro-
 metteo de cumprir . Sem-
 do lhe perguntado pelo Au-
 to deste sumario que tu
 do lhe foi declarado. Dice
 sabia por vos publica que avião
 arrombado a cadeira huns pre-
 zos que nella se achavão sem-
 do hum deles José Antonio
 de Azevedo, e os outros ignora
 seus nomes, e mais não disse
 nem do costume elido o seu
 juramento por achar confor-
 me tinha jurado sea Signou
 com elle Juiz com húa cruz
 por não saber escrever e eu
 José Adrianno de Oliveira
 o escrevi

<Dito>

Queiros [rubrica] Signal de Antonio + Joaquim de GodoyTestemunha 3^a

Aleixo Mariano da Trindade
 branco Solteiro natural
 de Taubate e nestas moradas
 vive de seu officio de Sapatei

||2r||

⁹⁰ Marca posterior. N.º 08 apostado no canto superior esquerdo

⁹¹Sapateiro idade vintehum
 anno testemunha jurada
 aos Santos Evangelhos em
 5 hum livro dellei em que
 pos sua mão direita Sobcar
 go do qual lhe foi encarre-
 gado de que bem efieimen-
 te dissesse a verda de do que
 10 Soubesse do que pergunta
 do lhe fosse incubido por elle
 o dito juramento e a ssi impro-
 meteo de cumprir, E sendo
 lhe perguntado pelo Auto
 15 desta Devasa que tudo lhe
 <Dito> foi declarado. Dice saber
 por vos publica que José
 Antonio de Azevedo tinha
 estado prezo e que tinha
 20 arrombado a cadeia, e tinha
 fugido junto outros que tão
 bem se acharão prezos, e isto
 aconteceu em o mes de Novem-
 bro do anno proximo pas-
 25 sado no dia antecedente que
 elle depuente aq ui chegou
 nesta villa, e logo soubede
 tudo o que depos, elle pos, e mais
 não disse e nem do cus tu
 30 me e Sendo seu juramen-
 to por achar conforme
 tinha jurado sea Signou
 com elle Juis eu Jose A
 35 drianno de Oliveira Escri-
 vão qe o escrevy

Queiros[rubrica] Aleixo Mariano da Trindade

Testemunha 4ª
 40 Benedito José Romão homem
 pardo Solteiro natural da
 cidade de São Paulo e nesta
 morador, ferreiro, idade vin-
 te e oito annos testemunha
 45

||2v||

⁹¹ Marcação de terceiros. Número 09 no canto superior esquerdo.

[illegible]

Luiz de B. José Romão

Lehigh

Don Rodriguez Bataste Herman

⁹²Testemunha aquem odito
 Juis lhe defferio o juramen-
 to dos Santos Evangelhos
 em hum livro dellei em
 5 que pos suamão direita
 sobcarga doqual lhefoi
 encarregado dequebem efiei-
 mente declarasse averda-
 de doquesoubesse e doque
 10 perguntado lhefosse ein-
 cubido por elle odito jura-
 mento assim prometeo de
 cum prir, esendolhe pergun-
 tado pelo Auto deste Suma-
 15 rio quietudo lhe foi declara-
 do. Dice sabia por ser publi-
 co que Jose Antonio deAzeve-
 do que se achava prezo na
 cadeia desta Villa, e en corren-
 20 tado, adjunto com mais outro
 prezo preto escravo, ehum
 denome Antonio Joaquim,
 este foi oquefes o arromba-
 mento na cadeia por onde
 25 fugirão todos os tres por
 insinuação do dito Azevedo,
 elle testemunha vio o arrom-
 bamento feito quando forão
 proceder o corpo de delicto
 30 eisto foi em omes de Novem-
 bro proximo passado e
 mais não disse, enem do
 costume eSendo oseu jura-
 mento por achar com for-
 35 me tinha jurado seaSig
 nou com elle Juis eeu Jozé
 Adrianno deOliveira Escri-
 vão oescrevy
 40 Queiros[rubrica] Benedito Jozé Romão ⁹³

<Dito>

Testemunha 5^a
 José Rodrigues Batista homem

45

||3r||

⁹² Aposição de terceiros. Número 10 aposto no canto superior esquerdo da página.

⁹³ Carimbo do Arquivo do Estado de São Paulo

11
 humam pardo curado na-
 tural de Parnatiba, mes-
 temorados, vive de Trabe-
 thas no cam-illo de Santos
 idade quarenta e oito an-
 nos testemunha jurada
 aos Santos Evangelhos em
 oitros d'elles em q' eu posso
 mais de vinte Saberes de
 quel' Mafas encorregu-
 do degen bende fustamente
 autorasie avir da de sagu-
 lantissid degen por q' con-
 tado the fone em bide
 por elle adito juramento
 a fim prometer de cum-
 prir. E quando the per que-
 tado pelo chuto de te su-
 mario q' em tudo the foi
 delarado. Disse sabia
 por ver publico q' em São
 Antonio de eburado foi
 quando arrombará a ladina
 desta villa em cuja saccha
 va preso, e encorregado,
 emais mas de feneu de
 costume e lido osu jura-
 mento por achad con for-
 me da feignon condelle
 fuis com theu cruy por
 mas sabes escribes em
 fuis o de caino de theuira
 fuis as occisioy

Luiz de Signal de Juri +. Ruy
 Batista

Test. B.ª. repida

Joazeiro fuis Centeiro ho-
 mand branco, saltem natu

⁹⁴homem pardo cazado na-
 tural de Parnahiba, enes-
 tamorador, vive detraba-
 lhar no concellho de Santos
 5 idade quarenta eito an-
 nos testemunha jurada
 aos Santos Evangelhos em
 olivro dellei em que pos sua
 mão direita sobcarga do
 10 qual ellefoi incarrega
 do dequebem efielemente
 declarasse averda de doque
 soubesse doque pergun-
 tado lhefosse incubido
 15 por elle odito juramento
 assim prometeo decum-
 prir, Esendolhepergun-
 tado pelo Auto deste Su-
 mario que tudo lhefoi
 20 <Dito> declarado. Disse sabia
 por vos publica que José
 Antonio de Azevedo foi
 quem arrombara aCadeia
 destaVilla emcuja seacha
 25 va prezo, eencorrentado,
 emais não disse enem do
 costume etido assim jura-
 mento porachar confor-
 me seaSignou com elle
 30 Juis com húa crus por
 não saber escrever eu
 Jozé Adrianno deOliveira
 Escrivão oescrevi
 35 Queiros [rubrica]Signal deJosé + Rodriguez
 Batista
 Testemunha 6ª referida
 Joaquim José Pinheiro ho-
 mem branco, solteiro natu

40 ||3v||

45

⁹⁴ Marcação de terceiros. Aposição do número 11 no canto superior esquerdo da página

12

7
2

natural de Juquei nesta
 morador, de negaños, idade
 de oito annos. testemunha
 jurada aos Santos Evangelhos
 que em hum livro elle
 assignou sua mão de mi-
 ta e charge da qual. He
 por incommoção de hum fe-
 el meinh declarame com
 dados san hno. e deger
 purguntado. He fone,
 sendo de por elle adito. ju-
 rameto a fim de ser me-
 tro de hum juiz. Sendo
 He purguntado pelo che-
 to aulta D. vasa quinta
 He fone declarado pelo
 hum me fone. Dize da-
 bica por oit elle testimen-
 nha hea das sentençellas
 em hea das sentençellas
 verpura de fone em os por-
 xos da ladeita, e me fone
 te elle testimenha pur-
 to com outros sentençellas
 que ahi estava nas duomi-
 rias vigilante, pelos indi-
 cios de quem den fone
 tonis de fone de quem na cha-
 ra por os purto com outros
 parqum aquelle obreidos
 quis enganar elle testimen-
 nha com He da muni-
 ta de guardante obreidos, aquen-
 elle testimenha de confi-
 on duto, por um nas sain-
 do nua nante por quem avia
 sentençella, e logo em por
 cor dias fone todos os
 por avon bande aladica
 logo arfexad de fone an

⁹⁵ natural de Juquei nesta

⁹⁵ Dados de terceiros. Inserção do número 12 no canto superior esquerdo da página.

morador, de vigarios, idade
 desoito annos testemunha
 jurada aos Santos Evange-
 lhos em hum livro dellei
 5 emquepos sua mão direi-
 ta sobcarga daqual –lhe
 foi encarregado debem efi-
 elmente declarasse aver
 dadado soubesse doque
 10 perguntado lhe fosse,
 incubido por elle odito ju-
 ramento assim prome-
 teo decumprir. Esendo
 perguntado pello Au-
 15 to desta Devasa quetudo
 lhefoi declarado pelo
 mesmo Juis. Dicesa-
 bia por ser elle testemu-
 nha húa das sen tinellas
 20 emhúa das noites ante
 verpara de fugirem ospre-
 zos da Cadeia, enessanoi-
 te elle testemunha jun-
 to com outro sen tinella
 25 que ahi estava não durmi-
 rão vigilante, pelos indi-
 cios de que deu José An-
 tonio deAzevedo que seacha-
 va prezo junto com outros,
 30 porque aquelle Azevedo
 quis enganar elletestemu-
 nha com lhe dar mui-
 ta aguardente abeber, aque-
 elle testemunha desconfi
 35 ou disto, porem não sain-
 do nessa noite porque avia
 sentinella, elogo em pou-
 cos dias fugirão todos as
 tres arrom bando aCadeia
 40 logo aofixar da Noite an

<Dito>

13/

antes q' se p'ra ali visum
as sentenças, em an nã
desejando de ent' tanto, e
isto assim p'ramente por
autas conforme tinha
jurado de fazer, now com
com os seus me fuis
em f'ra de d'ia de ali
viva l'viva q' mecum

Queroo Signal de f'ra de d'ia de ali

Conclusão

Os cinco dias do meu de f'ra de
no d'ia de ali em f'ra de d'ia de ali
tres annos em f'ra de d'ia de ali
de ali com area de f'ra de d'ia de ali
cidade de São Paulo em
l'viva de meu l'viva
as d'ia de ali em f'ra de d'ia de ali
de ali f'ra de d'ia de ali com
cl'viva de f'ra de d'ia de ali
da f'ra de d'ia de ali f'ra de d'ia de ali
de f'ra de d'ia de ali f'ra de d'ia de ali
em f'ra de d'ia de ali f'ra de d'ia de ali
na de f'ra de d'ia de ali f'ra de d'ia de ali
arreu

Os.º R. f'ra de d'ia de ali
em f'ra de d'ia de ali 1835
co 2.º no.º se sabe vram into as, l'viva f'ra de d'ia de ali
onde ex'iste.

Par.º Am.º

Os.º R. f'ra de d'ia de ali
em f'ra de d'ia de ali 1835
co 2.º no.º se sabe vram into as, l'viva f'ra de d'ia de ali
onde ex'iste.

Jose Pereira de f'ra de d'ia de ali
Data

96antes que para ali vaiSem
 assentinellas, emais não
 disse enem do costume, e
 lido assim juramento por
 5 achar conforme tinha
 jurado seaSig nou com
 [ilegível] com o mesmo Juis
 eu Joáo Adrianno deOli-
 veira Escrivão que oescrevy.
 10 Queiros [rubrica]Signal de Joaquim + José Pinheiro

Conclusão

Aos cinco dias do mes de Feverei-
 15 ro demil oito centos trinta e
 tres annos nesta Villa de Jun-
 diahi comarca de Jau [ilegível]
 cidade de Sam Paulo em
 Cartorio demim Escrivão
 20 ao diante nomeado esen-
 do ahi faço estes Autos con-
 cluzos ao Juis ordinario pe-
 la Lei oCapitão Jozé Ferrei-
 ra de Queiros deque faço
 25 este termo eu José Adrian-
 no deOliveira Escrivão o
 escrevi

Concluzos

Os ditos das testemunhas imqueridas
 30 < Os ditos Reus fal[eceram]> neste somario obrigaô aprizao eli
 <em Fevereiro de1835>vramento aos Reos Jose Antonio de
 <eo 2º não se sabe>Azevedo, eAntonio Joaquim. O
 <onde existe.>Escrivaô lance seos nomes no Ror de
 <OEscrivam Oliveira>cruspados evisto seaxar seguro
 35 primeiro Reo sepacem aos dens nece-
 carias para ser prezo oSegundo em
 Segredo de Jus tica Jundiahy 5 de
 Fevereiro de 1833

Joze Pereira de Queiros[rubrica]

40 Data

||4v||

45

⁹⁶ Marcação de terceiros. Número 13 aposto no canto superior esquerdo.

Inquérito Policial de 1868 – Delegacia da Campinas

Suma de infanterías batalladas en
fuerte de Santa Rosa en Puerto
Yuri Rodriguez de Sanga

Assim de sebaiz de mil ante emter sup-
 tanta eate. aumir msta eaduaon-
 banfimas e Salla Das audirerica,
 eua se achava e Delgado de Bahia
 Panteo Jacquim Jose Vieira de Cam-
 tho com migo. Enivam a diante me-
 smado, alie fupente o fante e de-
 teur a ule ofis por as fuperguente
 seguintes: Comandade geral o
 Uro nome, Pader, msta, msta
 lidade, Oaficam e regiduria e
 se era Eeraas Engenm? Refiam
 'eio chamar se eaduaon, e msta
 per igerora, doctois, e fupicam
 eaduaon, regiduria msta ci-
 Pader, eaduaon ser liberto e nam
 Eeraas eua se acha eaduaon
 eo se fupia. Oaficam eua
 se tuita Das o fante eaduaon
 te da fante e fante eua?
 Refiam que o fante eaduaon
 eaduaon msta eaduaon
 ginital e fante. Pader
 de Salla eaduaon as msta se
 ra. De msta msta, eaduaon
 refiam que o fante eaduaon
 a se eaduaon eaduaon eaduaon
 diva que e fante eaduaon
 eaduaon, que nam eaduaon

Termo de informações tomadas ao –
furto Antonio Escravo do Doutor
José Rodrigues de Souza

Aos de-
zeseis de Maio de mil oito cento ses-
senta eito annos nesta cidade de
Campinas e Salto das audiencias
onde se achava o Delegado de Policia
doutor Joaquim Jose vieira de Carva-
lho com migo Escrivam adiante no-
meado, ahipergunta o facto aAn-
tonio a elle oJuis por as perguntas
seguintes: Perguntado qual o –
homem, idade, estado, natura-
lidade, proficam e residencia e-
se era Escravo deque? Respon-
deoo chamar-se Antonio, de idade
que ignora, solteiro, Africano-
cozinheiro, rezidente nesta ci-
dade, declarou ser liberto e nam-
Escravo como se acha declara-
do supra. Preguntado como
se tinha dado o facto comtou-
te da parte de folhas duas?
Respondeo que de facto elle-
imprudente entrou dentro do-
quintal de Felisberto Rodrigues
de Souza ontem as nove ho-
ras da noute mais ou menos,
eficou que o levou ali era
a de estar com apreta ban-
dida que é parceira delle-
respondente; que nam levava

40 $||1r||$

45

⁹⁷ Marcação de terceiros. Número 03 aposto no canto superior direito da página

04

Senaun tuncan di faye unal -
 a riu qum unu de cada -
 firtat. prange murea tra -
 son estum, per murea bal -
 tande atangia es quintal, e que -
 logo exora salis firta firta
 Pa lha firta que apratunha
 murea duntis da cara cam -
 ardem es prosperitatis nati -
 o action infirmitas murea -
 accagiam, a que illi respan -
 debit aliter i anis asigam.
 Etada murea duntis murea firta
 firta murea. Elid. achauis -
 estum asigam isem ofis
 ludo aliter firta murea
 salis ludo murea firta
 gism aliter aliter aliter aliter
 aacho. Eum tuncan octantifi -
 mo firta estum murea per ois
 prandente firta murea da -
 firta murea as murea cam -
 aliter. Eum firta murea firta
 di firta murea murea murea.

D. W. C.

Brojo firta murea murea murea

Infamacion firta murea murea murea

Eum acto murea firta murea murea
 firta murea murea murea murea
 a illi ofis firta murea murea

Levava tençam de fazer mal- ⁹⁸
 a mim quem assim de nada-
 furtar, porque nunca trou-
 sse costume, que entrou sal-
 5 tando ataiça do quintal, e que
 logo depois sahio pela porta
 da hua por que apatente a
 entrou dentro da casa com-
 ordem do proprietario eahi
 10 oachou [ilegível] nessa-
 occaziam, o que elle respon-
 dente [ilegível] e como aprizam
 Nada mais disse nam foi
 preguntado. Elido achando-
 15 conforme aSsigna com o Juis
 sendo aSeo rogo por nam-
 saber ler em escrever Joa-
 quim Manoel Mendes Car-
 valho. Em tempo oilustissi-
 20 mo Juis determinou que o res-
 pondente fosse relaxada da-
 prizam fazendo os autos com-
 clusos. Eu Joaquim Franco
 de Pontes Escrivam interino nomais
 25 Arogo Joaquim Manoel Alves de Carvalho
 Informações tomadas a viciante
 Ferreira de Oliveira Prado.
 Em acto sucessivo pergunta dian-
 te Ferreira de Oliveira Prado,
 30 a elle oJuis fes as perguntas

35 ||1 v||

40

⁹⁸ Aposição de terceiros. Número 04 apsto no canto superior esquerdo.

05

Perguntas e respostas: Qual esse
 nome, idade, estado, natu-
 raleza, Profissão e residência?
 Responde: Chamar-se de nome
 Thome de Almeida Prado, e ter
 ta annos, casado, natural desta
 cidade, Sultão. Perguntado:
 como se tinha dado o facto
 e quanto da parte de facha-
 ra? Responde: que estando eu
 informante na cadeia como
 guarda, veio Epifanio Jann de
 Alencar dar parte a este informa-
 te, que nos facha, da casa de
 Felisberto Rodrigues de Souza
 tanta com indivíduos de fora
 e de dentro de arruabar a facha.
 Da casa de Jaci de Barros Coutinho,
 ao qual este informante dirigio
 de se fugir indivíduos, já nam
 encontram abito indivíduos, mas
 sim antigas, na Taipa, e tanto eu
 informante e mais guardas diri-
 giram-se a casa de Ruy de Tal.
 e ali por ordem da Suleira de
 Felisberto Rodrigues de Souza arran-
 haram no quintal nada abti-
 ram, incluindo antigas, na
 Taipa e quintal de esta casa
 para alar de Felisberto, ali en-
 ram hũa no quintal de
 Felisberto Rodrigues de Souza
 por ordem da dita Suleira

perguntas seguintes: Qual o seo⁹⁹
 nome, idade, estado, natura-
 lidade; Profiçam e residencia?
 Responde chamar-se Vicente
 5 Ferreira de Oliveira Prado, detrin-
 ta annos, casado, natural dessa
 cidade, solteiro. Preguntado-
 como se tinha dado ofacto
 constante da parte de folha
 10 duas? Respondeo que estando elle-
 informante na cadeia como-
 quando oreo Ipifanio Gomes de-
 Aleixo dar parte a elle informan-
 te, que nos fundos da casa de
 15 Felisberto Rodrigues de Souza es¹⁰⁰
 tava um individuo de pon-
 chu tentando arrombar ajanella
 da casa de Jose de Barros Penteado,
 ao que elle informante dirigio-
 20 se ao lugar indevido, ja nam-
 encontrou odito individuo, maz
 sim vestigios na taipa, entam ele-
 respondente e mais guardas deri-
 giram-se a casa de Reza de tal.
 25 E ahi por ordem da Senhora de-
 Felisberto Rodrigues de Souza deram-
 busca no quintal nada obti-
 veram, inchugando vestígios na-
 taipa do quintal da dita casa,
 30 para olado deFelisberto, ahi de-
 ram busca no quintal de -
 Felisberto Rodrigues de Souza-
 por ordem da dita Senhora

35

||2r||

40

⁹⁹ Menção de terceiros. Aposição do número 05 no canto superior direito da página

¹⁰⁰ Carimbo Circular do Arquivo do Estado de São Paulo

Senhora encontraram o preto¹⁰¹

Antonio na porta do quintal,
prenderam e recolheram a cadeia
desta cidade. Perguntado se elle-

5 informante nam sabia aque,
fim o preto pulou ataipa pa-
ra entrar no dito quintal?

Respondeo que nam sabe. Eli-

do achando conforme a Signa-
10 com o Juis. Eu Joaquim Fran-
co de Pontes Escrivam interino oescrevi.

Jose Vieira Carvalho

Vicente Ferreira de Oliveira Brado.

Informações tomadas a Benedicto

15 Antonio de Moraes.

Em acto

[ilegível] pergunta Benedicto

Antonio de Moraes aelle o Juis

20 fes as perguntas seguintes: Qual

o Seonome, idade, estado, natu-

ralidade Profiçam e reziden-

cia? Respondeo chamar-se

Benedicto Correa digo, Beneficto

Antonio de Moraes, de trinta e-

25 dois annos mais ou menos, casa-

do, natural e morador nesta

cidade, ainda vive de suas aguar-

cias. Perguntado como se tinha

30 dado o facto constando da par-

te de folha dois? Responde que-

ontem as nove horas da matina

ou menos, estando elle informou-

35 ||2v||

40

45

¹⁰¹ Adição de terceiros. Aposição do número 06 no canto superior esquerdo da página

na cadeia onde elle, digo, onde é¹⁰²
 como mandante do destacamento
 dice Ipifanio Gomes de Abreo dar lhe
 parte que nos fundos de uma
 5 casa unida a de Felisberto Rodri-
 gues de Souza estava um in-
 dividuo de ponche tentando-
 a saltar ataiapa para dentro
 ao que elle informante com-
 10 mais algũas praças dirigirão-
 se ao lugar indicado ja-
 nam encontraram odito in-
 dividuo e seus vestigios na
 taipa de que o individuo ja-
 15 tinha saltado para dentro, res-
 tam elle informante cercar o-
 quintal e pedio licença para
 a Senhora de Felisberto Rodrigues
 de Souza para darem busca
 20 no quintal, conseguida esta
 licença deram busca e em-
 contraram oreferido indivi-
 duo na porta do quintal –
 entam perderam a recolhe-
 25 ram acadeia. Perguntado se-
 elle informante sabe oque foi
 o dito preto entrou nesse quin-
 tal? Respondeo que nam.
 Nada mais disse. Elido achan-
 30 do conforme assigna com o Juis.
 Eu Joaquim Franco de Pontes
 Escrivam interino oescrevi.
José VicenteCarvalho
Benedito Antonio de Moraes
 35

40

||3r||

¹⁰² Informação de terceiros. Número 07 aposto no canto superior esquerdo.

Inquérito Policial de 1890 - Cidade de Campinas

08

5 5

Inquérito policial

Aos dias de Novembro de mil novecentos e 1.500
 noventa, nesta cidade de Campinas,
 isolados andamieiros, presentes o sub-
 delegado Porino Prado, amigo Escrivão,
 ali presente Alfredo da Costa Godinho, 1.º Escrivão,
 adjuvante no Taqueado, por-
 tuguês, residente neste município;
 os seguintes disse: Solução -
 mudo, disse que em setembro de mil novecentos e
 noventa e seis, de idade de Francisco
 da Rocha Leite Puleado, no de sete;
 mas que no dia trinta, em mil novecentos e
 noventa e seis, apareceu em a porta
 de um negocio com um monte de dinheiro
 e elle de repente em um tempo em
 um momento offerecendo vender, disse
 que este dinheiro fora de um subterfugio
 que havia recebido de febre; elle de-
 puz na effectiva negação e logo a
 soldo negro, que seguiu imediatamente
 mudo para a estrada e disse - Que
 pulo e alto, esportado, sem barba
 e um robusto. Não mais disse mais,
 assigno um subterfugio. E, no fim
 de Rodrigues da Silva, 1.º Escrivão.

Prindo de Almeida Prado
 Alfredo da Costa Godinho

Inquérito policial

No dia de Novembro de mil novecentos e 1.500
 noventa, nesta cidade de Campinas,
 no receptivo do subdelegado Frei Henrique (1.500)

D

¹⁰³Inquérito Policial

Aos dés de Novembro demil oito centos < p. 1.500>

enventa, nesta cidade deCampinas

isolados audiencias, presentes oSub-

5 delecago Dorindo Prado, comigo Escrivão,

ahi presente Alfredo daCosta Godinho, <1ª Testemunha>

solteiro, negociante no Taquaral, por-

tugues, residente neste Municipio;

[ilegível] disse nada. Sobjura-

10 mento, disse que em relação ao siente

havido na casa do cidadão Francisco

daRocha Leite Penteado, nada sabe;

masque no dia trinta, ouviu [ilegível]

domez findo, appareceu em aposta

15 de seu negocio umpreto desconhecido

d'elle depôente sem um trouco em

umpes usados officiando avenda, dizendo

que estas impor farão d'uma senhora

que havia morrido de febre; elledepô-

20 ente não effectum negocio algum ou

oditonegro, que seguira imediata-

mente para a estrada dacidadade. Este

preto é alto, corporegular, sem barba-

ebem robusto. Nada mais disse elido,

25 assigno eu oSubdelegado. E, eu João

PedroRodrigues daSilva, Escrivam Meirinho

Dorindo D'Almeida Prado

Alfredo daCosta Godinho

Inquerito policial

30 Aos trese de Novembro de mil outo centro e <2ª Testemunha>

noventa, nesta cidade de Campinas, e

no escriptorio do Subdelegado José Henrique <P.1.570>

||1r||

35

¹⁰³ Menção de terceiros. Número 08 aposto no canto superior esquerdo da página

09/

Pis, omnia deservit; ab ipse presentem
 testem unum. Summus arguit sciam,
 saltum, de quanta et sua amara de
 idem, natural de Portugal, ingratum
 visum in extens de Tagnant sua
 etiam. Summo no fano de hui; in-
 quida - sicut oportuni ref. sicut de
 corpore resiliat. Pise qui in uno tunc
 fuit faciendo quing hui eto ultimum
 em uno munda in cito per a uno
 hom. appareat in sua amara ingratum
 un puto more, sum barba, offensus
 a venter tunc in venter de eadem, hui em
 tam faciendo, venter illa und aor de eadem
 om quater in om de flum. a uno vici, a
 tunc tunc embutit in uno de eadem
 de eadem, hui venter illa de puto
 in ingratum per julgar qui esset fano de
 uno fustat. Puto refuit in fano
 sunt ingratum seguir puto a Tagnant,
 sua sicut venter qui hui. De puto
 de fano venter puto de puto, sicut hui
 Nade in in de in; illa, venter in
 a lude de, sicut aor venter de puto,
 fano venter. De fano venter hui
 de de in, de in. venter. Amig. Pise
Jos. Pise

¹⁰⁴Dias, amigo Escrivão, ahi presente-
 testemunha Fernando Augusto Soares,
 solteiro, de quarenta e sete annos de
 idade, natural dePortugal, negociante,
 5 residente na estrada do Taquaral desta
 cidade. Juram na forma daLei. In-
 quirida – saber aportaria *definida* eauto de
 <Disse>corpo dedelicto. Disse que em uma terça
 feira fasendo quinze dias esta ultima-
 10 mesma manhã de oito pouco [ilegível]
 horas – appareceu em sua casa denegocio-
 um preto moço, sem barba, offerecendo
 a venda diversos vestidos de seda, cõ eou-
 tras fasendas, d’entre eles um cõr deceu
 15 com quatro imagens de flôres – e com véo, es-
 tando tudo embrulhado em um cobertor
 dexadrez, não entrando elle depôente
 em negocio pur julgar que essas fasendas
 eram furtadas. O preto referido não fa-
 20 sendo negocio seguio para o Taquaral,
 não sabendo odestino que levou. Este preto
 se for visto porelle depôente, será reconhecido
 Nada mais disse; elido, asseguir com
 oSubdelegado, sendo arogo delle depôente,
 25 João Cintra. Eu João PedroPedreira
 daSilva, *Escrivão*; oescrevy José Henrique Dias
João Cintra

30

||1v||

35

¹⁰⁴ Número 09 aposto no canto superior esquerdo da página

¹⁰⁵Auto de perguntas feito ao italiano Domenico de Palma.

5 Aos vinte enove de Novembro de
mil oito centos e noventa, nesta
Cidade de Campinas e saladas au-
diencias o *Muito* Subdelegado de po-
licia da Conceição, cidadão Jose
Henrique Dias, passou afigura
10 detido Domenico de Palermo
perguntas seguintes: *Pergunta*. Qual
seu nome, naturalidade, ida-
de, estado, profissão, residen-
cia e se sabia ler e escrever?
15 *Resposta* Domenicode Palma, natu-
tal da Italia, com 30 annos, ca-
sado, negociante, residente
nesta cidade, sabendo ler e es-
crever. Sob pergunta ao juri-
20 disse mais que hadois mezes
mais ou menos appareceo
em sua casa um preto de
meia idade, a uma hora da
tarde, offerecendo á Venda de
25 entre outros objetos – um vestido

30

35 ||2r||

40

¹⁰⁵ Número 10 aposto no canto superior esquerdo da página

& lida pinta, dois corpinhos &
 uma de cor, quatro polietos &
 de trellim e de flandellu-
 glyn, quatro, colletes, um de hy
 & commun e um de pinto,
 quatro colas & commun, um
 anti-sinhs & uma cor & rosa,
 um estajo com focos p.^o pri-
 mta e um pinto. extor-
 & vedilha; que foram em-
 pidos por elle respondente
 por cinquenta mil reis, que
 pagou em muitos estaus
 presente de um mucher abai-
 lancheta. Disse mais que todos
 aquelles fogos de acharam de-
 tro & um socco, sacco, este f-
 o mudeador tomou a lisa. Dis-
 se mais que o bignol Andrea
 que se acha em tratamento em
 Moscovidia, e f- deu o nome
 & o bignol tirante, sabia f-
 elle mto go de trizer com-
 de os fogos de lisa por cin-
 conta mil reis. Disse mais

¹⁰⁶ de seda preta, dois corpinhos de
 Seda de côr, quatro paletos de
 elastrentim e de flanella in=
 gleza, quatro, colletes, sendo trez
 5 de casemira e [ilegível] de frestão,
 quatro calças de cazemira, um
 vestidinho de seda cor de rosa,
 um estojo com facas [ilegível] pre=
 zente a meu pintor cortar
 10 de vidrilho, que foram com=
 pradas por elle imprudente
 por emcomta mil reis, que
 pagou em miudos estando
 presente essa mulher Maria
 15 Concheta. Disse mais que todos
 aquellas fazendas se achavam den=
 tro de meu soceo, soceo este *que*
 ovendedor tornou a levar. Dis=
 se mais que Miguel Andrea
 20 que se acha em tratamento na
 Misericordia e *que* deu o nome.
 de Miguel Fiorante, sabia *que*
 elle [ilegível] gado tinha compra=
 do as fazendas rifiridas por cin=
 25 coenta mil reis. Disse mais

30

||2v||

35

40

¹⁰⁶ Número 11 aposto no canto superior esquerdo da página

12/

que está ha cinco annos em
 Campinas tendo sido sempre
 gado dos mezes de Francisco
 da Rocha Leite Pontes, em
 forma de "S. Francisco" no bairro
 do Otiborin e que conhece o
 moço Fran. Pontes, filho
 do mesmo. Disse que depois
 já sabia d'aquella forma de mu-
 dou-se para esta cidade em
 sua casa acima do Ponte
 Preto, com aquella superfície
 em terrenos de Antonio Abel
 Pramer. Disse mais que sabia
 que Francisco da Rocha Leite
 Pontes tinha casa a' sua
 da Constituição, esquina de
 sua de Thales. Disse e veimam
 e os fazendeiros eram fustados
 e presos compram-os por a-
 quella preço. Disse mais que
 antes de estabelecer-se em um
 Amittam n.º 95, se occupa-
 va em vender galinhas, ve-
 nua e quizes, tanto depois

¹⁰⁷que está ha cinco annos em
 Campinas tendo sido empre=
 gado dois mezes de Francis=
 co da Rocha Leite Penteado, na
 5 Fazenda “São Francico” no bairro
 do Atibaia e que conhece o
 moço Francisco Penteado, filho
 do mesmo. Disse que depois
que sahia d’aquella fazenda mu=
 10 dou-se para esta cidade em
 sua casa acima da Ponte
 Preta, casa aquella edificada
 em terrenos de Antonio Miguel
 Proença. Disse mais que sabia
 15 que Francisco da Rocha Leite
 Penteado tinha casa á rua ¹⁰⁸
 da Constituição esquerda da
 Rua do Theatro. Disse *que* seismou
que as fazendas eram furtadas
 20 e porisso comprou-as pora-
 quelle preço. Disse mais epro
 meteo as estabelecer-se em Rua
 Amitana *numero* 95, se occupa=
 25 ra em vender gallinhas ver=
 duras e queijós, tendo depóiz

30

||3r||

35

¹⁰⁷ Número 11 aposto no canto superior esquerdo da página

¹⁰⁸ Carimbo circular do Arquivo do Estado de São Paulo

13/

neste anno comprados e negociados
 que fossem a Eliguid Boratti.
 Disse mais que os fazendeiros que
 compraram foi para occupal-os,
 Disse mais que elle mitmago
 foi a Itatiba e nos outros re-
 zes vender queigis, ha pedon-
 de-la em casa de sapateiro
 Domingos de Palma, Disse q
 elle mitmago de reis de Itatiba
 em o nome de Joao Domingos
 de Palma. Disse mais que
 preto que elle vendeu todos os
 objectos que foram arrebatados
 os pela policia disse a elle
 mitmago, um premeio di-
 go mitmago que aquelles
 objectos foram roubados de
 uma chacara. Disse mais
 que o preto referido foi tres
 vezes a casa delle mitmago
 para fazer vender os fazendeiros
 referidos, em tres lotes. Disse
 mais que elle mitmago reis
 era q^m vendem-lhe os fazendeiros

¹⁰⁹neste anno comprado o negocio
 que possui á Miguel Prorati
 Disse mais que as fazendas que
 comprou foi para occupal-os,
 5 disse mais que elle ninterrogado
 foi a Itatiba enas outraz ve=
 zes vender queijós, hospedan=
 do-se em casa do sapateiro
 Domingos de Palma. Disse *que*
 10 elle ninterrogado virá da Italia
 em o nome de João Domingos
 de Palma. Disse mais que o
 preto que lhe vendeo todos os
 objetos que foram arrenda=
 15 dos pela policia disse a elle
 ninterrogado, na presença di=
 go – ninterrogado que aquelles
 objetos foram roubados de
 uma chacara. Disse mais
 20 que o preto referido foi tres
 vezes a casa delle ninterrogado
 para fazer venda das fazendas
 referidas, em trez lotes. Disse
 mais que elle ninterrogado cis=
 25 ma *que quem* vendeu-lhe as fazendas

30

||3v||

35

40

¹⁰⁹ Número 13 aposto no canto superior esquerdo da página.

14

8

foi um ponto ultimamente
 preso por ter furtado um
 boi, tendo elle mitado
 outro em ponto ao lado de
 Davis, digo ao lado de S. Joao e
 vindo o mesmo acompanhando
 de do Affo do Districamento e
 por isso e que tinham ido a
 casa de um hospital na
 quelle era a fim de ver ficar
 um outro sobre fortifica
 ção em um ponto.

¹¹⁰foi um preto ultimamente
 preso por ter furtado um
 bahú, tendo elle niterrogado
 5 visto um preto na Rua do Ga
 dorio, digo Rua de *São Jose quando*
 vinha o mesmoacompanh=
 do do *Alferes* do destacamento e
 praças e que tinham ido á
 10 casa de um hespanhol n'á
 quella rua afim de verificar
 um outro roubo praticado
 pelo mesmo preto.

15

20

25

30

35 ||4r||

¹¹⁰ Número 14 aposto no canto superior esquerdo do documento

Inquerito Policial de 1914 – Cidade de São Paulo

¹¹¹Declarações

¹¹¹ Impressão no documento mencionando a origem do documento - 5ª Delegacia de Policia

Aos dezoito dias domez
 de maio de mil novecen-
 tos e quatorze, nesta cidade
 de São Paulo, eu P[ilegível] Polic
 5 cial do Braz, onde se c[ilegível] ¹¹²
 ra o *Doutor* [ilegível] Ne-
 ses Delegado de Poli-
 cia Commigo escrivão de seu=
 cargo ao final nomeado,
 10 com parecer Eliza Maria da
 Conceição, de trinta e oito na-
 nos, solteira, brasileira, na-
 tural de Sorocaba, cozinhei-
 ra, moradora em Penha de
 15 França, malpercebido que de-
 clarou o seguinte: que há
 um anno e pouco que vi
 via amasiada com o tiJo-
 leiro Florindo Peres; que es-
 20 te tivera o costume de beber
 muito, escorregando-se cons-
 tantemente sendo que fica-
 ra jogado no solo, aconte-
 cendo nessa occasiões do
 25 mesmo não se recolher
 em casa e ignorar-se declaran-
 te o seu paradeiro, que o mes-
 mo Florindo Pires ultima-
 mente ausentarara-se seriamente
 30 adoentado e não obstante is-
 so o mesmo sahia todas
 as manhãs dizendo a decla-

35

||1r||

declarante que no para o
 surto, que em este dia
 pouco, nos principios deste
 mes de Junho nas mais re-
 tou em casa e como o mes
 sem nas apparecer, pro-
 curou o na Santa Casa de
 Alencar e chegando que
 o mesmo alli estava em
 tratamento, que na o encon-
 trando voltou no seu surto
 e quando no dia quinze
 do corrente mais corrigida
 para chegar ate o Pôr do Sol
 na Santa Parada affim
 de reconhecer um individuo
 que fora encontrado morto
 em um campo da Santa Parada,
 a declarante obedeceu e alli
 pelas vestes que o referido
 individuo estava recoberto
 com ser o individuo Flori-
 do Pires, que este mais tinha
 inimigos e a declarante fue
 ga que a sua morte foi na-
 tural, proveniente da ma-
 do e do seu vicio, beber de si-
 ja embriagar-se. Nada mais
 declarou e acabou con-
 forme antes com a auten-
 tica a sua rogo por nas sa-
 ber se um exco-
 mungado e por commu-
 nicar

declarante que ia para o
 serviço; que em vezes dice
 porem, nos principios deste
 mez Florindo não mais vol-
 5 tou em casa e como o mes-
 mos não apparecesse, pro-
 curou-o na Santa Casa de
 Misericordia julgando que
 o mesmo ali estivesse em
 10 tratamento: que não o encon-
 trando voltou no seu servi-
 ço quando no dia quinze
 do corrente sendo convidada
 para chegar até o Posto Poli-
 15 cial da Quinta Parada aficia-
 da reconhecer um individuo
 que fôra encontrado morto
 em um campo da Sexta Parada
 a declarante obedeceu e alli
 20 pelas vestes que o referido
 individuo vestia reconhe-
 ceu ser o individuo Florin-
 do Pires; que este não tinha
 inimigos e a declarante jul-
 25 ga que a sua morte foi na-
 tural, proveniente da sua doen-
 ça e do seu vicio (beber ou se-
 ja embriagar se). Nada mais
 declarou lido e achando com-
 30 forme assigna com a autori-
 dade a seu rogo por não sa-
 ber ler nem escrever Alvaro
 Augusto Lopes commigo José

35

||1v||

40

45

Cappellano, enrius que e s.
eren.

Manuscript No. 1
Shree Ananta Gopal
Jai Ganesha

1000
30
1000
A. 1000

Consensus

Que segunda juca três autos
contendo as Ds. 15.º Delegadas
e juca este termo. Eu. Jm. Cap.
público, escrevendo e assinando.

Comme

Cappelano, escrevão que oes-
crevi,

Marcondes Neves

Alvaro Augusto Lopes

5 José Cappelano

113

Conclusão

Eu segundo faço estes autos

Conclusos ao *Doutor dito* Delegado

E faço este termo. Eu, José Cap-

10 pellano, escrevão o escrevi.

Conclusos

||2r||

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 1ª edição revisada. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/34567>. Acessado em 13.03.2016.
- ACIOLI, Vera Lucia. **A escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos**, Recife: Massangana, 1994.
- ALMADA, Márcia. Caligrafia artística no século XVIII: Brasil e Portugal enlaçados nas letras de Manoel de Andrade de Figueiredo. **Navegações**, v. 04, n. 02, p. 172-178, 2011.
- AQUINO, José Edicarlos de. **Os nomes da língua na grammatica portugueza de Júlio Ribeiro** in Revista Linguas e Instrumentos Linguísticos, volume 30, p. 71-99, 2012. Disponível em www.revistalinguas.com/edicao30/artigo5.pdf. Acessado em 02.08.2016.
- ASSUNÇÃO, Carlos. **Uma leitura da introdução da arte grammatica da lingua portugueza de Reis Lobato (1770)** in Revista da Faculdade de Letras Linguas e Literaturas. V. XIV, pp. 163-‘8’, 1997. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2753.pdf>. Acessado em 01.03.2016
- ATALLAH, Claudia Cristina Azeredo. Luis Antonio Verney e as reformas culturais portuguesas: uma questão pedagógica. **Vértices**, v.08, n1/3, p. 56-66, 2006
- BACELAR, Bernardo de Lima e Melo. **Grammatica philosophica e orthographia racional da lingua portugueza, para se pronunciarem e escreverem com acerto os vocabulos d'este idioma. 1ª edição**. Lisboa: Off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1783.
- BARRETO, João Franco **Ortografia da língua portuguesa**. Lisboa: Officina de Joam da Costa, 1681
- BARROS, João de. **Grammatica da língua portuguesa**. Lisboa, 1540. Disponível em <http://purl.pt/12148>. Acesso em 01.11. 2015
- BECHARA, Evanildo. A tradição gramatical luso-brasileira. **Confluencia**. Rio de Janeiro, número 10. Pp. 66-76, 2 semestre de 1995
- BELLINI, Ligia. Notas sobre cultura, política e sociedade no mundo português do século XVI. In **Revista Tempo**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.
- BLAJ, Ilana. Agricultores e comerciantes em São Paulo nos inícios do século XVIII: o processo de sedimentação da elite paulistana. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo , v. 18, n. 36, 1998 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03.abril. 2015.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliográfico brasileiro**. Volumes 1 – 4. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. Disponível em <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/14856>. Acesso em 15.05.2016

BRASIL. Código do Processo Criminal. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM-29-11-1832.htm. Acesso em 02.02.2013.

BRASIL. Código do Processo Penal. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_05/evol_historica.htm. Acesso em 1.10.2014

BUESCU, Maria Leonor Carvalho. **Historiografia da língua portuguesa, século XVI**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1984.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COELHO, Olga. Ortografia e nacionalismos no Brasil colônia do século XIX in ILVA, Mauricio (Org). **Ortografia da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009

CONSONI, Fernanda **O acento lexical como pista para o reconhecimento de palavras**. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/dosponiveis/8/8142/tde-22082007/>>. Acesso em: 29.07.2014

CORRÊA, Mariza. "Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil". In: CORRÊA, M. (Org.). **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

COSERIU, Eugenio. **Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira (1536)**. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 2005

CRISTÓFARO SILVA, Thais. Fonética e fonologia do português. São Paulo: Contexto, 2010. 275 p.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora. 2007

CURTO, Diogo Ramada. A língua e a Literatura *In* MATTOSO, José. **História de Portugal**. Volume 3. Lisboa: Editora Estampa, 1993. Pp.357-374

DEUS, João de. **Cartilha maternal ou arte de leitura**. 3ª edição. Lisboa: Livraria Bertrand, 1878

Dicionario da lingua portuguesa publicado pela Academia das ciencias de Lisboa. Tomo primeiro. Lisboa, 1793. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=cspKAAAcAAJ>. Acesso em 20.04.2016.

FAISCA, Carlos Manuel dos Santos Alves Ferreira. **O preço da crise: níveis de vida no Portugal seiscentista** in ICS Working Papers. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012.

Disponível em http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2012/wp2012_4.pdf. Acesso em 25.03.2016

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. São Paulo: Globo, 2001.

FÁVERO, Leonor e AGUIAR, Monalisa dos Reis. Nacionalismo linguístico e conservadorismo na ortografia brasileira in SILVA, Mauricio (Org). **Ortografia da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009

FAVERO, Leonor Lopes. **As concepções linguísticas no século XVIII: a gramática portuguesa**. Campinas: Editora Unicamp, 1996. p.305

FEIJÓ, João de Moraes Madureira. **Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do Excellentissimo Duque de Lafoens**. 1ª edição. Lisboa: Na Officina de Miguel Rodrigues, 1734. 572 p. Disponível em <http://purl.pt/index/geral/aut/PT/31910.html>

FERNANDES, Nathalia Reis. **Sujeito nulo na história do português de São Paulo: 1878 – 1947**. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em 16.08.2016

FERNANDES, Rogerio. **O pensamento pedagógico em Portugal**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1992. 140 p. Disponível em cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/pensamento-e.../file.html. Acessado em 18.06.2016

FERREIRA NETO, Waldemar. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra. 2001.

FERREIRA NETO, Waldemar. O acento na língua portuguesa in **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

FIGUEIREDO, Manoel de Andrade. **Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar oferecida a augusta majestade D. João V, rey de Portugal**. Lisboa: Officina de Bernardo da Costa de Carvalho. 1ª edição. 1722, 266 p. Disponível em <http://purl.pt/107>. Acessado em 25.10. 2015.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Regras que ensinam a maneiro de escrever a orthographia da lilngua portuguesa: com hum dialogo que adiante se seguem em defensam da mesma língua**. Lisboa, Oficina de Antonio Gonsalvez. 1574. Disponível em <http://purl.pt/index/geral/aut/PT/29941.html>. Acessado em 02.01. 2016.

GARRETT, João Batista da Silva Leitão de Almeida. **Da educação**. 1ª edição. Londres: Em cassa de Sustenance e Strectch, 1829. Disponível em <http://purl.pt/2>. Acessado em 15.07.2016.

GONÇALVES VIANA, Anicetos dos Reis. Biografias in **História da língua portuguesa em linha**. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biografias/gviana.html>. Acessado em 20.02.2016

GONÇALVES VIANA, Anicetos dos Reis. **Estudos de fonética portuguesa**. Prefácio de Luis F. Lindley Cintra e introdução de José A. Peral Ribeiro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1973. Disponível em <http://purl.pt/192/5/P7.html>.

GONÇALVES VIANA, **Ortografia nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas**. Lisboa, Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, 1904.

GONÇALVES, Maria Filomena. A ortografia nacional (1904) de Gonçalves Viana e as ideias ortográficas dos reformistas sul-americanos. **Revista Eutomia**, Ano III, V, 2, Dezembro/2010.

GONÇALVES, Maria Filomena. **As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)**. Lisboa: Fundação Calouste GULBENKIAN, 2003

GONÇALVES, Maria Filomena. **Madureira Feijó: ortografisa do século XVIII. Para uma história da ortografia portuguesa**. Lisboa: Ministério da Educação, 1992. 142 p.

GOUVEIA, António Camões. Estratégias de interiorização da disciplina In MATTOSO, Jose (Org) **História de Portugal: o antigo regime**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993. p. 415 - 449 http://dspace.usc.es/bitstream/10347/3180/1/pg_081-096_verba19.pdg. Acesso em 29.03.2016

KEMMLER, Rolf. A evolução das ideias ortográficas de Jerónimo Soares Barbosa: da Eschola popular (1796) à Grammatica philosophica da lingua portugueza (1822) in **Textos Seleccionados, XXVII Encontro nacional da associação portuguesa de linguística**, Lisboa, APL, 2012, p. 297-318, ISBN 978-989-97440-1-1. Disponível em http://www.apl.org.pt/docs/27-textos-seleccionados/16_Kemmler.pdf. Acesso em 26.03.2016

KEMMLER, Rolf. Para uma melhor compreensão da história da gramática em Portugal: a gramaticografia portuguesa à luz da gramaticografia latino-portuguesa nos séculos XV a XIX in **Veredas: Associação Internacional dos Lusitanistas**, v.19, p.145-176, 2013. Disponível em <https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/2877/1/Kemmler%20-%202013k%20-%20Para%20uma%20melhor%20compreens%C3%A3o.pdf>. Acessado 01.04.2016.

LEAO, Duarte Nunes do. **Orthographia da lingoa portuguesa : obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem**. Lisboa, 1576. Disponível em: <http://purl.pt/index/geral/aut/PT/47390.html>. Acessado em 20.03.2010.

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica**. Volumes 1, 2 e 3. São Paulo: Itatiaia, 1980.

LIMA, Luís Filipe Silvério Lima. Os nomes do Império no século XVII em Portugal in **Seminário Facetas do Império da História**. Universidade Federal do Paraná, 2006. Disponível em <http://people.ufpr.br/~andreadore/lflslima.pdf>. Acesso em 20.03.2016

LOBATO, Antonio José dos Reis. **Arte da grammatica da língua portuguesa composta, e oferecida ao illustrissimo e excellentissimo senhor Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeyras**. 1ª edição. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770, 156 p. Disponível em <http://purl.pt/107>. Acessado em 02.06.2016

LOPES, Edward. Um protótipo da Gramatica gerativa portuguesa: a gramatica de Soares Barbosa in **Revista Alfa**, São Paulo, vol. 30/31, p.37-53, 1986/1987.

LUPETTI, Monica. **A gramática racionalista em Portugal no século XVIII**. Disponível em https://www.academia.edu/5735587/A_gram%C3%A1tica_racionalista_em_Portugal_no_s%C3%A9culo_XVIII. Acessado em 11.06.2016

MACHADO, Diogo Barbosa. **Bibliotheca lusitana, histórica, crítica, e cronologica na qual se compreende a noticia dos autores portugueses, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente oferecida à augusta majestade de D. João V**. Volume 1. Lisboa: Antonio Isidoro da Fonseca, 1741. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=JWpZAAAAYAAJ>. Acessado em 23.03.2016.

MACHADO, Lino. **O maneirismo em Camões: uma língua em crise** In REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários, número 04. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2008. Disponível em periodicos.ufes.br/reel/article/download/3509/277. Acessado em 20.04.2016

MALHEIRO DIAS, Carlos **História da colonização portuguesa no Brasil**. Porto: Litografia Nacional, 1921.

MARQUILHAS, R. **A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no século XVII**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003

MARTINS FILHO, Ives Gandra da Silva. Evolução Histórica da Estrutura Judiciária Brasileira. **Revista Jurídica Virtual**, Brasília, v. 1, n. 5, set. 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_05/evol_historica.htm

MATEUS, Maria Helena Mira (2005) Estudando a melodia da fala - traços prosódicos e constituintes prosódicos in **Palavras - Revista da Associação de Professores de Português**, n.º 28, 79-98 disponível em <http://www.iltec.pt/?action=investigadores&act=view&id=mhm>. Acesso em 11/07/2014.

MATTOS e SILVA. Rosa Virginia. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MATTOSO CAMARA, José. **Estrutura da língua portuguesa**. Petropolis: Vozes. 1970

MATTOSO CAMARA, José. **Problemas de linguística portuguesa**. Petropolis: Vozes. 1971.

MENDES, Antonio Rosa. O pré-humanismo português *In* MATTOSO, José. **História de Portugal**. Volume 3. Lisboa: Editora Estampa, 1993. Pp. 375-421

MOISES, Massaud. **A literatura portuguesa através de textos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1980. Pp. 155-204

MONTEIRO, José Lemos de. A ortografia de Alvaro Ferreira de Vera in **Revista Verba**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1992. Disponível em

MORAES SILVA, Antonio de. **Diccionario da língua portuguesa**. Lisboa: Impressão regia, 4ª edição. 1831

MORAES SILVA, Antonio de. **Epitome da grammatica da língua portuguesa**. Lisboa: Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1ª edição. 1806.

MURACCHO, Henrique. 2007. *Lingua grega: visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. São Paulo: Vozes, 2007.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Lexicom and grammar in **Diccionario da língua portugueza** (1813) por Antonio de Moraes Silva. Alfa, São Paulo, v. 50, n. 02, p.55-67, 2006

NEGRO, Helena de Oliveira Belleza. Breve análise das formas de tratamento presentes em manuscritos da Administração Geral dos Correios In **História do português paulista: modelos e análises**. Org. por Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida; Maria Célia Lima-Hernandes. UNICAMP/Publicações, Campinas, V. III, p. 199-212, 2012

NOBILING, Oskar. As vogais nasais em português I in **Revista de Estudos Semânticos**. Coleção Littera. Org: Marques, Maria Helena Duarte. Rio de Janeiro: Grifo. 1976.

OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da lingoagem portuguesa**. Lisboa: Germão Galharde, 1536

OLIVEIRA, Helena de. **Edição semidiplomática e análise diacrítica de manuscritos do século XIX da Administração Geral dos Correios**. São Paulo, 2010. 147p

Ordenações Filipinas. Edição organizada por Cândido Mendes de Almeida. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985. Volumes 1 a 5. Reprodução 'fac-símile' da edição de 1870.

PEREIRA, Bento. **Regras Gerays, breves, e comprehensivas da melhor orthografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua latina, e portugueza, para se ajuntar á Prosodia**. Kyoto: Universidade de Nazan, 2005

PEREIRA, Paulo. A conjuntura artística e a mudança de gostos in MATTOSO, Jose. **História de Portugal**. Volume 3. Lisboa: Editora Estampa, 1993. p. 423-468.

QUADROS LEITE, Marli. **O nascimento da gramatica portuguesa: uso e norma**. São Paulo: Humanista, 2007.

RIBEIRO, João. **Grammatica portugueza- 3º ano**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Classica de Alves & C, 1889

RIBEIRO, Julio. **Grammatica portugueza**. 2ª edição. São Paulo: Teixeira e Irmão Editores, 1885

SALGADO, Graça. **Fiscais e meirinhos: a administração no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SAMARA, Eni de Mesquita. O Que Mudou na Família Brasileira?: da Colônia à Atualidade. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04.abril.2015.

SARAIVA, Antonio Jose. **História da literatura portuguesa**. 8ª edição. São Paulo: Coleção Saber. 180 p.

SERRÃO, JOEL. **Dicionário da história de Portugal**. Porto: Livraria Figueirinhas, 2000

SILVA JÚNIOR, Jose Mendes da. Características do inquérito policial. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XVIII, n. 140, set 2015. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=16405&revista_caderno=22> Acesso em 12.05.2017.

SILVA, Francisco Innocencio da. **Diccionario bibliographico portuguez**. Tomo Primeiro. Lisboa: Imprensa Oficial, 1859. Disponível em <https://archive.org/stream/diccionariobibl00fonsgoog#page/n320/mode/2up>. Acesso em 10.03.2016

SILVA, Mauricio. A Gramática brasileira novecentista: uma história. **Revista Letra Magna**. Revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, linguística e literatura – Ano 03 – número 04 – 1 semestre de 2006. Disponível em <http://www.letramagna.com/gramatica1.pdf>. Acesso em 25.01.2016

SOARES BARBOSA, Jeronimo. **Grammatica philosophica da língua portugueza ou princípios da grammatca geral applicados á nossa linguagem**. 3ª edição. Lisboa: Tipografia da academia, 1862.

SOARES BARBOSA, Jeronimo. **Eschola popular das primeiras letras dividida em quatro partes**. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1829.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes. 2007. 142 p.

TORRES, Amadeu. A Grammatica Philosophical de Bernardo de Lima e Melo Bacelar in **Revista portuguesa de Filosofia. Homenagem ao Prof. Doutor José do Patrocínio Bacelar e Oliveira**. v. 50, Fasc. 1/3, p. 459-466, 1994. Disponível em http://www.jstor.org/stable/40337101?seq=8#page_scan_tab_contents.

TORRES, Amadeu. O contributo conceptual das gramáticas filosóficas para a história da língua portuguesa In BRITO, Ana Maria; FIGUEIREDO, Olívia; BARROS, Clara (orgs.) **Linguística histórica e história da língua portuguesa: actas do encontro em homenagem a Maria Helena Paiva**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Secção de Linguística do departamento de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004. p. 385-395. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/fcheiros/6298.pdf>. Acesso em 28.03.2016.

VERA, Alvaro Ferreira de **Orthographia ou modo para escrever certo a língua portuguesa**. 1ª edição. Lisboa: Mathias Rodriguez, 1631

VERNEY, Luis Antonio. **Verdadeiro método de estudar para ser útil à república e à igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal. Exposto em varias cartas, escritas poloto R. P. ***Barbadinho da Congregasam de Italia, ao R. P *** Doutor na Universidade de Coimbra.** Valensa: Oficina de Antonio Balle. 1746. Disponível em <http://purl.pt/118>. Acesso em 01.05.2016

OBRAS CONSULTADAS¹¹⁴

ALCIDES, Sergio. **F, L e R: Gândavo e o ABC da colonização** In Escritos II (Fundação Casa de Rui Barbosa), v. 3, p. 39-53, 2010. http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero03/FCRB_Escritos_3_3_Sergio_Alcides.pdf. Acesso em 14.02.2016

ARAUJO, Sarissa Carneiro. **A história de Pero de Magalhães Gândavo: notas para uma releitura desde a retórica e a gramática (1576)** in Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 15, n. 2 p. 71-83, 2009. <http://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/viewFile/920/790>. Acessado em 11.10.2015

BUESCU, Maria Leonor Carvalho. **O estudo das línguas exóticas no século XVI**, 1ª edição. Lisboa: Bertrand, 1983. Disponível em Biblioteca do Centro Virtual Camões. Acesso em 15.12.2015

BUESCU, Maria Leonor Carvallho. **Babel ou a Ruptura do Signo: a gramática e oos gramáticos portugueses do século XVI**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1983.

CALAFATE, Pedro. **Luis Antonio Verney**. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/ilu5.html>. Acesdo em 30.06.2016

FALCON, Francisco José Calazans. **A cultura renascentista portuguesa** In **Revista Semear**, volume 1. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2003. Disponível em http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/1Sem_03.html. Acesso em 25.12.2015.

HACKEROTT, Maria Merceder Saraiva. A ortografia de Verney (1746): um detalhe relevante in **Revista do GEL**, v. 07, n. 01, p. 71-89, 2010. Disponível em <https://revistadogel.gel.org.br/rg/article/viewFile/81/61>. Acesso em 22.06.2016

JÚNIORI, Eduardo Teixeira de Carvalho. **Verney e a questão do Iluminismo em Portugal. 2005. Dissertação de mestrado** em História – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2005. Disponível em <http://acervodigital.ufpr.br/bitstrea/1884/2609/educarvalho.pdf>. Acessado em 22.06.2016

LEITE, Marli Quadros. **O nascimento da gramática português: uso & norma**. São Paulo: Humanitas, 2007.

¹¹⁴ Obras que foram importantes para a feitura da tese, mas não foram referenciadas do texto. Cito-as ao fim para referendar o caminho intelectual deste trabalho.

MARIA, Francisco de Santa. Anno histórico diário portuguez, noticia abreviada de pessoas grandes, e cousas notáveis de Portugal. Lisboa: Domingos Gonsalves, 1744

MARIGUELA, Adriana Duarte Bonini. **Português dos quinhentos: cultura, gramática e educação em Fernão de Oliveira**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006. Disponível em <http://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/XLPUXRPTDCDY.pdf>. Acesso em 12.10.2015

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reconfigurações socioculturais e linguísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. **Revista Alfa**. Volume 45. São Paulo: Alfa, 2001. p 33-47.

RIBEIRO DA SILVA, Francisco. **Filipe II de Espanha, Rei de Portugal (Colectânea de documentos filipinos guardados em Arquivos Portugueses)**, 2 vols, Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques, 2000. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8271.pdf>. Acesso em 02.04.2016.

ROSSINI, Gabriel Almeida Antunes. Notas acerca das políticas – fabril-manufatureira e monetária portuguesas implementadas em fins do século XVII in **XXI Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social**. Coimbra, Faculdade de Economia, 2011. Disponível em [http://www4.fe.uc.pt/aphes31/papers/sessao6f/gabriel rossini paper.pdf](http://www4.fe.uc.pt/aphes31/papers/sessao6f/gabriel%20rossini%20paper.pdf). Acesso em 20.03.2016

SANTOS, Washington. Dicionário jurídico brasileiro. Belo Horizonte: Del Rey, 2001. Disponível em <http://www.ceap.br/artigos/ART12082010105651.pdf>. Acesso em 10.10.2016.

SILVA, Ana Cristina Nogueira da e HESPANHA, Antonio Manuel. A identidade portuguesa In MATTOSO, José. **História de Portugal**. Volume 4. Lisboa: Editora Estampa, 1993. Pp.19-37

SILVA, Francisco Innocencio da. **Diccionario bibliographico portuguez**. Tomo Primeiro. Lisboa: Imprensa Oficial, 1859. Disponível em <https://archive.org/stream/diccionariobibl00fonsgoog#page/n320/mode/2up>. Acesso em 10.03.2016

SILVA, Mauricio. A Academia Brasileira de Letras e a reforma ortográfica in SILVA, Mauricio (Org). **Ortografia da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009

SILVEIRA, Bueno. **A formação histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955. 345 p.

SOUSA, Maria Clara Paixão de. **Língua Barroca: sintaxe e história do português nos 1600**. Tese de Doutorado – Insituto de Estudos Linguísticos da Universidade de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000343510>. Acesso em 02.01.2016

CASTANHEDA, Fernão Lopes. **História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses**. Lisboa: 1551.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. **Genealogia paulistana**. Volume 7. São Paulo: Duprat&Comp, 1903.

MONTE, Vanessa Martins e FACCHIN, Phablo Roberto Marcchis. Saibham quantos este estormento de contrato virem: análise das terminações nasais em contratos dos séculos XV e XVI. **Revista Labor Histórico**. Volume 2. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

NUNES, J. J. **Compendio de gramática histórica portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945. p. 188-190.